



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CAMPUS DE SOBRAL
FACULDADE DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA

LUIZ GOMES DA SILVA NETO

**ASSALTO À MÃO LETRADA: ATAQUE POÉTICO DO SLAM DA
QUENTURA E A PROMOÇÃO DE SAÚDE MARGINAL**

SOBRAL

2020

LUIZ GOMES DA SILVA NETO

ASSALTO À MÃO LETRADA: ATAQUE POÉTICO DO SLAM DA QUENTURA E
A PROMOÇÃO DE SAÚDE MARGINAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família, nível Mestrado, como critério para a obtenção do título de Mestre em Saúde da Família.

Orientado pela Prof.^a Dr.^a Francisca Denise Silva Vasconcelos

SOBRAL

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N385a Neto, Luiz Gomes da Silva.

Assalto à mão letrada : Ataque Poético do Slam da Quentura e a Promoção de Saúde Marginal / Luiz Gomes da Silva Neto. – 2020.
281 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família, Sobral, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Francisca Denise Silva Vasconcelos.

1. Slam da Quentura. 2. Juventudes. 3. Promoção da saúde marginal. I. Título.

CDD 610

A todos, todas e todes que fazem da poesia
marginal um ato de amor, lazer e resistência.

AGRADECIMENTOS

Existe uma poesia que corre em minhas veias
Que explode de amor, respeito e luta
Luta esta que aprendi desde cedo com minha mãe
Minha companheira, desde cedo, me ensinando a labuta

Sem amaciante para a vida cresci em meio a desigualdades
Conheci realidades tão diferentes da minha
Chapa, como a vida é dura já aos seis anos de idade
Tendo que ir aos fins de semana para a casa de mãezinha
Pois uma voz sempre dizia: “não tem comida em casa
Vai logo, já tá ficando tarde”!

Aqui deixo meus lamentos, quero enaltecer os agradecimentos
Pois cinco anos de Psicologia e dois anos de mestrado
É doce, mas num é mole não, viu?!

Deixo para chorar mais tarde, pois a hora é de celebrar

Agradeço, primeiro, a meu Deus, meus orixás, à linda Iemanjá
Sem essa de Deus branco e de olhos azuis, oh, os meus deuses
Deusas, são pretinhos, pretinhas e de cabelo enroladinho, se liga
Vai com essa branquitude pra lá, tome aqui meu: “ai dentro”!

Pois bem, agradeço ao meu pai, “Manel”, cabra da peste, agricultor
Não medindo esforços para fortalecer os corre aqui do jovem
E minha mãe? São tantas coisas para falar
Uns versos de poesia num dão conta não
Mas ela sabe da referência de vida que ela é para mim
Obrigado, viu?! Oh jovem Valda pra eu amar

Olha, nessas caminhadas da vida foram tantas pessoas que fortaleceram
Minha irmã, que, mesmo com 12 anos de diferença, já me ensinou,
Dialogou tantas vivências e coisas que quase nenhum professor doutor
Conseguiu fazer, pois fazer doutorado em Foucault não é atestado
Hum...de bom professor, neh?!

Aos meus amigos e amigas de mestrado, mestrandos das tapioca
Nas disciplinas biomédicas e embranquecidas demais
Me auxiliaram nas vivências acadêmicas, nas caronas da vida
Nas mangações...ah, com certeza
O mestrado seria tão mais doloroso sem vocês,
Foi bom demais rir, reclamar...
Ê ê, meu povo, oh nois pra não prestar hahaha

A minha companheira, Deidimel, tanto que me viu chorar
Fortalecendo meus corres na vida e no amor, tendo a paciência
Esta que tanto me faltou, pois aprendi que tudo é correria
Mas a jovem ensinou que em mim existe essa tal calma
Ela é sim o meu amor!

Aos amigos, amigas de LAEDDES, nossa eterna Ralé Brasileira
Nas idas e vindas da vida, que nossos (re)encontros sejam sempre
Essa bela amizade, admiração e torcida por dias melhores
Olha, essa Ralé vai longe e quando chegarmos lapidados e lapidadas
Os tais biscoitos estarão todos molhados, pelo amor de, neh

Aos amigos, amigas de Sarau Resistência JV,
Tanto que aquecem meu coração
Obrigado por estarem comigo, lutando, se desesperando
Mas nunca desanimando
Do lazer, amor e resistência Ibiapina explode
Juventudes devem sempre mover essa cidade
A poesia é arte sim, pode crê...
E nossa Resistência é JV

E minha querida e amada Denise, que desde 2013 permanece comigo
Tantos ensinamentos, tantas vivências...
As palavras não dão conta para me expressar
Amiga e segunda mãe, ensinando a me defender dos venenos acadêmicos
A não deixar o *habitus* precário me matar
Olha, esta jovem é força, amor e compreensão
Imprialzim minha mãe, ressurgindo das cinzas e dizendo: “Não é não!”

Feminista até o talo, botando machista no ralo, orra diabo!

Aos meus amigos e amigas de terceirão, que oh, desde 2007, estão comigo
Mesmo não nos encontrando com frequência, os sentimentos são
Fortes, intensos, muitos e muitas me acompanhando nesta trajetória
E eles e elas sabem: é tenso!

Gratidão a banca maravilhosa: Paulo Quinderé, Ritinha e Ivaldinete
Tantas experiências compartilhadas
Se não fossem tão valiosas e precisas
Essa pesquisa não estaria tão vivencial, tão íntima, tão marginal

Por fim, aos companheiros, companheiras de resistência, de revolução
Que tanto me ensinaram...acolheram um jovem tímido, cabisbaixo,
Adoentado pela vida acadêmica, cara, eu tava no chão!

Fran abriu as portas para a celebração,
Esta pessoa é mesmo pura exaltação!
Obrigado Bicha Poética por me mostrar outros lados da vida
Neto por me ensinar a recitar Racionais Mc's
Layze, Marcella, Dedita por mostrarem a resistência feminina
E Lucas, troando nas batalhas de mc's

Saymon, exemplo de pessoa e slam master
Diego com sua doçura e acolhimento
Josh por ser um vida loka sem medos
Rogers por sua disponibilidade e vivências
Reh, que driblou um pouco a timidez e trocou ideias massa
E Vicente por me orientar nas vidas acadêmicas
Estar comigo na luta contra o embranquecimento acadêmico.
A Poesia, de fato, é nua e crua no Slam da Quentura!

Eu encaro o Slam...tem muita coisa, assim, pra eu falar...são muitas...é muita viagem. O Slam é muita viagem. Define assim no teu trabalho: o Slam como uma viagem. Eu não sei bem como explicar, mas deve ser uma questão do Slam ser uma viagem por cada um que tá ali recitando, e isso...perpassa pelas questões de onde as pessoas vem, o local de fala delas. Uma viagem pelas inquietações de cada pessoa que tá ali recitando ou participando da Batalha. Eu acho que é nesse sentido que eu quero dizer: do Slam ser uma viagem. Você consegue se teletransportar, sim, de certa forma, com cada rima, com cada poesia, por esses locais de fala e por cada pessoa, assim. (FRAN NASCIMENTO)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender de que forma o Slam da Quentura produz saúde e identificar a percepção que as juventudes participantes do movimento têm em relação à saúde e às suas necessidades, levando em consideração a Estratégia Saúde da Família. Trata-se de relacionar Juventudes e Promoção de Saúde Marginal, evidenciando os aspectos historicamente construídos nas relações culturais, políticas, econômicas e sociais na vida de quem compõe o Slam da Quentura. A pesquisa configurou-se como um estudo descritivo, exploratório e de abordagem qualitativa, caracterizado por uma investigação dos possíveis impactos de movimentos culturais na saúde dos e das jovens envolvidos(as). Nesse sentido, além de técnicas de entrevistas semiestruturadas, houve a Observação Participante e a Etnografia como ferramentas metodológicas de auxílio no aprofundamento da pesquisa. Além disso, houve a utilização de diários de campo. Já as análises dos dados foram feitas por meio da análise discursiva, ancorada, principalmente, na visão de Orlandi, Foucault e Bakhtin, usufruindo-se deste mecanismo para esmiuçar as potências nas falas das pessoas informantes em entrevistas e também em suas poesias. Foram realizadas 13 entrevistas com slammers, poetas, poetisas, poetas, MCs e membros(as) da organização do Slam da Quentura e a pesquisa se pautou em suas falas, pois cada sujeito(a) concreto(a) possui vivências singulares relacionadas a cada pauta abordada nas entrevistas e diálogos empreendidos. Dessa forma, as respostas obtidas compuseram um tecido único e desbravador, ampliando a compreensão da saúde e pondo em pauta a importância de promover espaços de escuta e manifestações das mais diversas artes, incluindo a arte marginal e periférica. Essas ações devem partir das pessoas que as desejam, isto é, devem ser construídas com eles e elas e não traçadas por uma hierarquia biocropolítica, que manda e desmanda nos corpos das minorias, minando cada passo e cada escolha, cerceando a liberdade de escolha, matando os direitos de cada sujeito(a). O estudo indica a necessidade de mais pesquisas sobre as periferias, as juventudes negras e empobrecidas, mas não em uma perspectiva de assujeitamento e passividade, apontando unicamente desigualdades, restrições e carências, e sim no sentido de traçar evidências de periféricos(as) como protagonistas, ativos(as) socialmente, artistas e produtores(as) culturais, apontando linguagens poéticas de letramentos de reexistências, que territorializam determinados espaços, produzindo saúde. Enfim, para produzir uma práxis transformadora há de se ter uma visão desconstruída sobre saúde, periferia e poesia marginal e os pesquisadores(as) de saúde devem traçar aspectos históricos, culturais, dinâmicos, revolucionários e dialéticos.

Palavras-chave: Slam da Quentura. Juventudes. Promoção de Saúde Marginal.

ABSTRACT

The objective of this research is to understand how the “Slam da Quentura” produces health and to identify the perception that youth participating in the movement have in relation to health and their needs, taking into account the Family Health Strategy. It is about relating youth and marginal health promotion, highlighting the aspects historically constructed in cultural, political, economic and social relations in the lives of those who compose the “Slam da Quentura”. The research was descriptive, exploratory and of a qualitative approach, characterized by an investigation of the possible impacts of cultural movements on the health of the young people involved. In this sense, in addition to semi-structured interview techniques, there was Participant Observation and Ethnography as methodological tools to assist in further research. In addition, field diaries were used. Data analysis was done through discursive analysis, anchored mainly in the view of Orlandi, Foucault and Bakhtin, using this mechanism to ascertain the powers in the speeches of the informants in interviews and also in their poetry. Thirteen interviews were conducted with slammers, poets, MCs and members of the “Slam da Quentura” organization and the research was based on their speeches, because each subject has unique experiences related to each agenda addressed in the interviews and dialogues undertaken. Thus, the responses obtained made up a unique and pioneering material, expanding the understanding of health and highlighting the importance of promoting spaces for listening and manifestations of the most diverse arts, including marginal and peripheral art. These actions must start from the people who desire them, that is, they must be built with themselves and not drawn by a bio-necropolitical hierarchy, which commands and demands in the bodies of minorities, undermining each step and each choice, curtailing the freedom of choice, killing the rights of each subject. The study indicates the need to research more about the peripheries, the black and impoverished youths, but not in a perspective of subjection and passivity, pointing only to inequalities, restrictions and needs, but in the sense of drawing evidence of inhabitants of the periphery as protagonists, socially active, artists and cultural producers, pointing out poetic languages of literacy and re-existences, which occupy certain spaces, producing health. Finally, in order to produce a transformative praxis, it is necessary to have a deconstructed view of health, periphery and marginal poetry and health researchers must outline historical, cultural, dynamic, revolutionary and dialectical.

Keywords: Slam da Quentura. Youth. Marginal Health Promotion.

LISTA DE FIGURAS

Figura I: Bicha Poética recitando na 17º edição do Slam da Quentura.....	41
Figura II: Fran Nascimento, Bicha Poética e Rogers Saboia na premiação da Disputa Poética na edição de número 18 do Slam da Quentura.....	44
Figura III: Foto com grande parte de slammers e público que compôs a 20º edição do Slam da Quentura.....	46
Figura IV: Diego Clementino somando as notas de jurados na 20º edição do Slam da Quentura.....	48
Figura V: Registro feito na 20º edição do Slam da Quentura. Geração pai, filho e camisa em homenagem ao artista, poeta e slammer Hans, que contribuiu para as primeiras edições do Slam. Hans faleceu em 2017.....	49
Figura VI: Momento exato em que a polícia, pela segunda vez, revista principalmente os jovens que compõem a batalha de rima do Slam da Quentura na 18º edição.....	54
Figura VII: Terceira abordagem policial na 18º edição do Slam da Quentura.....	55
Figura VIII: Reh recitando na 21º edição do Slam da Quentura.....	69
Figura IX: Layze recitando na final do Slam da Quentura (23ª edição).....	77
Figura X: Fran e Bicha Poética na final do Slam da Quentura (23ª edição).....	80
Figura XI: Lançamento do livro A Poesia Falada invade a cena em Sobral: poetry slam no interior do Ceará na final do Slam CE, que teve sua primeira edição sediada na cidade de Sobral.....	86
Figura XII: Pessoas se concentrando no anfiteatro da Praça do FB na 20º edição do Slam da Quentura.....	91
Figura XIV: Saymon coordenando as apresentações na final do Slam da Quentura.....	101
Figura XV: Público interagindo na 22º edição do Slam da Quentura.....	107
Figura XVI: Pichação no anfiteatro da Praça do FB, onde ocorrem as edições do Slam da Quentura.....	108

Figura XVII: Neto Duarte recitando no Palco Aberto na 20ª edição do Slam da Quentura.....	110
Figura XVIII: Neto Duarte e Fran Nascimento na 20ª edição do Slam da Quentura.....	111
Figura XX: Fran, Bicha Poética, Diego e Layze recebendo a dissertação de mestrado em Geografia de Vicente Sousa. 18ª Edição do Slam da Quentura.....	119

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	17
1. A POÉTICA MARGINAL: PERCURSO METODOLÓGICO NU E CRU	25
1.1. Trocando umas ideias e observando o movimento	25
1.2. E o porquê das pessoas informantes?	26
1.3. Os espaços dos diálogos	26
1.4. Os discursos poéticos e suas análises.....	28
2. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE JUVENTUDES NO CONTEXTO CIENTÍFICO: O QUE O SLAM DA QUENTURA TEM A VER COM ISSO?.....	30
2.1. O processo de coleta científica	34
2.1.1. <i>Resultados</i>	36
2.2. Representações Sociais de juventude: os modos de ver científicos	43
2.3. O que é ser jovem? Slam da Quentura em cena	48
3. “COMBINAMOS DE NÃO MORRER”: MAS E O CRIME PERFEITO DA BIO- NECROPOLÍTICA BRASILEIRA?	62
3.1. Estado de Exceção: a realidade paradoxal nacional.....	65
3.1.1 <i>A analítica de Foucault: algumas explicações</i>	67
3.1.2. <i>A exceção</i>	70
3.2. Juventudes periféricas e (im)políticas: a perspectiva ideal dos matáveis e a bio- necropolítica	72
3.3. A bio-necropolítica e o crime perfeito brasileiro	74
4. POTÊNCIAS DE VIDA E A PRÁXIS DO SLAM DA QUENTURA: “RESISTIR PARA EXISTIR”	81
4.1. As potências de vida.....	83
4.2. Se lutas por reconhecimento, logo, haverá de se ter uma cidadania ativa ...	89
4.2.1. <i>“Não quero tomar teu espaço: só quero meu lugar de fala”</i>	94
4.2.2. <i>“O silêncio te frustra? Lugar de escuta assusta”</i>	98
5. “DÁ LICENÇA, QUE VOU PASSAR COM MEU AMOR”: PROMOÇÃO DE SAÚDE MARGINAL	102
5.1. Promoção de Saúde do SUS e Promoção de Saúde Marginal.....	105
5.2. Arte, cultura e poesia: uma relação estrutural	113

5.3. “O Slam é muita viagem. Defina assim no teu trabalho: o Slam como uma viagem”	116
5.4. “E o Slam, pra mim, é isso: É você falar o que você sente”	120
5.5. Empoderamento e saúde: as artimanhas periféricas na luta contra as opressões	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	144
APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO (no caso do menor).....	146
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS RESPONSÁVEIS (TCLER)	148
APÊNDICE D - ORÇAMENTO	150
APÊNDICE E – DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR.....	151
APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTA	153
APÊNDICE G – ENTREVISTAS.....	154
APÊNDICE H – DIÁRIOS DE CAMPO	256
ANEXO - A	278

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho, falo sobre as juventudes periféricas sobralenses e suas manifestações artísticas através do Slam da Quentura e sobre como esta práxis poética potencializa uma Promoção de Saúde Marginal. Esse termo, cunhado por nós a partir dos discursos de nossas e nossos informantes, se explicará logo à frente.

Há tempos as juventudes lançam mão de dimensões simbólicas como uma das principais ferramentas de comunicação, identificação e luta, representando seus modos de ser, agir e pensar. A música, a poesia, o corpo, a dança e seus visuais têm sido os articuladores que unem grupos que se agregam para desenvolver sons, conversar, debater, protestar, amar. São formas de lazer e são maneiras de se posicionar perante a sociedade.

As relações culturais manifestam-se num contexto expoente de atividades, representações e rituais nos quais os jovens buscam delimitar o seu pedaço, sua área, desenvolvendo identificações. Eles, elas, possuem um papel protagonista, atuando em seus pedaços, espaços legitimados, (re)conquistados, (re)ocupados; desenvolvendo olhares sobre si, por vezes mais conscientes de sua condição social, e potencializando uma cidadania que passa a ser ativa.

Nesse âmbito, a música, a poesia é a atividade que destaco, pois o Slam da Quentura traz em seu arcabouço artístico um leque poético perpassado por manifestações não apenas sonoras, mas de efeitos linguísticos. A palavra é a métrica pulsante no instrumental de jovens conhecidos como slammers, MCs, poetas, poetisas, *poetes*. Esse poder, que também é performático, é compreendido tanto em suas individualidades, quanto na coletividade.

Ao contrário das representações socialmente construídas sobre jovens pobres quase sempre vinculadas à violência e à marginalidade, como mostrarei no segundo capítulo desta pesquisa, essa juventude se coloca como produtora cultural. A batida poética de uma improvisação certa em uma Batalha de MCs, a poesia declamada e aplaudida de pé por um público que firmou identificações, são exemplos de práxis marginais¹, periféricas que estabelecem trocas, vivências e diversão, produzindo sonhos e posicionamentos coletivos no Slam da Quentura.

¹ Quando falo de “práxis marginais” me refiro às diversas atividades que ocorrem no Slam da Quentura. Desde as Disputas Poéticas às Batalhas de MCs. São ações de transformação, organizadas por meio dos desejos dos participantes deste movimento. São atividades que geram reflexão e ação de jovens sobre o ambiente para mudá-lo (FREIRE, 1985). “Marginais” aqui compreendido como algo positivo, como arte subversiva, que não está nos padrões sociais compreendidos como cultura. No decorrer dos capítulos expressões como “práxis”, “marginal” e “periferia” serão explanadas de forma melhor.

Essas constatações nas relações sociais entre essas pessoas promovem saúde, uma saúde que, muitas vezes, não é alcançada pelas políticas públicas e é nesse sentido que a chamamos Marginal anteriormente, o que significa uma saúde diferente, produzida por juventudes que não possuem recursos básicos como cidadãos de direito. O Slam da Quentura promove saúde ao promover emancipação e realização de objetivos de modo a fornecer novos sentidos de vida e engajamento político. Além de ser um movimento que preza pelo respeito às diferenças, que abomina o fascismo, o Slam manifesta lazer como uma forma de (re)existir.

Enfim, faço um adendo para a palavra “Marginal”, que etimologicamente diz de um “relativo à margem”, “localizado nos extremos, nas periferias”, “pessoa perigosa que vive às margens da cidade” (HOUAISS; VILLAR, 2001). Para além disso, diz-se de indivíduo ou grupo, “que não assimila e incorpora hábitos e valores da nova cultura por serem muito divergentes dos de seu local de origem” (HOUAISS; VILLAR, 2001). Pensando nessas perspectivas é que acredito que o Slam da Quentura, de fato, não almeja uma cultura dita normativa dentro de padrões sociais impostos. Esses jovens desejam suas próprias culturas de origem, dando uma nova roupagem para a palavra “marginal”, sendo esta palavra uma demarcação de ações coletivas que representam vozes periféricas que, durante bastante tempo, foram silenciadas por um sistema capitalista desigual, excludente e perverso.

INTRODUÇÃO

Essa ânsia de estudar o Slam da Quentura adveio de minha trajetória de vida recheada de desigualdades, pobreza e exclusão desde a minha infância, época em que morei em Fortaleza - CE com minha mãe trabalhando como empregada doméstica, sem carteira assinada, em meados de 1990, configurando-se uma trabalhadora precarizada e invisibilizada. Em muitos fins de semana, visitávamos uma prima dela que morava em uma das periferias da capital conhecida como Barra do Ceará. Quase sempre no trajeto, antes de chegarmos à casinha de taipa de um cômodo de sua prima, visualizávamos inúmeros fatos: brigas entre vizinhos, pessoas ligadas ao tráfico de drogas que nos faziam perguntas na tentativa de conferir se nossas respostas eram mesmo verdadeiras e, assim, permitir ou não nossa entrada no bairro, pessoas alegres se divertindo escutando música, conversando nas calçadas e vendedores ambulantes gritando na ânsia de ganhar um trocado.

Esses percursos ora me causavam medo, ora me deixavam feliz, especialmente as músicas que muitos escutavam na época. As batidas diferentes e as rimas, que muitos jovens cantavam juntos, tentando acompanhar as músicas, deixavam-me extasiado. Mesmo minha mãe afirmando que era “música de bandido”, compreendi, mais à frente, na adolescência, que era rap, que era Racionais MCs, que era o grupo mais influente da Cultura Hip-Hop nacional. Quando entrei, em 2013, no curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC/Campus Sobral-CE, uni meus desejos de compreensão da Cultura Hip-Hop com os estudos de Sociologia, Psicologia Social Crítica e Filosofia e um dos disparadores para essa ânsia de saberes foi o livro de Roberto Camargos “Rap e política: Percepções da vida social brasileira”. Os escritos desse autor me permitiram navegar em inúmeros contextos do Hip-Hop e me fizeram acreditar que era possível estudar música, mais especificamente rap, num curso de Psicologia.

A escolha de tentar compreender o Slam da Quentura de forma mais aprofundada se deu por conta de toda essa minha trajetória na graduação em Psicologia, durante a qual estudei as minorias sociais, as formas de resistência cultural, as transformações que a cultura musical e poética pode trazer para o cotidiano de pessoas em vulnerabilidade, como trouxeram para mim.

O desejo de realizar estudos, principalmente sobre Psicologia Social Crítica, Sociologia e Filosofia, me impulsionou a compreender as estratégias de enfrentamento de pessoas que vivenciam ou vivenciaram diversos tipos de opressão diariamente e as representações sociais de uma classe privilegiada que usurpa os direitos da maioria populacional brasileira empobrecida. Esses estudos me fizeram compreender mais sobre

movimentos sociais de cultura musical e de poesia, como eles impactam na vida de seus participantes e como as práxis dentro das atividades desses movimentos configuram manifestações de luta, de transformação social, de lazer e de (re)existência.

Essa pesquisa diz muito também sobre a minha compreensão a respeito do que é saúde, partindo da ideia de que ela não se limita ao estudo dos órgãos e do bom funcionamento do corpo biológico, mas também se manifesta nas relações subjetivas, no respeito às diferenças, nas formas de alteridade e empoderamento. A saúde não está unicamente nos estudos de revisão integrativa ou sistemática, nas análises de mapeamento de doenças, nos referenciais teóricos compreendidos no meio acadêmico como de saúde. Ela está na Sociologia, na Filosofia, na Psicologia, nas Artes, na rua, nas periferias e nos lugares onde os sujeitos podem se reinventar, pois saúde não se restringe a um jaleco branco ou a uma epidemiologia numérica, mas sim a diversos tipos de olhares ampliados que buscam compreender o ser humano holisticamente e não apenas a doença.

A minha participação no Slam da Quentura ocorreu desde o ano de 2018 e me fez compreender a relevância das atividades realizadas nesse movimento. A práxis de promoção em saúde foi outro fator essencial para a escolha deste público, pois, para além de disputas poéticas, no Slam da Quentura há manifestações de relações sociais, de amor, respeito e alteridade. São atividades idealizadas por eles e elas, ou seja, que partem dos seus desejos, enaltecendo suas origens e posicionando essas pessoas como seres humanos protagonistas com modos de agir, pensar e ser que traduzem empoderamento. Essa realidade insere-se, inclusive, na proposta de ações educativas que trazem representatividade musical e poética ligada diretamente ao discurso antirracista, antifascista e de potencialização da consciência crítica, da cidadania ativa, termo usado por Pedro Demo e que será trabalhado posteriormente.

A palavra slam é de origem inglesa, diz de um "bater com força", ou seja, produzir ruído (Cambridge Dictionary Online). Sua história está atrelada à práxis da "poesia das ruas", cujo surgimento ocorreu nos Estados Unidos, onde se passou a denominá-lo como slam ou *spoken words*. Houve uma iniciativa em Chicago no ano de 1985, encabeçada por Marc Smith, na qual o slam tinha como marca as competições de poesia no Bar Green Mill (VAZ, 2008). Marc Smith nomeou tais competições como *Up-town Poetry Slam*, que eram campeonatos de performances poéticas em que os slammers (poetas, poetisas e poetes²) eram avaliados pelo

² O "E" representa as diversidades de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais+ (LGBTQIA+). Mesmo que formalmente seja reconhecido como erro ortográfico, por vezes, usarei dessa variação linguística, pois parto do lugar de fala de pessoas que a língua portuguesa heteronormativa não dá conta. Acredito

público presente. Os primeiros campeonatos ocorreram no bar e outras edições nas periferias (NEVES, 2017). Essas atividades poéticas, ao longo de suas edições, foram ganhando proporção e se espalhando para outras cidades dos Estados Unidos e também mundo afora.

Roberta Estrela D’Alva (2014), atriz-MC, diretora musical, pesquisadora, slammer (poetisa) brasileira foi quem trouxe *Poetry Slam* para o Brasil, no final de 2008, quando fundou o ZAP! - Zona Autônoma da Palavra, Slam em São Paulo. A partir desse movimento poético, outros slams foram surgindo pelas cidades brasileiras, como o Slam da Quentura, que teve início em março de 2017, pioneiro no Estado do Ceará no formato de slam, e reuniu jovens das periferias de Sobral numa determinada praça da cidade chamada de Quirino Rodrigues, localizada no centro. Os/as poetas, poetisas, poetas que adentram o movimento são jovens da periferia, negros/as e LGBTQIA+ (SABINO, 2018). Trata-se de uma manifestação sem fomento governamental, ou mesmo municipal, em que jovens se encontram uma vez por mês para praticar atividades como Disputa Poética, Batalhas de MCs, exposição artística e discussões sobre inúmeros assuntos. Na sessão intitulada ““Dá licença que vou passear com meu amor””: Promoção de Saúde Marginal” cada uma destas atividades será melhor detalhada.

Mediante uma pesquisa de campo sobre movimentos culturais que tem a arte musical como foco, referente ao Trabalho de Conclusão de Curso – TCC de Psicologia da Universidade Federal do Ceará/Campus de Sobral produzido por mim e intitulado “Música, cultura e resistência: a aprendizagem musical como forma de transformação social”, constatou-se, a partir da história de vida de oito pessoas, que a arte musical promove saúde ao promover emancipação de maneira a desenvolver novos sentidos de vida e cidadania ativa (SILVA NETO, 2017).

A partir disso e tendo em vista a Constituição de 1988, em que o Sistema Único de Saúde – SUS foi institucionalizado, reagindo ao modelo biomédico e hospitalocêntrico, passa a haver uma democratização da saúde pública, na tentativa de minimizar as problemáticas de saúde decorrentes da transição epidemiológica e demográfica que se desenvolvia na época

na urgência de se encontrar novas terminologias haja vista a violência e as relações de poder na língua portuguesa, reduzida em sua grande maioria ao gênero masculino. Usarei, portanto, essa variação como uma forma de integração, ou seja, ao longo do texto adotarei esse uso como modo de assegurar que contemplarei todas as pessoas que fazem parte do Slam da Quentura. Por vezes também usarei os termos “sujeita”, “membra” ao invés das formas gravadas no masculino como se costuma tecer nas normas formais científicas. Mesmo que em dados momentos possa “esquecer” de usá-las, pois estamos impregnados de uma linguística europeia, branca, machista e heteronormativa, é essencial esse exercício de desconstrução acadêmica, pois representa formas de resistência e manifestação em defesa da pluralidade da língua portuguesa.

(WESTPHAL, 2006). Nesse contexto, a Promoção de Saúde se insere na proposta do SUS no esforço de recuperação das promessas da Reforma Sanitária, já que esse Sistema concentrou-se nos serviços ligados à atenção à doença (WESTPHAL, 2006).

A Promoção de Saúde se define como uma proposta para promover a vida, lançar mão dos direitos das pessoas, compartilhar e potencializar possibilidades para que todos e todas possam viver de forma melhor, buscando apontar as necessidades de novos percursos éticos para a sociedade (AKERMAN; BOGUS; MENDES, 2004). Ora, se partirmos dessa premissa, a democratização de saúde, de fato, prospera, tendo a Promoção de Saúde como mecanismo essencial para alavancar essa proposta de saúde pública para todos, todas e todes. Desse modo, movimentos de juventude como o Slam da Quentura devem ter um espaço de diálogo dentro do campo das políticas públicas, das formas de tratamento e cuidado das pessoas.

Ao problematizar esse processo de políticas em saúde, no sentido da necessidade de haver um real conhecimento das necessidades diversas de saúde do público jovem das periferias sobralenses, é relevante refletir sobre as atividades desenvolvidas pelos jovens participantes do Slam da Quentura: as ações do Slam da Quentura promovem saúde? Se promovem, como se dá esse processo? Quais as percepções que esses jovens têm em relação à saúde? As respostas a esses questionamentos são parte importante da fundamentação deste estudo.

A saúde deve ser compreendida como um mecanismo mais amplo de assistência, em que as manifestações de todas as enfermidades humanas sejam vistas como resultantes da interação entre corpo, mente e meio ambiente, e sejam estudadas e tratadas nessa perspectiva abrangente, isto é, de uma assistência holística da saúde (CAPRA, 2006). Dessa forma, movimentos culturais de periferia devem ter um espaço de diálogo junto à atenção básica, na Estratégia Saúde da Família - ESF. Este trabalho, nesse sentido, tem como objetivo compreender de que forma o Slam da Quentura produz saúde. Além disso, busca-se entender qual a percepção que as juventudes sobralenses participantes do movimento em estudo têm em relação à saúde e às suas necessidades, levando em consideração a ESF.

É importante também mencionar a “práxis”, termo bastante usado nesta pesquisa, a partir da visão de Paulo Freire (1987), que diz que, ao mesmo tempo em que o sujeito pratica uma ação/reflexão, ele reflete/age. Em outras palavras, a práxis é reflexão e ação das pessoas sobre o ambiente para mudá-lo. Sem ela, não há possibilidades de superação da contradição opressor-oprimido (FREIRE, 1987). Esse conceito se torna relevante para este trabalho porque se entende que o Slam da Quentura, em suas atividades artísticas, gera a prática de ações poéticas, produzindo reflexão sobre as condições que os participantes vivenciam.

O delineamento de pesquisa configura-se como um estudo descritivo, exploratório e de abordagem qualitativa, caracterizado por uma investigação dos possíveis impactos de movimentos culturais na saúde dos jovens imersos nestes percursos. É importante que se entenda que o trabalho nos percursos descritivos e exploratórios mantém relação direta com aspectos da realidade que não devem se restringir apenas a uma quantificação. Almejo, desta forma, a compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, logo, quando se trabalha com a abordagem qualitativa deve haver entendimento do universo de significados, circunstâncias, desejos, crenças, valores e ações (MINAYO, 2014). Além disso, pretendo alcançar uma visão de espaço mais aprofundada no que tange às relações, aos próprios processos de mudanças culturais e aos fenômenos que não devem ser restritos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2014).

Tendo em vista que uma pesquisa científica necessita de metodologias específicas para se concretizar e se validar no âmbito da ciência, é essencial compreender que objetos diferentes requerem métodos diferentes para sua investigação. Se desejo compreender os possíveis efeitos de movimentos culturais na saúde dos jovens das periferias de Sobral participantes do Slam da Quentura sei, de antemão, que o objetivo estabelecido é de natureza subjetiva. Dessa forma, necessito da ação metodológica qualitativa.

É relevante salientar que esse trabalho se pautará no desenvolvimento dos meios de coleta de dados e na relação entre eles e as orientações metodológicas do arcabouço qualitativo de pesquisa. Entendo que a melhor maneira de fazer isso é utilizando questionários semiestruturados e a Observação Participante. Por isso, foi pensada a construção de perguntas-chave para que haja o melhor aproveitamento possível no que tange ao diálogo com o informante. Além disso, os registros poéticos produzidos pelos participantes do Slam da Quentura também serão relevantes para a pesquisa no que diz respeito à proposta de compreensão a partir da análise discursiva. As perguntas e observações a serem empreendidas serão pautadas em conceitos relativos à pesquisa provenientes do referencial teórico deste trabalho, uma vez que os achados do campo devem ser lidos sob a ótica das teorias ainda que estas não deem conta da riqueza que é a vida nos mínimos detalhes do cotidiano.

No que se refere à Observação Participante, ela se constitui de três etapas que serão seguidas fielmente. A primeira é o momento em que ocorre a aproximação do pesquisador com o grupo social em estudo. Nessa etapa, é preciso que o pesquisador seja aceito em sua própria função, ou seja, como alguém externo, que deseja realizar um estudo junto àquele público (RICHARDSON, 1999). Por meio dessa inserção buscarei diminuir a distância que me separa do grupo social com o qual pretendo trabalhar. Essa aproximação necessita de paciência e

honestidade, condições primordiais para que o trabalho possa ser concretizado dentro do grupo, no caso o Slam da Quentura, com a participação de seus membros enquanto protagonistas e jamais como simples objetos (RICHARDSON, 1999).

Já em relação à segunda etapa, deve haver um esforço do pesquisador em ter uma visão abrangente do conjunto do seu público informante. Essa etapa pode ser efetivada com o suporte de alguns elementos, por exemplo, o estudo de documentos oficiais, visando conhecer a história do grupo, além da observação da vida cotidiana do grupo de informantes e do levantamento de pessoas-chave (conhecidas pelo grupo), realizando-se entrevistas não diretas com esses indivíduos para que auxiliem na compreensão da realidade do grupo (RICHARDSON, 1999). Pretendo desenvolver a segunda etapa por meio de dados colhidos nas observações de campo e relatados em diários, com o intuito de não perder informações relevantes observadas. Além disso, utilizarei recursos fotográficos objetivando dispor de mais um mecanismo para explorar a coleta de dados de forma mais dinâmica e produtiva. Por fim, a terceira etapa diz respeito à sistematização e organização dos dados. Essa análise de dados deve informar ao pesquisador a condição real do grupo informante e a percepção que esses informantes possuem de seu estado (RICHARDSON, 1999).

Compreendo que a Observação Participante é muito importante para esta pesquisa, porém, acredito que ela não abrange de forma satisfatória os percursos deste trabalho. Houve uma ânsia maior e participei não só como observador participante, mas também como parceiro de movimento cultural, haja vista as relações estreitadas entre Slam da Quentura e Sarau Resistência JV (movimento fundado por mim e outras pessoas em Ibiapina-CE com apoio do Slam da Quentura). Fiz parte de momentos de integração entre vários slams que ocorrem na Região Norte e Fortaleza, capital do Ceará. Representei o Sarau e me aproximei do convívio artístico de muitas pessoas dentro do Slam da Quentura. Tendo isso em vista, parto da ideia de Magnani (2002) que define etnografia como um olhar de perto e de dentro, em que se experimentam as dinâmicas culturais, formas de ser, agir e pensar imersas nos contextos de atores, atrizes sociais, neste caso, os poetas, as poetisas e poetas.

Agora, apresento os capítulos que esta pesquisa irá conter: o primeiro foi denominado **A poética marginal: percurso metodológico nu e cru**. Traçarei aqui as principais metodologias utilizadas na pesquisa e as suas relações com o Slam da Quentura. Nesse sentido, apliquei técnicas de entrevistas semiestruturadas, além da Observação Participante e a Etnografia, e me deterei em explicar o porquê destas escolhas. Já as análises dos dados foram feitas por meio da Análise do Discurso, ancorada, principalmente, na visão de Orlandi (2005,

2009), na medida em que usufruí desse mecanismo para esmiuçar as potências nas falas dos informantes que participaram das entrevistas, além de suas poesias.

No segundo capítulo, por sua vez, pontuarei aspectos relacionados às **Representações Sociais de juventudes no contexto científico: o que o Slam tem a ver com isso?**, buscando compreender as representações de jovens na história brasileira recente de políticas públicas a partir de uma revisão integrativa. Nos tópicos *2.1 O processo de coleta científica* e *2.1.1 Resultados* serão descritos o processo metodológico utilizado e as evidências obtidas com a revisão integrativa. Já no tópico *3 Representações Sociais de juventude: os modos de ver científicos* a discussão se dará a partir da Teoria das Representações Sociais e de autores base, como Moscovici (2010), Jodelet (2001) e Pedrinho Guareschi (2000). Haverá um viés dialético de estudos acerca das representações sociais e dos resultados alcançados com a revisão integrativa, na tentativa de problematizar as evidências identificadas por meio da Teoria das Representações Sociais - TRS. Por fim, no ponto *4 O que é ser jovem? Slam da Quentura em cena*, confrontarei ideias sobre o que foi apurado a partir da revisão interativa e sobre o que os jovens participantes do Slam da Quentura entendem a respeito do que é ser jovem.

No terceiro, **“Combinamos de não morrer”**: **mas e o crime perfeito da bio-necropolítica brasileira?**, será feita uma reflexão sobre políticas sociais, tendo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA como base. Referenciais teóricos como os autores Michel Foucault (1979, 1999a, 1999b, 2004, 2005, 2008a, 2008b) e Giorgio Agamben (2004, 2010) serão essenciais para o desenvolvimento deste capítulo. Nos tópicos *3.1 Estado de Exceção: a realidade paradoxal nacional* e *3.1.1 A analítica de Foucault: algumas explicações*, à luz de Foucault, haverá discussão sobre como as políticas sociais favorecem processos de governo da vida dos sujeitos, isto é, transformam-se em práticas de controle e exercício de poder. Já no tópico *3.1.2 A exceção*, com suporte de Agamben, a reflexão se concretizará através da análise de certas formas de estruturação das políticas sociais e como elas podem gerar a exclusão dos jovens, contribuindo para o que o pensador italiano chamou de estado de exceção.

Por fim, nas seções *3.2 Juventudes periféricas e (im)políticas: a perspectiva ideal dos matáveis e a bio-necropolítica* e *3.3 A bio-necropolítica e o crime perfeito brasileiro* abordarei as formas de governo que são formuladas e praticadas como modos de assujeitamento de um contingente populacional que é incessantemente marginalizado, além de apontar aspectos de uma política que escolhe quem morre ancorada em moldes de crime perfeito nacional.

Já no quarto capítulo, **Potências de Vida e a práxis do Slam da Quentura: “resistir para existir”**, o conceito de uma nova biopolítica será exposto, a partir do qual ela é

compreendida não mais como centrada no controle sobre a vida, mas na potência de vida, ancorada, principalmente, na perspectiva de Pelbart (2003), e também, por exemplo, no olhar de Deleuze (2010) sobre a arte como potência de viver. Levando em consideração as definições de “espírito livre” de Nietzsche (2005), “luta por reconhecimento” de Axel Honneth (2003) e “cidadania ativa” de Pedro Demo (1996), analisarei algumas poesias marginais de *slammers* do Slam da Quentura, e me debruçarei sobre seus letramentos de reexistência e as vivências e sentimentos perpassados nos potenciais linguísticos da escrita poética dessas pessoas.

Finalmente, no último capítulo, **“Dá licença, que vou passar com meu amor”**: **Promoção de Saúde Marginal**, em que serão apresentados os conceitos de saúde de Capra (2006) e um breve histórico sobre a saúde pública no Brasil. O tópico 4.1. *Promoção de Saúde do SUS e Promoção de Saúde Marginal*, destacarei o conceito de promoção de acordo com o Sistema Único de Saúde e discutirei sobre sua efetividade. Além disso, explanarei o conceito de Promoção de Saúde Marginal nesta visão mais ampla sobre saúde, relacionando-a com a arte e como essas práxis artísticas podem contribuir para mudanças no cotidiano dos jovens participantes do Slam da Quentura, podendo, inclusive, potencializar a promoção da saúde, esta definida aqui como marginal. O tópico 4.2. *Arte e cultura: uma relação harmônica?* conterà uma explanação dos conceitos de cultura de Roque Laraia (2001), John B. Thompson (2000) e Clifford Geertz (2008) e do porquê as artes praticadas em movimentos de juventudes se caracterizam como manifestação cultural dinâmica. Já na seção 4.3. *Os sentidos do Slam da Quentura: a saúde invisibilizada*, torna-se relevante falar do impacto que as artes praticadas nesse movimento têm sobre os slamers será analisado, haja vista que, com a participação no Slam da Quentura haverá mudanças e a criação de novos sentidos de vida, como a afirmação de uma identificação social, de aprendizagem coletiva, espaços de socialização e de atividades que auxiliam em seus processos de saúde e reflexão sobre suas condições sociais. No tópico 4.4. *Empoderamento e saúde: as artimanhas periféricas na luta contra as opressões* constarão as percepções das pessoas entrevistadas sobre as questões da arte periférica e sua importância na construção de um empoderamento, diretamente relacionado à saúde, fator que está atrelado a um “adeus à pobreza política”.

Este trabalho, enfim, mostra-se relevante por buscar compreender a relação entre as atividades praticadas no Slam da Quentura e a promoção em saúde de pessoas que enveredaram nesse movimento, possibilitando também uma cidadania ativa. É um trabalho importante para qualquer profissional da saúde, pois demonstra a versatilidade do campo de pesquisa, por meio de um estudo dialógico com a sociologia, psicologia e filosofia. Esse diálogo

entre as ciências é essencial para se compreender a saúde de uma forma mais abrangente e para a produção de futuras políticas públicas para a juventude.

1. A POÉTICA MARGINAL: PERCURSO METODOLÓGICO NU E CRU

Esta pesquisa se aprofundou nas metodologias exploratórias, explicativas e descritivas de abordagem qualitativa. É preciso salientar que a escolha da pesquisa qualitativa tem relação com as formas de compreensão do sujeito, pois esse tipo de pesquisa visa entender a lógica de valores culturais e relações entre sujeitos e instituições (MINAYO, 2014), além do processo sócio-histórico de políticas públicas. A relevância da perspectiva qualitativa para os propósitos deste estudo se configurou devido aos subsídios que ela forneceu para a apreensão das relações entre grupos de jovens de periferia e a práxis de promoção em saúde.

A pesquisa foi exploratória, pois não se limitou a uma quantificação de dados, mas se estendeu a uma compreensão das dinâmicas nas relações sociais, descrevendo de forma explicativa e detalhada as mais diversas ações, atividades e comportamentos dos jovens nas celebrações mensais do Slam da Quentura na praça do FB, como ficou conhecida a praça localizada no centro de Sobral. Mais adiante, falarei do porquê do nome “FB” e por qual motivo os jovens escolheram esta praça para confraternizarem.

1.1. Trocando umas ideias e observando o movimento

As artimanhas utilizadas nesta pesquisa para melhor analisar as propostas discursivas, linguísticas, artísticas e de saúde no Slam da Quentura foram as entrevistas semiestruturadas e a Observação Participante. É preciso destacar que as técnicas metodológicas foram escolhidas após alguns encontros de orientação e de disciplinas no próprio programa de pós-graduação em Saúde da Família do qual faço parte.

As entrevistas semiestruturadas foram pensadas para acessar um campo que não é exclusivamente de coleta de dados, haja vista que não me restringi a uma mecânica científica fluida que trata superficialmente o público informante (SILVA NETO; ALVES, 2017). Acredito numa troca de informações, de saberes, de ajuda. Por isso, as entrevistas nesta pesquisa se deram na relação bidirecional, em que há “uma relação de interação verbal entre entrevistador e entrevistado, na qual se dá o ato de capacitação” (BENJAMIN, 2008, p.16). Essa capacitação se refere a uma dinâmica de qualificação para a vida. Dito de outra maneira, como já mencionado, não se tratou apenas de uma coleta de dados, mas de uma troca de experiências, vivências e escutas.

Para além desse momento de troca, foram pensadas também outras ocasiões que poderiam ser abarcadas, como os olhares mais aprofundados no campo, mas desta vez com

inserção no próprio movimento Slam da Quentura. As entrevistas foram um passo essencial, porém faltava algo para preencher e enriquecer ainda mais as compreensões acerca do Slam em questão. Devido a isso, a Observação Participante foi escolhida como técnica para incrementar os estudos sobre o Slam da Quentura.

Dessa forma, a Observação Participante, que se manifesta numa perspectiva de observação etnográfica, foi utilizada porque permitiu me aproximar dos slammers, poetas, poetisas, *poetes*, ocasionando, muitas vezes, uma imersão mais aprofundada no campo e nas atividades desenvolvidas pelo Slam da Quentura, adaptando-me a uma capacidade investigativa e vivencial bastante intensa para a compreensão dos processos de promoção de saúde marginal.

1.2. E o porquê das pessoas informantes?

Esta pesquisa foi pensada de forma qualitativa, logo, a quantidade de público não foi prioridade, mas sim a qualidade discursiva de cada pessoa entrevistada. Foram escolhidos 13 participantes do Slam da Quentura. Esse número se adequou a partir da imersão no campo, na qual compreendemos as falas e os discursos até se chegar ao ponto de saturação. Em outras palavras, na medida em que a pesquisa atingiu os objetivos propostos as entrevistas foram diminuindo até cessarem.

As pessoas entrevistadas foram 10 slammers (alguns participantes da organização e outros que atuavam ora como slammers, ora como expectadores). Além disso, foram entrevistados um Slam Master (a pessoa responsável por apresentar a celebração artística), dois membros do LABOME (Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas) da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, que são responsáveis pela cobertura do Slam da Quentura através de filmagens e fotografias, além de terem relação com a organização do Slam e, por fim, dois participantes das Batalhas de MCs. Essa diversidade de público mostra a não restrição da fala apenas a membros da organização, buscando estendê-la aqueles e àquelas que contribuem de outra forma para o movimento.

1.3. Os espaços dos diálogos

Os locais de pesquisa escolhidos para as entrevistas semiestruturadas consistiram em três espaços: a praça do FB (onde acontecem as atividades do Slam da Quentura); a Margem Esquerda, local bastante conhecido na cidade de Sobral, no qual muitas pessoas se reúnem para confraternizar: bebendo, fumando, namorando, dançando; e um supermercado central.

É claro que a escolha desses locais partiu de um acordo estabelecido previamente entre as partes (pesquisador e público informante). O que se tencionou foi o conforto na troca de informações durante as entrevistas e que essas relações de diálogo pudessem manifestar

contribuições interessantes para ambos. Desta forma, as entrevistas se efetivaram sempre em acordo e em locais escolhidos e discutidos com as pessoas informantes. O contato com slammers, poetas, poetisas, poetas, para as entrevistas foi efetivado por meio de redes sociais (Instagram) e de forma presencial no local em que ocorreram as atividades do Slam da Quentura, neste caso, a praça do FB.

A praça Quirino Rodrigues fica localizada no centro da cidade de Sobral, em frente a um colégio privado chamado Farias Brito – FB. Desde sua revitalização, a praça ficou conhecida popularmente como Praça do FB, tanto pela facilidade do nome como pelo fato de essa escola ficar, de certa forma, encarregada da manutenção da praça, por exemplo, no que diz respeito aos cuidados com a arborização.

Mesmo com esta explicação aparente ainda fiquei intrigado pela escolha dessa praça em específico por terem continuado a adotar o nome “Praça do FB”. A partir de uma exposição artística e roda de conversa na Casa do Capitão Mor³, no dia 23 de setembro de 2019, é que pude ter acesso às explicativas referentes a essa história. Fran Nascimento, uma das convidadas para falar de suas produções artísticas, além de ser slammer e uma das organizadoras do Slam da Quentura, quando perguntada sobre o porquê da escolha dessa praça disse que ela foi pensada por, primeiro, ser um local estratégico para os encontros mensais de juventudes, pois caso ocorresse na “quebrada” haveria restrições de participação de inúmeros jovens por conta dos conflitos de territórios entre facções. Segundo, é um local de fácil acesso dos bairros periféricos devido ao VLT – Veículo Leve sobre Trilhos (conhecido como Metrô de Sobral), que faz as rotas periferias – centro, centro – periferias. Terceiro, a praça era ocupada por alguns jovens periféricos, que sofriam muitas revistas policiais, então Fran e demais organizadores do Slam da Quentura pensaram em (re)ocupar esse espaço promovendo arte, configurando um espaço (re)conquistado através das inúmeras manifestações artísticas marginais. O nome “FB”, apesar de ter uma conotação privada, pois faz menção a um colégio privado, foi adotado pelo fato de já ter sido compartilhado popularmente, mas, como mencionou Fran em sua fala: “ainda gera incômodo”.

Sobre a Observação Participante e a metodologia etnográfica, elas se deram nos momentos em que o Slam da Quentura estava acontecendo normalmente, em cada fim de semana do mês, nos quais me atentei às formas de interação, apresentação e organização do evento. Além disso, debruicei-me sobre as vivências como parceiro de movimento social em

³É um Centro de Referência Cultural e Histórico de Sobral, inaugurado em 2007, que desenvolve atividades voltadas para Educação Patrimonial e História Local.

que, junto com algumas outras pessoas, fundamos o Sarau Resistência JV em Ibiapina-CE, tendo o apoio do Slam da Quentura tanto nas estratégias de organização quanto nas de produção de oficinas, como a de performance de poesia.

Como se trata de uma investigação social, busquei partilhar, na medida em que o contexto possibilitou, das atividades e afetos deste movimento de juventudes. Para melhor captar as vivências e posteriormente reviver as memórias ali produzidas, adotei duas artimanhas técnico-metodológicas: diários de campo, nos quais pude descrever minhas impressões e vivências a cada encontro mensal, além de fotografias colhidas a partir de meu contato com o LABOME (responsável pela cobertura de filmagens e fotografias do Slam da Quentura) e com Ychoices (fotógrafo e *videomaker* sobralense) que passou a cobrir alguns encontros do Slam com fotografias e filmagens.

Ainda sobre essas vivências no Slam, existiram momentos em que atuei como um dos jurados que davam notas para as apresentações dos slammers, outras vezes troquei diversas informações com pessoas que se encontravam no anfiteatro após o Slam da Quentura, conversando, tomando um vinho barato e, aos poucos, intensificando minha relação com as pessoas. Houve episódios de tensão também quando a Polícia Militar abordou de forma truculenta alguns jovens no momento em que o Slam estava prestes a começar, inclusive, fui revistado por dois policiais que ansiavam encontrar “algo errado” (drogas ilícitas, por exemplo) em meus bolsos do short jeans. Momentos outros em que convidei alguns membros do Slam da Quentura para potencializarem as atividades da segunda edição do Sarau Resistência JV, em Ibiapina-CE, estreitando ainda mais as relações entre movimentos culturais.

Essas vivências me permitiram compreender, de forma mais visceral, as poesias marginais não apenas como atos de resistência a uma cultura embranquecida, colonizada e opressora, mas também como forma de arte que produz lazer, manifesta saúde e grita em prol de existências que de forma nua e crua se revelam a partir do respeito às diversidades.

1.4. Os discursos poéticos e suas análises

A análise discursiva remete ao processo de compreensão de um fenômeno a partir da sua importância como linguagem, palavra em movimento, ou seja, uma compreensão do discurso observando o sujeito que fala (ORLANDI, 2009). Dito de outro modo, desejo verificar não apenas os contextos, as representações ou mesmo os possíveis significados latentes e manifestados nas falas e nas poesias dos entrevistados e entrevistadas, mas me propus problematizar também possíveis sentidos do discurso: a palavra, o texto e a escrita poética,

atentando-me ao modo como esses letramentos de reexistência empenham-se em influenciar as pessoas.

Os letramentos a respeito dos quais falo aqui estão para além das habilidades de ler e escrever, eles podem ser entendidos como “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder” (KLEIMAN, 1995, p. 11). Em outras palavras, seguindo a linha de raciocínio de Sousa (2011), essa compreensão faz com que se leve em consideração diferentes valores, funcionalidades e configurações sociais, culturais e políticas que o fenômeno “letramento de reexistência” assume para os mais diversos grupos.

Dessa forma, esses letramentos de reexistência declamam sobre sexualidade, gênero, representatividade negra, tipos de repressão e sofrimentos cotidianos, como desigualdades, pobreza e as inúmeras formas de exclusão, mas também há uma exaltação da própria cultura periférica, de resistência cultural. Com diversos temas dialogados em forma de poesia, os slammers promovem em seus letramentos de reexistência uma práxis de juventudes periféricas com fome de existência.

Destaco ainda que os discursos de letramentos de reexistência proliferados pelos slammers não se restringem apenas às poesias, mas se estendem aos diálogos proporcionados durante as entrevistas, que prezaram pela diversidade não hierarquizada, pelo respeito às atividades do Slam da Quentura e pelas formas de aprendizagem e de saúde que essa celebração artística promove.

Como pesquisador, busquei elementos que pudessem ampliar os olhares em relação à maneira de analisar esses letramentos, no plural. Em específico, levei em consideração as variáveis, infelizmente ainda escassas, de estudos no âmbito de políticas públicas e no contexto de pós-graduações em saúde – juventudes e promoção de saúde – no intuito de passar a olhar para essas pessoas com uma visão ampliada não pela ausência, como muitas pesquisas fazem (isso vai ser constatado na seção 2), mas pela presença de conhecimentos não valorizados socialmente, porém essenciais para suas vidas, como as experiências vivenciais sublimadas em letramentos (poesias).

Nesse sentido, compreendo que a Análise do Discurso – AD é imprescindível para analisar essas formas de letramentos de reexistência, pois objetiva o entendimento sobre a produção de sentidos, ou seja, o que faz a palavra ser palavra é nada mais do que sua significação (BAKHTIN, 2010b). Assim como os textos, as letras poéticas e as falas dos entrevistados são formadas por um leque de enunciados para o desenvolvimento de sentidos

com a finalidade de que o ouvinte os interprete e até mesmo identifique o dito e o não-dito (KOCH, 1993). Entendo, então, que não existe sentido sem interpretação.

No entanto, a AD não desvenda a universalidade dos sentidos; ela escancara o jogo de rarefação determinada, isto é, traz à luz o poder essencial de afirmação contido no jogo de enunciados, por exemplo, em letras musicais, em poesias e nas falas de entrevistados. Rarefação da afirmação e não de generosidade de sentido, bem como da não monarquia do significante (FOUCAULT, 2008). Em outras palavras, descrever enunciados é entender como as coisas ditas acontecem, levando em consideração os contornos específicos no interior de construções discursivas: essa teia complexa de relações faz com que determinadas coisas possam ser ditas (e compreendidas como verdadeiras) em um momento e contexto específico (FISCHER, 2003).

Atentar-se para as práticas discursivas e não discursivas nada mais é que pesquisar e tornar visíveis os impactos dessas práticas que ora se exercem a partir daquilo que é discursivo, como a própria linguagem, discurso e enunciado, ora se manifestam em práticas institucionais como definição de lugares e posições de poder de sujeitos, que jamais são vivenciadas de forma isolada (FISCHER, 2003).

É relevante, portanto, problematizar essas práticas desenvolvidas nas relações de saber/poder de determinada época, descrevendo seus enunciados compreendidos como verdadeiros e imersos no dia a dia das pessoas, que produzem formas de viver (FOUCAULT, 2004). Dito isso, almejo trabalhar com a práxis da dúvida, que é um efeito de atentar para as primeiras ações metodológicas aqui mencionadas e que não visam guiar uma ratificação do que já se sabe, e sim direcionar a pesquisa através de um percurso fértil, no qual haja diversas perspectivas de interpretação, retirando-a do ambiente das certezas.

2. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE JUVENTUDES NO CONTEXTO CIENTÍFICO: O QUE O SLAM DA QUENTURA TEM A VER COM ISSO?

Neste capítulo, iniciarei uma discussão acerca da temática de juventudes e as políticas públicas de forma sucinta, mas que abordará formas de compreensão acerca da distância entre o que se compreende como juventudes e as menos favorecidas, e como as políticas públicas feitas para estes públicos não visam produções de amparo, cidadania ou mesmo de promoção de saúde, e sim de exclusão, vigilância e prevenção.

O entendimento que se tem sobre juventudes foi influenciado pela formação de políticas públicas voltadas para essas pessoas e, por isso, torna-se necessário contextualizar o desenvolvimento dessas políticas em âmbito nacional. No ambiente latino-americano, surgiram em 1950 as primeiras iniciativas de desenvolvimento de políticas direcionadas para as

juventudes relacionadas à educação (BANGO, 2003). Anos antes, em 1927, fora desenvolvido o 1º Código de Menores, com o objetivo de controle social, devido à práxis que considerava crianças e adolescentes pobres como um risco à sociedade (TEJADAS, 2007).

Em 1964, no âmbito da Ditadura Militar, foi criada a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) com o objetivo de promover a Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBEM), porém perpetuando a mesma lógica do extinto 1º Código de Menores, com práticas que tinham como preocupações imediatas a captura e a prisão ao invés da recuperação do menor de idade por meio de atividades educativas, de saúde e assistências básicas, conforme instituído por lei. Em 1979, o 2º Código é criado, com foco no contingente populacional de crianças e adolescentes pobres em situação de irregularidade, e propondo um viés preconceituoso e moralista, no qual apenas famílias empobrecidas estariam sujeitas a necessitar de apoio legal (BANGO, 2003).

Mesmo com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, criado no processo de redemocratização nacional a partir da Constituição de 1988, há impedimentos no que diz respeito à política de juventudes, pois diversas temáticas e problemáticas juvenis não são efetivadas, além da pouca participação de jovens no processo de construção das políticas das quais são beneficiários (SCHEINVAR, 2009). Ao traçar um panorama das políticas públicas sociais destinadas aos jovens no contexto brasileiro é possível evidenciar uma gama de programas específicos para esses públicos, mas que são, muitas vezes, desconectados da Declaração Universal dos Direitos da Criança da ONU, de 1959, pois focam especificamente nos jovens de classe pobre, potencializando os estereótipos de que são vítimas. Desse modo, o que se percebe é uma legitimação das desigualdades transvestidas em políticas públicas de vigilância e opressão.

Já no que tange à constituição da nova prática de saúde no Brasil, efetivada com o Sistema Único de Saúde (SUS), em 1988, os seus princípios de universalidade, equidade e integralidade de assistência são um marco para as políticas públicas de saúde e práticas voltadas para a tentativa de reconfigurar o processo de fazer saúde pública. Embora tenha havido grande avanço com esse novo sistema, ainda há inúmeros desafios a serem enfrentados, por exemplo, em relação à implementação de ações em saúde sistematizadas para os jovens e adolescentes, o que, muitas vezes, envolve o atendimento por simples demanda sem levar em consideração as suas individualidades (HIGARASHI *et al.*, 2011).

O que se pode constatar no que foi traçado até aqui são políticas públicas sociais voltadas para objetivos específicos: controle de jovens empobrecidos, na tentativa de prevenir possíveis atos violentos contra a sociedade. Dito de outra forma, esses jovens são potenciais

riscos à sociedade e há uma necessidade de traçar estratégias que contenham esse público para que não cause danos aos demais.

Um importante adendo é que quando falo sobre juventudes me refiro às inúmeras formas de ser, agir e pensar sobre esse público, compreendendo-o não como uniforme, e sim no âmbito das diversidades culturais e das histórias de vida singulares. Por isso, proponho a ideia de juventudes, no plural, assim traçada por Bourdieu no texto “Questões de Sociologia” de 1983.

É com base nesse entendimento que será elencada, agora, outra visão acerca do conceito juventudes. Trata-se da compreensão a partir de um “conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase (fase da vida) (PAIS, 1990, p. 140). Assim, juventude seria entendida como um “ciclo de vida” que vai dos 15 aos 21 anos (UNESCO, 2014), ou, como proposto pelo próprio ECA, entre 15 e 29 anos de idade (ECA, 2013). É preciso deixar claro que, a partir de agora, este conceito será utilizado no singular de acordo com o viés de “ciclo de vida”, mas as terminologias “juventude” e “juventudes” serão problematizada mais à frente, na parte *O que é ser jovem? Slam da Quentura em cena*.

O que se percebe é que, mesmo com a implantação do ECA em 1990, ainda existem lacunas a serem preenchidas, exemplo disso é que, segundo o Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios da Assembleia Legislativa do Ceará (2016), em 2015, 816 meninos e meninas de 10 a 19 anos foram mortos no território cearense. Essa situação perpetua-se por inúmeros motivos, como negligência na garantia de direitos de cidadania e questões regionais, tais como tráfico de drogas crescente, preconceito e profundas desigualdades sociais. Esses fatores contribuem para o processo de sofrimento e adoecimento dos indivíduos atingidos.

Levando em consideração a prática do cuidado em saúde para com este público, a proposta Estratégia Saúde da Família – ESF, vinculada à redemocratização da saúde e tendo como base o Sistema Único de Saúde – SUS, age no cuidado da comunidade, além de promover a identificação e aproximação com essa população. Ela deve compreender, inclusive, as possíveis relações de violência familiar, simbólica e física que atingem os jovens, bem como a exclusão social, mediando e tentando diminuir suas consequências.

No contexto do município de Sobral – CE, as políticas públicas de saúde voltadas para a juventude giram em torno do controle e prevenção, sendo a política municipal Estratégia Trevo de Quatro Folhas a única específica para esse público. Ela foi desenvolvida em 2001 e atua juntamente com as Unidades Básicas de Saúde – UBS da sede e dos distritos sobralenses, atingindo de forma mais eficaz as famílias que precisam do apoio dessa estratégia

(LOURENÇO; QUINTILIANO; GOLÇALVES JÚNIOR, 2009). Sua ação no que tange à juventude se dá por meio da prevenção da gravidez em adolescentes, atuando em escolas públicas com palestras, rodas de conversa com estudantes, ou mesmo assistência às mães adolescentes (LOURENÇO; QUINTILIANO; GOLÇALVES JÚNIOR, 2009).

Pensando na perspectiva da ESF, legitimada pela Lei 8.080 que regulamenta as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde (BRASIL, 2017), é importante que haja políticas de saúde que desenvolvam estratégias para a atenção integral à juventude, por exemplo, um cuidado que alcance também o contexto familiar do jovem, uma vez que famílias disruptivas podem criar vulnerabilidades ainda mais graves, que potencializam o uso abusivo de substâncias psicoativas, além de problemas de saúde mental como depressão, ansiedade e tentativas de suicídio (BRASIL, 2017). É relevante também a construção de parcerias com movimentos culturais e grupos de jovens, visando um engajamento ainda maior de participação ativa da juventude nos dispositivos de saúde, dialogando e empoderando os jovens enquanto detentores de direitos de cidadania, comunicação e saúde.

Quando falo de parcerias não pretendo afirmar que a ESF deva se apossar das ideias que os movimentos de jovens em Sobral produzem, mas se espelhar nas atividades que eles e elas manifestam, compreendendo tais ações através das suas demandas e dos seus desejos e jamais partindo de construções de políticas públicas hierarquizadas que não permitem manifestações de desejos de seus públicos e que os compreendem de forma uniforme, sem levar em conta suas singularidades e diversidades.

Após esse sucinto panorama de políticas para a juventude, destaco esta temática, levando em consideração o contexto recente, que tem adquirido crescente destaque em diferentes ambientes, como acadêmico, político, cultural. Nesse caso, darei destaque ao meio acadêmico. O que contribui para isso é o fortalecimento social da expectativa de que a juventude é a fase da vida na qual se constitui o processo de socialização que prepara a pessoa para a produção e reprodução da vida em sociedade (ABRAMO, 2005). Essa visão tem relação direta com a perspectiva capitalista, em que a imersão no mundo do trabalho/emprego é essencial nos projetos de vida e propõe uma relação circular mútua com contexto de desenvolvimento de políticas públicas, especialmente as de educação, trabalho e renda (TRANCOSO; OLIVEIRA, 2016).

Os levantamentos de informações sobre adolescência e juventude que circularam em período recente nas políticas de juventude, no meio acadêmico, nas propagandas e mídias sociais podem influenciar no entendimento de como esses processos de vida são entendidos e representados pelas pessoas que desenvolvem e disponibilizam tais informações em diversos

contextos já mencionados aqui. Para uma melhor compreensão a esse respeito, parto da Teoria das Representações Sociais (TRS), pois a temática da juventude dispõe de condições propícias para ser analisada de maneira conceitual e metodológica a partir dessa teoria, uma vez que ela é indispensável nos processos cotidianos de entendimentos vivenciais em sociedade (MOSCOVICI, 2010).

As representações sociais são conteúdos de conhecimento social que emprestam modos de interpretar os acontecimentos do dia a dia (MOSCOVICI, 2010). Elas desenvolvem um leque de conhecimentos de senso comum que são socialmente produzidos e compartilhados, atribuídos por meio de vivências cotidianas, de informações facilmente acessíveis e de modos de pensar transmitidos socialmente (JODELET, 1986). Assim, a TRS resgata e promove a relevância dos conhecimentos comuns das pessoas e de seus modos de conhecer (TRINDADE, 1996).

Portanto, juventude perpassa a construção cultural e econômica da sociedade e, claro, sofre transformações ao longo da história, variando de acordo com cada contexto social. O conhecimento a seu respeito é importante para o entendimento de características, funcionamento e transformações ocorridas em diferentes aspectos das relações cotidianas em sociedade (MENANDRO; TRINDADE; MEIDA, 2003). Dessa forma, o presente capítulo visa compreender as representações sociais de juventude na história brasileira recente de políticas públicas a partir de uma revisão integrativa.

2.1. O processo de coleta científica

Em meio a tantas representações sobre juventude é importante que se discuta tal conceito, sem perder de vista a complexidade da sua definição. Este capítulo trata de um estudo com abordagem qualitativa para identificação de produções sobre o tema juventude e representação social, entre os anos 2008 e 2017. Para guiar a revisão levantou-se a seguinte pergunta norteadora: Quais são as representações sociais de juventude na história brasileira recente, levando em consideração a literatura científica?

A revisão integrativa foi adotada porque que é um método de sintetização de resultados apurados a partir de pesquisas envolvendo temas específicos, de maneira sistemática, ordenada e abrangente (GANONG, 1987). Integrativa, porque se configura por meio de um conjunto de informações sobre determinada problemática e, desse modo, produz um contingente de conhecimentos (BEYEA; NICOLL, 1998).

A revisão integrativa dispõe de critérios bem delimitados no que tange à coleta de dados, análise e apresentação de resultados, desde o seu processo inicial de estudo, com

procedimentos iniciais de pesquisa bem elaborados, que se desenvolvem em seis etapas, a saber: 1) Elaboração de problema de pesquisa – hipótese; 2) Busca na literatura – definição e estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; 3) Categorização de estudos – coleta de dados; 4) Análise crítica dos achados, destacando diferenças e divergências; 5) Interpretação dos resultados – discussão 6) Abrandamento das evidências encontradas (GANONG, 1987).

A busca das produções científicas se deu na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e no Portal CAPES, no período entre os meses de setembro e outubro de 2018. Foram selecionados três descritores, “política pública”, “política social” e “juventude”, extraídos do Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), e uma palavra-chave: “representação social”. É importante ressaltar que a escolha desta palavra-chave se deu pelo fato de não haver descritores cadastrados no DeCS com significados semelhantes, além de ter o objetivo de ampliar a busca nos bancos de dados. Foram efetivados os cruzamentos possíveis para ampliar a busca utilizando os descritores e palavras-chave associados pelos operadores booleanos *or* e *and*.

A busca se deu em ambas as bases de dados, levando em consideração os seguintes cruzamentos: (1) “política social” or “política pública”; (2) “política social” or “política pública” and “juventude”; (3) “juventude” and “representação social; (4) “política social” or “política pública” and (“juventude” and “representação social”). Os artigos foram selecionados preliminarmente a partir da análise de títulos e resumos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão propostos. Em seguida, as publicações que restaram foram lidas de forma integral e analisadas por meio dos critérios estabelecidos, com o objetivo de criar a amostra que comporia a revisão.

Os critérios de inclusão determinados foram: a publicação ter relação temática pertinente ao contexto das representações sociais de juventude nas políticas públicas e sociais; ter como país de afiliação o Brasil e idioma português; possuir disponibilidade eletrônica de acesso gratuito na íntegra em português e ser artigo original; por fim, apenas publicações que se situam no período de 2008 a 2017. Esse recorte temporal foi usado porque entendo que 10 anos representam uma ampla amostra, dada a conjuntura múltipla de propostas desenvolvidas, gerando, assim, um panorama consistente e compreensível de conceitos complexos, teorias e problemáticas de pesquisa em diversos tipos de publicações.

Já os critérios de exclusão consistiram em: publicações duplicadas e publicações de revisão sistemática e/ou integrativa. Aderimos ao estabelecimento de estudos sobre a relação entre representações sociais de juventude e políticas públicas e sociais. Dessa forma, todas as publicações que versavam sobre representações sociais, mas não mantinham relação com

políticas voltadas para a juventude, de forma direta ou indireta, foram excluídos para evitar fuga do objetivo de pesquisa.

Foi utilizado um instrumento previamente elaborado, com o intuito de minimizar os riscos de erros ou omissões de dados nas transcrições, pois assim há uma certificação da precisão das informações, além de um registro (BENEFIELD, 2003). Desse modo, a coleta de dados foi proposta empregando instrumento validado por Ursi (2005) e adaptado pelo autor desta dissertação, que desenvolveu eixos de direcionamento para a coleta: a identificação da publicação, a caracterização da publicação – que inclui a práxis metodológica utilizada em cada artigo elencado – e, finalmente, o rigor metodológico.

No instante em que os dados foram coletados, com base nas regras de inclusão e exclusão, desenvolvi uma categoria de discussão sobre o tema juventude: “Representações Sociais de juventude: os modos de ver científicos”. Concluí apontando os resultados de forma sintetizada, depois de serem debatidos com o auxílio de um arcabouço teórico indispensável para o cumprimento dos objetivos deste capítulo.

2.1.1. Resultados

Após o cruzamento dos descritores e palavras-chave, foram separados 148 publicações na BVS. Em relação aos tipos de documentos, localizamos 133 artigos, duas monografias e 13 teses. Após a aplicação dos filtros – texto completo disponível, idioma português e país de afiliação Brasil, publicações que constam do período de 2008-2017 e que sejam artigos científicos – restaram 60 artigos.

Por meio da leitura de títulos e resumos foram excluídas mais 36 publicações: 20 eram artigos duplicados, 15 não possuíam relação direta com o tema e uma era revisão bibliográfica integrativa. Depois dessa primeira seleção, foram realizadas leituras integrais dos artigos restantes, a partir das quais foram excluídos mais seis artigos por não possuírem relação com os objetivos deste trabalho. Totalizaram-se, portanto, 18 artigos provenientes desse banco de dados.

Já na busca na SciELO, estabeleci os mesmos cruzamentos utilizados na BVS, resultando em 17 artigos. Após o emprego dos filtros (texto completo disponível, idioma português e país de afiliação Brasil, publicações que constam do período de 2008-2017 e que sejam artigos científicos), foram selecionados 12 artigos. Depois das leituras de títulos e resumos, foram excluídas mais cinco publicações: uma era artigo duplicado e quatro não condiziam com os objetivos do trabalho. Por fim, com a leitura na íntegra dos artigos restantes mais um artigo foi retirado, pois constatei que não contribuía diretamente com os objetivos do capítulo, restando, dessa forma, seis artigos extraídos dessa base de dados.

No que tange ao Portal CAPES, identifiquei, a partir dos cruzamentos, 225 artigos. Utilizando os filtros propostos na metodologia e empregados nas outras buscas, restaram 114. Seguindo os procedimentos de leituras de títulos e resumos das publicações, foram excluídas 103 publicações: duas eram revisão de literatura, duas eram entrevistas, uma era editorial, uma era artigo duplicado, 64 eram artigos em inglês e 33 não tinham relação com os objetivos do capítulo. Com base na leitura integral dos artigos remanescentes foram excluídas mais três publicações, restando então oito artigos que contemplam as propostas deste estudo.

No total, foram selecionados 32 artigos referentes às três bases de dados para integrarem a revisão. As informações relevantes dos artigos selecionados encontram-se no quadro I. É preciso salientar as perspectivas metodológicas que foram levadas em conta, assim como título, ano, autor e tipo de publicação.

Quadro I - Amostragem de artigos selecionados dos três bancos de dados para revisão integrativa por título, ano, autor, tipo de publicação e metodologia. Sobral - CE, Brasil, 2018

Nº	TÍTULO	ANO	AUTOR	TIPO DE PUBLICAÇÃO	METODOLOGIA
1	A representação social das adolescentes sobre a gravidez nesta etapa da vida	2008	RANGEL, D. L. O.; QUEIROZ, A. B. A.	Enfermagem	Descritiva/ Qualitativa
2	A concepção de cidadania como conjunto de direitos e sua implicação para a cidadania de crianças e jovens	2008	MONTEIRO, R. A. de P.; CASTRO, L. R.	Psicologia	Exploratória/ Qualitativa
3	Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais	2008	GONCALVES, H. S. et al.	Psicologia	Descritiva/ Qualitativa
4	Atitudes, sentimentos e imagens na representação social da sexualidade entre adolescentes	2009	OLIVEIRA, D. C. et al.	Enfermagem	Descritiva/ Qualitativa

5	A insatisfação corporal de jovens: um estudo exploratório	2009	CONTI, M. A. et al.	Saúde Coletiva	Descritiva/ Qualitativa
6	Representações sociais sobre saúde entre adolescentes de escolas públicas do município do Rio de Janeiro	2009	REIS, A. T.; OLIVEIRA, D. C.; GOMES, A. M. T.	Enfermagem	Descritiva/ Quantitativa
7	A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer?	2010	CONTI, M. A.; BERTOLI, M. N. T.; PERES, S. V.	Saúde Coletiva	Descritiva/ Qualitativa
8	Representações sociais do trabalho: uma análise comparativa entre jovens trabalhadores e não trabalhadores	2010	OLIVEIRA, D. C. de et al.	Saúde Coletiva	Descritiva/ Qualitativa
9	Representação social da depressão em uma Instituição de Ensino da Rede Pública	2010	RIBEIRO, K. C. S.; COUTINHO, M. P. L.; NASCIMENTO, E. S.	Psicologia	Explicativa/ Quantitativa
10	Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio	2010	ARAÚJO, L. C.; VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. P. L.	Psicologia	Explicativa/ Quantitativa
11	Políticas públicas para adolescentes em territórios vulneráveis	2010	BARCELOS, M. R. B.; VASCONCELLOS, L. C. F.; COHEN, S. C.	Saúde Coletiva	Exploratória/ Qualitativa
12	A Representação da violência em adolescentes de escolas da rede pública de ensino do Município do Jaboatão dos Guararapes	2011	MELO, M. C. B. de; BARROS, E. N. de; ALMEIDA, A. M. L. G. de.	Saúde Coletiva	Descritiva/ Qualitativa
13	Entre a modernidade	2011	MOREIRA, M. R. C.; SANTOS, J. F. F. Q. dos.	Enfermagem	Descritiva/ Qualitativa

	e a tradição: a iniciação sexual de adolescentes piauienses universitárias				
14	Adolescente em conflito com a lei: representações, motivações e punições	2012	NASCIMENTO, D. B. do; HOWAT-RODRIGUES, A. B. C.; ROSA, E. M.; POMPEU, J. C.	Psicologia	Descritiva/Qualitativa
15	Representações sociais de professores e policiais sobre juventude e violência	2012	GALINKIN, A. L.; ALMEIDA, A. M. de O.; ANCHIETA, V. C. C.	Psicologia	Descritiva/Qualitativa
16	Violência Juvenil e Laço Social Contemporâneo	2012	GURSKI, R.	Educação	Exploratória/Qualitativa
17	Os agentes sociais da rede de proteção e atendimento no enfrentamento da exploração sexual comercial	2012	ALBERTO, M. F. P. et al.	Psicologia	Descritiva/Qualitativa
18	O ensino médio ministrado no Centro Educacional Patativa do Assaré	2012	FIALHO, L.	Educação	Descritiva/Qualitativa
19	Representações sociais do corpo: um estudo com adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil	2013	PASSOS, M. D. dos et al.	Saúde Pública	Descritiva/Qualitativa
20	Entre tapas e beijos: representações sociais sobre a violência de gênero para adolescentes	2013	ASSIS, C. L. de.	Psicologia	Descritiva/Qualitativa e Quantitativa
21	Representações sociais de parlamentares brasileiros	2013	CORTE REAL, F. G. V.; CONCEIÇÃO, M. I. G.	Psicologia	Exploratória/Quantitativa

	sobre a redução da maioria penal				
22	A desvalorização de grupos sociais no espaço comum de pequenas organizações: um estudo sobre representações sociais em um centro comercial.	2013	FIGUEIREDO, M. D.; CAVEDON, N. R.; SILVA, A. R. L.	Administração	Descritiva/ Qualitativa
23	Hip hop, arte e cultura política: expressões culturais e representações da diáspora africana	2013	MARTINS, R.	Comunicação	Exploratória/ Qualitativa
24	A personagem adolescente como protagonista em quatro filmes brasileiros contemporâneos	2014	CARDOSO, J. B. F.; SANTOS, R. E.; VARGAS, H.	Ciências da Comunicação	Exploratória/ Qualitativa
25	Representações sociais de crack e adolescência na imprensa pernambucana	2015	ESPINDULA, D. H. P. et al.	Psicologia	Descritiva/ Quantitativa
26	Projetos voltados aos jovens em instituições sociais: atividades fragmentadas e desresponsabilização do poder público	2016	PASQUIM, H. M.; CAMPOS, C. M. S.; SOARES, C. B.	Saúde Pública	Descritiva/ Qualitativa
27	Jovem como agente estratégico de desenvolvimento: entre discursos e políticas	2016	COSTA, M. R.; ALBUQUERQUE, J. T.	Serviço Social	Exploratória/ Qualitativa

28	(Re) pensando as políticas públicas de esporte e lazer: a sociogênese do subcampo político/burocrático do esporte e lazer no Brasil	2016	STAREPRAVO, F. A.; MARCHI JÚNIOR, W.	Ciências do Esporte	Exploratória/ Qualitativa
29	Reformulações do Ensino Médio	2016	FERRETTI, C. J.	Educação	Exploratória/ Qualitativa
30	Desafios da Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte no Brasil	2017	LOPES SALATIEL, E. et al	Ciências Sociais	Exploratória/ Qualitativa
31	Juventudes na educação de jovens e adultos: contradições entre suas conquistas como sujeitos de direitos e os silenciamentos nos espaços escolares	2017	SOUZA, E; REIS, R.	Educação	Descritiva/ Qualitativa
32	As reformas do ensino médio e o projeto Professor Diretor de Turma: uma experiência em Aracoiaba-CE	2017	LEITE, M. C. S. R.; MARTINS, E. S.; LIMA, M. S. L.	Educação	Descritiva/ Qualitativa

Fonte: elaborada pelo autor

As evidências encontradas nas publicações trouxeram uma série de discussões acerca das representações sociais que a juventude possui e das representações que instituições e outros grupos sociais têm sobre juventude. Tais constatações estão inseridas em categorias da enfermagem e psicologia e, de forma interdisciplinar, em categorias de saúde pública e saúde coletiva.

Percebe-se, através do Quadro 1, que os dados relacionados à metodologia dos artigos utilizados no estudo são, em sua maioria, descritivos com abordagem qualitativa (nº 1, 3, 4, 5, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 26, 31, 32). A maioria deles (nº 2, 3, 9, 10, 14,

15, 17, 20, 21 e 25) foi produzida pela categoria psicologia, haja vista que os programas de pós-graduação nessa área possuem pesquisas descritivas, exploratórias e explicativas de cunho qualitativo e quantitativo prevalentes na práxis de produção científica para essa temática, demonstrando, assim, uma variedade metodológica científica importante para a compreensão desse fenômeno.

Independentemente da análise, os recursos para qualquer pesquisador jamais podem ser usados cegamente. Em outras palavras, ele deve utilizar sua práxis reflexiva, partindo de pressupostos de manuseio e compreensão de dados coletados, seja por meio de indicadores, testes, entrevistas ou grupos focais, problematizando evidências levantadas sem jamais tentar estabelecer verdades absolutas e tendo em mente que a combinação de metodologias distintas potencializa o enriquecimento da investigação.

No que se refere ao ano de publicação, foram encontrados estudos publicados entre 2008 e 2017, com prevalência dos anos de 2010 (nº 7, 8, 9, 10 e 11), 2012 (nº 14, 15, 16, 17 e 18) e 2013 (nº 19, 20, 21, 22 e 23). Saliento que pesquisas sobre representações sociais de juventude são abundantes, mas ainda há carência de mais estudos tanto no campo da psicologia como nas categorias de saúde e ciências humanas, em geral. A partir do momento em que se constata que a compreensão das representações sociais é crucial para intervenções que possam beneficiar qualquer população, torna-se possível produzir, por exemplo, políticas públicas que promovam reais mudanças positivas para a juventude, que potencializem sua cidadania ativa, haja vista que a realidade social é natural, é fenômeno próprio, subjetivo e desenvolvido a partir de alicerces políticos e humanos (DEMO, 1996).

Pôde-se constatar também, no levantamento nos bancos de dados, que as publicações trouxeram evidências para as discussões sobre as representações sociais de juventude, levantando problematizações, por exemplo, acerca do trabalho (nº 8), da mídia (nº 7), das políticas e dos projetos sociais (nº 26 e 32) voltados para este público em específico. Estas evidências estão inseridas em categorias da psicologia, administração, ciências da comunicação e serviço social, e, de forma interdisciplinar, nas categorias de saúde e educação.

Quando se fala em pesquisa exploratória (como as publicações de nº 2, 16, 21, 23, 24, 27, 28, 29 e 30) é necessário ter um conhecimento sobre questões que propiciam maior familiaridade com determinado problema de pesquisa ou fenômeno, podendo haver uma pesquisa bibliográfica que discuta temáticas pertinentes aos objetivos da pesquisa. Já no que tange à pesquisa descritiva posso afirmar que esse tipo de metodologia procura descrever características de determinadas populações ou fenômenos, utilizando coleta de dados específica, como questionários e observação sistemática (GIL, 2008). Ambas as práxis

metodológicas objetivam delimitar uma pesquisa para que se possa melhor compreender determinado fenômeno. Essas metodologias não se anulam nem são contrárias, elas apenas são alternativas para melhor atender às exigências de produção científica sobre um conteúdo.

Os artigos selecionados, em alguns casos, foram elencados por meio de assuntos relacionados às representações sociais de juventude a partir de contextos escolares e de políticas (nº 6, 12 e 31) voltadas para esse público. Tais constatações foram evidenciadas em categorias da psicologia, educação, comunicação, ciências sociais e do esporte. Ao levar em consideração as produções de categorias em todos os bancos de dados, é possível identificar trabalhos pertencentes aos mais diversos campos do saber lidando com a problemática de juventude e representações sociais, são eles: psicologia, educação, ciências sociais, comunicação, serviço social, saúde coletiva, saúde pública, administração, ciências do esporte e enfermagem.

Novamente, levando em consideração todos os bancos de dados, diante de um total de mais de 200 publicações, restaram, ao final, 32 artigos, com uma variedade de publicações e um número razoável de pesquisas, que apresentam problematizações, dados e intervenções acerca da temática juventude e representações sociais.

Por fim, ressalto a importância de haver mais pesquisas sobre os assuntos mencionados, pois são indispensáveis para a elaboração de políticas de juventude que promovam saúde e empoderamento do público jovem. Além disso, é importante permitir que os jovens pensem as próprias políticas de juventude nos mais diversos contextos (escola, trabalho, medidas de proteção), desmitificando assim o estereótipo pejorativo de juventude problemática, principalmente quando se fala dos jovens de classes menos abastadas.

2.2. Representações Sociais de juventude: os modos de ver científicos

A representação social busca sentidos do mundo, introduzindo nele um conjunto de ordenamentos e noções, que fornecem um recorte de determinado contexto de maneira significativa (MOSCOVICI, 2010). Os artigos listados nos resultados apresentam, por exemplo, percepções de pesquisas de campo, de políticas voltadas para a juventude e de problematizações de temáticas vinculadas a esse público.

A reflexão sobre os dados coletados será feita a partir de cinco categorias temáticas: 1. Corpo, Sexualidade e Mídia; 2. Violência e Drogas; 3. Trabalho; 4. Programas/políticas de juventude e 5. Psicopatologia. O quadro abaixo apresenta os números referentes a cada artigo de acordo com suas respectivas categorias:

Corpo, Sexualidade e Mídia	Violência e Drogas	Trabalho	Programas/políticas de juventude	Psicopatologia
1, 2, 4, 5, 7, 13, 19, 22 e 24	12, 16, 20 e 25	8	6, 11, 14, 15, 17, 18, 21, 23, 28, 26, 27, 30, 31 e 32	9 e 10

A juventude é um público que, assim como qualquer outro, está sujeito a diversas influências de questões econômicas e culturais que partem de visões representacionais sobre o momento (período) (STEINBERG; MORRIS, 2001). Nove artigos abordam a temática “Corpo, Sexualidade e Mídia” e são recortes que manifestam, em geral, o corpo como objeto de consumo, ou seja, manifestam o desejo dos jovens por ideais de aparência impostos pela mídia em relação à beleza e saúde. Os artigos de número 7, 13 e 19 destacam muito bem isso: a mídia intervém nos principais objetos de desejo dos jovens, tentando, de forma direta e indireta, conduzir o jovem ao consumo e atrelando, muitas vezes, padrões comportamentais às imagens de sucesso, realização e prazer (CONTI; BERTOLIN; PERES, 2010).

Segundo Jodelet (2001), a representação social é um mecanismo de conhecimento socialmente desenvolvido e compartilhado, que possui objetivos práticos e contribui para a formação de uma realidade comum a um grupo social. Assim, os padrões vendidos para os jovens - que são bombardeados por informações impositivas que privilegiam determinados modos de ser, agir e pensar - são representações compartilhadas dentro da sociedade e que possuem um efeito de verdade, haja vista a formação de realidades compartilhadas pelos grupos sociais.

Na categoria “Violência e Drogas” a representação social atrelada à juventude e a percepção dos jovens sobre essa categoria gira em torno da urgência com que eles buscam maneiras de se fazer representar socialmente. Em outras palavras, o jovem procura uma identidade na qual possa se alicerçar e se reconhecer no outro a partir da vinculação a grupos sociais (BRASIL, 2017). Contudo, a falta de condições construtivas de experiências, somada às desigualdades sociais desemboca, muitas vezes, em um cotidiano amorfo, ocioso e que afeta a vida social desses jovens, em particular em relação à saúde, o que se manifesta nos dados sobre mortalidade e morbidade nesse segmento populacional (BRASIL, 2017).

Partindo da perspectiva colocada anteriormente, destaco outra categoria, a “Psicopatologia”, que aborda casos de depressão e ideações suicidas de jovens em duas instituições de ensino. Nesses artigos (nº 9 e 10), os casos são representados como sinônimos de tristeza e desilusão amorosa, no âmbito psicossocial vinculado à dificuldade de relacionamento social e, por fim, ideias mórbidas, como a própria ideação suicida. Essas

constatações refletem a conjuntura sócio-histórica, econômica e cultural de uma sociedade. Considerando a juventude como um processo, pode-se inferir que o desenvolvimento psicológico desse público está imerso em inúmeras experimentações identitárias, psíquicas, de crenças e de desligamento progressivo dos pais e dos valores da infância (BRASIL, 2017).

O processo de “separação” e “individação” gera mecanismos identificatórios com grupos, com o lugar e com formas de inserção no mundo (BRASIL, 2017). Se não há espaços adequados para essa formação identitária, se o contexto de vulnerabilidade social se perpetua por meio de violências no âmbito familiar, escolar e territorial (com conflitos de gangues e tráfico de drogas) a promoção de saúde desses sujeitos fica impraticável.

Isso pode acarretar uma série de consequências para eles e elas e a depressão e as ideias suicidas são exemplos de um complexo conjunto de relações que se propagam numa espécie de “teia de relações” (FOUCAULT, 2004) que movimentam os poderes configurados como mecanismos de saberes institucionais (como escola, família, amigos, mídia), que pregam verdades e exigem e impõem modos de ser, agir e pensar, muitas vezes angustiantes para essa juventude. O público que apresentou ideias descreve-se como pessoas sozinhas, associando sentimentos de desesperança e solidão (ARAÚJO; VIEIRA; COUTINHO, 2010) perpassados por inúmeras faltas (como as do contexto familiar) em diversos âmbitos, como já foi mencionado anteriormente.

Voltando à categoria “Violência e Drogas”, segundo o que se observa e se repete nos artigos desta categoria, os jovens destacam como possíveis causas da violência: ódio, más influências, desemprego, adversidades e uso de drogas, que é apontado como causa principal da violência (MELO; BARROS; ALMEIDA, 2011). É relevante lembrar que essa representação social da violência e de suas possíveis causas trata de considerações construídas socialmente, que são conhecimentos denominados de “Tijolaços de Saber” (JOITCHELOVITCH, 1996) que explicam a violência no contexto nacional por uma visão não tão abrangente, mas considerada plausível por muitas pessoas.

É possível observar esse aspecto no artigo de nº 25, citado anteriormente, que afirma que, a partir do momento em que se colocam verdades, como as de que a violência está atrelada ao consumo de drogas, logo se aponta que jovens (importante esclarecer que se trata de uma classe específica de jovens - aqueles e aquelas de origem empobrecida) que consomem drogas são violentos e tendem a ter dois finais: internação (tratamento) ou morte no tráfico de drogas (ESPÍNDULA et al., 2015). A juventude empobrecida é representada socialmente, então, como violenta, consumidora de substâncias psicoativas e imersa no tráfico de drogas.

Nessa perspectiva, uns dos grandes causadores de violência no contexto nacional são os jovens que usam drogas, em específico os pertencentes à classe pobre, como aponta o artigo citado. Estabelece-se, assim, uma verdade absoluta propagada pela mídia, que contribui para estereotipar esse público. Muito do que se constata nessas verdades está em consonância com as próprias relações de poder que, muitas vezes, camuflam uma “guerra não declarada” (TADDEO, 2016) contra os jovens pobres, que tem como evidência os números do Atlas da Violência (2018), em que constam dados sobre jovens, sobretudo os negros: que seguem prematuramente perdendo as suas vidas em números cada vez mais alarmantes relacionados tanto à violência no envolvimento com o tráfico de drogas e conflitos entre facções quanto ao confronto com instâncias policiais.

Urge, portanto, que se reflita sobre o porquê de a juventude pobre e negra ser a que mais sofre com a conjuntura social brasileira. Pensando em dados quantitativos:

De fato, ao se analisar a evolução das taxas de homicídios considerando se o indivíduo era negro ou não, entre 2005 e 2015, verificamos dois cenários completamente distintos. Enquanto, neste período, houve um crescimento de 18,2% na taxa de homicídio de negros, a mortalidade de indivíduos não negros diminuiu 12,2%. Ou seja, não apenas temos um triste legado histórico de discriminação pela cor da pele do indivíduo, mas, do ponto de vista da violência letal, temos uma ferida aberta que veio se agravando nos últimos anos (CERQUEIRA et al., 2017, p. 30).

Mediante os dados e constatações apresentados, é essencial refletir sobre como as políticas de juventude agem protegendo esses jovens e se há, por exemplo, um esclarecimento dos direitos existentes para essa juventude tão massacrada. Além disso, como a expressão “falta de trabalho”, constatada nas respostas dos jovens da categoria “Violência e Drogas”, auxilia na diminuição da violência para esse público em específico? Estas são perguntas que nortearão o decorrer deste capítulo.

No que concerne à instância trabalho, compreende-se que ele é visto como uma maneira de inserção no mundo contemporâneo que possui relação direta com o bem-estar social manifestado perversamente em inúmeros ambientes sociais (SILVA NETO; ALVES, 2017). Partindo dessa concepção,

[...] para o trabalhador, o trabalho não é apenas a ocupação, o vínculo empregatício. O trabalho é, também, o seu resultado, aquilo que o trabalho propicia. Não só o que propicia em termos econômicos, os bens de consumo, inclusive os de consumo durável, os objetos e serviços que mediatizam o modo de viver. Mas, sobretudo, o que propicia esse modo de viver e a grande variedade de relações sociais que não se reduzem à estrita relação de trabalho nem se reduzem à dimensão econômica dos relacionamentos. Mais ainda: o trabalho é um modo de imaginar a vida, o eu e o outro, um modo como o trabalhador imagina o seu trabalho e os resultados de seu trabalho, o que o trabalho viabiliza, mas também o que o trabalho não viabiliza (MARTINS, 2014a, p.212)

A importância para a juventude desta categoria “Trabalho” aparece sob a visão, relacionada à citação anterior, de que o trabalho é mais do que uma ocupação ou “ganha pão”; ele envolve modos de viver e de imaginar a vida, além de visões morais e psicossociais positivas constituídas ao longo das relações.

Logo, a partir do momento em que os jovens de classes menos favorecidas se percebem sem um emprego, o caminho para a violência, por meio do tráfico de drogas, é apontado para eles, segundo o artigo de nº 25, como um dos caminhos a serem seguidos, o que traz inúmeras consequências. Na tentativa de encontrar modos de amenizar essas representações ou de lidar com essa juventude para que haja desenvolvimento de identificações e para que o jovem se sinta acolhido e não mais tão usurpado de sua juventude ou categorizado negativamente no meio social, é que existem as políticas voltadas para esse público. Mas é importante que se indague como a sociedade, em especial as instituições de segurança pública, governantes e professores, vê o jovem na contemporaneidade. Refletir sobre isso é fundante de uma prática emancipatória ou de reprodução estigmatizante, uma vez que as categorias mencionadas mantêm relação direta com a juventude, seja por meio da formação escolar, por seu papel na aprovação de políticas que auxiliem ou não a juventude, ou ainda por sua contribuição para o estereótipo negativo da juventude pobre e negra.

Os artigos de nº 14, 15 e 21 trazem as representações sociais dessas instâncias para com a juventude e neles se constata as conotações desfavoráveis dos jovens. Exemplo disso são as representações dos parlamentares (senadores e deputados) favoráveis à redução da maioria penal (CORTE REAL; CONCEIÇÃO, 2013), que compactuam com o antigo Código de Menores, que primava pelo enclausuramento e é um atentado aos direitos conquistados com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (SCISLESKI; GUARESCHI, 2015).

Jodelet (2001) demonstra que o desenvolvimento de novas representações sociais pode ficar mais enfático quando membros de determinados grupos sociais interagem com objetos pertencentes a contextos não-familiares, em que não existe referência. Dessa forma, defende-se a ideia de um espaço para qualificar socialmente o objeto. A qualificação poderá abranger discursos científicos, midiáticos e até mesmo imagens construídas no espaço público, desenvolvendo os adjetivos “positivo” ou “negativo” em um mecanismo reflexivo e moral dos grupos sociais (MOSCOVICI, 2010).

Nesse sentido, há uma busca por explicações das ações de jovens no contexto escolar por parte dos professores e no espaço público por parte dos policiais no artigo de nº 15. Uma das explicações da violência dos jovens, por exemplo, é a culpabilização de uma família

desestruturada (GALINKIN; ALMEIDA; ANCHIETA, 2012), isso configura uma qualificação dos discursos, uma vez que adjetiva de forma negativa as famílias desses jovens. Assim, a busca que se estabelece por explicações diárias para as atitudes dos jovens em sala de aula ou no espaço público qualifica socialmente esse público.

Por fim, os artigos que apresentam políticas ou mesmo programas direcionados à juventude, como os artigos de nº 17, 18, 28 e 31, trazem propostas que visam a compreensão ampla das possibilidades de melhoria para esse público, ancoradas em planos nacionais de juventude que primam pelo cuidado, proteção e direitos dos jovens. Contudo, é importante atentar para o fato de que embora a maioria dos integrantes de redes de serviços, como as relacionadas ao enfrentamento da violência sexual infanto-juvenil, possua conhecimento sobre as políticas (ALBERTO et al., 2012), inclusive tendo como referência teórica o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescente, a prática dessas ações é falha e eles tendem a enxergar a juventude como um público que deve ser punido, o que resulta na sua criminalização (ALBERTO et al., 2012).

Dessa forma, observam-se as representações sociais de juventude permeadas por pejoratividade ou até mesmo por culpabilizações individuais que não levam em consideração os inúmeros fatores que influenciam a conduta de um adolescente. Apesar de haver artigos (poucos) que tratam sobre a prática cultural como artimanha para empoderar o jovem, como a publicação de nº 23, que analisa o Movimento Hip-Hop e sua importância para a formação dos jovens, as relações de poder são transfiguradas por saberes que geram verdades (FOUCAULT, 2004) sobre a juventude, imperativas no meio social, principalmente aquelas transmitidas pela mídia e por instituições como família, escola e polícia.

2.3. O que é ser jovem? Slam da Quentura em cena

Antes de analisar as falas das pessoas entrevistadas no Slam da Quentura, farei uma sucinta apresentação do conceito de “juventudes”, agora grafada no plural, e suas diferenças em relação ao conceito “juventude”, no singular. Concomitante a isso, confrontarei as evidências encontradas na revisão integrativa com as percepções que os/as informantes possuem em relação ao que é ser jovem.

Segundo as ideias de Pierre Bourdieu em “Questões de Sociologia”, de 1983, juventudes é um conceito não dado, isto é, ele é construído socialmente. Isso pôde ser visto nitidamente com a conceituação de representações sociais e a relação com a construção da imagem do jovem pobre, negro e periférico desenvolvida pela mídia nas seções passadas. As classificações por idade (bem como por sexo, classe, gênero etc.) – compreendida no campo da

biologia - impõem limites, manifestando um conjunto de ordens, em que cada sujeito deve se manter na linha normativa imposta socialmente (BOURDIEU, 1983).

O que se percebe, então, é uma banalização no sentido de que a idade biológica é socialmente manipulada e manipulável. A maneira de definir jovens como instâncias unitárias sociais, isto é, um grupo único ungido por interesses comuns, os quais são vinculados a um período de tempo, por si só já manifesta uma forma de manipulação evidente (BOURDIEU, 1983).

Quando se percebe as juventudes como um problema social ligado à inserção profissional, às drogas, à delinquência, problemas com a escola e com os pais (PAIS, 1990), constrói-se a representação social dos jovens empobrecidos como pessoas potencialmente perigosas e a noção de que esses determinados grupos sociais devem ser contidos, “acalmados”, vigiados.

O reflexo disso fica evidente em ações das quais tratei desde o começo deste capítulo, como as produções dos códigos de menores e o ECA sendo pouco explorado nos diversos dispositivos que tratam de jovens empobrecidos. Essa discussão será melhor explorada no capítulo “Combinamos de não morrer”: mas e o crime perfeito da bio-necropolítica brasileira?”.

O que quero destacar aqui é que quando se analisa juventudes é preciso levar em consideração as diferenças entre elas: orientação sexual, cor, raça, gênero; sem jamais homogeneizá-las. Quando me permiti compreender mais sobre o Slam da Quentura, desde o início tratei de dialogar e escutar as pessoas, buscando entender suas singularidades e diferenças e não as vendo unicamente como membros e membras do Slam da Quentura. Então, estabeleceu-se nesta pesquisa que são juventudes, no plural, presentes no Slam e são estas pessoas que contarão agora o que é ser jovem.

Segundo Foucault (2004), quando se examina as relações discursivas é necessário entendê-las como não internas nem externas ao discurso, mas sim no seu limite. Dito de outro modo, são elas que manifestam o emaranhado de relações em que o discurso se desenvolve para, assim, poder falar dos objetos, tratá-los, nomeá-los, analisá-los e explicá-los. Pensando dessa forma, ao analisar o termo “juventudes” permito-me compreender os feixes de relações discursivas nos próprios discursos na prática, isto é, a partir das falas de slammers, poetas, poetisas, poetas.

Mediante a problemática juvenil pautada em parágrafos anteriores, na qual as juventudes são apresentadas como um problema social, desenvolvo aqui uma escuta dialógica das pessoas que participam do Slam da Quentura a respeito do que é ser jovem para eles e elas.

Ser jovem, de fato, é um problema social? Sentirão esses jovens tais problemas como seus problemas? Eles e elas se consideram jovens? Pensando nisso, abordei esses aspectos durante as entrevistas.

Apresento, agora, uma das organizadoras do Slam da Quentura, slammer e produtora cultural chamada Bicha Poética. Paulo Henrique, 24 anos, ou PH, como também é conhecido, nomeia-se Bicha Poética⁴. É filha de “mãe solteira”, como ela mesma afirmou durante a entrevista: *“Minha mãe se tornou mais uma nas estatísticas de mãe solteira, né?! Então, era aquela pessoa que tinha que trabalhar manhã, tarde e noite e quando chegava em casa ainda tinha que fazer um quarto turno dentro de casa, já que tinha quatro filhos e todos os quatro eram muito novos”*.

Ela é filha de mãe preta e de periferia e tem em sua trajetória de vida opressões marcadas seja pela cor de pele, seja pela sua orientação sexual e identidade de gênero, que fugia à norma social (heteronormativa), pois, segundo ela, era desde cedo um “menino afeminado”:

É... minha infância, na escola, ela foi bem complicada, porque eu sempre... por ser um menino cheio de marcadores sociais: um menino preto, um menino afeminado, porque eu sou afeminado... eu fui afeminado desde cedo, é... e um menino pobre. Eu sempre fui um menino mais no canto, né?! Então, não é que eu fui de canto, a galera me deixava de canto, real, assim. Então, sempre era mais difícil, por conta que eu era o menino que tinha o caderno mais paia do momento, que nunca teve a bolsa tão legal, que nunca foi tão interessante por ter esses marcadores em cima de si, né?! Principalmente pelo fato de eu ser meio... menino afeminado, essa coisa... você sofre muito. É... apanhei na escola, por conta disso, da molecada. Apanhei dentro de casa, por conta disso, também, porque a... a minha mãe nunca soube lidar, né?! Com o meu processo de ser afeminado, né?! De ser uma criança viada, como eu costumo chamar.

Apesar dos contextos desiguais, em seus 17, 18 anos, sentiu a necessidade ainda maior de existência e foi essa fome de existir que fez com que ela encontrasse os movimentos sociais, tribos e comunidades, que lhe permitiram saciar-se um pouco. O conhecimento que Bicha Poética teve de si mesma enquanto bicha, periférica e negra, hiperssexualizada por meninos em sua adolescência na escola e sofrendo homofobia cotidiana, permitiram-na ressignificar algumas dores em potenciais de busca por conhecimento de si mesma, de sua condição social, cultural, política e histórica, enquanto sujeita ativa no mundo.

[...] depois um tempo, querer existir mesmo, enquanto pessoa, de me colocar enquanto humano e de começar a entender minha existência, né?! De começar a entender que corpo é era que eu ocupava e de que maneira esse corpo ocupava o espaço, né?! Então, foi algo que acabou mexendo comigo, sim, quando eu comecei a

⁴ Usarei aqui o pronome “ela”, referindo-me ao seu nome artístico, que ela mesma preferiu, porém, é importante mencionar que ela é não binária, isto é, possui identidades de gênero que não condizem integral e exclusivamente com homem ou mulher. Outra coisa a ser mencionada é que “Bicha Poética” não é usado aqui de modo pejorativo, e sim como forma de empoderamento, de lugar de fala desta pessoa. Em outras palavras, é um posicionamento político enquanto pessoa homossexual, negra e de periferia.

entender essas coisas, né?! De entender a minha existência, de me entender enquanto pessoa. Então, tipo assim, em torno dos meus 17, 18 anos, eu comecei a procurar, é... nas tribos em que eu me encontrava e geralmente, nessas tribos, sempre tinha alguém que fazia parte de algum movimento, geralmente movimento... geralmente movimentos de esquerda. Foi onde eu comecei a conhecer... esses movimentos e eu comecei a entender a minha existência como algo político, né?! Uma existência política mesmo que... o meu corpo, por onde ele ia, ele fazia política de uma forma silenciada, né?! Silenciosa, assim.

Essa constatação crítica da sua condição social no mundo tem uma relação direta com a forma como ela compreende as juventudes, o que é ser jovem. Quando perguntada sobre essa questão, relatou:

Estado de espírito. Juventude, pra mim, é estado de espírito. Acho que existe uma... acho que um ser jovem, ele perpetua muito a forma que você está, sabe? Porque existe tanta gente velha tão jovem e tanta gente jovem tão velha. Não sei se consegue me compreender, mas acho que juventude, pra mim, ela é um estado de espírito e ela é algo muito importante.

As juventudes aqui são compreendidas não por períodos de tempo, ciclos de vida no contexto biológico, como foi constatado ao longo deste capítulo. Estado de espírito não remete à ideia de opacidade ou estagnação frente a um período de tempo, mas sim a uma atuação social, um movimento contra-hegemônico (CASTRO, 2011).

Porque assim como vários processos revolucionários, eu acho que vai ser a juventude, nesse estado de espírito, que vai poder fazer uma... fazer uma grande revolução. Inclusive, mudar essa nossa atual política. Tem nome não, que a gente sabe muito bem quem é, a gente não cita nome que é pra não atrair.

A atual política a que Bicha Poética se refere tem relação com o governo do presidente Jair Bolsonaro. A revolução, ligada a este estado de espírito que anseia por mudanças e luta por igualdade de direitos, está ligada às juventudes. Ser jovem, então, diz mais de formas de atuação, práticas sociais e menos de período de tempo, como a sociologia da juventude no âmbito da compreensão de juventudes por faixa etária (PAIS, 1990).

O que também foi trabalhado na revisão integrativa deste capítulo e evidenciado no meio científico diz respeito às juventudes como potenciais de violência e consumo de drogas, como período conturbado e, de fato, um problema social (PAIS, 1990). Em contraponto a isso, pelo ponto de vista de Bicha Poética, juventudes são a representação de mudanças sociais e não de problemas.

Na visão de outra pessoa entrevistada, Rogers Sabóia, 37 anos, slammer e responsável pelo Núcleo de Diversidade Sexual vinculado à Secretaria dos Direitos Humanos, Habitação e Assistência Social (SEDHAS) de Sobral, juventudes também extrapola o campo da condição etária:

Nossa. Hoje, eu acho que ser jovem é, sobretudo, ter o direito de se rebelar, sabe? Hoje, ser jovem é, sobretudo, dizer o que que ele quer, o que que ele pensa, o que que ele sente. Eu acho que o jovem de hoje é muito isso, sabe? Eu acho que ser jovem é

algo que perpassa, inclusive, os limites de idade. Eu já passei um tempinho da idade de ser jovem, mas eu me sinto jovem, né?! É... é mais ou menos aquela musiquinha do Chaves, né?! “Se você é jovem ainda”, então, é mais ou menos aquela musiquinha do Chaves.

Figura I – Bicha Poética recitando na 17ª edição do Slam da Quentura.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

O que se pode observar é uma conceituação de juventudes como produção social, destacando-as como algo inacabado, que funciona imerso em características presentes nos fenômenos sociais (TRANCOSO; OLIVEIRA, 2016). Dessa forma, o termo juventudes se processa à medida em que se desenvolve em sua trajetória existencial, constituindo uma ideia de conceito-processo, com permanências e rupturas, ações e manifestações simbólicas (TRANCOSO; OLIVEIRA, 2016). Em outras palavras, aqui o conceito vem atrelado às vivências nos mais diversos contextos sociais, tendo especial atenção nas relações construídas e de processos de resistência, mudanças (FURATI, 2010). Ainda sobre a fala de Rogers:

Então, o que é ser jovem? Hoje, pra mim, é, sobretudo, ser resistente. Hoje, a juventude, pra mim, tem sinônimo de resistência. Hoje a juventude pode promover mudanças, sabe? Nesse cenário, na... mas[...]Hoje, a gente vive num período que as pessoas precisam ser conscientes. Então, hoje, ser jovem é isso: é ser consciente, é ser revolução, é ser resistência. É isso.

Percebe-se que, de fato, esse conceito é bem mais amplo do que aponta a revisão integrativa deste capítulo, mais complexo que as representações negativas e estereotipadas que os dispositivos como mídia, escola, parlamento e polícia (encontrados nas publicações da revisão) impõem. Alcimar Trancoso e Adélia Oliveira (2016), ao analisarem as políticas

públicas de juventude no Brasil de 1930 a 2009, constataram o que já venho apontando ao longo desta seção: políticas se pautam de forma mais intensa nas imagens de uma juventude adultocêntrica, estigmatizada e transgressora. E, para deixar claro, essas políticas são voltadas para juventudes específicas: as pobres, negras e periféricas.

Outra questão relevante a ser mencionada é a problemática das gerações de Karl Mannheim (1982) haja vista o fato de as falas dos entrevistados e entrevistadas estarem direta ou indiretamente vinculadas às discussões empreendidas pelo autor em sua obra *O problema sociológico das gerações*. Ele critica de forma intensa a visão geracional positivista (na figura de vários pensadores, como Comte, Cournot, Dromel) que manifesta uma lei geral para o ritmo da história por meio do determinante biológico, isto é, a duração limitada da vida de uma pessoa, levando em conta o fator idade e suas etapas (MANNHEIM, 1982), de forma bem semelhante ao que já foi discutido até aqui.

Mannheim (1982) associa as gerações não à definição de tempo externalizado e mecanicista, com uma linearidade específica, mas sim a um “problema de existência de um tempo interior não mensurável e que só pode ser apreendido qualitativamente, ou seja, esse tempo interior só pode ser apreendido subjetivamente e não objetivamente” (p. 516). Essas ideias advêm de uma aproximação com o pensamento histórico-romântico alemão. Além disso, o autor apresenta três conceitos importantes a serem compreendidos nesta pesquisa: a posição geracional, a conexão geracional e a unidade geracional. De forma sucinta falarei sobre eles a seguir.

Posição geracional não se define por meio de um estoque de experiências semelhantes acumuladas por um grupo de pessoas, e sim nas possibilidades de manifestação delas. Dito de outro modo, as condições para a vivência de uma gama de experiências comuns já estão dispostas socialmente, o que realmente precisa ser destacado é de que forma e quando essas condições potenciais realmente vão se manifestar, levando em consideração outras influências, forças sociais, como modos de ser, agir e pensar arraigados dentro de diferentes condições sociais, políticas, econômicas e culturais (MANNHEIM, 1982, p. 542).

Já a conexão geracional se constitui por meio da participação dos indivíduos pertencentes à mesma posição geracional, tendo em vista um coletivo, um grupo de pessoas, com características comuns (MANNHEIM, 1982). Em outras palavras, não basta participar unicamente de maneira “potencial” de uma comunidade desenvolvida por meio de vivências comuns: é necessário consolidar um vínculo de participação em uma práxis coletiva, seja ela concreta ou virtual.

Destaco que as falas das duas pessoas entrevistadas dialogam com as problematizações de Mannheim. As questões sobre juventudes estão para além do aspecto questão geracional, biológica, findado em processos de experiências já dadas para cada geração. São conjuntos de ações manifestadas que formam uma rede de conexões afetivas que extrapolam o campo das individualidades e permitem uma práxis coletiva de juventudes no Slam da Quentura, inclusive geradora de saúde. Voltarei a esse tema no capítulo “Dá licença, que vou passar com meu amor”: Promoção de Saúde Marginal”.

O que quero salientar é a crítica à noção de que experiências e características no campo de grupos sociais são homogêneas, como se não houvesse diferenciações, singularidades dentro dessas gerações. Em grupos de juventudes de periferias existem diferenciações e manifestações singulares, mas também coletivas e que não giram em torno apenas de problemáticas sociais, como foi visto na revisão integrativa.

Mannheim aborda ainda as unidades de geração, estabelecendo que elas se caracterizam não só pelas vivências participativas de diferentes pessoas em atividades coletivas, que por si só já adquirem o caráter de acontecimentos singulares, mas pelas ações homogêneas; em um sentido mais próximo, “[...] pela vibração e criação uniforme daqueles indivíduos que estão vinculados por uma conexão geracional específica” (p. 547).

Em síntese, o que desejo evidenciar com essa discussão sobre a obra de Mannheim é que geração é um contexto que perpassa dois tempos distintos – o do curso da vida e o da experiência histórica – de forma que sejam sincronizados. Desse modo, tanto o tempo biográfico como o tempo histórico são importantes e fundem-se e transformam-se em uma geração social (FEIXA; LECCARDI, 2010).

Quando Rogers fala “*Eu passei dos 29 tem um tempinho, mas não é por ter passado dos 29 que eu vá me sentir menos jovem. Na verdade, eu acho que eu tenho acúmulo de juventude*”. Esse acúmulo de juventudes diz de práxis coletivas imersas no Slam da Quentura, como o “se rebelar”, “fazer revolução” através da poesia e das manifestações artísticas marginais. Isso impacta, ao mesmo tempo, de forma singular e coletiva e produz uma geração social que transcende o biológico.

Mesmo com uma questão histórica, a presença de pessoas num dado contexto histórico-social não é determinante para a produção de perspectivas semelhantes entre indivíduos de idades próximas. Segundo Mannheim (1982), o fato é que, para além disso, deve existir uma conexão geracional entre as pessoas, isto é, um tipo específico de participação ou prática coletiva que possa desenvolver esse vínculo geracional por meio de reflexões sobre as mesmas atividades e acontecimentos. O Slam da Quentura promove isso. Trata-se de uma

geração social de poetas, poetisas e poetas que pontuam suas revoluções poéticas independente de idade.

Figura II - Fran Nascimento, Bicha Poética e Rogers Saboia na premiação da Disputa Poética na edição de número 18 do Slam da Quentura.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

Apresento, agora, mais uma entrevistada, Dedita Ferreira, 24 anos, estudante de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e membra do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME), vinculado a esta universidade. Dedita, como diversas estudantes, mora em Sobral por conta dos estudos, mas sua cidade natal é São Benedito, na zona rural. Isso fica bem evidente em sua fala:

Eu sou de São Benedito, eu não sou daqui de Sobral. Ah... deixa eu ver. Eu... também não sou da cidade, cidade, sou do interior, né?! Então, esse mundo urbano, todo esse contato que eu tive agora com essas pesquisas, do Slam, do mundo urbano, é muito novo e é muito, assim... novidade, né?! Tanto que quando eu comecei as Ciências Sociais, as minhas pesquisas sempre eram voltadas pro mundo rural, que é onde eu sempre vivi, sempre estudei lá, no interior de São Benedito.

Dedita faz parte do LABOME, que faz a cobertura (fotos, vídeos) do Slam da Quentura bem como de outros movimentos culturais de juventudes espalhados pela cidade de Sobral. Esse laboratório é um arquivo público de documentos orais e visuais para o apoio à investigação científica⁵. Considerei interessante conversar com ela para compreender as

⁵ Disponível em: < <http://www.uvanet.br/labome/> >.

dimensões poéticas e seus impactos para além de slammers. Seu contato com o movimento se deu a partir de pesquisas na universidade:

Então... quando o Slam começou a se organizar, aqui em Sobral, eu já tava no Labome, que é o Laboratório, né?! Das memórias do cotidiano... e a gente já trabalhava com esses projetos dentro da periferia, né?! Cada bolsista acabava tendo um bairro específico pra tá trabalhando e, dentro desse bairro, a gente podia escolher uma temática, né?! [...] E aí o Slam tinha a Joyce também, que ela tava pesquisando sobre os artistas de rua, aqui da cidade, os que vinham de fora, os que ficam nos sinais... tá sendo finalizada agora, o documentário dela. E ela era uma das organizadoras do Slam, e aí ela começou a gravar esse... foi ela que começou a gravar. [...] Acho que o Vicente foi essa primeira... essa primeira vez, acho que ele foi todas as edições. E aí, depois que... vendo o material, né?! Eu sempre ficava lá vendo o pessoal, vendo as poesias, me interessei e comecei a ir também, né?!

Ela começou a frequentar o Slam da Quentura com finalidades acadêmicas, mas, com o passar do tempo, se identificou com o movimento: “*Hoje já é mais pessoal do que vinculado à pesquisa que era... nunca foi minha pesquisa, tipo assim, eu não tava pesquisando o Slam, né?! [...] Mas começou pra ir ajudar o pessoal nas gravações e hoje, sempre que dá, a gente vai lá pra participar*”.

Quando perguntada sobre o que pensava ser jovem, Dedita mencionou as compreensões de juventudes no plural:

Eu acho que existe Juventudes. Juventudes, no plural, por conta dessa... desse... acho que é como se fosse mesmo de identidade, de tá ligada com... ligada, tanto desses movimentos, das pessoas que tão construindo a sua identidade. Então, não existe só uma juventude, né?! Existe várias juventudes. É... a juventude que participa do Slam, a juventude que participa da batalha, a juventude que vive no mundo rural... são cenários diferentes, né?! Que constroem uma juventude que também é diferente. Acho que... que tá... de alguma forma, uma coisa que une é essa diversidade, né?! Acho que o que une essa juventude, é justamente essa diversidade e acho que limitar o conceito de juventude, assim, só um conceito, acho que não dá, né?!

Juventudes, no plural, como venho defendendo ao logo desta pesquisa. Indo mais além do que Dedita falou, acredito que dentro do próprio movimento Slam da Quentura existam juventudes, que se identificam com as propostas artísticas, mas também se diferenciam em suas singularidades. São juventudes de bairros periféricos de Sobral, como Novo Caiçara, Terrenos Novos, Vila União, além de jovens que vêm de cidades vizinhas, como Massapê, Ibiapina, Tianguá.

A práxis identitária que une essas juventudes de vários lugares, com certeza, é a arte, a poesia, as várias formas de celebração, de gestos de amor, respeito e alteridade. Como eles e elas afirmam em suas edições de Slam da Quentura, a Disputa Poética é apenas uma desculpa para o encontro, que manifesta uma celebração, conforme afirma outra pessoa entrevistada, Diego Clementino, 31 anos:

O nosso Slam da Quentura, pra gente, é como se fosse uma comunidade, é como se fosse uma família... quem organiza mesmo, é como se fosse uma família. A gente marca um dia pra fazer reunião, a gente, geralmente, tira um domingo de manhã, de

tarde e, às vezes, até de noite. A gente marca pra... cada um levar alguma coisa pra gente poder fazer um rango gostoso na casa de alguém... ou então quando vai pra praça fazer piquenique. Pra mim... o que representa, pra mim, é família, assim... eu me encontro junto com o pessoal que organiza e aqui é a celebração.

Aqui o conceito de família está para além do parentesco consanguíneo. Weston (2003) afirma que uma das atitudes mais essenciais a esse respeito é a de desestabilizar a visão de família associada à consanguinidade, enaltecendo o caráter social dessas relações. Acredito, assim como o autor, que “acesso ao parentesco”, termo que ele usa em seus escritos, significa se inserir em outros laços de afeto, de auxílio mútuo e de cooperação, sem que essas manifestações sejam produzidas por uma lógica de sangue (WESTON, 2003)⁶. Como o próprio Diego Clementino⁷ fala: “*O nosso Slam da Quentura, pra gente, é como se fosse uma comunidade, é como se fosse uma família eu me encontro junto com o pessoal que organiza e aqui é a celebração [...] É...é o momento. O auge*”.

Diego é um dos organizadores do Slam da Quentura e do Slam Ceará. É também ilustrador. Ele não é de Sobral, é oriundo do interior de São Paulo e viveu boa parte de sua infância em Arujá, cidade perto de São Paulo capital. Ele se mudou, ainda criança, com sua mãe para Mato Grosso do Sul, estado natal dela, onde viveu algumas situações marcantes:

Meus pais se separaram quando eu tinha dois anos de idade, mas só que isso não me afetou, porque eu tinha sempre uma boa relação com o meu pai e também com a minha mãe. Fui criado com a minha mãe. E com onze anos de idade, a gente se mudou para o Mato Grosso do Sul, que é a cidade onde minha mãe foi criada. Quando mudados para o Mato Grosso do Sul, é... deu uma reviravolta na minha vida e na vida da minha família, porque na época que a gente se mudou pra lá foi a época que meu pai foi assassinado em São Paulo. Meu pai, ele tinha envolvimento com tráfico... mas só que aí a gente... depois que eu fiquei com uns 8/9/10 anos, minha mãe parou de levar a gente pra lá, porque ela tinha medo desse envolvimento. Aí que... depois que ele foi assassinado, ela sofreu umas ameaças e veio embora pro Mato Grosso do Sul. Ela... ela acabou se envolvendo com o MST – Movimento dos Moradores Rurais Sem Terra, ficou acampada seis anos na beira da estrada da cidade chamada Castilho, interior de São Paulo, faz divisa com Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

Figura III – Foto com grande parte de slammers e público que compôs a 20ª edição do Slam da Quentura.

⁶ Para um melhor aprofundamento sobre essa temática a obra de Kath Weston (2003) é “Famílias que elegimos. Lesbianas, gays y parentesco”.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

Ao conversarmos sobre sua história durante a entrevista me veio a pergunta de como essa pessoa veio parar em Sobral e por quais motivos. Ao longo da sua fala, Diego mesmo relatou os catalisadores de sua vinda para Sobral:

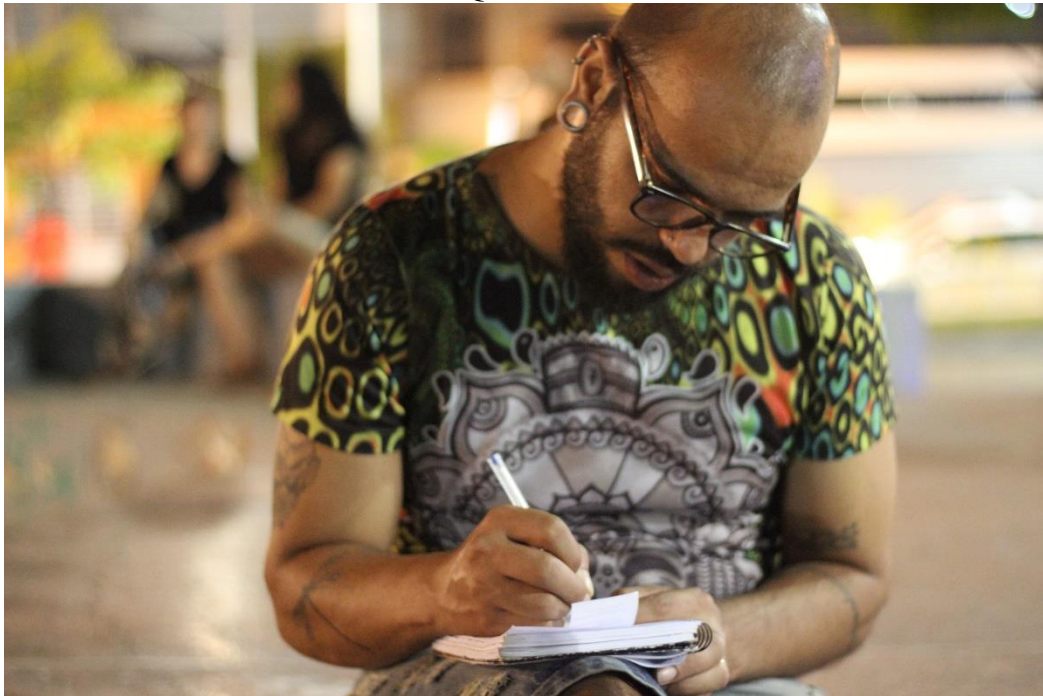
E foi dentro do MST que eu fiz a minha vida, praticamente. No MST, participei da militância, formação... é... eles me formaram... terminei o ensino médio com o MST, fiz o ensino técnico com o MST. Tive a oportunidade de ir pro Haiti, com eles também, fazer um trabalho voluntário social com jovens camponeses de lá, para trabalhar com a... na área de reflorestamento. Militei pelo MST durante uns doze anos, aí foi quando eu fui pro... pra Minas Gerais, o acampamento nacional do Levante Popular da Juventude, acabei conhecendo o PH, Bicha Poética, se apaixonamos e acabei vindo embora pra cá...

As relações de amor nas diversidades de militância encontradas por ele e Bicha Poética proporcionaram que viesse para Sobral e fizesse sua história aqui. Quando perguntado sobre o que é ser jovem, assim como Bicha Poética também relatou que juventudes estão relacionadas ao estado de espírito:

Juventude, pra mim, não tá colocada em idade. Que eu já não sou mais jovem em idade, né?! Mas... eu acho que ser jovem é um estado de espírito mesmo, assim... É como eu falei anteriormente: de estar bem comigo, de saúde... psicologicamente, eu creio que eu esteja jovem de espírito, que eu esteja jovem corporalmente também, pra conseguir lidar com tudo, né?! Eu creio que ser jovem é um estado de espírito.

E esse estado de espírito precisa estar saudável para permitir lidar com as diversas situações de vida. Novamente, há uma relação entre ser jovem e ter atitudes e promover mudanças e, para que isso seja efetivado é necessário, no mínimo, estar bem consigo mesmo.

Figura IV - Diego Clementino somando as notas de jurados na 20ª edição do Slam da Quentura.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

Dessa forma, constato até aqui que ser jovem segundo as falas de pessoas que integram o Slam da Quentura diverge do que foi encontrado na revisão integrativa. Como já discutido, ser jovem são práxis, isto é, são formas de praticar ações e simultâneo a essa prática há o exercício de formas de reflexão. Estas manifestações funcionam como potencializadores de mudanças nas condições de opressor-oprimido (FREIRE, 1987). As práxis formam identidade e propõem uma rede de afetos e, nesse sentido, é importante fazer um adendo, pois identidade é um conceito, por vezes, escorregadio e é necessário esclarecer que, quando o menciono, parto do entendimento de que identidade é a formação nas interações entre o eu e a sociedade, isto é, a pessoa possui uma espécie de núcleo interior que é seu “eu real”, mas ele é desenvolvido e transformado a partir das relações sociais, dos diálogos contínuos com os emaranhados de contextos culturais “exteriores” e as identidades que tais ambientes fornecem (HALL, 2004).

Dessa forma, não acredito em identidades estáticas, mas sim dinâmicas, passíveis de mudanças através das relações sociais. Essa compreensão veio através da obra *Estória do Severino e a História da Severina: Um ensaio de Psicologia Social* de Antonio da Costa Ciampa (2001). Ele apresenta a noção da pessoa como uma representação de dado momento histórico, da qual fazem parte tempo, lugar, família de origem e a própria vida que se vive (CIAMPA, 2001). Em outras palavras, Ciampa parte da ideia de que identidade se manifesta como

metamorphose, ou seja, faz parte de uma dinâmica social, em que a pessoa não se restringe aos estereótipos que lhe são atribuídos.

Figura V - Registro feito na 20ª edição do Slam da Quentura. Geração pai, filho e camisa em homenagem ao artista, poeta e slammer Hans, que contribuiu para as primeiras edições do Slam. Hans faleceu em 2017.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

No Slam da Quentura as identidades formadas nessa geração social dizem das próprias atividades que são promovidas por eles e elas. Isso fica perceptível quando Diego fala do objetivo do Slam: *“Com o existir, com a resistência... de se auto ver, de ver outras pessoas também, que é igual a mim, que também cria arte, né, da resistência e é autônomo”*. As autopromoções, o fazer poesia e arte implicam em identidades de resistência com finalidades de comunhão, de família, uma construção de laços afetivos, de amizade que extrapolam a ideia de consanguinidade. Ao conhecer mais esse movimento percebi que a amizade, nesses momentos, são relações entre aqueles e aquelas que se completam, ou mesmo que se diferenciam, numa relação de falta também, em que há uma potencialização do fazer viver, potências de vida manifestadas a partir das artes.

Quando falo sobre essas manifestações de laços de amizade e potencialização do viver não empreendo uma romantização destas atividades. É necessário destacar que a construção destas ações, as relações sociais que perpassam este movimento são, por vezes, dolorosas. Relatar angústias e momentos pessoais difíceis por meio da poesia, falando para um determinado público, pode ser doloroso ao mesmo tempo em que também traz certo alívio.

Como diz Gleison Prado Lima, 19 anos, conhecido artisticamente como Josh Brandohw, poeta, slammer e ator:

[...] É mais uma busca de alívio mesmo, porque o Slam, de uma certa forma, é um momento de expressão. Tipo... passa meses, ou até semanas, escrevendo aquilo, batendo cabeça e tal, jogando tudo o que tu sente naquele texto e quando tu vai lá, tu recita, tu expressa e, de uma certa forma, isso te alivia, te dá uma autoestima, pelo menos pra mim, né?! Ao meu ver [...].

Outra questão a ser mencionada são as amizades feitas a partir das identidades formadas. Elas não possuem um viés piegas de “felizes para sempre” de contos de fadas; é claro que há divergências, como na ideia de “Disputa Poética”, com a qual algumas pessoas, como Neto Duarte, 25 anos, slammer e professor de teatro, não compactuam devido ao seu caráter de disputa, que eles consideram que deveria ser de apreciação da arte. Há também certas divergências quanto ao envolvimento ou não de patrocínio, o estabelecimento de relações com o setor público municipal ou não, além da escolha do local e adoção do nome “FB”, que representa uma escola particular de classe média. Portanto, o Slam da Quentura é um movimento contracorrente, que extrapola os limiares aceitos das ditas normas sociais do que é cultura, mas nem por isso deixa de ter divergências e conflitos.

Trata-se de uma questão de “direito à fala”, como Fran Nascimento, slammer e uma das membras da organização do Slam da Quentura, denomina sua poesia marginal: “*ter direito ao microfone/a fala da vez é minha/preta, pobre, da favela/não tem que andar na linha [...]*”⁸. Direito, por conseguinte, de divergir nas ideias até que se chegue a um consenso, sem silenciamentos. São diálogos que geram conflitos, transbordados de relações dialéticas, em que há uma tese e uma antítese para, no fim, chegar-se a uma síntese, que nada mais é do que a produção do Slam da Quentura.

Esses entendimentos diferentes sobre algumas questões dentro do Slam pelas pessoas que compõem a organização não repercutem negativamente ao ponto de enfraquecer o movimento. São pensamentos que podem gerar, em dados momentos, conflitos, porém, não corroboram para impedir a manifestação marginal de todo último sábado do mês.

Levando em consideração o que trabalhei ao longo deste capítulo, assim como Loponte (2009), questiono-me: “por que não reinventar a política mediante essas relações, que nos reinventam a cada dia?” (p.922). Pensando dessa forma, por que não produzir políticas

⁸ Todas as poesias usadas nesta pesquisa são do livro: A poesia falada invade a cena em Sobral: Poetry Slam no interior do Ceará. /Nilson Almino de Freitas, Fran Nascimento, Vicente de Paulo Sousa e Ary Pimentel et al. (organizadores). Rio de Janeiro: Desalinho; Ganesha Cartonera, 2019.

públicas que, de fato, visem à ampliação das potencialidades das juventudes empobrecidas ao invés de produções falaciosas pautadas na desproteção e vigilância?

É perseguindo esses questionamentos que parto agora para algumas reflexões sobre políticas públicas voltadas para as juventudes, principalmente as empobrecidas. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA será também bastante tratado nessas discussões que desembocarão na necropolítica de extermínio da população pobre, negra e periférica brasileira, e que formam o terceiro capítulo desta pesquisa.

3. “COMBINAMOS DE NÃO MORRER”: MAS E O CRIME PERFEITO DA BIO-NECROPOLÍTICA BRASILEIRA?

Dando continuidade às políticas e concepções sobre juventudes, especificamente as periféricas, este capítulo expõe uma reflexão sobre os direitos de cidadania dessas juventudes e sua relação com as (im)políticas voltadas para eles e elas. Haverá uma análise das práticas de (im)políticas para as juventudes, entendendo-as como mecanismos de poder que reverberam no esquadramento de jovens, levando-os(as), muitas vezes, ao abandono e à desproteção.

Para melhor destrinchar essa problematização, será utilizado um arcabouço teórico composto, principalmente, por Michel Foucault, Giorgio Agamben e Achille Mbembe, pois esses autores são cruciais para refletir sobre as condições de vida implicadas nas relações políticas de investimento ou mesmo desinvestimento, influenciadas por dinâmicas tanto de fomentos de vida como de abandono e morte.

Alguns conceitos são essenciais para embasar as reflexões sobre o assunto exposto, por exemplo, “estado de exceção”, “força-de-lei”, “matáveis”, “necropolítica”, “bio-necropolítica” e “esquadramento”, e serão utilizados com a precisão necessária para a produção deste capítulo. Para nortear as discussões, é imprescindível levantar a questão: como as políticas públicas exercem poder sobre as juventudes periféricas implicando contraditoriamente numa condição de abandono e desproteção social que produz adoecimento?

Durante o período de transição democrática nacional, diversas instituições públicas e suas atuações na sociedade foram revistas, numa tentativa de reajustar as práticas para a nova realidade que se desenvolvia. Contudo, uma delas permaneceu intocável no processo de adequação à democracia: a polícia. Luiz Eduardo Soares (2003) e Glaucíria Mota Brasil (2008) demonstram que, mesmo com o desenvolvimento do Estado Democrático de Direito, as forças policiais não se inseriram no percurso “democrático” do país: “os sucessivos governos que se revezaram no poder pós-ditadura militar mantiveram intocada a autonomia de funcionamento

desses dispositivos, como se eles fossem estruturas neutras e prontas a servir à democracia” (MOTA BRASIL, 2008, p.138).

É essencial refletir sobre a logística da política nacional, que embora dita democrática, dispõe de ideais paradigmáticos de governo pautados na lógica da “exceção”. Não só a polícia não adentra essa mudança democrática, como também a forma de fazer política no Brasil ainda guarda atitudes semelhantes à ação de exceção. Esse estado de exceção parte da ideia da existência de uma decisão soberana que suspende a norma para possibilitar a normatização da prática de vida, garantindo, assim, a estruturação normal das relações de vida (SCHMITT, 2004).

Agamben (2004) acrescenta que esse ideal paradigmático de estado possui duas formas de lei: a lei regulamentada – isto é, escrita – que garante, teoricamente, os direitos de cidadão, e outra lei, que não é regular, mas encontra-se na força-de-lei. Dessa forma, o estado de exceção seria “um estado da lei em que, de um lado, a norma está em vigor, mas não se aplica (não tem força) e em que, de outro lado, atos que não têm valor de lei adquirem sua ‘força’” (AGAMBEN, 2004, p. 61).

O uso do termo (im)políticas faz referência às estratégias de governo da vida dos(as) jovens, biopolítica, segundo Foucault (2008a), e de vidas abandonadas para a morte com base na tanatopolítica de Agamben (2004). Esse “governo da vida” que Foucault aborda tem relação direta com o controle das subjetividades dos indivíduos. Ele consiste na regência da conduta das pessoas em diversos contextos com instrumentos estatais (FOUCAULT, 2008a). Já em Agamben (2004), que reconfigura alguns conceitos de Foucault, há referência à tanatopolítica, que se manifesta a partir do princípio da exceção – que será trabalhado mais adiante – para com a vida nua; ou seja, uma vida abandonada e exposta à morte. A partir dessa concepção é que se pode dar início à reflexão objetivada neste capítulo, que diz respeito ao eventual abandono e desproteção das juventudes periféricas por parte das políticas voltadas para estas pessoas, além da política da morte também direcionada a elas.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece em seu Art. 3º que

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que se trata esta lei, assegurando [...] todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes assegurar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (LEI FEDERAL 8.069/1990, p. 1).

O que se vê na prática, hoje e no passado, mesmo diante desse cenário “recheado de direitos”, é a suspensão da normativa e a execução de outras medidas que vão de encontro ao ECA, evidenciando a não operacionalização desses direitos estabelecidos (AGAMBEN,

2004). Segundo José de Souza Martins (2014, p. 162), “esta é uma sociedade em que as pessoas são juridicamente iguais, mas, de fato, economicamente desiguais, o que as faz também socialmente desiguais”.

Em maior aprofundamento sobre essa igualdade jurídica, percebe-se que ela é ilusória e contratual. Dizer que ela se dá em termos efetivos é, no mínimo, um equívoco (MARTINS, 2014). Exemplo disso são os sistemas de medidas socioeducativas com investimentos exorbitantes na internação de jovens em contraponto com as demais medidas (advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida e semiliberdade), que, inclusive, possuem melhores chances de “transformar” jovens e suas condutas (SOUZA; COSTA, 2013).

Uma situação bastante preconceituosa, truculenta e que serve como mais um exemplo desses ideais igualitários ilusórios, se deu na 18ª edição do Slam da Quentura⁹, cujo tema era “Pretxs e pretxs estão se amando”. Nessa edição, em específico, houve três abordagens policiais, sendo a terceira bastante imprudente, que escancararam “o olhar clínico policial”¹⁰: pessoas negras, principalmente os jovens da batalha de rima. Esses jovens (todos homens) foram intimidados pelos policiais e revistados diversas vezes, como se a “reunião desses jovens negros” funcionasse como crime organizado. Na verdade, eles estavam ali para celebrar a poesia, a rima, o rap e as diversas formas de artes periféricas.

Tal prática “clínica” preconceituosa e racista deixou bem claras as ilusões de igualdades de direitos, visto que parte da plateia do Slam da Quentura que não se encaixava no perfil de “infrator(a)” não sofreu uma “revista policial” e assistiu a toda aquela situação indignada e em choque. Fui revistado duas vezes e perguntado de forma repetitiva se tinha passagem pela polícia e se era usuário de drogas. Percebi duas coisas diante desse cenário, a primeira foi o fato de que, de alguma forma, eu me encaixava no perfil alvo; e segundo, as ações do Estado com perspectiva penal-policial caminhando na contramão das próprias diretrizes instituídas pelo ECA.

Figura VI - Momento exato em que a polícia, pela segunda vez, revista principalmente os jovens que compõem a batalha de rima do Slam da Quentura na 18ª edição.

⁹ Essa edição está documentada em um dos diários de campo em anexo.

¹⁰ Essa expressão é muito usada no contexto policial para descrever a forma de escolha das pessoas a serem revistadas.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

3.1. Estado de Exceção: a realidade paradoxal nacional

Acredito que o processo de democratização brasileira é inacabado (ALBA ZALUAR, 2007). Esse sistema começou a se estabelecer em fins da década de 1970, período conhecido como “redemocratização” brasileira, que, na prática, ainda não se concretizou verdadeiramente, haja vista que as intenções plurais da Lei Magna, dos direitos e da cidadania não se materializaram em ações sociais de planos de governos.

Nesse sentido, posso afirmar que a negligência para com o setor policial, no contexto de repactuação democrática contribuiu para a proliferação de um modelo de dominação social, que tem setores mais conservadores como os principais defensores. Dito de outra maneira, essa negligência se assemelha mais a uma estratégia do que necessariamente a uma indiferença política (SOARES, 2003).

A estratégia intencional e conservadora perpetuou as formas de dominação – por uma minoria no poder – ao longo da história política nacional até hoje. As chamadas democracias contemporâneas traçam estratégias a partir de um leque de investimentos no combate ao crime sob a forma de um estado punitivo, que modifica suas políticas criminais de acordo com as metamorfoses econômicas vigentes. Elas manifestam o desejo do estado moderno burguês: a garantia, a todo custo, da segurança patrimonial (SOARES, 2003).

Figura VII - Terceira abordagem policial na 18ª edição do Slam da Quentura. Momento em que eu, de camisa vermelha do Flamengo, e um amigo, de blusa branca à direita, estávamos sendo revistados.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

Neste ponto é importante fazer um adendo: a sociedade moderna é oriunda da ascensão da burguesia que – com a atuação em vigor da produção capitalista – exige do estado modos de ação armamentista (polícia), visando à manutenção da ordem social e paz pública, por isso, devem ser levados em consideração os investimentos nas práticas de proteção e concretização dos direitos acoplados a esse sistema, como a propriedade privada, o individualismo e a liberdade (SOARES, 2003).

Ora, se o monopólio da força pelo Estado é um dos pilares definidores do Estado Moderno, ele não buscou abolir os antagonismos das classes, “Nada mais fez que substituir as antigas por novas classes, por novas condições de opressão, por novas formas de luta” (MARX; ENGELS, 2006, p. 48). Dessa forma, incorpora as instituições coercitivas antigas dos Estados (polícias, sistema judiciário), que possuem o objetivo de desenvolver e manter as relações de produção social, reprimindo potenciais revoltas e “desordens” que ferem a normatização social de vida.

Essas coerções constituem formas de governo sobre a vida. Para compreender melhor essas práticas, faço agora uma retomada histórica da constituição das relações de poder atreladas às formas de governo sobre o corpo e do corpo. Para isso, parto das visões de Foucault (1999a) e Giorgio Agamben (2010). Este último se dedica a uma pesquisa que investiga as formas pelas quais a política captura a vida cotidiana e reformula a problemática da biopolítica instituída por Michel Foucault, desenvolvendo novos conceitos.

Na leitura foucaultiana, o processo de inserção na vida da polis, como corpo a ser investido, acontece na transformação do Estado territorial para o Estado moderno, no qual, para Foucault (2008b), os mecanismos de governo se deslocam do território para o investimento na vida da população (SCISLESKI; CAETANO; GALEANO, 2015).

Em sua obra *História da Sexualidade I – a vontade de saber*, Foucault descreve uma organização social em que havia um soberano que possuía o poder sobre a vida de sua família e súditos, o que lhe permitia “deixar viver ou fazer morrer” qualquer indivíduo que habitasse seu território (FOUCAULT, 1999a). Com o desenvolvimento do Estado Moderno, Foucault (1999a) afirma que há uma modificação na logística de poder, em que “deixar viver ou fazer morrer” dá lugar ao “fazer viver e deixar morrer”. Esse sistema direciona-se para propostas de intervenção diretamente relacionadas ao corpo biológico dos indivíduos por meio do investimento na vida: a biopolítica.

O controle sobre a vida dos indivíduos é crucial para o funcionamento da modernidade, do trabalho, da mão-de-obra humana e, acima de tudo, para a perpetuação do lucro. As tecnologias empregadas para esse controle, segundo Foucault (1999a), são as tecnologias anátomo-políticas do corpo, que objetivam potencializar ao máximo as suas forças, tendo como consequência um eficaz controle normativo e econômico oriundo de uma tecnologia disciplinar. A disciplina é uma técnica de poder que implica na vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou verificar se o que fizeram é conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo de atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares (FOUCAULT, 2004).

Além dessa tecnologia, Foucault (2004) ressalta outra, que não exclui a disciplina, e é denominada de biopolítica da população. Enquanto as práticas disciplinares são manifestadas a partir do objetivo de governar o indivíduo, a biopolítica trata do governo de um conjunto de indivíduos, neste caso, a população. Em outras palavras, a biopolítica da população seria a práxis de biopoderes locais e quando se fala em biopoder, a população é o objeto e também o instrumento nas relações de poder.

3.1.1 A analítica de Foucault: algumas explicações

Destacar as relações de biopoder e a noção de que a população é, ao mesmo tempo, objeto e instrumento nessas relações, quer dizer, para Foucault (1979), que a analítica do poder que ele discute se apresenta como um deslocamento em relação à teoria política tradicionalista, que acreditava que o Estado era o único detentor do poder. Analítica do poder porque, segundo Foucault (1979), não há a existência do “Poder”, o que existe, de fato, são relações de poder, mecanismos heterogêneos, que sofrem constantes transformações. O poder é entendido,

portanto, não como objeto, mas como prática social formada ao longo da história (FOUCAULT, 1979).

O que enfatizo com a afirmação exposta no início deste tópico é que Foucault esmiúça uma rede de micropoderes no Estado que se articula e perpassa toda uma estrutura social. Em outras palavras, objetivo analisar o poder partindo não do seu centro (Estado) e da percepção de como ele se relaciona com níveis mais baixos da sociedade (análise descendente), mas sim a partir dos micropoderes que se conectam à estrutura social para compreender como eles se relacionam com a estrutura mais geral do poder que seria o Estado (análise ascendente). Com efeito, quando esse poder passa a funcionar, provoca uma série de normalizações e saberes corretivos que se multiplicam em instituições (como escolas, prisões), fazendo surgir, por exemplo, “as chamadas ciências do homem e o homem como objeto da ciência” (FOUCAULT, 2005, p. 125).

A partir da noção de poder como relação e não como uma espécie de maquinaria localizada em determinado local, ou seja, da análise do poder que se dissemina por toda a estrutura social e a perpassa, infiro que há um sistema de poder permeado de instituições que guardam uma ligação sociopolítica entre si com base no Estado. Exemplos disso são os meios de comunicação, escolas, fábricas e o que é legítimo ou mesmo ilegítimo deles enquanto ligação habitual de suas relações.

Diferente do que as teorias filosóficas do século XVIII afirmavam, Foucault não considera o poder estritamente negativo, ou seja, os efeitos do poder não devem ser entendidos unicamente em termos negativos, com expressões como ‘ele exclui’, ele ‘reprime’, ele ‘censura’, ele ‘mascara’ (FOUCAULT, 2004). O poder realiza uma produção; ele produz, de fato, domínios de objetos e rituais de verdade. A pessoa e o conhecimento que dela se pode ter se originam nessa relação de produção (FOUCAULT, 2004).

A análise genealógica do poder de Foucault afirma que o poder produz saber, que ambos estão diretamente implicados. O poder-saber das relações deve considerar que os indivíduos que conhecem, que tem noção dos objetos a conhecer e das modalidades de conhecimento, são outros tantos efeitos de tais implicações essenciais do poder-saber e de suas transformações históricas (FOUCAULT, 2004).

Assim, acredito que a complementação dos estudos de Foucault se vale do poder disciplinar e da analítica do biopoder. A disciplina é importante para este capítulo porque é uma técnica de poder que possui relação direta com a vigilância constante dos indivíduos, levando-os a um esquadrinhamento, controlando seus corpos e docilizando-os (FOUCAULT, 2004). E

é nisso que também se pautam as formas de desproteção das juventudes, principalmente as empobrecidas e periféricas.

Nesse contexto, o conceito “esquadrinhamento” refere-se ao corpo manipulado de forma detalhada tanto em gestos como comportamentos. Quando falo de jovens esquadrinhados(as) pelas (im)políticas, compreendo que são coerções que trabalham o corpo humano “que entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (FOUCAULT, 2004, p.119), como na clássica música da banda de rock britânica Pink Floyd “Another Brick in the Wall”, em que há uma crítica ao sistema educacional esquadrinhador, que busca enrijecer os pensamentos críticos, reprimindo qualquer forma de fuga de uma norma instituída opressora.

Em relação ao biopoder, ele se trata do “conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder” (FOUCAULT, 2008a, p. 3). Em outras palavras, é um poder que se aplica à vida das pessoas, aos seus corpos, àquilo que eles e elas possuem em comum: a vida, o pertencimento a uma espécie.

Já a biopolítica (o outro polo do biopoder) remete ao controle das populações, aos novos objetos de saber que se desenvolvem “a serviço” de um novo poder, concedendo o controle da própria espécie. Dito de outro modo, a biopolítica tem como objeto a população e os fenômenos naturais vinculados a ela e tem relação com a regulação ou a própria intervenção sobre taxas de natalidade, epidemias etc (FOUCAULT, 2008a).

O que quero dizer com a ideia de biopoder de Foucault é que a população é o “novo corpo: corpo múltiplo, corpo com inúmeras cabeças, se não infinito pelo menos necessariamente numerável” (FOUCAULT, 1999b, p. 292). E para controlar esses corpos é de interesse não apenas descrevê-los e/ou quantificá-los, como já mencionado anteriormente, com as taxas de natalidade, é necessário ancorar tais descrições e quantidades, juntando-as, fazendo analogias e buscando prever seu futuro por meio do passado. Daí a ideia do poder-saber, que promove a criação de saberes a partir dessas relações de poder, como a Estatística e a Medicina Sanitária.

Há, então, o estabelecimento de dois mecanismos complementares que se articulam entre si, mas que ocupam *locus* diferentes: no contexto do corpo, o poder disciplinar; na esfera da população, o biopoder, manifestado a partir de mecanismos reguladores (FOUCAULT, 1999a). Enfim, o biopoder não é um poder individualizante, como a disciplina, mas massifica as pessoas a partir de sua realidade biológica primordial (FOUCAULT, 1999a). A anátomo-

política do corpo entrelaça-se com a biopolítica da população e, assim, a população é instrumento e objeto dessas relações de poder.

Nessa perspectiva, a disciplina do corpo e as normatizações da população são os “pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 1999a, p. 131). No que se refere ao estado, acredito que o seu foco era intervir na população por meio de fenômenos como nascimento, morte e longevidade, com o objetivo de manter o fortalecimento do próprio estado. Para efetuar de forma mais promissora esse poder, há uma visão reformulada que prima pela gerência e investimento da população por meio do corpo político.

Então, a vida deve ser investida em seu detalhe mais ínfimo e sutil para se tornar passível de gerenciamento por meio dos mecanismos de governamentalidade do Estado e, mais tarde, do mercado, como se pode constatar no curso da Collège de France, entre 1978 e 1979, intitulado Nascimento da biopolítica de Foucault. Nesse momento surgem outras circunstâncias de governo da vida que objetivam não mais o fortalecimento do Estado, mas sim o desenvolvimento e o fortalecimento do mercado (SCISLESKI; CAETANO; GALEANO, 2015), e a ideia de condição de estado moderno burguês que prima pela proteção do mercado, do patrimônio e do lucro é retomada.

Haverá, agora, um aprofundamento da discussão a partir de Giorgio Agamben (2010), que, diferente de Foucault, aponta as estratégias políticas em direção a medidas não de vida, e sim de morte, de desproteção e de abandono, mesmo nas diretrizes processuais que se configuram mecanismos de defesa da vida, como o ECA.

3.1.2. A exceção

O estado de exceção advém de um processo de decisão soberano, que age suspendendo a norma para concretizar a normatização de ações da vida, garantindo, assim, a estruturação normal das relações de vida (SCHMITT, 2004). Isso significa que a norma não pode, de nenhuma forma, ser aplicada à anormalidade. Contudo, Agamben (2010) acrescenta um viés que o diferencia de Schmitt, ao sugerir o surgimento de algo “[...] que concerne à natureza mais íntima da lei” (AGAMBEN, 2010, p. 32): a relação de exceção, neste caso, seria aquela que “[...] exprime a estrutura originária da relação jurídica” (AGAMBEN, 2010, p. 26).

A relação de exceção não se restringe a disposições topológicas entre norma e exceção, a uma simples exclusão – o excluído é incluído, por meio da própria exclusão. Agamben (2010) estabelece o paradoxo da soberania, em que o soberano está dentro e fora do ordenamento jurídico, – dentro, uma vez que é ele que funda o ordenamento e fora, pois não se submete a ele – e é o soberano quem decide sobre a aplicação ou não da lei. É possível inferir

que a relação de exclusão e inclusão pode ser vinculada à vida, pois a exclusão remete a algo que está sendo excluído do ordenamento normal, mas que ainda mantém relação com a norma, desenvolvendo assim uma “zona de indistinção”.

Não é a exceção que se subtrai à regra, mas sim a regra que é suspensa, dando lugar à exceção que, dessa maneira, constitui-se como regra, mantendo-se em relação com aquela. Nesse caso, o específico “vigor” da lei consiste na sua capacidade de manutenção em relação à exterioridade. Em outras palavras, denomina-se relação de exceção justamente essa forma extrema de relação que passa a incluir algo ou alguém unicamente por meio de sua exclusão (AGAMBEN, 2010).

Alguns exemplos - para ilustrar de forma mais palpável o estado de exceção - são o tratamento que muitos policiais dão aos presos e presas, como a tortura, agressão física e/ou psicológica. Além disso, podemos citar o caso de Sandro, figura central do incidente com o ônibus 174 no Rio de Janeiro, no ano 2000, que foi morto por asfixia por policiais¹¹. Cito uma poesia de Bicha Poética chamada de “Contraindicação”, que aborda artisticamente o caos do tratamento policial e do próprio estado para com pessoas negras e empobrecidas:

*[...] Eu penso só no menino que joga bola no oitão
Corpo cheio de melanina é muita sopa, né não?
O preto é alvo da peste
Pare de alienação
Com esse discurso fascista de armar a população
É sangue de preto na pista
Não tem pra abolição
Pois aboliram a minha pele
Mas não a educação
[...] É suspiro e desespero
Pressinto o meu corpo inteiro
Em constante ameaça
Eu tô dormindo de olho aberto
Pra não virar caça [...]*

A situação fica mais clara quando visualizada pela perspectiva de *zoé* e *bíos* de Agamben (2010). Os gregos se utilizavam desses dois termos para se referirem à vida. O *zoé* diz respeito ao viver, comum a todos os seres vivos - deuses, homens ou animais; já a *bíos* é a maneira de viver própria de um grupo ou de um indivíduo (AGAMBEN, 2010). Dessa forma, *zoé* referia-se à vida orgânica ou animal e *bíos* à vida qualificada de cidadão e de valor político.

Com a fundação da Cidade ou Estado, ocorreu uma exclusão inclusiva da *zoé* na pólis. Isso significa que ao se tentar excluir a *zoé* (vida natural, orgânica, animal, *vitae lupus*) do âmbito político, acabou-se por politizá-la. Entretanto, a inclusão da *zoé* na Cidade, ou melhor, a politização da vida natural, acabou por produzir a vida nua, aquela virtualmente matável. Excluiu-se a *zoé* e, automaticamente, produziu-se vida nua no interior da pólis, como princípio jurídico-político originário. Dito de outro modo, excluiu-se a violência de todos contra todos (homo *hominis lupus*) do estado de

¹¹ Disponível em: <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/onibus-174-e-sequestrado-no-rio-de-janeiro>.

natureza (*zoé*) e, conseqüentemente, acabou-se por incluir essa mesma violência na figura da violência soberana (*ius contra omnes*), à qual todos os portadores da vida nua estão permanentemente expostos pelo poder soberano (MARTINS, 2015, p. 188).

Essa vida nua era representada pelo *homo sacer*, que não poderia ser sacrificado para os deuses e que, se viesse a ser morto, seu assassino não receberia nenhuma punição (AGAMBEN, 2010). Assim sendo, é uma vida matável e insacrificável, que se torna interessante para refletir com Agamben sobre o que ele chama de tanatopolítica, uma das técnicas políticas de produção de morte (AGAMBEN, 2004).

Aproximo esse conceito da perspectiva das juventudes periféricas, tendo em vista que para governar a vida das pessoas é preciso que esses indivíduos estejam dentro da normatização e que a exceção configura-se como um mecanismo manifestado a partir da inserção de jovens outrora banidos, de maneira que possam ser incluídos posteriormente às formas de exclusão. É por conta dessa perspectiva de exceção e de indivíduo matável que faz-se necessária a discussão sobre as juventudes periféricas e as (im)políticas.

3.2. Juventudes periféricas e (im)políticas: a perspectiva ideal dos matáveis e a bio-necropolítica

Antes de adentrar o assunto do tópico, é relevante esclarecer que o periférico aqui discutido diz respeito àquilo que está à margem do centro, mas que, mesmo em uma condição de distanciamento, não se encontra alheio ao centro nem exterior a ele. Com isso em mente, passo a falar sobre a categoria de juventudes periféricas, fornecendo exemplo de jovens em conflito com a lei e sujeitos a medidas de restrição de liberdade. Muitos deles têm baixo grau de escolaridade, vivem em situação insalubre ou de pobreza econômica, além de abandono familiar (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2012). Imersos em um cenário de exclusão, muitos desses jovens são categorizados como indivíduos em conflito com a lei e é a partir dessa categoria que são visíveis socialmente (SCISLESKI, 2010).

Ao refletir sobre essa constatação, posso inferir que as vidas desses e dessas jovens estão marcadas pelo abandono e não pela proteção, uma vez que o ECA não possui efetividade na prática. No estado da Bahia, segundo a Fundação da Criança e do Adolescente da Bahia – FUNDAC, 29,2% dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação retornam à delinquência (MENDES, 2015). Já no Distrito Federal, segundo o Tribunal de Justiça do Estado (DISTRITO FEDERAL, 2015) o número é de 53,4%.

Na prática, a lei do ECA é suspensa e o que vigora é a exceção, isto é, a práxis com força-de-lei que abandona à morte essa categoria social (AGAMBEN, 2004) e o mecanismo pelo qual as vidas desses jovens são fígadas é o próprio ato infracional.

Isto é, é pela via da infração que esses sujeitos serão entendidos como “sujeitos de direitos”, ingressando a ter acesso a diversos serviços sociais que até então não tinham (escola, atendimento em saúde, assistência, etc.), contudo esse acesso se justifica, justamente, pelo delito cometido. Além de que, [...] esse “acesso” é precarizado, pois mesmo durante o cumprimento de medidas socioeducativas de internação esses jovens seguem tendo seus direitos violados (alojamentos insalubres, medicação inadequada, não elaboração do Plano Individual de Atendimento, etc.) (SCISLESKI; CAETANO; GALEANO, 2015, p. 171).

Força-de-lei é um conceito que diz respeito às ações que visam o abandono das pessoas, expondo-as a contextos de morte, morte física, mas também sujeição a ambientes insalubres, o apagamento político do ser, a dita invisibilidade social (SCISLESKI et al. 2012). Exemplo dessa força é o uso de algemas em jovens, que ainda é bastante comum no meio policial apesar da proibição por lei. Outro exemplo é o fato de que ao invés de serem direcionados à Delegacia da Criança e do Adolescente (DECA), como determina o ECA, jovens são encaminhados, muitas vezes, às delegacias comuns; sem falar nas próprias violações do ECA praticadas nas medidas socioeducativas de regime fechado em relação às condições a que essas pessoas são submetidos, com ambientes insalubres, agressões físicas etc (SCISLESKI; CAETANO; GALEANO, 2015).

E não são somente jovens em conflito com a lei que estão expostos a essas condições, pois qualquer jovem de periferia também pode ser atingido pela força de exceção. Juventudes empobrecidas muitas vezes são rotuladas como perigos iminentes, com potenciais violentos e recebem um “cuidado” para que não incomodem a normatização social, como foi discutido no capítulo anterior. Jessé Souza (2009), em sua obra *Ralé Brasileira*, discute em alguns capítulos como “O crente e o delinquente” ou “O trabalho que (in)dignifica o homem” sobre a ideia de que há uma linha tênue para os pobres da ralé - como o autor os denomina em tom provocativo - entre a delinquência e a honestidade. Nesse caso, dois membros dessa classe (o delinquente e o honesto) podem ser confundidos a todo o momento, dando a ideia de que essa classe é homogênea.

Segundo Soares (2003), a sociedade brasileira torna invisíveis as juventudes empobrecidas e negras, que podem tentar “compensar” essa carência por meio do tráfico de drogas, entendendo-o como alternativa potencial para suprir a fome de existência. Tal “fome” por um reconhecimento social que muitos desses jovens não encontram de forma lícita faz com que recorram ao tráfico, uma vez que, além de fornecer visibilidade, ele também dá poder e acesso a bens de consumo – bens socialmente valorizados e divulgados de forma ostensiva pela mídia e pela sociedade de consumo.

Em meio a esse contexto, é necessário falar sobre outro conceito de Agamben, denominado *campo*. Segundo o autor, ele é “[...] hoje o paradigma biopolítico do Ocidente”

(AGMABEN, 2010, p. 176), um estado de exceção permanente. Estabelece-se então um paradigma que se transforma diariamente e age de forma ambulante, instaurando ele mesmo uma localização deslocante, que pode surgir em inúmeros lugares, sempre que for conveniente.

O termo “campo” relaciona-se ao estado de exceção: quando ele se confunde com as regras e permanece no tempo surge o campo, que nada mais é que o estado de exceção desejado ou permanente, o espaço absoluto de exceção (AGAMBEN, 2010). Esses são os elementos necessários para entender, de fato, o ordenamento jurídico que se instaura e se perpetua cada vez mais com a prática de abandono de vida na política nacional que se constitui como uma biopolítica, ou melhor, uma tanatopolítica, carregando mecanismos invisíveis de extermínio das juventudes periféricas a partir de práticas de controle social cotidiano.

Dessa forma, em Foucault tem-se a ideia do “fazer viver e deixar morrer”, que produz o viver às pessoas para que possam adentrar a maquinaria capitalista e gerar lucro, e deixa morrer aqueles e aquelas que não conseguem se adequar, dentro das relações de poder, a essa empreitada do capitalismo. Já Agamben estabelece o “fazer morrer e deixar viver”, no qual determinadas pessoas e grupos sociais são excluídos e mortos da sociedade. Ele leva em consideração o contexto do Holocausto, mas quando se pensa sobre o Brasil, por exemplo, percebe-se que o país “nasceu” em um estado de exceção. Explicarei melhor esta afirmação no próximo tópico em que destacarei a teoria de Mbembe e seus estudos decoloniais.

3.3. A bio-necropolítica e o crime perfeito brasileiro

Quero desenvolver uma discussão que segue a linha da compreensão de Foucault e Agamben, mas traz à tona outra ideia, mais ampla, que é o “fazer morrer e deixar morrer” a partir do autor camaronês Achille Mbembe (2018). Ele empreende importantes discussões para analisar processos atuais no Brasil que carregam características de colonialidade, especificamente traços de ações escravocratas e do sistema de *plantation* presentes nas relações sociorraciais brasileiras.

Uma das primeiras coisas a esclarecer é uma reconfiguração de visão acerca da constituição social brasileira: ela não foi necessariamente um lugar histórico pautado no encontro de privilégios, mas na morte. Explico melhor: para Mbembe, há uma junção entre diagramas do poder (soberania-disciplina-biopoder-biopolítica-necropolítica), culminando numa bio-necropolítica que destaca os desafios atuais para “se pensar a emergência e pulverização microcapilares das relações e mecanismos de poder, principalmente em contextos sociais advindos dos processos de colonização e onde os elementos de colonialidade ainda são fortes” (LIMA, 2018, p. 22).

Nestes ambientes, a vida (a bios) não foi estritamente um espaço em que as redes de poder encontraram contextos de privilégio, mas sim de morte e a possibilidade do matável constituir-se como centro organizador das relações sociais. Parto da prerrogativa de Mbembe de que “A guerra, não constitui apenas um meio para obter a soberania, mas também um modo de exercer o direito de matar” (MBEMBE, 2017, p. 108). Em outras palavras, o autor amplia a visão acerca dos diagramas de poder “biopoder/biopolítica”, pondo em questão o pensar sobre a vida e a morte em ambientes coloniais e neocoloniais. Além disso, traz a compreensão da necropolítica (política da morte) como episteme e metodologia de reflexão para pensar os processos atuais brasileiros, latino-americanos e caribenhos que carregam, transformam e atualizam constantemente a colonialidade, como os traços dos desenvolvimentos escravocratas e dos sistemas de *plantation*, marcadores dispostos nas relações sociorraciais (LIMA, 2018).

O que afirmo com esses pressupostos é que é imprescindível um olhar apurado para um viés racial, principalmente quando se parte da constituição social brasileira, em que o “devir negro” está permeado pela precarização da vida. Isso inclui não apenas as populações negras brasileiras, mas também as não negras empobrecidas e cada vez mais precarizadas.

A bio-necropolítica é, então, um analisador, principalmente quando se reflete sobre a democracia e o desenvolvimento de uma vida em ambientes brasileiros, pois a constituição de uma gramática sociorracial se sustentou por bastante tempo no “mito da democracia racial” e na “cordialidade” (LIMA, 2018). Daí vem a ideia de o racismo brasileiro ser um crime perfeito. Primeiro, porque ele é um racismo não assumido, velado, não-dito, que é fincado nos ideais citados logo acima. Segundo, é um racismo que exclui e mata, e a morte não se resume apenas a uma morte física, mas também uma morte-em-vida, em que se mata não só a consciência da vítima como também da população em torno da questão do racismo (DANTAS; FERREIRA; VERAS, 2017).

A necropolítica de Mbembe traz à tona uma política da morte em que ser soberano é desenvolver controle sobre a mortalidade, estabelecendo o viver como manifestação de poder. Dito de outra maneira, ser soberano é escolher quem deve morrer, quem é descartável, quem, de fato, não importa socialmente (MBEMBE, 2018). Reconfigurando as ideias de Foucault quando fala de “Biopoder/Biopolítica” e ampliando a visão acerca das conceituações de “Estado de Exceção” de Agamben, Mbembe manifesta a junção entre “poder disciplinar”, “bio” e “necro” como uma tecnologia de produção e gestão da morte (MBEMBE, 2018).

A minha pretensão ao analisar a ideia de necropolítica de Mbembe e a consolidação da bio-necropolítica que Fátima Lima (2018) descreve em seu artigo *Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe* é evidenciar dados atuais que apontam, a

nível nacional, a morte de população específica advinda das reconfigurações de racismo presentes desde a Era Colonial. Além disso, pretendo elencar a ideia de “Nordestinação de homicídios” (BENICIO et al, 2018) por considerar esta configuração importante, haja vista que a minha pesquisa tem como centro um dos estados mais violentos da Região Nordeste. Em síntese, o crime perfeito brasileiro nada mais é do que uma política centrada na construção social brasileira pautada na morte e não em privilégios.

Segundo o Atlas da Violência (2018) publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a quantidade de homicídios no ano de 2016 foi de 65.517. Destacando o recorte racial, a taxa de homicídios de negros chega a 40,2% e de não negros a 16,0%, ou seja, a taxa de homicídios de pessoas negras é quase três vezes maior quando comparada com a de não negras. O 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública ressalta que 99,3% de pessoas assassinadas em 2016 eram do gênero masculino, das quais 81,8% tinham entre 12 e 29 anos e 76,2% eram negras (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2018).

Ao pôr em pauta a questão da “Nordestinação de Homicídios”, destaco, especialmente, a questão do acentuado índice de morte de juventudes pobres e negras. Borges de Melo e Cano (2017) mostraram, em pesquisa sobre homicídios no Brasil, que dos nove estados com maiores Índices de Homicídios na Adolescência (IHA), oito estão concentrados na Região Nordeste. Além disso, vale destacar que o Ceará é o estado com maior IHA e Fortaleza, sua capital, tem o maior índice entre as capitais do país. O que se pode perceber é que pessoas negras são as que mais morrem e o Ceará é o estado que mais mata.

O que objetivei com todo esse panorama numérico foi ratificar o que já vem sendo debatido desde o segundo capítulo desta pesquisa, com a revisão integrativa e seus achados. As representações sociais sobre pessoas negras, principalmente as juventudes empobrecidas, são perpassadas por manifestações de extermínio. Não me refiro unicamente ao extermínio físico, do confronto policial entre polícia e população civil, mas à morte-em-vida. Assim como o escravizado de outrora, hoje os escravizados a partir do racismo duplo (o crime perfeito) são “mantidos vivos”, mas, diversas vezes, em “estado de injúria”, em “estado de morte”, em que passam a vivenciar um espectro de horrores e crueldade. Isso é manifestado nas próprias políticas públicas, que almejam a desproteção, a vigília, o descompromisso com a garantia de direitos mesmo que eles sejam instituídos por lei. A lei que vale é a lei do estado de exceção.

A política de morte perpetrada pelas práticas policiais do Brasil, exemplificada pela truculência desnecessária da polícia na 18ª edição do Slam da Quentura, potencializa a paisagem da necropolítica atual em pauta, principalmente, nas periferias brasileiras. A bio-

necropolítica dispõe, então, de tecnologias que atuam como formas de colapso não apenas nas periferias, mas também nas pessoas periféricas: negras e empobrecidas. Isso acaba por bloquear, muitas vezes, uma transição de autonomia, de conscientização crítica, impondo a ordem e o controle à força, o racismo perpetuado nas micropolíticas de relações estabelecidas através de dispositivos de poder (escolas, presídios, família) e manifestadas também por políticas públicas que não são efetivadas por completo (no caso do ECA), e, quando são, primam por práticas que focam no desamparo, abandono e vigilância.

Apresento, agora, mais uma pessoa que faz parte do Slam da Quentura como slammer e membra da organização dos slams em Sobral (Slam da Quentura, Slam das Cumadi), Rivânia Nascimento, 22 anos, conhecida como Reh. A entrevista com ela se deu no próprio momento em que o Slam da Quentura estava acontecendo, durante a batalha de MCs. Foi uma experiência interessante, mas que deixou a desejar por conta do barulho que desconcentrou a entrevistada. Como foi a minha primeira vivência como entrevistador no local em que ocorria o Slam, pensei em descartar esta entrevista pelo problema do barulho e desconcentração, mas percebi que mesmo diante dessas condições era importante trazer esse diálogo. Houve constatações relevantes que apresentarei agora.

Reh, como gosta de ser chamada, é adotada, o que ela afirma logo no início da entrevista. Hoje, segundo ela, compreende que ser adotada faz parte de sua história, mas antes de chegar a essa percepção de vida passou por muitos problemas de aceitação.

[...] Desde quando eu me entendo por gente, eu sei que eu sou adotada e... eu falo abertamente sobre isso... Só que... no começo isso me deixava muito retraída... eu tinha problemas com isso... é o que faz parte da minha história: eu ser adotada. Aí, eu ouvia muitas críticas. Só que eu fui crescendo... desde sempre eu entendi que eu era assim... e eu gostava, porque eu agradei minha família, né... minha mãe, principalmente. E...eu fui crescendo, fui abrindo mais a minha cabeça [...].

De acordo com seu relato, ela passou por questões relacionadas à depressão, automutilação e encontrou nas artes um espaço para poder falar aquilo que sente, aquilo que deseja:

[...] Eu me identifico mais com arte, me comunicar com as pessoas... apesar de antes eu ser bem fechada. Já passei, também, por depressão, de me cortar e tal... muitas paradas. Só que hoje, até o poema que eu recitei, me fez ser o que eu sou hoje. E... hoje, eu me considero artista. Tudo que é movimento eu tô querendo vir entrar, só pra acrescentar e, também, fazer parte de experiências e somar [...].

Reh se reconhece hoje como artista, slammer e se apresenta constantemente no Slam da Quentura bem como no Slam das Cumadi, que é um movimento voltado para mulheres e organizado por mulheres em Sobral, no qual elas se encontram uma vez por mês, assim como no Slam da Quentura, para uma disputa poética.

Outro momento da entrevista com Reh também merece destaque. Quando perguntada sobre como conheceu o Slam:

Cara, o meu contato com o Slam da Quentura foi assim que surgiu. Veio a ideia, o PH veio, aí não sei se foi coincidentemente, ou se foi marcada uma reunião, eu não me lembro. Aí ele pegou e deu a ideia: “gente, olha, eu tô com uma proposta pra vocês de uma... de uma disputa de poesias” [...] Aí o PH chegou com essa ideia que era... foi o primeiro Slam do Ceará, não tinha nenhum até então. Daí eu fui e fiquei “gente, e aí vamos nos unir, vamos fazer essa força e tal... aí vamos”. Marcou todo mundo. Só que aí, infelizmente, o primeiro Slam eu não pude... não pude comparecer, porque aconteceu coisas... fui presa e tal [...].

O primeiro Slam da Quentura ocorreu em agosto de 2017, já na praça do FB. Reh foi presa e, por isso, não pôde participar. Ela relatou a truculência do estado de exceção que fez com ela fosse espancada por policiais homens, com “direito” a saca na cabeça, e passasse 10 dias presa: “Fiquei dez dias ainda. Só que, também, eu falo, foi pra minha experiência... Foi tipo, agressão mesmo, de... absurdo. Não precisava de tanto. Tipo, saca na cabeça. Só apanhar pra homem já acho que é um absurdo. Enfim, aí eu não pude comparecer. Aí deu certo, eu consegui sair”.

Segundo Orlandi (2009), todas as artimanhas de funcionamento discursivo estão relacionadas às formações imaginárias que permitem ao sujeito físico realizar projeções que fazem com que a pessoa passe das situações empíricas para contextos de sujeitos no discurso. Nesse trecho da entrevista Reh vivenciou essa opressão, nesse caso a formação imaginária na relação do que está sendo dito condiz com o ambiente de quem diz. A constatação opressiva sentida na pele por Reh escancara mais uma evidência da bio-necropolítica que atua nos corpos empobrecidos, negros, periféricos, buscando a todo custo exterminar e estabelecer formas de vigília, desproteção e opressão.

São relatos de uma jovem de 22 anos que aos 20 foi presa e passou por todo um processo de injúria, morte-em-vida. Além, claro, do machismo, do patriarcalismo e da violação de direitos, em que homens protegidos pela égide policial que, como vimos, não foi mudada mesmo com o processo de redemocratização, espancaram-na e humilharam-na. Como diz Foucault (2004), a polícia é a materialização do poder disciplinar mais forte.

Mbembe declara que “[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2017, p. 5). Eis um exemplo soberano que maximiza as práticas de morte, e, novamente, não me refiro apenas à morte física. As marcas deixadas pela truculência policial em Reh podem ter consequências terríveis, como traumas e medos que passam a minar o dia a dia da vítima que sofreu opressões viscerais.

Preferi não aprofundar essa vivência de Reh, pois acredito haver uma linha tênue entre entrevistar, dialogar e ser invasivo. Permiti que ela falasse até o ponto que quisesse e se, por ventura, o assunto de sua prisão viesse à tona novamente poderia conversar mais sobre esse momento de sua vida.

Após o relato apresentado e toda a construção deste capítulo, é imprescindível se questionar: como viver sendo empobrecido(a), negro(a) e jovem em um Brasil moderno pautado em uma política da morte? Vou além, como se livrar das ideias eurocêntricas, colonizadas, incutidas na população brasileira desde a fatídica e genocida invasão chamada romanticamente de “descobrimto do Brasil” e que nos impede de conhecermos a nós mesmos(as) na relação com os(as) outros(as)?

Não restam dúvidas de que a forma como as colônias se organizaram na chamada Era Colonial brasileira possibilitou o desenvolvimento de mecanismos opressivos através dos quais esses ambientes eram considerados fronteiras, povoados por selvagens que estavam abaixo da ordem estatal, construindo um espaço de terror (LIMA, 2018). Hoje, isso é vivenciado de forma reconfigurada nas favelas e nas periferias.

Nenhuma revisão histórica do crescimento do terror moderno poderá omitir a escravatura, entendida como um dos primeiros exemplos de experiência biopolítica. Em muitos aspectos a própria estrutura do sistema de plantation (plantações) e de suas consequências revela a figura emblemática e paradoxal do Estado de Exceção (MBEMBE, 2017, p. 27).

Em outras palavras, a sociedade brasileira se constituiu desde o princípio uma zona de exceção, ou seja, a exceção está em nossos mais íntimos processos vivenciais e suas consequências modelam, com frequência, os discursos e reatualizam, por meio de uma metamorfose, traços de colonialidade (LIMA, 2017). Essas ações suspendem o que, de fato, seria um verdadeiro processo de democracia, levando em consideração, em específico, contextos que se moldam sob o mito da democracia racial.

Figura VIII - Reh recitando na 21ª edição do Slam da Quentura.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

Ressalto que, ao afirmar que a construção nacional foi instituída por meio de uma exceção, quero evidenciar o contexto em que a soberania se exerce, atuando na prática de um poder à margem da lei (*ab legibus solutus*), no qual a paz passa a se configurar como uma guerra sem fim (MBEMBE, 2018) orquestrada pelo Estado.

As guerras se revelaram de formas atuais e se repetem microcapilarmente em distintos cenários brasileiros. Não obstante, o poder bio-necropolítico se escancara no sistema carcerário e nas favelas em dados alarmantes de genocídio da população negra e empobrecida, cuja maioria é jovem e masculina, e em inúmeros outros lugares.

A crítica que um grupo de rap nacional, os Racionais MCs, faz sobre essa bio-necropolítica é importante para refletir sobre como, dos anos de 1990 à atualidade, o extermínio das juventudes periféricas, da população empobrecida e negra, e a invisibilidade dessa classe apenas cresceu e se remodelou, culminando ainda mais em um crime perfeito brasileiro.

60 por cento dos jovens de periferia sem antecedentes criminais
 Já sofreram violência policial
 A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras
 Nas universidades brasileiras
 Apenas 2 por cento dos alunos são negros
 A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo

O trecho acima é a introdução da música “Capítulo 4, Versículo 3”, falada por Primo Preto, que é, como ele mesmo diz na música: “mais um sobrevivente”. Essa poesia em forma de rap é um recorte da vivência dos integrantes do grupo na grande São Paulo, que nos anos de 1990 passava por um processo complexo de empobrecimento. A arte musical citada

representa um grito de resistência e de movimento cultural que manifesta dor, mas também luta por dias melhores.

Voltando às políticas públicas direcionadas às juventudes periféricas, elas são, muitas vezes, políticas compensatórias, pautadas em logísticas privadas e segregacionistas, que se apresentam de diferentes maneiras, como a higienização de ambientes públicos por meio do afastamento dos loucos, infratores, delinquentes, enfim, de todos aqueles e aquelas consideradas “sem solução”, que não cabem na organização socioeconômica em vigor nem como consumidores(as) nem como trabalhadores(as) e prestadores(as) de serviço (BERTASO; LAVRADOR, 2015).

Neste capítulo almejei promover, enfim, uma reflexão acerca das formas de governo que são formuladas e praticadas como modos de assujeitamento de um contingente populacional incessantemente morto, esquadrinhado, excluído. As tecnologias bio-necropolíticas do “deixar morrer” e do “fazer morrer” foram postas em pauta durante a escrita das seções com o molde prático: o extermínio da vida e a produção da morte.

E, claro, se existe a produção da morte não mais se deve falar de um governo que age em uma biopolítica (FOUCAULT, 2008b), mas em uma tanatopolítica (AGAMBEN, 2004). E para além disso, se existe tanto uma produção de morte como um extermínio da vida, chamo aqui de bio-necropolítica (LIMA, 2018; MBEMBE, 2018). Deixo ainda um questionamento de alerta que objetiva a reflexão: é interessante deixar jovens morrerem em meio ao discurso falacioso do “politicamente correto”¹² sob a égide de protegê-los? A quem serve esse “fazer morrer” e “deixar morrer”?

Pensando nisso e em como se manifestam as reações deste contingente populacional menos favorecido é que se progride para a discussão sobre as manifestações pulsantes de vida e sobre como a arte periférica, através das Batalhas de MCs, Disputas Poéticas e Palco Aberto, que são atividades produzidas no Slam da Quentura, está atrelada a uma potência do viver.

4. POTÊNCIAS DE VIDA E A PRÁXIS DO SLAM DA QUENTURA: “RESISTIR PARA EXISTIR”

Partindo de um suporte da práxis freiriana mais apurado neste capítulo, é imprescindível analisar de forma sucinta uma pesquisa da qual fiz parte como forma de introduzir alguns conceitos que serão utilizados aqui. A pesquisa foi fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e realizada por uma equipe

¹² Termo usado aqui como forma de controle, de relações de poder, estas camufladas em prol de uma ideia falaciosa de busca por igualdade social.

(professores e estudantes) do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará/Campus de Sobral, com o objetivo de compreender, através da Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici (2003) e Jodelet (2001), como os projetos de vida de jovens beneficiados pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC se conjugam com os objetivos dele.

O título da pesquisa foi “Representações Sociais de Projetos de Vida de alunos do PRONATEC: um estudo comparativo com os objetivos do programa” e o público informante composto por jovens que usufruíram de cursos do programa ou ainda estão cursando o PRONATEC, em Sobral – CE e nas redondezas. Neste caso, foram realizados treze entrevistas semiestruturadas e um grupo focal.

O conhecimento técnico dessa política “busca aumentar as oportunidades educacionais e no que tange à formação profissional qualificada dos(as) jovens, trabalhadores e beneficiários de programas de transferência de renda”, inserindo-os(as) no mercado de trabalho. Fica evidente, ao longo da pesquisa, que a política em questão não potencializa as oportunidades educacionais ou profissionais para as juventudes na prática. O que foi demonstrado pelos informantes é que o programa oferece cursos direcionados para suprir um mercado já estagnado, que não acolhe essas juventudes, além de cursos que não condizem com os desejos delas (SILVA NETO; ALVES, 2017). Em outras palavras, as escolhas são pré-determinadas pela lógica do capital e quando há uma “oportunidade” de trabalho nesse mundo competitivo, as propostas de emprego são atravessadas por um esquadramento típico de muitas políticas compensatórias.

É preciso deixar claro que critico esse tipo de política social, muito utilizado por governantes no Brasil, mas não posso deixar de ressaltar que algumas delas, como o Programa Bolsa Família, são o amparo, ou mesmo o reparo, quase único de que uma grande parcela da população empobrecida dispõe. Dito de outro modo, o que desejo problematizar diz respeito às políticas para jovens, por exemplo, o fato de elas não condizerem com os desejos das juventudes e não promoverem potenciais de vida, mas sim seus esquadramentos.

É o que Foucault (2004) denomina anatomia política ou mecânica do poder, que busca a dominação do corpo para que ele aja da maneira que o poder político precisa. Para além de uma anatomia, existe uma tanatopolítica, que se manifesta a partir do princípio da exceção, este, segundo Agamben (2010). Há uma continuação de estudos nesta perspectiva, em que Fátima Lima (2028) adentra a visão de uma bio-necropolítica, fazendo uma análise aproximativa entre Foucault e Mbembe. Essa tecnologia que age nas relações de poder atua nas dinâmicas de morte, uma política soberana que age matando públicos específicos (pessoas

negras, empobrecidas, periféricas). A partir dessa ideia, afirmo que a referida morte não é apenas o falecimento físico, mas também as diversas formas de exclusão e desigualdades, as políticas públicas de desamparo, ou mesmo unicamente compensatórias, que potencializam as hierarquias governamentais e rejeitam os desejos das juventudes, buscando a todo custo uma docilização dos corpos, passivos.

Ao discutir as propostas do PRONATEC para jovens é importante notar que os cursos são escolhidos para eles e elas, não são elas e/ou eles que escolhem os cursos de acordo com seus desejos, apenas adentram essa maquinaria, pois, muitas vezes, foi o que “restou” entre as poucas escolhas dispostas. Essas formas disciplinares impõem um ritmo, manifestam um tempo e obrigam o corpo, a todo custo, a adaptar-se incessantemente às novas técnicas, justificando a imposição sob o nome de progresso.

E eis que respondo à pergunta norteadora do capítulo passado: não se pode deixar a perspectiva “progressista”, com ideias de proteção e “politicamente corretas”, ser imputada nos imaginários políticos da população, uma vez que essa falácia esquadrinha de tal forma que tem como consequência a docilização dos corpos em atos, em maneiras de agir, pensar e ser. O que se deve visar são políticas públicas que abranjam potenciais de vida.

4.1. As potências de vida

Abordo, agora, a perspectiva de poder, mais especificamente que está ao lado dessas relações de poder: potência. Em outras palavras, exponho dialeticamente que, ao lado de formas de dominação, existe também a insubordinação. Mesmo em condições de exploração, exclusão e desigualdades há processos subversivos (PELBART, 2003). Afirmo, dessa maneira, que nas periferias das grandes e médias capitais, nas zonas rurais e urbanas empobrecidas, há potências pulsantes, manifestadas, trocadas e dialogadas nas relações cotidianamente. Um exemplo concreto dessas práxis trago aqui de forma provocativa como “tráfico poético”¹³. A poesia traficada nas conhecidas quebradas sobralenses perpassa as periferias e chega aos mais diversos espaços, seja compartilhada nas redes sociais ou exposta e declamada em eventos das universidades da região, nos espaços centrais da cidade de Sobral.

O que destaco aqui, levando em consideração, principalmente, os ideais de Pelbart (2003) em sua obra *Vida Capital: ensaios de biopolítica*, é a potência de vida.

¹³ A palavra “tráfico” tem uma história de ilegalidade e crueldade. É resultado de relações racistas, mas aqui será usada na contramão da história. Assim como o termo “marginal”, são expressões com uma nova roupagem, que manifesta formas de resistência e reconfiguração linguística simbólica. Dessa forma, “tráfico poético” é usado como maneira de manifestar a práxis marginal de conhecimento através de poesias.

Aquém da divisão corpo/mente, individual/coletivo, humano/inumano, a vida ao mesmo tempo se pulveriza e se hibridiza, se dissemina e se alastra, se moleculariza e se totaliza. E, ao descolar-se de sua acepção predominantemente biológica, ganha uma amplitude inesperada e passa a ser definida como poder de afetar e ser afetado, na mais pura herança espinosana. Daí a inversão, em parte inspirada em Deleuze, do sentido do termo forjado por Foucault: biopolítica não mais como o poder sobre a vida, mas como a potência da vida (PELBART, 2003, p. 23).

Essa proposta é uma estratégia interessante para refletir sobre as reconfigurações de políticas públicas, para compreender as possibilidades de interação que devem ir além das formalidades de fóruns e reuniões acerca de possíveis medidas a serem tomadas para os jovens. Deve-se pôr em prática a resistência à lógica imposta que apresentei até aqui, que manifesta o poder sobre o corpo e impõe uma soberania, atuando com o poder sobre a morte, acoplando mecanismos sutis de racismo, preconceitos e formas de morte-em-vida sobre juventudes empobrecidas e negras, logo, matáveis, seguindo a lógica bio-necropolítica.

Nesse contexto, trago a ideia de arte subversiva, o tráfico poético como os letramentos de reexistência (levando em consideração o que percebi de forma intensa quando estava em campo, no Slam da Quentura, com o lema: “resistir para existir”). Ancoro-me no olhar de Deleuze (2010) a respeito do papel da arte, que se assemelha ao que Pelbart (2003) declara sobre potências de vida: maneiras, ações específicas que resultam em novas formas de subjetividade, produzindo rotas de fuga, direta e indiretamente responsáveis por subverter as prerrogativas da normatividade dos dispositivos.

Considero também o que Oswaldo Giacoia Júnior (2005) e Nietzsche (2005) afirmam sobre “espírito livre” e o que Axel Honneth (2003) assevera sobre a “luta por reconhecimento”, que perpassa até chegar a uma “cidadania ativa” (DEMO, 1996), traçando um “lugar de fala” bem delimitado (RIBEIRO, 2019). Com isso em mente, adentro o conceito de Giacoia Júnior e Nietzsche sobre ser um espírito livre. Nietzsche, na obra *Além do bem e do mal* estabelece que todo homem que consegue se libertar das amarras do pensamento de “rebanho” e consegue expressar sua subjetividade é um espírito livre (NIETZSCHE, 2005). Giacoia (2005), por sua vez, afirma que Nietzsche possui uma visão de uma nova configuração de pessoa, com capacidade de “tomar o martelo e o cinzel para esculpir a figura do futuro humano na história” (p. 51), o que é uma forte indicação de emancipação em meio à modernidade.

Levando isso em consideração, acredito que potências de vida são escapes de normativas impostas socialmente, que, por meio de práxis subversivas, resistem a um sistema de exceção potencializador da morte. Quando Nietzsche descreve o espírito livre, ele destaca o papel do homem; nessa pesquisa, destacarei a práxis das pessoas, incluindo todas as identidades

de gênero e orientações sexuais. Dessa forma, remeto-me às ideias de potencialidades, principalmente quando exponho uma arte, uma específica, chamada poesia marginal, que é praticada não só por homens, mas também por mulheres, gays, lésbicas, travestis, não-binários. São inúmeras maneiras de estar e ser no mundo, primordiais para o campo científico, acadêmico e da própria língua portuguesa no sentido de haver ações de transformação que possam abarcar todas essas representações e lugares de fala.

Seguindo essas perspectivas, apresento, nesse momento, mais uma pessoa entrevistada. Layze Barbosa Martins Farias, 23 anos, slammer e poetiza marginal, participa da organização do Slam das Cumadi e, assim como Bicha Poética, Diego e Fran, faz parte do Coletivo Fora da Métrica, formado pelas juventudes que se inserem em atividades e movimentos como os dos slams: Slam da Quentura, Slam das Cumadi e, mais recentemente, Slam das Poc's, destinado às pessoas LGBTQIA+.

Layze não é de Sobral, mas veio para a cidade com o intuito de fazer um curso de graduação. Segundo ela, foi criada pela mãe e avós maternos, não tendo muito envolvimento afetivo com seu pai.

Eu fui criada pela minha mãe e pelos meus avós maternos e essa parte da minha família é composta somente por professores. Eu acho que isso foi um fator muito importante pra minha formação. Com relação ao meu pai, é uma pessoa com quem eu não tenho muito contato, é uma pessoa com quem eu não consigo nutrir um afeto, assim, de forma positiva, então... né?!!

Durante a escola, sofreu por ter marcadores sociais que lhe faziam sentir-se diferente:

[...] as meninas eram loiras, eram... eram magras, eram... elas tinham o cabelo liso, o desenho do rosto era bem afilado e eu não era, eu era diferente, meu cabelo era cacheado, extremamente cacheado, é... Eu nunca fui magra, nunca... nunca tive dentro desse padrão, né?! De que socialmente é colocado enquanto padrão de beleza. E isso me atingiu desde a infância, porque, por exemplo: é... a minha amiga que era branca e loira, do rosto afilado, era considerada bonita por ter cabelo cacheado, enquanto eu era a "nequinha", né?! Que tinha cabelo ruim, tanto que minha mãe sempre tinha o cuidado de me mandar pra escola com o cabelo preso. Era... eu lembro que ela passava horas puxando meu cabelo pra poder ficar bem rentezinho, assim, na cabeça, porque qualquer coisinha tavam dizendo que eu tava assanhada e que minha mãe não tinha zelo por mim. E é porque eu nem sou, assim, negra retinta, né?! Eu tenho a pele clara, digamos assim, né?! Sou negra de pele clara, mas já era visível que tinha essa diferença pra mim e pra minha amiga branca, né?

Em meio a essas constatações de formas de preconceitos vivenciadas por Layze, ela encontrou no curso de Psicologia formas de compreender melhor seus marcadores sociais:

Eu acho que acabou influenciando diretamente, tanto que hoje eu tô cursando Psicologia, né?! Estudando justamente essas relações, e tô em contextos que, de certa forma, me favorecem compreender, porque que isso acontece, não só comigo, porque eu sei que outras pessoas são atingidas por isso. E, hoje, eu posso assistir isso de forma bem próxima, né?! Eu tô... eu vejo isso no estágio, na Psicologia Escolar, eu vejo isso no estágio de Psicologia Social, vejo isso no estágio de Hospitalar. São

coisas que eu acabo tendo acesso e que me remetem a essas vivências que eu tive e, hoje, é uma forma que eu encontrei de ressignificar isso, digamos assim. Foi a forma que... porque, a partir do momento que eu compreendo porque que aquilo acontece, eu consegui, também, olhar pra trás e entender porque que aquilo aconteceu comigo, não de uma forma ruim, mas de uma forma que eu possa, sei lá, inclusive, encontrar formas de prevenir que isso aconteça com outras pessoas, né?! A gente trabalha muito com essa questão da prevenção, o lugar de escuta da outra pessoa, então, eu acho que é muito do fazer pelo outro o que eu não pude... o que ninguém pôde fazer por mim, né?! Poder oferecer pro outro aquilo que não me foi ofertado e poder realmente compreender porquê que essas coisas acontecem.

Além do curso de Psicologia, Layze, teve imersões nos ambientes de movimentos culturais sobralenses que foram essenciais para melhor ressignificar suas experiências e lutar por direitos iguais, para traficar poeticamente suas vivências, angústias.

Outra coisa que me estimulou bastante, que eu não falei na primeira pergunta, né?! Foram os meus... o meu relacionamento, na verdade, né?! Um relacionamento abusivo que eu passei, durante 3 anos, que hoje eu consigo compreender que é um relacionamento abusivo, hoje eu sei das... sei das consequências, é... do que eu passei, né?! Hoje eu consigo olhar praquilo tudo e não olhar com dor, né?! Eu consegui através desses movimentos, eu consegui ressignificar, tanto na questão dos meus estudos, né?! Porque eu comecei a estudar violência de gênero, eu realmente me aprofundei pra poder, inclusive, pra ter força pra sair daquilo. E... me assumi enquanto feminista, abracei a causa e comecei a disseminar isso, é, por exemplo, no Slam, porque a poesia, ela atravessa as pessoas de uma forma muito bonita, né?! De uma forma muito simbólica e... de uma forma muito intensa. E é muito bacana, por exemplo, hoje eu consegui falar sobre o que eu passei, de uma forma artística e ver outras pessoas, também, conseguindo compreender que elas passam, também, por aquilo e eu consegui criar, também, forças pra superar aquilo, assim eu consegui que hoje elas conseguem... mesmo que elas não saibam imediatamente, mas elas conseguem já ter uma outra visão sobre aquilo, né?! E conseguem entender o quanto aquilo é prejudicial pra elas. E é muito bom você sentir que é acolhido. Isso a... o movimento acaba proporcionando muito, né?! O movimento que eu falo, o Slam, acaba proporcionando pra gente.

É a esse ponto que quero chegar com a questão do espírito livre, com a lógica potencializadora de vida. Layze passou por questões de não afeto familiar por parte do pai, vivenciou visceralmente as formas de racismo dentro da escola, além de um relacionamento amoroso abusivo. São marcas que trazem, muitas vezes, consequências traumáticas.

A poesia marginal a que ela adentrou como forma de escape manifesta ações contracorrente, que não reconhecem ideais normativos que, de forma sutil, pautam a mulher como submissa, objetificando-a e matando-a. Segundo o Mapa da Violência Contra a Mulher (2018), entre janeiro e novembro de 2018 a imprensa brasileira noticiou 14.796 casos de violência doméstica, em todas as unidades federativas. Os maiores agressores dessas mulheres são seus próprios companheiros (namorados, esposos), com taxas de 58% de autoria dos casos de agressão. Os outros 42% consistem em agressões de pais, avôs, tios e padrastos.

Uma poesia de Layze chamada “Mulher” ilustra as formas de potências de vida por meio da arte marginal e de luta contra as normativas patriarcais e machistas construídas historicamente:

[...] “Mulher não pode fazer política!
 Lugar de mulher é na cozinha!”
 Ah, vai nessa, mané!
 Tu te faz de doido, é?
 Muitas se foram, abrindo caminho
 Pras mulher ocupar o poder!
 Pensou que teu presidente ia botar nós pra correr?
 Marielle, presente!
 Hoje e sempre,
 Teu grito ecoa entre a gente [...]

“Se liga meu parceiro, vou te mandar meu proceder”
 Enquanto tu só quer foder as mina
 A gente se une é pra combater
 O machismo e a intolerância
 Pra nenhuma a mais morrer!
 Nem vem com esses teus papo
 De “feminista é o caralho!”
 Pensando duas vezes antes de sair por aí
 Dizendo que eu odeio macho!
 Isso tudo é indignação só porque a mina
 Se recusou a tirar teu cabaço?
 Mainha não fez essa beldade
 Pra servir a discurso machista
 Mais respeito quando meter
 O nosso nome nas rodinha! [...]

Tu pensou que as cumadi tava pra brincadeira?
 Ah, iludido! Acorda, Zé!
 Que agora a gente tá assumindo a cena!
 Aprende com a gente
 Sem pederastia, só na ideologia!
 Não quero tomar teu espaço,
 Só quero meu lugar de fala.

De acordo com Orlandi (2009), não é no dizer em si que o sentido se destaca, menos ainda nas intenções de quem diz. É necessário, antes, referenciá-lo às suas condições de construção e, com base nisso, determinar as relações que ele mantém com sua memória, remetendo-o, após isso, a uma formação discursiva. Por isso, foi importante trazer um pouco da história de Layze, suas vivências enquanto jovem negra que, em dados momentos, sofreu com o machismo exacerbado e especialmente em seu relacionamento amoroso.

Entender essa trajetória é importante para interpretar as produções poéticas dela. A formação discursiva e, sobretudo, a memória dessa slammer nas poesias que produz correspondem às problemáticas que representam sua vida. Isso explica o fato de que em todo o letramento de reexistência citado anteriormente ela se posiciona como narradora e participante ativa da escrita, não apenas observadora.

Nas constatações apresentadas até o momento neste capítulo, que destacam potências de vida e espírito livre, pergunto-me, em relação à atualidade, quem seriam hoje as pessoas porta-vozes do espírito livre que Nietzsche expôs outrora? As potências de vida, ao lado das relações de poder, são, de fato, sustentadoras de luta, de emancipação e de

“transvaloração de valores” (NIETZSCHE, 2005)? Tais pessoas porta-vozes seriam capazes de romper as amarras territoriais, urbanas, identitárias, étnicas e culturais, potencializando vidas que foram silenciadas e mortas-em-vida, principalmente quando se leva em consideração as juventudes periféricas?

Desde minha defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, em 2017, defendi a ideia de que a arte musical, em especial o rap, possui uma proposta de emancipação social e crítica, de manifestação de consciência crítica, mostrando, através de 10 histórias de vida, que a música pode dar novos sentidos. Hoje, continuo defendendo a noção de que a arte musical pode promover cidadania ativa e, agora, parto da constatação de que a poesia falada, como a de Layze, pode construir mecanismos de resistência dentro de relações de exceção e das políticas de morte já debatidas aqui.

Figura IX - Layze recitando na final do Slam da Quentura (23ª edição).



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

Dessa forma, respondendo às indagações anteriores, sustento a ideia de que rappers, poetas, poetisas, poetas marginais e outras formas de resistência cultural como o samba e o blues, rasgam o véu da “cordialidade”¹⁴ com suas críticas nuas e cruas. Além disso, essas pessoas não apenas são as porta-vozes, cronistas da modernidade, são também vozes não mais silenciadas que através dos letramentos de reexistência, resistem para existir e lutam por reconhecimento.

¹⁴ Termo usado por Sérgio Buarque de Holanda em seu livro “Raízes do Sertão”. Nessa obra, o autor destaca que a hospitalidade e generosidade representam um traço do caráter brasileiro.

4.2. Se lutas por reconhecimento, logo, haverá de se ter uma cidadania ativa

A partir da abordagem da luta por reconhecimento de Axel Honneth (2003) me proponho a avançar, dar um passo a mais do que o espírito livre de Nietzsche (2005). Pensando numa questão contemporânea relativa à nossa cultura que, por inúmeras vezes, foi e é constantemente criticada por rappers, poetas, poetisas e poetas marginais, destaco o conceito de luta por reconhecimento.

Outro ponto importante a salientar é que as pessoas que contribuíram com suas vivências e foram apresentadas até aqui não falam de realidades em suas poesias. Explico melhor: os(as) artistas apresentados(as) não falam *de* suas realidades, eles e elas falam *na* realidade, colocando-se na força de ação, buscando transformar suas fisionomias. Destaco isso porque as poesias marginais, assim como muitos raps, falam de forma nua e crua e, muitas vezes, podem ser confundidas com incitação à violência. Exemplo disso é uma poesia de Layze chamada “Revolução”:

*[...] Nós tamo indo pra luta
Com sangue no zói,
Armando até os dente,
Cheio de rima no pente
E dando tiro de ideologia
Estourando essa tua cabeça vazia [...]*

Outro exemplo é a poesia de Fran Nascimento intitulada “Do que me engasga”:

*[...] A PAZ ESTÁ PROIBIDA
Eu não sou da paz
Não sou mesmo não. Não sou. Paz é coisa de rico.
Não visto camiseta nenhuma, não, senhor.
Não solto pomba nenhuma, não, senhor.
Sabe a madame? A paz não mora no meu tanque.
A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue.
Ah! Tirar minha paz, digo,
Não sou adestrada, silenciosa, pacífica [...].*

Nessas poesias é notória a agressividade, mas não há uma proposta de violência física, e sim estética. Em um artigo que publiquei em agosto de 2019, “Blvesman no discurso de resistência: o rap de Baco Exu do Blues”, falo sobre a questão da violência positiva gangster, a partir da ideia de Hegel (2007), que aborda a autoconsciência e a dialética do senhor e do escravo. Ora, se ser autoconsciente é uma autopercepção reflexiva, isto é, ser consciente do seu eu, uma percepção de si mesmo enquanto sujeito consciente, logo, a consciência se torna emancipada em relação a situações de opressão (SILVA NETO et al., 2019).

Em outras palavras, quando as poesias vem à tona com seus discursos de protesto, de não-paz, essa paz branca, como diz Fran, elas dirigem-se a inúmeras características do eu de seus supostos antagonistas: sociedade racista e opressora para uma grande maioria populacional

negra, periférica e empobrecida (SILVA NETO et al., 2019). Quando Layze e Fran manifestam seus versos polêmicos e agressivos para chamar atenção, reivindicar um lugar, reconhecimento e respeito, elas estão atacando o eu de seus antagonistas de forma direta, nua, crua, sem aceitar manifestações normativas de embranquecimento social colonizado.

A luta trazida para os versos violentos de Fran e Layze é de vida ou morte no contexto nacional, como já destaquei no capítulo anterior, e perpassa uma exigência de reconhecimento, de que o eu dessas poetisas slammers seja visível. No entanto, essa forma de lutar só ocorre, para Hegel (2007, p. 114), “mediante a superação da vida do outro”, isto é, a liberdade é alcançada a partir dessa ação. No contexto em questão, interpreto essas palavras de forma não literal, em que “superação da vida do outro” não significa necessariamente a morte do outro e diz mais respeito às “[...] pequenas revoltas diárias, quando podemos pensar e criticar o nosso mundo” (VEIGA-NETO, 2005, p. 26) em prol de menos desigualdades e reconhecimento. Dito de outro modo, a violência mencionada aqui não se refere a manifestações da morte do outro de forma literal, mas à superação de situações de opressão (SILVA NETO et al., 2019).

Essas constatações foram importantes para introduzir o conceito de “luta por reconhecimento” de Axel Honneth (2003). A concepção de luta do autor é fundamental porque, diferente de Nietzsche que critica os falsos princípios igualitários propostas pela burguesia e destaca, por exemplo, a busca pelo que há de mais nobre no ser humano, Honneth (2003) ressalta que são necessárias propostas e ações que forcem as classes dominantes a escutarem as classes dominadas.

Poesias como as que venho citando ao longo desta pesquisa ganham corpo e estatuto político porque buscam vincular identidades de jovens empobrecidos(as) e negros(as) às lutas por reconhecimento tanto pessoal como social. Quando Bicha Poética fala de sua luta, logo no início da sua entrevista, ela relata os silenciamentos e o escancarar da voz, que rasga o acordo enganoso da cordialidade e desfaz o mito da democracia racial brasileira¹⁵.

[...] Foi onde eu comecei a conhecer... esses movimentos e eu comecei a entender a minha existência como algo político, né?! Uma existência política mesmo que... o meu corpo, por onde ele ia, ele fazia política de uma forma silenciada, né?! Silenciosa, assim. Mas... desde que eu comecei a entender, foi eu cheguei até o Slam, né?! Questão de todos esses movimentos, aí eu comecei a me inteirar de quem eu era, de onde eu vinha, que já existiam algumas outras pessoas que já tinham passado por

¹⁵ Gilberto Freyre (2001) aborda a escravidão no Brasil em seu livro *Casa-Grande & Senzala* com um formato de bons senhores. O mito do bom senhor é uma interpretação simplista e preconceituosa de Freyre, que põe a escravidão como um mero episódio sem importância, que nada interferiria na harmonia entre exploradores e explorados durante o processo de formação nacional.

essa trajetória de vida e que já tinham tombado na luta, e foi onde eu fui me descobrir enquanto pessoa, assim.

É nesse contexto de luta por reconhecimento que devo chamar atenção para o que Axel Honneth (2003) diz sobre o “progresso moral na dimensão do reconhecimento”. Parto de um viés psicanalítico para pensar sobre essa dimensão moral dos conflitos sociais, mencionando a clínica extensa pensada por Herrmann (1991), que propôs que a psicanálise atue como método de ruptura de campos.

Figura X - Fran e Bicha Poética na final do Slam da Quentura (23ª edição).



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

Em relação ao Slam da Quentura e a qualquer manifestação periférica a ruptura que acredito ser necessária é a do campo do pensamento e da cultura eurocêntricos, inaptos para alcançar as diversidades culturais que constituem o Brasil e de fazer investir numa proposta emancipatória. Ela se vê bloqueada por uma constituição estrutural racista e bastante desigual, baseada em uma bio-necropolítica.

Esse racismo à brasileira, o crime perfeito, ainda hoje alimenta a cultura cordial e o mito da democracia racial, trazendo consequências nefastas para a sociedade brasileira, especialmente a mais empobrecida. Foi preciso a luta dos movimentos negros, principalmente dos anos de 1980/1990, de acordo com Iray Carone e Maria Aparecida Bento (2012), para que o Brasil admitisse que é, de alguma forma, racista.

Se hoje temos uma discussão implantada na sociedade pelas políticas de ação afirmativa – que ainda estão em curso – foi graças ao movimento negro e a suas lideranças a partir da década de 90. Se hoje admitimos que o Brasil não é uma democracia racial e que existe racismo no chamado paraíso racial, é porque o movimento negro se fez ouvir (CARONE; BENTO, 2012).

E mesmo com esse rompimento com o véu que mascarava o mito e a cordialidade, percebe-se que as formas de racismo ainda continuam veladas, não ditas, nas entrelinhas das microrrelações. Exemplo disso é a continuidade dos homicídios de pessoas negras no Brasil indicada pelos dados do Atlas da Violência (2019), em que há seguimento do processo de aprofundamento da desigualdade racial no país. O crescimento na taxa de homicídios de negros em alguns estados foi alarmante: Rio Grande do Norte teve o maior índice, 333,3%, seguido por Acre (+276,8%), Ceará (+207,6%) e, por fim, Sergipe (155,9%) (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019). Os estados que tiveram maiores crescimento das taxas de homicídios foram os da Região Nordeste.

Diante disso, a luta por reconhecimento se torna ainda mais importante e, segundo Axel Honneth (2003), ela se dá de três formas: reconhecimento do amor, do direito e da estima, que desenvolvem, quando estabelecidos em conjunto, as condições sociais, que permitem que as pessoas cheguem a formas positivas de ser, agir e pensar.

É importante salientar que essa visão não diz respeito a uma relação meritocrática, muito menos de autoajuda, mas sim a aquisições cumulativas de autoconfiança, autorrespeito e autoestima. E como adquirir isso em meio às consequências de aproximadamente três séculos de opressão e barbárie cometidas pelo processo de escravidão e massacre das populações menos favorecidas?

Axel Honneth (2003) afirma que a integridade do ser humano se estabelece, muitas vezes, pelo reconhecimento dos três níveis descritos e que categorias morais como “de ofensa” e “sentimento de rebaixamento” surgem quando as pessoas são submetidas a ações de “reconhecimento recusado”. Nesse sentido, as lutas contra o sentimento de injustiça e desrespeito podem ser compreendidas não apenas como luta social, de resistência, mas também como exercício do papel moral de busca por reconhecimento.

Na poesia de Fran, “Do que me engasga”, ela relata esse processo de progresso moral por reconhecimento:

*[...] ouça...com atenção, ouça...
O silêncio te frustra?
Lugar de escuta assusta
Mas eu sou muralha, fortaleza, Viçosa, Cariri, Sobral
Eu vim de longe, vim de lá pequenininha
Aprendi a construir o novo em recortes de livros
Que me foram dados no fundamental
E vi que fundamental mesmo são nossas bases,
Os nossos e nossos corres,
Que no final ninguém socorre e é só corre!
Não sou médio, superior, mas sou fundamental para alimentar as cadeias
(Não as públicas) nem as de mão-de-obra barata,
Mas as cadeias produtivas de circuitos culturais
Aquele vetin ocioso, da esquina,*

*Hoje produz sua batalha de MCs!
 E quando disse em certa poesia
 Que da periferia surgem potências,
 Cuidado! Matamos o estado das bases
 Criamos a nossa educação
 Na construção de mundos em que consideram a nossa existência
 Aí está nossa resistência!
 Cuidado! Levamos o estado à falência múltipla de todos os órgãos
 Prosseguimos
 Recriando o vital
 Matando a moral
 Rap de beco a beco fatal [...]*

A “moral morta” citada por Fran é justamente essa moral que impõe ações opressivas, de morte-em-vida, de ofensas carregadas de sentimentos de rebaixamento para as pessoas empobrecidas, periféricas, negras. Quando ela menciona em sua poesia que na periferia existe potência há uma práxis educativa alicerçada por meio de formas de arte, como a poesia marginal. É através desse tráfico poético que muitos(as) jovens conseguem subverter a ordem e estabelecer, de forma coletiva, reconhecimentos de amor, direito e estima.

As potências de vida são, para além de uma forma de escrita, maneiras para as juventudes periféricas se encontrarem, manifestarem seus sentimentos e serem reconhecidas, muitas vezes “na marra”, forçando de “goela abaixo”. Tendo em vista a realidade nacional de política de morte, ser poeta, poetiza ou poete marginal é nadar contra a corrente, é ser o oposto do que o estado de exceção diz, é não se assujeitar às normativas embranquecidas, europeizadas e racistas.

Note-se, no entanto, que quando falo das potências de vida por meio das poesias, que intitulei no início da pesquisa como letramentos de reexistência, não afirmo que essas formas de reexistir abarcam uma plenitude suficiente para resolver os problemas de séculos de escravidão, desigualdades e exclusão. Pauto-me na ideia de que essas formas de arte marginal são um alicerce interessante para sobreviver e subverter as normativas, manifestando formas de afetos, educação e saúde, ações que políticas públicas não alcançam, mas que são importantes para essas juventudes.

Enquanto pesquisador percebi uma “vontade de verdade” (NIETZSCHE, 2005) por parte dos membros do Slam da Quentura, que buscam provocar rupturas com comodidades e mitos sociais, travando uma gramática de guerrilha que reconhece, em consonância com o próprio Nietzsche (2005), as inverdades como condições de vida, indo de encontro a propostas perigosas de valor, além do bem e do mal.

Em outras palavras, a estética violenta, crua e nua da poesia marginal é compreendida como práxis fundamental de afirmação do espírito livre contestatório. Para além disso, são potências da vida nas relações de poder que perpassam condições primordiais para

que as juventudes mudem os conformismos perante a realidade de desigualdades, exclusão e empobrecimento e encontrem seus lugares de reconhecimento.

4.2.1. *“Não quero tomar teu espaço: só quero meu lugar de fala”*

Um termo importante a ser destacado é o que Pedro Demo chama de “pobreza política”. O termo “pobre” não remete apenas à questão econômica, mas à política também. Para ele, a pobreza não é sinônima de ausência de bens materiais, pois a “pobreza é carência politizada, no sentido de a carência servir para o favorecimento de alguns em detrimento de muitos” (DEMO, 1996, p. 1) e gera conflitos como: o político, em que há uma apropriação de bens e poder por poucos e uma maioria que fica de fora, porém “ficar de fora não é termo correto, porque, sendo pobreza parte integrante desta sociedade, os pobres estão dialeticamente incluídos, embora na margem, na periferia, tal qual numa unidade de contrários” (DEMO, 1996, p. 2).

O que se constata, de fato, é essa pobreza política permeada por mecanismos de poder dos quais o estado de exceção se utiliza para engessar as práticas de inclusão de cidadania para uma maioria populacional. Dessa forma, o que se apreende de Pedro Demo é a noção de pobreza política como carência de cidadania, que possivelmente é a questão mais grave para os(as) empobrecidos(as), uma vez que essa falta lhes restringe, impedindo-os(as) de serem protagonistas de suas próprias histórias.

A crítica que Pedro Demo faz às políticas públicas se concentra na lógica já discutida ao longo deste capítulo, na qual a política sobre os corpos extermina suas emancipações. O que se busca, nesse caso, são governos que se baseiem em um viés participativo da comunidade e das juventudes, instigando a emancipação política e a consciência crítica que “[...] leva a uma consciência ética, a uma responsabilidade; uma responsabilidade que vem de dentro e não de fora, imposta” (ROSO et al., 2002, p. 75).

O estado de exceção permanente baseado em uma política de morte tem como alvo as populações menos favorecidas e prega o não reconhecimento do(a) sujeito(a) enquanto detentor(a) de direito. Devido a isso, muitas pessoas não compreendem seus direitos, não criticam as artimanhas governamentais de poder, não se atentam às cobranças, por exemplo, por melhores condições em instalações de medidas socioeducativas ou pela oferta de cursos no PRONATEC que representem os anseios das juventudes locais. Como afirma Pedro Demo (1996, p. 9), “é correto partir do pobre, se o quisermos como sujeito participativo, mas é contraditório deixá-lo na pobreza. Parte-se da pobreza para sair dela [...] na verdade, o sistema não teme um pobre com fome, mas teme um pobre que sabe pensar”.

É justamente por conta desse “pensar” de forma crítica que a luta por reconhecimento se mostra tão essencial dentro das mecânicas das relações de poder. Lutar por reconhecimento é compreender as condições em que se encontra e não apenas se assujeitar a delas. Essa luta é a trajetória para chegar a uma riqueza política, de participação social, uma cidadania ativa que supera a submissão a grupos, a governos e interesses de uma minoria do poder. Segundo Pedro Demo (1996) “é a sociedade organizada que define o papel e o espaço do Estado, não o contrário”.

Portanto, uma cidadania ativa no contexto nacional só se dá mediante a luta por reconhecimento e pela coletividade. As potências de vida dentro das relações podem apontar mecanismos que subvertem a ordem, mostrando práxis de transformação e possibilitando alcançar a participação social e a cidadania ativa. “Tomar aquilo que é nosso por direito” foi uma das frases que ouvi bastante durante a observação participante nos encontros do Slam da Quentura. É uma declaração que me fez compreender que desde a Constituição de 1988 e a criação das políticas públicas, como o ECA, por exemplo, o que ainda prevalece é uma cidadania negada para a população negra, de periferia e empobrecida. Como não ser negada com uma política esquadrihadora que escolhe quem vive e quem morre?

Layze fala em sua poesia “Revolução”:

*[...] calma aí, só queremos de volta
O que por direito é da gente!
A gente sabe que tu teme à nós
Que estamos às margens, meu irmão,
Escuta a nossa voz
Porque é daqui
Que tu vai ver explodir essa revolução!*

Assim, ela processa a gramática de significação na língua, que, segundo Bakhtin e Voloshinov (2010), estabelece a distinção entre signo e sinal. Segundo esses autores, sinal é unívoco, isto é, possui o mesmo significado independente de ambiente e necessita apenas ser reconhecido (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2010). Em uma poesia marginal, por exemplo, há alguns padrões técnicos de performance poética que constituem a dimensão sinalética da obra e só precisam de uma atitude de reconhecimento.

Já quando pensamos no signo é essencial que ele seja compreendido e não apenas reconhecido, pois sua significação está diretamente orientada pelo contexto, dada a sua natureza polissêmica (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2010). Esses mesmos elementos, no discurso de uma poesia marginal, possuem tanto uma dimensão sinalética como uma sígnica. Cada elemento linguístico pautado por Layze no trecho citado de sua poesia está orientado por um

contexto específico da obra, ambiente esse que inclui não unicamente um enunciado (no caso, a própria obra), mas todo um conjunto discursivo em que a poesia em questão se coloca.

Entender os efeitos de sentido que se manifestam em uma poesia é, portanto, evidenciar as relações dialógicas, estabelecendo conexões e potencializando a imersão de diversas vozes que constituem os enunciados poéticos. O objetivo de toda essa discussão é esclarecer que as poesias marginais citadas aqui estão acopladas às histórias de vida dos poetas, poetisas, poetas e slammers. São manifestações marginais que lutam por reconhecimento, são potências de vida que extrapolam a normatização imposta e denunciam as inúmeras formas de massacre dentro da realidade brasileira de política de morte desde a sua constituição.

O que defendo neste capítulo são políticas de juventudes que não primem pelo encarceramento e morte, mas sim pela potencialização das decisões, desejos e capacidades de transformação singulares (HARDT; NEGRI, 2005), tendo como consequências não a delinquência e a pobreza política, mas o desenvolvimento de espaços comuns que possibilitem um olhar apurado e crítico sobre ações governamentais impostas.

Para isso, é necessário compreender mais um conceito: o “lugar de fala” a partir da visão de Djamila Ribeiro (2019), haja vista que a compreensão sobre lugar de fala é essencial quando se põe em pauta o racismo estrutural. O âmago deste conceito é perceber que o “falar” não se restringe apenas à ação de emitir palavras, mas de poder existir (RIBEIRO, 2019).

Ainda a respeito de lugar de fala, proponho que se pense numa construção histórica baseada na exclusão, nas desigualdades e na morte e no fato de que para determinada população brasileira o “tomar o que é por direito” vincula-se diretamente a uma luta por reconhecimento, uma evidência de potência de vida que pauta-se numa constante práxis de luta e fome de existência.

Pensar em lugar de fala é entender que pessoas precisam se posicionar como manifestantes, exercendo sua luta de poder existir com cidadania ativa, e também refutar a historiografia tradicionalista e hierarquizadora de saberes, oriunda da hierarquia social (RIBEIRO, 2019). É errôneo acreditar que lugar de fala possui um caráter essencialista que pauta a ideia de que somente o negro pode falar sobre racismo ou, por exemplo, apenas mulheres negras podem falar sobre feminismo negro. Djamila traz a ideia de que lugar de fala trata de uma luta por direito de existência digna e direito à voz, é questão de “[...] *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência” (RIBEIRO, 2019, p. 64).

Figura XI - Lançamento do livro *A Poesia Falada invade a cena em Sobral: poetry slam no interior do Ceará* na final do Slam CE, que teve sua primeira edição sediada na cidade de Sobral. Na foto estão presentes as pessoas que fizeram parte do livro: slammers, rappers, membros(as) da organização do Slam da Quentura e professores universitários.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

O foco desse conceito é trazer à tona as condições sociais que constituem determinadas populações das quais, por exemplo, a maioria dos slammers do Slam da Quentura faz parte e quais são as possíveis experiências que essas pessoas compartilham em grupo. É primordial, além disso, não reduzir a teoria do lugar de fala apenas às experiências, pois, como já venho discutindo até aqui, existem estudos sobre as opressões estruturais que impedem que sujeitos(as) de certos grupos, como as juventudes negras e periféricas, tenham direito à fala, à humanidade (RIBEIRO, 2019).

Ser negro ou negra não garante reflexões filosóficas e críticas sobre o racismo estrutural brasileiro e suas consequências. Outra coisa que se deve destacar a partir do que Djamila Ribeiro estabelece em seu livro *Lugar de fala* é a necessidade de pensar as opressões como não hierárquicas, ou seja, não deve haver “preferências de luta”, pois são opressões estruturais, que atuam de forma indissociável, conjunta. Eu não posso lutar contra a colonização biomédica dos estudos acadêmicos no mestrado de que faço parte apenas em aulas, tentando

promover reflexões com colegas sobre a importância de estudos mais ampliados sobre saúde, e em outro dia, se der tempo, lutar contra as visões estigmatizantes que constantemente sofri, por parte tanto de professores como de colegas, por estudar poesia marginal em um mestrado em Saúde da Família. São opressões dentro do meu contexto de vivência que me afetaram e me afetam de forma mútua, combinada, portanto, devem ser combatidas diariamente da mesma forma.

Quando se fala em lugar de fala é preciso também reconhecer de onde se fala, pois, dessa forma, surge uma proposta de pensar as hierarquias, desigualdades, empobrecimentos, racismo, machismo. Eu como homem heterossexual considerado, muitas vezes, branco demais para ser negro ou negro demais para ser branco, tenho meu lugar de fala e reconheço meu lugar de privilegiado. É uma postura ética¹⁶ e política necessária para lutar em prol de direitos iguais para todos, todas e todes.

Ao trazer a poesia marginal como proposta de promoção de saúde, pretendi não cair no erro de muitos(as) pesquisadores(as) que ousam afirmar “dar voz” as minorias, mas almejei destacar que as produções dos membros do Slam da Quentura que fazem parte de grupos historicamente discriminados, são “[...] contradiscursos importantes, lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias [...]” (RIBEIRO, 2019, p. 75). Que tais letramentos de reexistência, pautados nas relações de potência de vida, também produzem novos sentidos de vida, transformações sociais e promovem saúde. A questão de saúde será discutida no próximo capítulo “Dá licença, que vou passar com meu amor”: Promoção de Saúde Marginal”.

4.2.2. “O silêncio te frustra? Lugar de escuta assusta”

Fran relata em sua poesia “Escuta a fala das outras” a necessidade de atentar-se para a histórica estrutura racista e machista brasileira que mata mulheres negras:

*Tanto se fala
Sobre lugar de fala
O lugar que tu ocupa difere do meu
E se nós fala agora
É porque outra voz, no mei do caminho, se perdeu
E não pôde gritar em voz ativa
Antes pudesse ao menos falar
Hoje, não está nem viva [...]*

¹⁶ Matéria de Matheus Moreira e Tatiana Dias “O que é um lugar de fala e como ele é aplicado no debate público”. Disponível no Nexo jornal publicado em 16 de janeiro de 2017: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/15/O-que-%C3%A9-%E2%80%98lugar-de-fala%E2%80%99-e-como-ele-%C3%A9-aplicado-no-debate-p%C3%ABlico>. Acessado em 2 de dezembro de 2019.

Nesta poesia também há uma evidência da importância de compreender os lugares de fala diferentes, impostos e conquistados, e de escutar a mensagem que Fran está passando, que representa inúmeras mulheres negras brasileiras:

*[...] Agora sente aqui
Sente aqui
Na tua mente
O peso do
#MexeuComUma
#MexeuComTodas[...]*

Grada Kilomba toca numa temática importante em relação ao lugar de fala. Ela traz à tona justamente o que Fran destaca em sua poesia: sentir as palavras. O opressor (homens, enriquecidos, brancos) possui dificuldades em ouvir o que as populações menos favorecidas têm a dizer, pois há um incômodo quando as vozes periféricas, negras e empobrecidas rompem as formas de silenciamento (KILOMBA, 2019). As narrativas poéticas que trouxe nesta pesquisa forçam a saída do silenciamento, o que é conquistado a partir de conflitos, pois para ter reconhecimento são necessárias mudanças que só advêm por meio de relações conflituosas, haja vista toda a constituição brasileira.

Por que policiais tentaram acabar com a celebração do Slam da Quentura na 18ª edição? Porque gerou incômodo, fez barulho, forçou uma escuta mesmo que indireta. A praça em que o Slam ocorre mensalmente é rodeada de espaços privados, historicamente ocupados por pessoas enriquecidas, brancas e que detêm o poder, como escolas e clínicas particulares de grande porte, além da diocese católica.

Especificamente nesta edição, havia um evento simultâneo em uma das escolas particulares que se localiza em frente ao anfiteatro onde o Slam acontece. Acredito que não foi coincidência que a polícia foi acionada para “verificar a procedência” do Slam da Quentura três vezes. Parto da hipótese de que pessoas periféricas reunidas geraram um incômodo.

Grada Kilomba trata do medo do branco opressor em ouvir o que o(a) sujeito(a) negro(a) pode revelar. Ela se baseia em uma noção freudiana de repressão, em que há o afastamento de algo para mantê-lo distante da consciência, logo, verdades desagradáveis seriam mantidas afastadas da consciência por gerarem extremo desconforto, culpa ou vergonha (KILOMBA, 2019). Nesse sentido, “manter-se inconsciente” mediante realidades expostas por grupos sociais menos favorecidos protegeria o opressor de ter que dar conta do conhecimento deles.

É a partir daí que veio a ideia discutida na seção “A bio-necropolítica e o crime perfeito brasileiro”. Kilomba (2019) afirma que a história manchada de sangue e morte pela colonização e suas consequências deixam os(as) brancos(as) opressores(as) em negação e por

isso costumam argumentar não saber, não lembrar, não acreditar. Tais expressões fazem parte do processo de repressão de manter as realidades, verdades e ideias esquecidas.

Quando Fran, em sua poesia “Do que me engasga”, recita “*O silêncio te frustra? Lugar de escuta assusta*”, o lugar de ouvir o(a) outro(a) é complexo e precisa ser praticado, aprendido ao longo da vida. No caso dos brancos opressores, a mecânica de se assustar com esse “lugar de escuta” é um mecanismo sobre o qual me debruçarei de forma mais detalhada, pois acredito ser importante compreender essa sistemática de repressão, tendo em vista que faz parte da nossa constituição enquanto nação colonizada e racista.

No racismo existe uma negação, como já discutimos sobre crime perfeito brasileiro, e esse mecanismo é usado para legitimar e manter processos estruturais violentos de exclusão racial. A pessoa negra passa a ser aquela com quem a pessoa branca não quer ter contato, dessa forma, enquanto o(a) negro(a) se torna uma espécie de inimigo(a) intrusivo(a), o branco opressor manifesta sua condição de vítima compassiva, isto é, o oprimido transforma-se em um tirano, representando violência e perigo e o opressor representa-se socialmente como oprimido, a vítima (KILOMBA, 2019).

Isso ocorre, partindo agora para a Psicanálise, através de mecanismos, em que partes cindidas da psique são projetadas no chamado “outro(a)” (FREUD, 2014). Esse outro(a) aparece sempre como antagonista do *self* (eu) (KILOMBA, 2019). Dito de outra maneira, essas cisões psíquicas manifestam condições em que o sujeito(a) branco(a) desenvolve duas ações no que tange a essa realidade, passando a externalizá-la da seguinte forma: “[...] somente uma parte do ego – a parte ‘boa’, acolhedora e benevolente – é vista e vivenciada como ‘eu’ e o resto – a parte ‘má’, rejeitada e malévola – é projetada sobre a/o ‘Outro(a)’ como algo externo” (KILOMBA, 2019, p. 37).

Dessa forma, negros e negras passam a ser uma imagem projetada daquilo que o(a) sujeito(a) branco(a) tem medo, pois receia reconhecer em si mesmo(a). Nesse caso, trata-se do papel de ladrão ou ladra, violento ou violenta, perigoso para a sociedade. São características desonrosas que eliciam condições ansiosas, culpa e vergonha, que são projetadas para o exterior como modo de tentar escapar delas.

Isso passa a ter implicações sobre o vir a ser negro(a) em sociedade, pois, em termos psicanalíticos, “[...] sentimentos positivos em relação a si mesmo(a) permanecem intactos – branquitude como parte ‘boa’ do ego – enquanto as manifestações da parte ‘má’ são projetadas para o exterior e vistas como objetos externos ruins” (KILOMBA, p. 37).

No contexto ideal da branquitude, o(a) negro(a) passa a ser compreendido(a) como ruim, “abraçando” aspectos que a sociedade branca reprime e transforma em tabu – sexualidade

e agressividade (KILOMBA, 2019). Logo, a representação da negritude é vista como ameaça, perigo, violência, mas também excitante, suja, desejável. Isso faz com que o(a) branco(a) opressor(a) se coloque como moralmente ideal, civilizado, com controle sobre como deve ser compreendida a constituição histórico-cultural brasileira.

Segundo Laplanche e Pontalis (1988), a repressão é um mecanismo que busca excluir algum material do campo consciente, tendo, por exemplo, as motivações morais como ferramenta essencial nesse processo. Desse modo, verdades desagradáveis se tornam inconscientes. O processo de “esquecimento” do sujeito(a) branco(a) em relação à história do negro(a) na constituição brasileira representa esse medo do “lugar de escuta” que Fran fala em sua poesia. Por isso, no crime perfeito brasileiro há expressões de negação dessa história como “não entender”, “não se lembrar”. Segundo Kilomba (2019), a repressão é, portanto, a relação de defesa pela qual o ego exerce controle e passa a censurar aquilo que se tem como “verdades desagradáveis”: a bio-necropolítica histórica brasileira.

O falar é silenciado quando se leva em consideração essas relações de opressão. Muitas vezes, negros e negras são compreendidos(as) como pessoas rudes e violentas quando se expressam; os discursos são interpretados como incertos, frágeis, por vezes, agressivos. Exemplo disso são os ataques que o grupo de rap nacional, Racionais MCs, sofreu quando se colocou como negros a serem ouvidos. Letras musicais imersas em uma realidade periférica de pessoas empobrecidas não são tão interessantes para a mídia, como a música “Artigo 157” dos Racionais MCs, à qual jornalistas e críticos conservadores reagiram de forma intensa, acusando os rappers de ‘apologia do crime’ (TAPERMAN, 2015).

Artigos como “Cultura de bacilos - Se usamos verbas públicas para ensinar hip-hop, rap e funk, por que não incluir na lista axé ou dança da garrafa?”, de Bárbara Gancia, publicado pela Folha de São Paulo no ano de 2007 e a matéria da revista Veja, no ano de 1994, cujo título foi “Pretos, pobres e raivosos”, características atribuídas ao grupo de rap Racionais MCs, representam essas formas de silenciamento e o incômodo por parte de uma branquitude opressora, que não reconhece os discursos expressos nas letras de Racionais MCs. Essa recusa em reconhecer a verdade é um mecanismo conhecido como negação¹⁷ (KILOMBA, 2019).

O intuito de me demorar um pouco mais sobre essa temática psicanalítica trazida por Kilomba é justamente para permitir uma compreensão mais ampla no sentido das formas de racismo e dos porquês dessas ações. Já discuti a partir de Foucault com “o fazer viver, deixar

¹⁷ Para saber mais sobre esses mecanismos de defesa do ego é importante e didática a obra de Paul Gilroy “There Ain’t No Black in the Union Jack: The cultural Politics of race and nation” de 1987.

morrer”, de Giorgio Agamben com estado de exceção no “fazer morrer, deixar viver” e, por fim, com a bio-necropolítica de Fátima Lima e Mbembe com o “fazer morrer, deixar morrer”. Encerro este capítulo com essa perspectiva de repressão freudiana elencada por Grada Kilomba na intercessão com o racismo, evocada por meio da poesia de Fran.

Figura XII - Pessoas se concentrando no anfiteatro da Praça do FB na 20ª edição do Slam da Quentura.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

Enfim, formas de deslegitimar as lutas contra as opressões são inúmeras, como demonstrei nos artigos e matéria de revistas sobre os Racionais MCs ou mesmo nas abordagens policiais no Slam da Quentura. Primeiro, é importante para o(a) opressor(a) branco(a) a não interferência na norma hegemônica cultural, em que os(as) brancos(as) ditam as verdades e contam as histórias. Segundo, a branquitude necessita dessas formas de silenciamento para que não haja um encarar de realidades históricas, que para ela é insuportável.

Agora, adentrarei um novo capítulo que explorará uma perspectiva que alia saúde e Slam da Quentura, na medida em que as atividades propostas nas edições do Slam representam não apenas propostas de lazer e confraternização, mas também de empoderamento, delimitação de espaço, lugar e formas de expressão de sentimentos de amor, que culminam em uma promoção de saúde marginal.

5. “DÁ LICENÇA, QUE VOU PASSAR COM MEU AMOR”: PROMOÇÃO DE SAÚDE MARGINAL

É de extrema importância abordar o conceito de saúde de Capra (2006) logo no início deste capítulo, pois ele traz uma visão mais complexa e ampla sobre saúde. Em seu livro

O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente, o autor destaca que a saúde foi, por muito tempo, compreendida por meio do funcionamento do corpo humano, levando em consideração apenas alterações anatômicas, biológicas e físicas sofridas durante a doença (CAPRA, 2006). Capra (2006) afirma que essa perspectiva não dá conta do ser humano, haja vista a necessidade de uma visão de saúde holística, isto é, de que a saúde seja compreendida como um grande sistema multidimensional, com aspectos físicos, psicológicos, sociais, econômicos e culturais. Todos esses pontos são interdependentes e jamais podem ser compreendidos de forma isolada ou em uma sequência de passos.

Dessa forma, é primordial um novo conceito de saúde, que leve em conta um equilíbrio dinâmico (TEIXEIRA, 1996). É preciso reconsiderar o papel do paciente para que ele tenha uma função ativa no processo de manutenção/recuperação de saúde e para que haja uma assistência tanto individual como social, coletiva (TEIXEIRA, 1996). Capra (2006) apresenta o conceito de “assistência holística de saúde”, que seriam formas de tratamento das pessoas, de cuidado, uma compreensão de um sistema mais amplo de assistência à saúde, em que as manifestações de todas as enfermidades humanas são vistas como resultantes da interação entre corpo, mente e meio ambiente, e são estudadas e tratadas nessa perspectiva abrangente (CAPRA, 2006).

Para seguir uma forma mais aprofundada deste conceito, profissionais de saúde precisariam reconfigurar suas práticas e relações com suas clientelas, acolhendo a função de equilíbrio entre sujeitos(as) e sociedades (TEIXEIRA, 1996). Dessa maneira, fariam emergir um redirecionamento de uma perspectiva de assistência com objetivos de educar os(as) pacientes acerca da dimensão significativa de enfermidades e potenciais de mudanças da condição de vida que levaram-nos(as) à doença (CAPRA, 2006).

Acredito que essa manifestação redimensionada de assistência à saúde é essencial para uma real mudança de paradigmas, haja vista a necessidade de se pensar constante e criticamente o Sistema Único de Saúde – SUS e suas possibilidades de melhoria. Para entender esse caminho fundamental a ser percorrido, faço uma síntese histórica de saúde pública brasileira, desde a filantropia até a criação do SUS. Não pretendo me demorar no aspecto histórico detalhando toda a trajetória de saúde pública nacional. O que almejo é fornecer noções que interessam a esse trabalho e que podem gerar reflexões sobre como conquistas no âmbito da saúde foram enormes, porém ainda insuficientes.

O primeiro tipo de cuidado de saúde da história do Brasil foi a filantropia, principalmente a de cunho religioso pautado em ações de caridade. As pessoas, principalmente as empobrecidas, eram atendidas por instituições e médicos filantropos (CARVALHO, 2013)

e o estado ficava encarregado de intervir pontualmente diante de epidemias, com ações de vacinação e saneamento básico. Surgiram, dessa maneira, entre os séculos XIX e XX, o saneamento do Rio de Janeiro e a campanha de vacinação contra varíola, por exemplo (CARVALHO, 2013).

Um dos marcos para a saúde pública brasileira foi a criação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), depois transformado em Fundação SESP. Esse mecanismo de atenção à saúde foi amplo e inovador na história do país no que tange ao saneamento (CARVALHO, 2013). Além dele, em 1963 a 3ª Conferência Nacional de Saúde e seus estudos já apontavam a necessidade de criação de um sistema de saúde para todos por direito e uma descentralização no sistema, com protagonismo municipal (CARVALHO, 2013). Muitos retrocessos se deram pela imposição de uma Ditadura Militar de 1964 a 1985, um exemplo disso foi a criação do Programa de Interiorização de Ações e Serviços de Saúde (PIASS), que não foi implantado à época por má-fé política dos governantes, uma vez que o projeto possuía mais virtudes que defeitos.

Mesmo diante de retrocessos, a força política de partidos progressistas, universidades e movimentos populares gestavam ideias de uma saúde pública como um direito para todas as pessoas. Nos anos de 1980, por exemplo, surgiu a Ações Integradas de Saúde (AIS). Nesse momento, houve uma parceria da previdência com municípios e estados, na qual se destacou a prestação de cuidados primários ambulatoriais com repasse de recursos da previdência para que se efetivassem essas ações pelos Estados e municípios (CARVALHO, 2013). Em meados de 1990, as AIS foram aperfeiçoadas e denominadas Sistemas Unificados e Descentralizados de Saúde (SUDS), que duraram até 1991 e a partir das quais se desenvolveu o Sistema Único de Saúde (SUS) (CARVALHO, 2013).

Na perspectiva do SUS, passa-se a ter uma rede de instituições de ensino/pesquisa como universidades e escolas de saúde pública interagindo, direta ou indiretamente, com secretarias municipais e estaduais, além do Ministério da Saúde (PAIM, 2018). Tais relações fornecem sustentabilidade institucional, uma vez que permitem que grupos sociais adquiram modos de ver e agir alinhados com os princípios¹⁸ e diretrizes¹⁹ do SUS (PAIM, 2018).

¹⁸ São eles: a universalidade, a integralidade e a equidade. A universalidade como garantia de direito à saúde por todos, todas e todes. A integralidade é um conjunto de ações contínuas de saúde, que visa a promoção, proteção e reabilitação. Por fim, a equidade “como princípio complementar ao da igualdade significa tratar as diferenças em busca da igualdade” (ELIAS, 2008, p. 14). Dito de outro modo, o acesso aos serviços, diversas vezes prejudicado por conta das desigualdades entre as pessoas, fez com que este princípio fosse essencial na busca de atendimentos, em que passou a haver prioridades no acesso aos serviços de saúde por grupos sociais compreendidos como mais vulneráveis tendo em vista as condições socioeconômicas, por exemplo.

¹⁹ São elas: *descentralização do poder, regionalizando-se*, para que houvesse um auxílio na melhoria da distribuição de recursos entre as regiões de acordo com a população de cada território nacional (VASCONCELOS;

Com esse novo sistema o Brasil articulou uma descentralização de ações, responsabilidades e recursos, objetivando ampliar a oferta e o próprio acesso aos serviços e ações com impacto nos níveis de saúde. A perspectiva da Estratégia Saúde da Família – ESF, legitimada pela Lei 8.080, por exemplo, manifesta a imersão nas dinâmicas de ações vinculadas à promoção, proteção e recuperação da saúde (BRASIL, 2017), contemplando essa nova proposta de oferta, acesso e participação da população nas relações de serviços e políticas de saúde. Destacarei, agora, a discussão em torno da Promoção de Saúde.

5.1. Promoção de Saúde do SUS e Promoção de Saúde Marginal

Esta pesquisa se pauta em estudos sobre um movimento cultural determinado, o Slam da Quentura, observando como ele promove saúde. Torna-se primordial descrever, portanto, o conceito de promoção proposto pelo SUS e como ele não consegue atingir determinados grupos sociais.

A promoção está intimamente vinculada à vigilância à saúde e é movimento crítico à medicalização do setor. Em outras palavras, a Promoção de Saúde não compreende a saúde unicamente como ausência de doença, mas almeja atuar sobre Determinantes Sociais de Saúde – DSS, levando em consideração as condições de vida da população (econômicas, geográficas, culturais) (SÍCOLE; NASCIMENTO, 2003). O objetivo é ir além da prestação de serviços clínico-assistenciais para traçar ações intersetoriais que manifestem de forma conjunta: educação, renda, trabalho, alimentação, habitação, meio ambiente, acesso a bens e serviços essenciais, lazer e saneamento básico, ou seja, os DSS (SÍCOLE; NASCIMENTO, 2003).

Segundo a Carta de Ottawa (1986), relacionada à Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, Promoção da Saúde é o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde. Promover saúde é um conceito positivo, que prima pelos recursos sociais, coletivos e individuais, além das capacidades físicas. Além disso, a equidade é um dos ápices de manifestação da promoção da saúde, uma vez que foca na redução das diferenças no estado de saúde das pessoas, buscando garantir oportunidades e recursos igualitários e tendo como finalidade a capacitação de todas as pessoas no planejamento de seus potenciais de saúde (CONASS, 2016).

De forma mais detalhada, promover mantém relação com fomentar, gerar (FERREIRA, 1986). São medidas e ações que não possuem um foco único na doença, mas que

PASCHE, 2006). Outra diretriz é a *hierarquização dos serviços* por níveis de atenção, dessa forma, estabelecem-se ações assistenciais entre os serviços, regulando o acesso deles dos mais especializados aos mais básicos (VASCONCELOS; PASCHE, 2006). Já a *participação comunitária*, que foi assegurada pela lei (8.142/1990), busca justamente a valorização da ideia de democracia participativa.

buscam potencializar a saúde (LEVELL; CLARK, 1976). Dessa maneira, posso afirmar que o SUS carrega uma ideia ampla no que tange à saúde e modela uma prática em suas múltiplas dimensões, que envolvem, ao mesmo tempo, o Estado e a singularidade e autonomia das pessoas.

A partir da ideia utópica da Organização Mundial de Saúde – OMS de que “A saúde é um completo estado de bem-estar físico, mental e social e não a mera ausência de moléstia ou doença” (MOURA, 1989, p. 43), traço um contraponto, compreendendo, com base em Canguilhem (1990), que não há uma completa saúde perfeita, haja vista que a experiência do ser humano vivo inclui também a experiência da doença. Em outras palavras, a definição da OMS supõe que bem-estar equivale a uma vida sem angústias e desconsidera fracassos como parte da biografia das pessoas (CAPONI, 2009). Ora, o mal-estar pode estimular e não unicamente ser negativo, principalmente quando comparado a mais absoluta ausência de desafios. Acredito na ideia de que somos sujeitos(as) em uma práxis de acidentes iminentes e a saúde deve ser compreendida não como uma carência de imperfeições, e sim como a capacidade de enfrentamento delas.

Levando em consideração o que foi discutido até este momento sobre o SUS e sua constituição, proponho que entendamos as dificuldades para a real implantação de instalações de práticas de saúde no que tange ao cumprimento das diretrizes e princípios. Explico melhor: apesar de a constituição proclamar a saúde como direito de todos, todas e todes, tendo o Estado como responsável por isso, os poderes tanto judiciário, como legislativo e executivo nunca asseguraram, de fato, essas condições. Isso se reflete de forma palpável nos resultados de revisão integrativa que apresentei no capítulo *Representações Sociais de juventudes no contexto científico: o que o Slam da Quentura tem a ver com isso?* ou mesmo na formação brasileira pautada em uma política de morte exposta no capítulo “*Combinamos de não morrer*”: *mas e o crime perfeito da bio-necropolítica brasileira?* Nesses capítulos, faço um apanhado crítico sobre as condições excludentes e desiguais que reverberam direta e indiretamente na formação de políticas públicas.

As problemáticas que envolvem o não alcance do SUS aos diversos grupos minoritários dizem respeito às relações atreladas à falta de profissionalização, excesso de burocratização de decisões administrativas, cultura clientelista e partidária dos dispositivos públicos, e, claro, desvalorização de trabalhadores(as) de saúde, que estão sendo perseguidos pelas terceirizações e precarizações do trabalho (PAIM, 2018). Todos esses entraves são permeados por uma cultura racista e desigual, que prega uma política de morte e produz políticas públicas hierarquizadas, verticais, com o intuito de neutralizar os potenciais

pensamentos críticos das pessoas, minar suas ações, docilizar seus corpos e estereotipar grupos sociais, como o das juventudes do Slam da Quentura. Além disso, o SUS enfrenta, desde a sua implantação, o subfinanciamento.

Nos tempos atuais, vivencia-se um contexto de sucateamento dos setores públicos em prol de privatizações, não somente na saúde, mas em muitos âmbitos, como na educação. O SUS está envolvido em uma articulação público-privada²⁰ com novas artimanhas, como a prática de financeirização da saúde relacionada a uma dominância financeira (SESTELO, 2017).

Teses de doutorado recentes como as de Maria Gabriela Monteiro (2016), Maria Fernanda Godoy Cardoso de Melo (2017) e José Antônio de Freitas Sestelo (2017) discutem essa complexidade da nova fase de articulação público-privada, trazendo à tona discussões primordiais para a compreensão desse mecanismo. O pesquisador e as duas pesquisadoras apontam a venda de empresas e seus ativos, além de um aprofundamento da intermediação entre prestadores e consumidores, que fazem surgir novas relações entre Estado e capital financeiro privado.

Até aqui, posso inferir que a presença do setor privado na formação da saúde pública brasileira somada a um subfinanciamento proposital de investimento em equipamentos de saúde articulam uma dependência do setor privado de saúde. Há também uma forte relação biomédica que hierarquiza a figura médica como gestor maior do SUS e um processo de medicalização da vida proposto incessantemente pelas indústrias farmacêuticas que se inserem como responsáveis nas políticas de controle do Aedes e na segurança e qualidade do cuidado (PAIM, 2018).

Mais do que isso, existe uma frágil execução das inúmeras leis pautadas na Constituição de 1988, que alavanca os interesses privados da saúde criando ambientes de mercado segmentados e concorrentes ao SUS. Não obstante, toda essa trajetória da formação do SUS e seus enlacs com o setor privado manifestam, a meu ver, uma produção capitalista que não promove saúde, mas busca, no máximo, financiá-la, capitalizá-la e, muitas vezes, docilizá-la. Dito de outro modo, fazer saúde pública de acordo com as diretrizes e princípios do SUS em um Brasil pautado em uma bio-necropolítica é bem complexo, mas é um desejo ousado que jamais deve ser anulado.

²⁰ A privatização da saúde esteve sempre presente na evolução de políticas públicas, até mesmo antes de o SUS ser efetivado, porém apresentou distintas configurações mediante ações de movimentos e circuitos do capital nesse setor (PAIM, 2018).

Pensando nisso, adentro uma nova proposta de Promoção de Saúde, diferente da proposta do SUS. Trata-se de uma complementação, um modelo a ser inserido e efetivado nas propostas do Sistema Único de Saúde. É uma práxis de resistência não somente a uma medicalização da vida, a uma visão biomédica, mas também à hierarquização de políticas públicas que não são feitas pelas juventudes ou partindo de seus desejos, mas a partir de padronizações de sistemas sociais racistas, preconceituosos e excludentes.

Para ilustrar o que quero dizer sobre Promoção de Saúde Marginal apresento Saymon Lopes, 20 anos. Nascido em Fortaleza, ele veio para Sobral com sua família por conta de problemas financeiros. Em meio a conflitos familiares e problemas de sustento diário, Saymon foi vivenciando o seu cotidiano recheado de desigualdades.

No dia do meu aniversário de 5 anos, a gente veio embora pra Sobral, porque a gente tava com necessidade em Fortaleza. Aí o pai do meu irmão, ele tinha família aqui, aí seria... na cabeça dele, seria melhor pra gente vir pra cá, porque ele já tinha família. Aí a gente veio pra cá, a gente morou na casa do meu padrinho por um tempo. Depois, assim, quando começou a se reestruturar, né, meu pa... o pai do meu irmão conseguiu um emprego e aí a gente foi morar lá perto da casa dos pais dele, que é perto do morro, né, que chama, o morro lá dos Terrenos Novos. Depois de um tempo, ele... ele era alcóolatra, né... e depois de um tempo ele quis bater na minha mãe e aconteceu alguns problemas que ele foi-se embora e deixou a gente. Minha mãe não tinha um emprego... não tinha um emprego consolidado na cidade, fazia bico, né?! E aí a gente foi morar na casa... a gente ficou na rua... e a gente morou na casa de uma mulher que era, lá, amiga da minha mãe, da rua. Aí ficou 15 pessoas numa casa de taipo, de 4 cômodos. E a gente morou lá por um... alguns meses... uns 7, 8 meses.

Saymon é Slam Master do Slam da Quentura, a pessoa que conduz as apresentações e as relações entre os(as) expectadores(as) e slammers, poetas, poetizas e poetas. Teve contato com algumas artes e movimentos culturais a partir da escola:

E tipo, em relação à cultura, essas coisas e tal... Eu comecei a me envolver, nesse sentido, pelo fato que a minha mãe sempre colocava a gente na escola o dia todo, né?! A gente ia pra escola pela manhã e pela tarde a gente tinha que fazer alguma coisa na escola... ficar na escola, pra comer na escola. Tanto eu quanto minhas irmãs, a gente estudava em colégio diferente. E aí a gente ficava na escola o dia todo, aí tinha... na época tinha esse negócio de teatro, dança... tudo a gente se envolvia. Lá em casa, todo mundo se envolvia nessas atividades pra ficar na escola, pra conseguir comer na escola, até minha mãe chegar. E ela trazia da escola que ela trabalhava a merenda pra dar pra gente. Aí eu fui tomando gosto por isso, né?! E, até então, fazia aula de música, mas só aprendi a tocar flauta, que eu não tinha paciência pras outras coisas. Aí eu fiquei mais foi no teatro mesmo. Eu fiz muito teatro, desde... eu acho que desde os meus 10 eu faço teatro.

Diante de um contexto de privação de direitos básicos, como moradia e alimentação, Saymon e suas irmãs necessitavam ficar em suas respectivas escolas para terem acesso a refeições. Durante o tempo que precisavam ficar para se alimentar, Saymon e suas irmãs acabaram se envolvendo com diversos tipos de arte como o teatro, a dança e a música.

E é aqui que quero chegar com as ideias que proponho sobre Promoção de Saúde Marginal. Saymon e outras pessoas sentiram a necessidade da criação de espaços para as

juventudes empobrecidas, nos quais elas atuem não como potenciais de criminalidade, como mostrei no capítulo *Representações Sociais de juventudes no contexto científico: o que o Slam da Quentura tem a ver com isso?*, e sim como protagonistas de suas histórias e de suas artes.

Eita, o Slam é uma coisa muito louca, né?! Primeiro que o Slam surgiu de uma conversa, assim, como eu e você conversando aqui... da necessidade de juntar a periferia no lugar que é dela, por direito, né?! E aí, o PH, que é a Bicha Poética, junto com a Fran, junto com outra galera, tavam discutindo esse lance de “por que não a gente também ter uma batalha de poesia onde a periferia seja protagonista disso?”. E aí teve a primeira edição do Slam e... eu fui, né... aí gostei daquilo. Eu não tenho paciência pra escrever. Eu até escrevo, mas eu acho que não são tão boas, as minhas coisas. Eu gosto mais é de ficar na produção mesmo. Aí depois de um tempo, eu fui lá... ajudando a galera, né... o PH, a Fran, o Diego, os meninos da antiga... que participavam antigamente da produção. Aí eu fui entrando aos poucos, né, no Slam. Eu acho que o que me fez é a vontade de querer mudar o... o cotidiano dessa galera, né... que a gente sabe que a galera que vai pro Slam é uma galera que não... antes não iriam praquela espaço, porque onde o Slam é... onde acontece o Slam hoje, era ocupado por uma galera totalmente diferente da que é ocupada 1 vez no mês, quando acontece o Slam. Porque o Slam acontece num bairro, no centro de Sobral, onde a periferia que chega no dia do Slam, hoje, antigamente não tava lá.

O desejo de ser reconhecido(a), de mudar as realidades de jovens empobrecidos(as) e de ter lugar de fala, como estabelece Djamilia Ribeiro (2019), fez com que Saymon se inserisse na organização do Slam da Quentura. Tendo isso em vista, manifesto agora a ideia de Promoção de Saúde Marginal, que consiste em uma práxis de transformação social, isto é, em ações atreladas à promoção de saúde por meio dos desejos daqueles(as) que ao buscarem transformar a realidade dos(as) outros(as) transformam-se a si mesmos(as). Em outras palavras, promover saúde marginal é ir onde o SUS não consegue atingir, é vivenciar na pele as mais diversas formas de exclusão, desigualdade e empobrecimento e mesmo assim conseguir se organizar em prol de uma coletividade. Ao expor esse conceito não tenho a intenção de romantizar vulnerabilidades ou destacar uma ideologia do desempenho²¹ individualista. Pretendo especificar que dentro destes comportamentos e ações, a poesia não é apenas um luxo literário, mas sim uma necessidade de fala, de colocar para fora as opressões que maltratam e as angústias que perseguem o cotidiano das inúmeras juventudes periféricas. É escutar a poesia de um e/ou uma slammer e “trocar uma ideia” sobre como ela é impactante e traz informações que geram reflexão e que não são discutidas em nenhuma escola. Como afirma Saymon, é um “salvar vidas”:

A gente sempre fala na... quando a gente tá discutindo, assim, que o Slam, ele salva vidas. E eu acho que é... é... um dos nossos papéis na produção do Slam, meu, também... de todo mundo, é salvar a vida dessa galera. Porque é uma galera

²¹ Baseada na “tríade meritocrática” – qualificação, posição e salário, que busca estimular e premiar a capacidade de desempenho objetiva e individual bem como legitimar o acesso diferencial de oportunidades na vida (KRECKEL, 1982). Em outras palavras, é uma ideologia que trabalha com a categoria individual de ações sem levar em consideração a biografia da pessoa nem as suas condições de constituição social, econômica, cultural e política.

marginaliza... todos nós do Slam somos marginalizados. A gente já tem o... a galera já olha pra gente de um olhar diferente, já vê a gente de um jeito diferente. Mas a gente vê que aquela galera que vai pro Slam, uma vez no mês, e sai lá daquela periferia, que sai lá do Sumaré, sai dos Terrenos Novos, sai do Recanto, que pega seu metrô até chegar na praça do FB, é uma galera que não tinha perspectiva de vida. E lá, no Slam, com as poesias, com o que a gente vai... com o que a galera vai falando, trocando ideia, trocando papo, a galera vai vendo a vida de um jeito diferente. Eu acho que é isso que engrandece o Slam e é isso que me faz querer continuar no Slam.

Acredito na importância de um movimento cultural, da poesia falada, ou, como as próprias pessoas do Slam relatam, da “poesia marginal”. Em relação ao “salvar vidas” destaco que não é um salvar eurocêntrico, embranquecido e católico, que prega o salvamento da alma através da culpa pelo pecado. Nas minhas vivências enquanto pesquisador no movimento Slam da Quentura, percebi que essa ação diz respeito às mudanças na vida da pessoa que usufrui do tráfico poético, da poesia marginal. Não é apenas um momento a cada mês em que pessoas se reúnem para recitar poesia. É bem mais que isso. São espaços de re(ocupação), de lugar de fala, de protagonismo social e exercício de cidadania ativa. São também momentos de celebração, de amor, de paquera e de desenvolvimento de novos laços.

Isso se configura como uma Promoção de Saúde Marginal, pois a saúde não se dá unicamente na vida silenciosa dos órgãos, mas também nas relações sociais, como diz Canguilhem (1990, p. 26): “[...] é também a vida na descrição das relações sociais”. Essas relações são pautadas na alteridade, na práxis educativa freiriana, em que o conhecimento informal adquirido ao longo das reflexões sobre poesias, dos diálogos regados por vinho barato e cigarros de maconha, geram novos modos de pensar, agir e ser na vida, resistindo a um modelo hierárquico que dita o que é cultura. É um movimento subversivo porque não é compreendido como padrão, haja vista que as poesias declamadas são cruas e nuas, não há “meio termos” e os declamantes falam do jeito que desejam, sem medo de serem repreendidos(as).

Dessa forma, rasga-se o véu de uma boa vontade cultural que, segundo Bourdieu (1983, p. 111), é uma “[...] escolha particularmente frequente dos mais incondicionais testemunhos da docilidade cultural (escolha de amigos ‘que têm educação’, gosto pelos espetáculos ‘educativos’ ou ‘instrutivos’) frequentemente acompanhados de um sentimento de indignidade ou de demissão (‘a pintura é bonita, mas é difícil’ etc.)”.

De acordo com Silva Neto (2017), a boa vontade cultural tem relação com uma não incorporação de práticas culturais consideradas legítimas, contudo, sabe-se que tais manifestações existem e deseja-se ficar o mais próximo possível delas. Na contramão disso, o que o Slam da Quentura objetiva é justamente uma resistência a essa sistemática de violência

simbólica²² que diz que determinadas manifestações são alta cultura, como, por exemplo, a música erudita:

No campo específico da música erudita, por exemplo, só um longo processo de familiarização com esse tipo de linguagem permite que se seja capaz de desenvolver uma percepção puramente estética. As pessoas submetidas a esse processo comumente acabam adquirindo uma intimidade tão grande com a linguagem erudita, que têm a ilusão de que efetivamente existe algo intrínseco à própria música que lhe confere um atestado de qualidade (e não de que essa qualidade seja mera convenção social) (SCHROEDER, 2006, p. 70).

Segundo Maria Nogueira e Cláudio Nogueira (2017), existe uma estratégia de negação da cultura dominante, dita erudita, na qual há a valorização de uma tradição “dominada”. Partindo desta prerrogativa, desejo remodelar a nomenclatura “dominada”. Não é dominada porque há resistência à dominação, então não existe dominância por completo, haja vista os focos dentro dessas manifestações que são destacadamente resistentes à cultura normativa. Rejeito as perspectivas de compreensão das juventudes periféricas como possíveis objetos, que são baseadas numa tradição histórica racista e passiva, de assujeitamento, portanto, defino-as aqui como culturas resistentes e não tradições dominadas. Como bem fala Saymon, quando perguntado sobre o objetivo do Slam da Quentura:

Pronto. O objetivo do Slam, além de salvar vidas, né, que eu já tinha falado. Que, pra mim, é um dos objetivos, assim, principais, que é: salvar vidas. Eu acho que o outro objetivo do Slam é mostrar que na periferia também tem talento, né?! Porque eu acho que... a gente tem a, o... tem aquela ideia de que tudo que é bom é o que vem do centro pra dentro dos bairros, né?! A gente sempre quer... a galera sempre quer prevalecer tudo que vem do centro pra dentro da periferia, a gente quer enaltecer. E a galera que é de lá, que faz seu trampo, faz seu corre lá dentro... a gente passa despercebido, né?! A gente não... meio que não ligava pra isso. E, aos poucos, essa galera que tava na periferia fazendo sua arte e que a galera não ligava, ela, quando... a partir do momento que ela entra no Slam e que ela já ganha um pouco de empoderamento, ela... percebe que ela tem voz suficiente, percebe que ela tem talento, percebe que ela tem autonomia pra poder chegar na sua quebrada e mostrar o seu trabalho, ela vai querer expor e vai querer e vai querer mudar a realidade. Não é à toa que com... depois de... das várias edições do Slams... no primeiro ano do Slam, várias escolas da periferia, né... começaram a... eu não diria a direção da escola, eu diria... os alunos mesmo chamavam a, é... a galera do Slam pra entrar na escola, pra dar oficina, pra conversar sobre tal assunto, pra perguntar sobre tais coisas, marcavam de ir pro Slam.

Figura XIV - Saymon coordenando as apresentações na final do Slam da Quentura. Na 23ª edição.

²² Define-se como uma imposição cultural (arbitrário cultural) de um grupo (com poder) como a verdadeira e única forma de cultura existente (BOURIDIEU, 1989).



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

O Slam da Quentura é composto por inúmeras pessoas de vários bairros periféricos de Sobral - CE que, em dado momento, sentiram a necessidade de se organizar como movimento de juventudes em prol de reconhecimento, lugar de fala e espaços de lazer. A negação de inúmeros direitos, como saneamento básico, moradia, alimentação, saúde e educação de qualidade são ações propositais baseadas em políticas de abandono, de morte, do “deixar morrer e fazer morrer”. Em meio a essa bio-necropolítica, as juventudes pautam seus desejos e conseguem legitimar e (re)ocupar espaços retirados de forma velada, como expus no capítulo *Juventudes periféricas e (im)políticas: a perspectiva ideal dos matáveis e a bio-necropolítica*. Logo, são culturas resistentes e não tradições dominadas que negam uma cultura dominante.

Foi possível perceber que, desde sua gestação, o SUS foi perseguido por uma doutrina neoliberal, que, aliada às limitações do *Welfare State* nos países europeus e à crise econômica de 2008, representa sério obstáculo para o manifesto de sistemas universais de saúde (PAIM, 2018). Além disso, as propostas de patrocínios de organizações internacionais em relação à cobertura universal em saúde ratificam a doutrina neoliberal, fragilizando as diretrizes e princípios do SUS. A mídia direciona críticas ao sistema de forma constante e os vastos interesses econômicos contrários, dos planos de saúde e indústrias farmacêuticas, fazem com que o SUS sofra resistência e entraves em suas atividades, princípios e diretrizes (PAIM, 2018). Dessa forma, ele não consegue alcançar políticas de construção coletiva que se baseiem nas necessidades das pessoas, como as demandas das juventudes periféricas. Daí o surgimento de uma promoção de saúde compreendida como marginal por ser produzida através das periferias, dos desejos das juventudes empobrecidas, que, desde muito cedo, precisaram desenvolver

estratégias para sobreviver a um sistema político pautado na morte a determinados grupos sociais.

Levando em consideração o que já discuti até agora neste capítulo, inicio a discussão sobre a cultura e a arte e como as manifestações artísticas, como as do Slam da Quentura, são construídas e se potencializam como culturas dinâmicas, modificadoras de relações sociais, isto é, dos modos de ser, agir e pensar no cotidiano.

5.2. Arte, cultura e poesia: uma relação estrutural

Nesta seção, apresento alguns conceitos essenciais para o entendimento mais aprofundado das manifestações culturais do Slam da Quentura. Primeiro, destaco a importância das definições de cultura. Em meu Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em 2017, cujo título era “Música, Cultura e Resistência: a aprendizagem musical como forma de transformação social”, defendo, com base em Roque de Barros Laraia (2001), a ideia de que a cultura condiciona a visão de mundo do homem: “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2001, p. 68).

Dito de outra maneira, as práticas culturais são transmitidas de geração em geração e selecionadas ao longo do tempo por cada grupo social (SILVA NETO, 2017). Através dessa compreensão, exponho a questão da dinâmica cultural dos(as) sujeitos(as) de culturas distintas por meio de observações e análises dos modos de agir, vestir, comer e a própria forma linguística (SILVA NETO, 2017).

Laraia expõe o conceito de cultura mediada por uma lógica própria:

[...] todas as sociedades humanas dispõem de um sistema de classificação, [...] entender a lógica de um sistema cultural depende da compreensão das categorias constituídas pelo mesmo. Como categorias entendemos, como Mauss, "esses princípios de juízos e raciocínios ... constantemente presentes na linguagem, sem que estejam necessariamente explícitas, elas existem ordinariamente, sobretudo sob a forma de hábitos diretrizes da consciência, elas próprias inconscientes (LARAIA, 2001, p. 93).

O que quis esclarecer na pesquisa de TCC, por meio de Laraia, é que a cultura se manifesta nas maneiras de ser dos(as) sujeitos(as), concretizando-se nos costumes, crenças, modos de agir e pensar das sociedades. Assim, defendi a ideia de que música é cultura (MERRIAM, 1964), isto é, a música se mostra através de tipos de linguagens, símbolos e sons que fazem parte de um determinado período histórico e, como qualquer outra manifestação humana, sofre influências do contexto social em que é produzida.

Assim como Blacking (2007), trabalhei a compreensão da música levando em consideração uma análise verbal, em que as pessoas devem escutar, interpretar e avaliar a música como os pesquisadores e acadêmicos fazem em seus trabalhos. Dessa forma, a problemática analisada no meu TCC foi a compreensão das pessoas e como elas se integram, utilizando inúmeras maneiras de experienciar a arte musical. Ademais, como as pessoas mantêm a relação da música em suas vidas, isto é, como a arte musical impacta em seus modos de ser e agir no cotidiano (SILVA NETO, 2017).

Esse conceito de Laraia é interessante para este trabalho de mestrado porque é uma introdução para que as pessoas que lerem a pesquisa consigam captar cultura como um conjunto de práticas e saberes que são desenvolvidos ao longo da história e passados de geração em geração. Logo, exponho a poesia marginal como uma arte poética dentro de dinâmicas culturais que tem uma relação direta e indireta com as maneiras de pensar, agir e ver os cotidianos.

Passo, agora, para o que Clifford Geertz, em seu clássico livro *A interpretação das culturas*, defende sobre cultura. O autor traz à tona a desilusão com a ciência tal como se concebia à época: uma busca por explicações de fenômenos subordinados a leis gerais. Nesse sentido, Geertz define cultura como uma teia de significados que o próprio homem teceu e que possui uma superfície enigmática, a qual se deve ter algum acesso (GEERTZ, 2008). Ele destaca: “O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 1989, p. 4).

O objetivo de trazer esse autor nesta pesquisa é pelo “fator desafio” de investigação social que pesquisas como as de TCC e de mestrado que empreendi buscam atingir, e que consiste justamente nesses sentidos dados em cada experiência, que variam de participante para participante. Quero destacar, por meio de Geertz, o ato de esmiuçar uma dinâmica de entendimento cultural como um “ser no mundo”. Explico melhor, essa ideia ilustra minha metodologia exploratória e vivencial como pesquisador, narrador e sujeito no mundo. Com isso, almejei, nesta pesquisa, trabalhar a práxis da poesia marginal e as suas condições de exposição no mundo, além das pessoas que as produzem, que ao se expressarem se identificam como sujeitos e sujeitas no mundo e desenvolvem potências de vida, produzindo saúde.

Mostro, assim, minha voz e discurso a partir de leituras da vida e do mundo das obras e, para além disso, de minhas vivências no Slam da Quentura. Exponho essa teia de sentidos não como algo estático, mas dinâmico, mutável e que ancora saberes e modos de vida que são marginais, subversivos, resistentes. O Slam da Quentura é um movimento cultural; é

movimento justamente porque vai mudando a cada edição, além de ser um espaço, um momento, um pedaço da cidade que é retomado com o intuito de gerar arte, que muitas vezes não é compreendida por grande parcela da população, mas que produz saúde, lazer, amor, laços de amizade e respeito entre as juventudes periféricas sobralenses.

Diante da exposição desses fatos sobre cultura, por meio de Laraia, com uma lógica própria, dinâmica e imersa em grupos sociais, e de Geertz com a ideia de teias de relações, apresento a concepção de John B. Thompson (1995). Este autor reformula as compreensões do conceito de cultura por entender que os simbolismos da vida social estão inseridos em estruturas que se vinculam com os mais diversos tipos de conflitos e desigualdades (THOMPSON, 1995). Logo, são significativas no que tange à distribuição de recursos e poder.

Para entender melhor a definição de cultura de Thompson é essencial se ater a outro de seus conceitos: o de ideologia. Para o autor, ideologia vincula-se à dominação e está a serviço dela. Em outras palavras, “está a serviço” quer dizer que há mobilização de formas simbólicas que são desenvolvidas nas relações nos mais diversos contextos sociais. Essas formas seriam:

um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos. Falas linguísticas e expressões, sejam elas faladas ou escritas, são cruciais a esse respeito. Mas formas simbólicas podem também ser não linguísticas em sua natureza (por exemplo, uma imagem visual ou um construto que combina imagens e palavras) (THOMPSON, 1995, p. 79).

Desse modo, uma forma simbólica será ideológica quando em dado contexto social, histórico e cultural desenvolver relações de dominação. Inversamente, há de ser contestatória e crítica de tal ideologia quando mina essas relações (THOMPSON, 1995). Assim, a compreensão do potencial ideológico ou contestatório de uma forma simbólica deve destacar o vínculo entre os sentidos manifestados por ela e as relações de dominação que tais sentidos mantêm ou subvertem (LOPES, 2014). Por isso, é imprescindível salientar os contextos sócio-históricos específicos nos quais essa forma simbólica é desenvolvida, transmitida e recebida.

Tendo estabelecido isso, retomo o conceito de Thompson. Desde o livro *A interpretação das culturas* de Geertz (2008) existe um entendimento de cultura atrelada às teias de significados produzidas pelas pessoas, sendo estas também responsáveis pela análise das teias. Segundo Thompson (1995), essa abordagem propõe a “concepção simbólica de cultura”, que coloca a cultura como um conjunto de significados incorporados nas formas simbólicas, por meio dos quais as pessoas se comunicam, compartilhando suas vivências, modos de pensar, agir e ser.

Há, no entanto, uma falha nesta concepção, pois ela não leva em consideração, de forma precisa e cuidadosa, os problemas de poder e conflitos e os contextos sociais estruturados

dentro dos quais os fenômenos culturais são constituídos, difundidos e recebidos (LOPES, 2014). Segundo Thompson (1995):

[...] Mas os fenômenos culturais também estão implicados em relações de poder e conflito. As ações e manifestações verbais do dia-a-dia, assim como fenômenos mais elaborados, tais como rituais, festivais e obras de arte, são sempre produzidos ou realizados em circunstanciais sócio-históricas particulares, por indivíduos específicos providos de certos recursos e possuidores de diferentes graus de poder e autoridade; e estes fenômenos significativos, uma vez produzidos ou realizados, circulam, são recebidos, percebidos e interpretados por outros indivíduos situados em circunstanciais sócio-históricas particulares, utilizando determinados recursos para captar o sentido dos fenômenos em questão (p. 180).

Essa é a chamada “concepção estrutural da cultura” e ela me guiará como categoria exploratória de compreensão das relações sociais do Slam da Quentura. O Slam da Quentura é um fenômeno cultural, logo, deve ser analisado como movimento composto de formas simbólicas socialmente contextualizadas. Por isso, meu objetivo ao elencar essa proposta é potencializar esse movimento cultural como constituído de significativas formas simbólicas, assim, contextualizarei o espaço em que ele se manifesta, destacando as relações sociais, que, de antemão, produzem uma subversão da ordem dominante, pois são formas simbólicas contestatórias, que minam as formas dominantes. Explicarei isso de forma mais aprofundada na seção seguinte, na qual colocarei em evidência o espaço ocupado pelo Slam da Quentura e como se dão as relações dentro deste espaço ou como diz Magnani (2002): no pedaço.

5.3. “O Slam é muita viagem. Define assim no teu trabalho: o Slam como uma viagem”

Nesta seção, adentro as questões relacionadas ao espaço que o Slam da Quentura ocupa, evidenciando essa territorialização junto às atividades que são desenvolvidas pelo movimento. Baseio-me na dissertação de mestrado em Geografia de Vicente Sousa denominada “*A poesia como narrativa do espaço: o bairro e o lugar sob a dinâmica do território na periferia de Sobral/CE*” para falar sobre territorialização e Slam.

Antes de abordar a poesia marginal e o espaço onde ocorre o Slam da Quentura é imprescindível definir territorialidade, território e territorialização. A partir das ideias de Fuini (2014), territorialidade é próprio conteúdo do território, em que se pautam relações sociais que atribuem sentido, valor e função aos objetos espaciais. Ela está relacionada a diferentes modos de usos do território. Dessa forma, a territorialidade é vinculada a grupos sociais e movimentos culturais, logo, pode ser associada ao Slam da Quentura.

Já no que diz respeito à territorialização, Souza (2013) estabelece que é uma ação de deslocamento para outro lugar, produzindo sentidos, vivências e experiências. Afirmo que o Slam da Quentura territorializa, mesmo que por um determinado tempo, na medida em que há

uma práxis de territorializar um fragmento espacial citadino, elitizado, para promover saúde marginal por meio do recitar de poesias, das coletividades e das relações que são formadas ali, dos gestos e semblantes de felicidade. É um espaço (re)conquistado.

Como menciona Fran ao falar das pessoas, das poesias, do espaço:

[...] O que elas têm a dizer e o que elas produzirem. Isso, pra mim, representa um espaço... lugar de fala pra várias pessoas. E, assim, eu fico muito feliz de ouvir cada... cada pessoa que vai lá...é... me contempla essa fala. Pra mim, é um espaço de ver a própria evolução de cada um, é um espaço de... é meio que... como posso dizer? Assim...tem várias pessoas, de vários bairros diferentes e naquele momento ali não há rixa, entendeu? Assim, naquele momento, é um momento que todo mundo tá lá pra contemplar, é... a arte, a poesia [...].

De acordo com Vicente Sousa (2019) não se trata da mesma literatura dos “gostos aguçados”, requintados de uma elite embranquecida, com costume de poesias do tipo canônicas, é uma ação contestatória, “nadando contra a corrente normativa”, com o objetivo de dar visibilidade às juventudes periféricas que por tanto tempo foram silenciadas. Como Fran comenta: “o Slam como espaço, também, de denúncia, né?! Denúncia do descaso do estado, denúncia de agressão, né?! E é um espaço plural, assim.”

As poesias marginais declamadas no Slam da Quentura tem um requinte nu e cru, em que são desenvolvidos relatos vivenciais sobre as opressões diárias vividas por slammers, ou seja, são desabafos, mostras de luta, busca por reconhecimento, empoderamento e denúncia (SOUSA, 2019). É notável o caráter minimamente homogêneo e intersubjetivo das pessoas que compõem o Slam da Quentura, uma vez que aquilo que é recitado na poesia de um possui relação de identidade e pertencimento com os(as) demais (SOUSA, 2019).

Em síntese, quando trago as questões de territorialidade, territorialização e território, quero enaltecer as formas simbólicas que perpassam o Slam da Quentura, que possui como instrumento artístico principal a poesia marginal. Fuini (2014) levanta a pauta de que a territorialização (ou reterritorialização) seria o movimento de desenvolver referenciais simbólicos e identitários (materiais e imateriais) atrelados a um recorte espacial definido, formando, assim, uma unidade. Também é denominado enraizamento territorial e é justamente isso que o Slam da Quentura faz, territorializa, implanta um enraizamento nesse território num movimento fixo uma vez por mês, manifestando atividades que produzem uma simbologia identitária que une diversos(as) jovens em torno de objetivos comuns.

A poesia se torna um grito, um ato político, uma exaltação dos lugares de origem, sobretudo quando manifestam a quebrada, a favela, a “perifa”, como uma forma de criar uma nova visão não atrelada apenas à violência e ao tráfico de drogas, mas às potências de vida, como destaquei no capítulo anterior. É importante salientar que o Slam não se resume a poesias,

ele inclui também o poder de informação e o tráfico poético, além do lazer que se concretiza nos abraços, sorrisos, no beijo na boca, numa troca de olhares, ou mesmo em goles e mais goles de vinho barato. Essa forma de ocupar também é resistência, também é política.

Figura XV - Público interagindo na 22ª edição do Slam da Quentura.



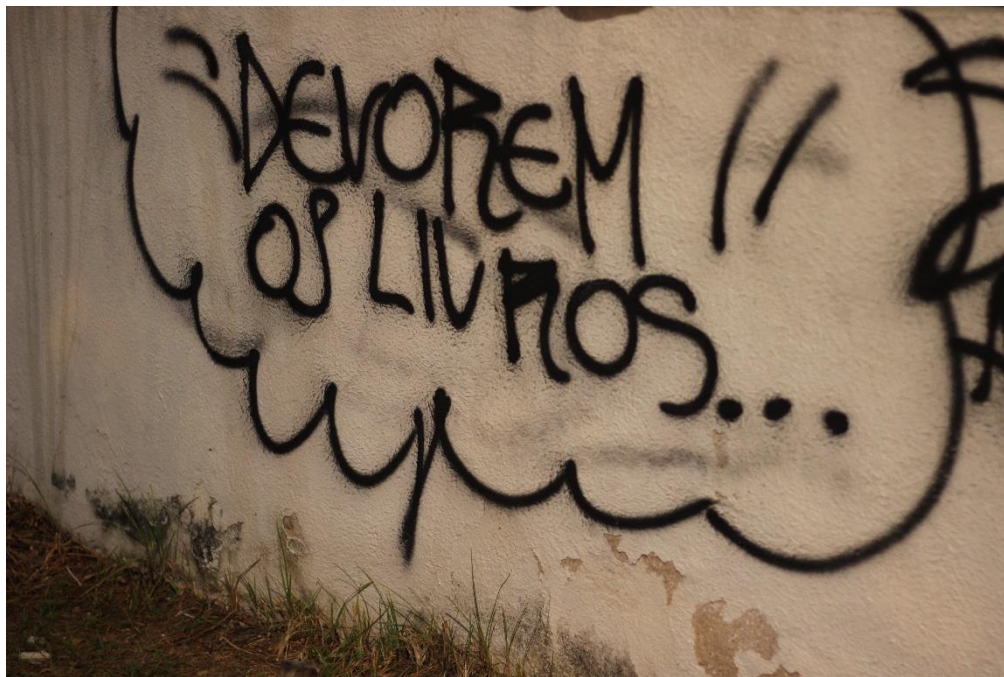
Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

Há nesse espaço uma diversidade de grupos que se identificam com os diversos assuntos tratados por cada slammer nas poesias, mas também com os diálogos durante a noite no Slam, transformando a praça do FB em um território poético e periférico, mesmo que as atividades do movimento ocorram no centro da cidade (SOUSA, 2019). Acredito que, assim como Vicente Sousa declara em sua dissertação, essa territorialização se dá como práxis de resistência desses(as) sujeitos(as). Complementando as ideias do autor, ocorre uma (re)apropriação do espaço público não só para afirmar suas existências, mas também para potencializar suas formas de ser, agir e pensar no mundo. Práxis contestatórias dentro de formas simbólicas pautadas em uma política de morte são potências de vida ancoradas nas artes marginais, na coletividade, no respeito, no amor e no lazer.

Em minhas vivências ao longo das edições do Slam da Quentura, constatei que as pessoas que o integram são de movimentos ligados ao Hip-Hop, rappers, b-boys, além de indivíduos engajados nas lutas LGBTQIA+, feministas e curiosos(as). É essencial fixar essas territorialidades que, como Gabriel Souza (2013) define, são espaços experienciais, percepções do vivido, significações, ou seja, estão atreladas à dimensão cultural-simbólica. Por isso, foi importante aplicar as ideias de Thompson (1995) em relação às formas simbólicas, além da sua definição de cultura. Essas territorialidades são formas simbólicas de confrontar as estruturas

dominantes, aquelas que se dão nas entrelinhas, que segregam, matam e oprimem (SOUSA, 2019).

Figura XVI - Pichação no anfiteatro da Praça do FB, onde ocorrem as edições do Slam da Quentura.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

A cada abraço, beijo, troca de olhares, riso ou poesia declamada, há uma esperança para as juventudes periféricas: existem potências de vida que buscam reescrever suas histórias, que foram/são oprimidas diariamente. Como declararam Guattari e Rolnik (1996), o território pode se desterritorializar, e o Slam da Quentura faz isso quando passa a abrir-se e engajar-se em linhas de fuga de uma realidade desigual, excludente e pautada em uma política de morte. Com a expressão “linhas de fuga” jamais me refiro a qualquer forma de fuga de problemas ou a nenhuma espécie de assujeitamento dessas juventudes. Quero colocar em evidência as atividades de enfrentamento²³ que remetem a uma “viagem”, uma fuga de uma normativa imposta de forma silenciosa, em que se coloca nas entrelinhas que pessoas de periferia não devem ocupar o centro, devem ficar às margens.

Em relação a essa viagem, Fran ressalta justamente o que já venho elencando: “*uma viagem por cada um que tá ali recitando, e isso... perpassa pelas questões de onde as pessoas vêm, o local de fala delas. Uma viagem pelas inquietações de cada pessoa que tá ali recitando ou participando da Batalha*”. Diante disso, detalho a seguir as atividades do Slam da Quentura

²³ As atividades que ocorrem no Slam da Quentura: disputa poética, o palco aberto e a batalha de MCs.

e os sentidos que elas podem representar para quem participa dessas ações, desde novos sentidos de vida a uma aprendizagem coletiva, espaços de lazer e de atividades que auxiliam em seus processos de saúde e reflexão sobre suas condições sociais.

5.4. “E o Slam, pra mim, é isso: É você falar o que você sente”

Antes de falar sobre os sentidos que as pessoas informantes relataram durante as entrevistas, acredito ser necessário apresentar as atividades do Slam, pois é a partir delas que empreenderei as discussões sobre os significados do Slam da Quentura. A primeira atividade a ser detalhada é o ápice do Slam, nesse caso, a Disputa Poética.

Como descreve Aline Sabino (2018) em seu Trabalho de Conclusão de Curso, cujo título foi “Performance e aprendizagem no Slam da Quentura em Sobral, Ceará”, a disputa segue dessa forma: “[...] cada pessoa recita uma poesia autoral, com um tempo máximo de três minutos e é julgado por um júri popular. Os poetas são chamados de slammers e os jurados são pessoas da plateia, escolhidas aleatoriamente pelo slammaster (apresentador/mestre de cerimônia)” (p. 1). Esse é formato geral de slams espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Há ainda o Palco Aberto (também chamado de Microfone Aberto), o qual ocorre em revezamento com a Disputa, e que, como o próprio nome diz, é aberto para qualquer atividade artística, seja poesia, música ou até mesmo um aviso, um comunicado.

Em minhas vivências nas edições do Slam da Quentura tive o prazer de ser jurado. É um posto importante, pois é a partir das notas que os(as) jurados(as) dão que sairá a pessoa vencedora da noite. O que me chamou mais atenção ao longo das edições não foi a disputa em si, mas o impacto das poesias. Pelos semblantes das pessoas a cada poesia declamada, ficam nítidos inúmeros tipos de reações: risos, aplausos, gritos, euforia. O que foi constatado por mim e relatado em bate-papos regados a vinho com as pessoas no Slam foi que a Disputa Poética é uma desculpa para o encontro.

É evidente a importância de haver uma classificação entre os participantes, pois é o formato de todo slam, mas o “Quenturinha”, como muitos o denominam, reforça a relevância da voz e vez. Como afirma Neto Duarte durante nossa entrevista:

[...] dar voz e vez. Dar aquela voz à pessoa e o silêncio pra ela saber que tá sendo escutada. O foco mesmo, a missão do Slam é dar voz a pessoa, se sentir parte do mundo, gritar, remoer tudo que tá dentro dela através de um texto e jogar para os outros escutarem e aplaudirem no final. Acho que essa é a mensagem, pra pessoa se sentir também valorizada em meio ao caos que ela vive.

Esse encontro traz questões de amparo e de lugar de escuta, relatos que podem ser ouvidos através da poesia, crua, nua, sem preciosismos. Por vezes, acompanhei as edições e vi que após a declamação de poesias há choros de desabafo e alívio por conseguir ir ao centro do

anfiteatro e relatar suas emoções, seus engasgos. Isso também se insere na questão da Promoção de Saúde Marginal, pois falar e ser escutado(a) é promover saúde, principalmente no que diz respeito às pessoas que não possuem espaços adequados para serem escutadas, seja por causa das diversas formas de exclusão, como o não alcance de políticas públicas, seja pelo contexto de violência cotidiana que muitos e muitas do Slam da Quentura vivenciam diariamente.

Figura XVII: Neto Duarte recitando no Palco Aberto na 20ª edição do Slam da Quentura.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

Quando falo de sentidos me refiro a essas sensações, esses impactos que foram relatados. É uma territorialização de sentidos, na qual formas simbólicas através da arte são manifestadas, (re)ocupando um espaço público e potencializando vidas. Para Neto, o Slam da Quentura é sua vida e uma maneira de ser mais reconhecido pelas suas artes:

Cara, o Slam pra mim... Hoje em dia quer dizer minha vida, bicho. É minha vida. Vida que eu sempre quis gritar. Nunca fui um cara muito de conversar sobre o que eu tava passando, então o Slam também me deu voz, me deu vez, me fez eu ser conhecido em Sobral. Era conhecido por espetáculos, mas em um grupo seletivo de pessoas. Era só quem ia ao teatro ver os espetáculos da companhia. O slam não, quando eu vejo uma pessoa compartilhando um vídeo meu, cara... A felicidade é enorme, reconhecimento lá em cima que o Slam me trouxe.

O grito representa saúde, a qual, infelizmente, as políticas públicas não conseguem abarcar. Vozes que passam a exercer uma cidadania ativa, rompendo, mesmo que minimamente, a pobreza política (DEMO, 1996). Com essa discussão, fica evidente que a poesia marginal e as relações sociais desenvolvidas na Praça do FB pelas atividades do Slam da Quentura são potencializadoras de novos sentidos, na medida em que promovem saúde e novas percepções de vida e trazem uma educação reflexiva informal.

Marcela Senna, slammer e feminista, relata em um dos diálogos da entrevista que a saúde mental faz parte das atividades do Slam da Quentura:

O Slam, ele é um abre-portas muito grande pra saúde mental. Essa menina de 13 anos, ela... ela é slamer do Slam das Cumadi. A primeira vez que ela recitou foi no Slam das Cumadi. E agora, na edição de quinta-feira, ela disse que tava começando com uma depressão e... já tava se cortando, já tava se mutilando... Aí foi quando a Cacheada, a Cacheada Santos, que já é conhecida e... as meninas do Slam... ela falou que a Cacheada e o Slam das Cumadi foi uma abertura pra ela, pra ela... espairer a mente dela e deixar isso pra trás. E hoje ela tá aí, recitou quinta-feira e recitou aqui. E isso me deixou muito feliz, porque ela tá preservando a saúde dela, o corpo dela, a mente dela, entendeu?

Figura XVIII - Neto Duarte e Fran Nascimento na 20ª edição do Slam da Quentura.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

Não posso afirmar que o Slam da Quentura salva vidas ao ponto de resolver os problemas e traumas das pessoas, mas é notório, durante todas as minhas convivências com pessoas ligadas ao Slam, que ele mantém uma relação íntima com a saúde, quando se compreende saúde de uma forma ampla e não unicamente ligada aos órgãos, músculos e ossos. A poesia marginal, a territorialização e a confraternização, diante de um cenário que não promoveu sequer direitos básicos, como saúde e educação de qualidade, são transformadoras, potência e saúde.

Essas práxis transformadoras do Slam vão desde uma conversa tomando vinho a um recitar de poesias. Assim afirma Marcela Senna:

O Slam, eu acho que é um... é... é uma porta de luta, de resistência, de fala. É um local de fala. Isso. É um local onde você vai falar o que você pensa, o que você sente, o que, é... você vê, você vive. E o Slam, pra mim, é isso: É você falar o que você sente. [...] É um local onde você vai e você é... é... recolhido de braços abertos, entendeu? Você pode errar no meio do Slam. Você pode parar e esquecer. Mas se você falar “Gente, eu posso começar?”, todo mundo vai te apoiar, entendeu? E isso é lindo, isso que é família: é um apoiando o outro. Pra mim, o Slam é isso.

A família aqui não diz respeito a laços consanguíneos, mas a acolhimento, abraços, convivência, vivências coletivas e novos conceitos de famílias, como já foi discutido no segundo capítulo “*Representações Sociais de juventudes no contexto Científico: o que o Slam da Quentura tem a ver com isso?*” com Weston (2003), em que há o enaltecimento do caráter social das relações.

Figura XIX - Marcela Senna recitando na Disputa Poética.



Fonte: Arquivos de Y.Choice: fotógrafo e filmmaker.

Por fim, me detenho sobre a última atividade que ocorre no Slam da Quentura: a Batalha de MCs. Essa atividade não está no padrão de slams, que geralmente são compostos por Disputa Poética e Palco Aberto. A batalha é uma forma de agregar as pessoas que frequentam o Slam da Quentura. Durante ou mesmo após as atividades no Slam há uma troca de informações, diálogos, que são permeados de reflexões. Explico melhor a partir de uma fala de Fran:

[...] E é um espaço plural, assim. Em que todo mundo tá ali pra falar, assim, mas todo mundo tá pra atender, também, porque quando os meninos, sei lá, quando os meninos da batalha fala pederá, a galera começa a falar que tipo: “Não. Não fala pederá”, sei lá e não sei o que. E começam a falar, vaiar, sei lá. E, assim, é um espaço de aprendizado. O quanto que várias pessoas deixaram de lado seus pré-conceitos sobre vários assuntos, sobre várias questões. Todas as pessoas que já passaram pelo Slam, oficina que já rolou, roda de conversa, né?! É... formatos, também, quem era Slam Master e quem não era. Formato da disputa, como é essa disputa, todo mundo que já colaborou com a premiação, todo mundo que já colaborou com grafite, com picho. É... é um espaço de construção. O Slam, pra mim, é comunidade, né?!

“Pederá” é uma expressão que vem do termo pederastia, que, segundo o dicionário Houaiss (2001), significa prática sexual entre um homem e um rapaz mais jovem. No contexto

de batalhas de rima a expressão se relaciona aos preconceitos que, muitas vezes, são usados nas rimas para difamar o(a) adversário(a) com frases homofóbicas. No Slam, isso não é aceito. Percebi, ao longo das edições, que após as batalhas quase sempre se desenvolviam diálogos com algum(a) MC que tivesse se manifestado de forma preconceituosa.

As batalhas possuem um público majoritariamente de homens e, nesse contexto, mesmo sendo no Slam da Quentura, constatei que ainda há manifestações preconceituosas, principalmente, vinculadas a homofobia. Elas acontecem ora nas rimas durante a batalha (em sutis frases) ou mesmo no encerramento de atividades do Slam da Quentura, uma vez que após as finalizações de suas ações ainda ficam pessoas no anfiteatro tomando vinho, fumando, conversando.

Lucas Elyson, 25 anos, é estudante de direito e proprietário da LeCandy Doceria e costuma frequentar o Slam da Quentura, principalmente nas atividades de batalhas de rima. Ele relatou durante a entrevista que, para ele, o Slam é agregação:

O significado dele é agregar, agregar as pessoas. Agregar as pessoas que... que...partilham desse... desse mesmo desejo, né?! De fazer poesia, de fazer uma rima, de expressar uma opinião sobre algum determinado tema. [...] eu consigo ver o mais variado tipo de pessoa: tem gente de todo tipo lá. Então, uma coisa que me ensinou muito foi a... tipo... aceitar, conviver, é... todas as diferenças que existem. Quando você começa a frequentar uma coisa, que as pessoas começam a falar, você começa a entender, você começa a ver outra visão da coisa, né?!

A tolerância e o respeito às diferenças mantêm relação com uma sociedade saudável e inclusiva e podem se dar em diferentes contextos, levando em conta desde as etapas iniciais do desenvolvimento (DEL PRETTE et al., 2012). A partir da fala de Lucas, constata-se que o Slam territorializa a Praça do FB, lidando com as diferenças por meio de práticas educativas informais para a promoção desses valores. Isso ocorre, como já mencionei, através de diálogos e manifestações contrárias às frases preconceituosas faladas em uma rima, por exemplo. Trata-se, portanto, de uma forma de manifestação plural que busca amenizar as inúmeras formas de violência contra as pessoas LGBTQIA+ e lutar contra os racismos e os machismos.

[...] lá é um lugar que tem... tem o branco, tem o vermelho, tem o preto, tem o gordo, tem o magro, tem o cabelo liso, tem o cabelo enrolado, tem o cara que gagueja, tem o cara que fala alto, tem tudo, tem todo mundo. Então, você... você começa a conviver com mais tipos de pessoas e você começa a perceber... uma pessoa que não conversa com muitas pessoas no dia-a-dia, quando você começa a conversar com todas essas pessoas, você vê que... todo mundo é gente, né?! Que todo mundo, é... que tá ali, é igual você, né?! No final das contas.

Essas lutas constantes inseridas nas atividades do Slam da Quentura, como disse anteriormente, não significam a ausência de preconceitos nesse momento de celebração, mas, como Djamila Ribeiro (2019) afirma, não há como lutar contra os preconceitos e racismos

apenas em um contexto, mas em todos. É uma luta constante e, com certeza, no Slam da Quentura as manifestações plurais se sobressaem em relação à homofobia e o racismo.

Com isso, me encaminho para a última seção desta pesquisa, que trata das percepções das pessoas entrevistadas sobre as questões das artes marginais e sua influência na potencialização do empoderamento, que se vincula direta e indiretamente à saúde, culminando em um “adeus à pobreza política”.

5.5. Empoderamento e saúde: as artimanhas periféricas na luta contra as opressões

Empoderamento é um conceito complexo e que, hoje, talvez esteja sendo criticado não por conta de sua complexidade, mas pelo modo esvaziado com que é utilizado. Portanto, não pretendo fazer uma epistemologia do conceito, mas explaná-lo de forma compreensível e crítica.

Empoderamento diz respeito às dimensões interligadas, que atuam de forma conjunta: a dimensão cognitiva (visão crítica das condições sociais), política (consciência das desigualdades de poder, capacidade de mobilização), psicológica (autoestima) e econômica (renda independente) (STROMQUIST, 2002). A perspectiva de *empowerment* do inglês, segundo o Cambridge Dictionary, significa as artimanhas para ganhar liberdade e poder para fazer o que desejar ou controlar o que ocorre com você. Para muitos(as) pesquisadores(as) esse neologismo foi cunhado por Julian Rappaport em 1977 (BERTH, 2019). Outra leva de pensadores(as) acredita que tal perspectiva foi desenvolvida a partir de Paulo Freire e da Teoria da Conscientização. É nela que me basearei para falar sobre empoderamento. Segundo esta perspectiva, empoderar-se consiste nas pessoas oprimidas passarem a refletir sobre as diversas formas de opressão, desconfiando da docilidade das classes dominantes e das estruturas das relações de poder (BERTH, 2019).

Desse modo, diferente de Julian Rappaport, Paulo Freire determina com sua Teoria da Conscientização (a qual inspirou a Teoria do Empoderamento) que as pessoas oprimidas não precisam receber ferramentas para se empoderarem; eles e elas podem se empoderar por meio de seus próprios instrumentos para desenvolver uma consciência crítica, como a criação do Slam da Quentura por jovens de vários bairros periféricos sobralenses (FREIRE, 1986).

Freire destaca ainda que consciência crítica é tomar consciência das condições de opressão que determinada pessoa vivencia, isto é, “[...] é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica” (FREIRE, 1986, p. 105-06). Assim, contraria a consciência ingênua que distorce os fatos visando à dominação e também diverge da consciência mágica,

que, segundo Freire (1986), teria como objetivo a docilidade, o assujeitamento perante os fatos, e seria uma espécie de cólera da consciência ingênua.

Destaco isso porque falo de um movimento cultural de resistência, de consciência crítica, que busca mudanças não somente individuais, mas também coletivas. Paulo Freire defendia a ideia de denúncia das intolerâncias de grupos sociais que não sabiam lidar com questionamentos sobre situações opressoras e rejeitavam qualquer tipo de reflexão sobre as práxis transformadoras, denominando-as sectárias (FREIRE, 1996). Isso fica bem explícito em dado momento na edição de número 18 do Slam da Quentura no qual a polícia sequer desejou ouvir as pessoas ali presentes. Mesmo com o ofício de liberação do espaço público em mãos, Fran não conseguiu ser escutada pelos policiais, eles não queriam ouvir, nem cogitaram refletir sobre a legalidade do evento na praça. Foram ações sectárias.

Vou ao encontro da ideia freiriana de radicalização, que seria o interesse e a busca por conhecimento, a reflexão sobre realidades cotidianas de forma aprofundada com o objetivo de transformá-las, e com a presença de espaços de escuta, além de comprometimento e partilha de espaço (FREIRE, 1986). No contexto do Slam da Quentura, a prática de territorializar, discutida anteriormente, é justamente uma interessante maneira de radicalizar, que é libertadora porque engaja as pessoas cada vez mais nas ânsias de transformação das realidades concretas, do cotidiano.

Acredito ser necessário falar dessas transformações não como algo radical no sentido de haver mudanças rápidas, que atinjam inúmeras pessoas e culminem em uma extinção das desigualdades no mundo. O que defendo é que tais manifestações transformadoras se dão nas relações cotidianas, num diálogo entre uma poesia e outra no Slam da Quentura ou mesmo diante de tragadas de maconha na praça do FB, conversando sobre as situações da vida. É nas microrrelações que há mudanças de modos de ver, agir e pensar o dia a dia. E isso requer, muitas vezes, como diz Marcela Senna, sair da zona de conforto:

[...] eu passei minha vida toda estudando em colégio particular. Minhas... minhas experiências de amizades eram só com pessoas brancas, classe alta e que só viviam na sua zoninha de conforto. E eu me acostumei com aquela zona de conforto: “Tá bom aqui, tá pra mim, não me importa os outros”. Ai quando eu saí do meu local de estabilidade, aí eu comecei a enxergar outras coisas, outros valores, outras pessoas, entendeu? E acredito que foi nessa saída de... da comodidade, de abrir o olho e enxergar que o outro tá precisando de ajuda e ele precisa ser ajudado, entendeu?

Marcela fala sobre um processo de mudança, um choque de realidade, a saída da zona de conforto que fez com que ela compreendesse realidades diferentes da sua, e, como ela diz, “enxergar que o outro tá precisando de ajuda e ele precisa ser ajudado”. São ações de empatia e é preciso entender esse conceito não apenas como um sentimento natural do ser

humano, gerando uma romantização do termo. Conforme Djamila Ribeiro declara em sua matéria intitulada “Precisamos promover uma coexistência ao nosso redor”²⁴: empatia é a construção intelectual que necessita de esforço e disponibilidade para aprender e escutar. Quando mais a pessoa se dá conta das condições de opressão que vive, bem como outras pessoas também, mais ela se torna empática. Dessa forma, a pessoa necessita sair de sua “zona de conforto” e vislumbrar outras realidades além da sua.

O meu objetivo ao trazer Paulo Freire foi justamente demonstrar a ideia de que não é preciso fornecer instrumentos para que as pessoas desenvolvam-se de forma empoderada, mas sim escutá-las, ofertar espaços e condições necessárias para que elas mesmas exerçam seu protagonismo. É por esse ponto de vista que muitas políticas públicas de juventudes deveriam se pautar, almejando as potências de vida e não focalizando o desamparo e o “deixar morrer e no fazer morrer”.

Nesse sentido, Joice Berth (2019) afirma que

[...] Empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetivadas que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento. No seu sentido mais genuíno, visa a estrada para a contraposição fortalecida ao sistema dominante [...] a movimentação de indivíduos rumo ao empoderamento é bem-vinda, desde que não se desconecte de sua razão coletiva do ser (p. 54).

Algumas coisas precisam ser esclarecidas quando se trata de empoderamento. É imprescindível tomar cuidado com colocações extremistas como a de que se a pessoa oprimida se torna consciente das opressões diárias que sofre ela já se encontra empoderada. Empoderamento, que anda aliado à consciência crítica freiriana, é um processo gradual (BERTH, 2019). Pessoas que fazem parte do movimento do Slam da Quentura, em sua grande maioria, são oprimidas tanto por questões de identidade de gênero e orientação sexual, como pela cor de pele e condição social. Elas podem se tornar conscientes da opressão que vivenciam diariamente, mas isso não retira a dimensão estrutural que as coloca sob condições degradantes. Tornar-se consciente das realidades desiguais e excludentes não garante educação e saúde de qualidade.

Essas barreiras estruturais minam de diversas formas a liberdade das pessoas empobrecidas. Como adquirir uma consciência crítica se a educação pública é repleta de sucateamentos em prol de uma mercantilização educacional? Além disso, existem inúmeras maneiras de silenciamento, como as ações praticadas pela polícia contra as juventudes

²⁴Disponível em: <https://gq.globo.com/Prazeres/Poder/Comportamento/noticia/2018/09/precisamos-promover-uma-coexistencia-ao-nosso-redor.html>.

periféricas e negras, retratadas nos números do Mapa da Violência, ou mesmo formas mais veladas, como no contexto de mestrado acadêmico em Saúde da Família, no qual sequer há uma disciplina que toque nas dimensões de saúde das comunidades negras e periféricas no âmbito nacional, muito menos no contexto municipal. Desse modo, potenciais discussões são rejeitadas e naturalizadas como não convenientes.

Vicente Sousa, 44 anos, mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, é negro e periférico. Conseguiu ingressar no meio acadêmico, mas sofreu as condições de silenciamento que o contexto universitário impõe. Em nossas conversas, destacou que a área de Geografia Humana, da qual faz parte, tendo a Geografia Cultural como ação específica, sofre resistências por parte de universidades que não a consideram Geografia, mas sim Antropologia.

A minha carreira acadêmica tem sido na UVA, com História e Geografia, né?! Fui pra área da Geografia Humana, mais especificamente fiz o recorte da Geografia Cultural, que é um recorte novo, né?! E determinadas universidades, determinadas escolas da Geografia, tem uma certa resistência, também, sabe? São as pessoas mais pragmáticas, mais ortodoxas vão falar “Isso não é Geografia, parece muito com Antropologia”, não sei quê.

Assim como Vicente, vivenciei essas formas de silenciamento no mestrado em Saúde da Família. Desde os “desdêns” de muitos professores em relação à minha pesquisa, que chegaram ao ponto de me fazer questionar se de fato estudar poesia marginal seria uma pesquisa do âmbito da saúde, até piadinhas de colegas de sala, tais como: “vamos fazer algo diferente, chama o Luiz”, “poderíamos apresentar esse seminário em forma de poesia, né, Luiz?”. Não haveria problema algum em apresentar um trabalho em formato poético, mas as expressões e os olhares ao me perguntarem isso representavam outra coisa. Passei a ser o diferente no mestrado, a pessoa que estudava rima, poesia marginal.

Trata-se de um sufocamento que grupos dominantes impõem de forma sutil e acaba se naturalizando. Joice Berth (2019) alega que nesses silenciamentos opressivos há um não-escutar de vozes por parte de grupos opressores e muitas vezes as pessoas oprimidas deixam, com o tempo, de tentar falar sobre suas questões ou passam a falar apenas o que grupos dominantes permitem. É um silêncio institucional, com práticas que manifestam esse silenciar não somente individual, mas coletivo, de grupos.

Como disse no início desta seção, falar de empoderamento é complexo. É necessário cuidado e aprofundamento. Até aqui duas noções são fundamentais: o processo de empoderar-se não se dá individualmente, e sim aliado com a coletividade. Além disso, ele é lento e gradual e necessita de uma luta constante, haja vista não somente as opressões individuais, mas também estruturais.

Nessa parte final da pesquisa, abordo o empoderamento feminino. Como já pontuei, não almejo fazer um histórico epistemológico das inúmeras discussões acerca do que seria empoderamento. Faço apenas um recorte a partir de Paulo Freire e Joice Berth para pôr em discussão a relação entre consciência crítica, empoderamento e lugar de fala.

Discorrer sobre empoderamento feminino é minha obrigação como pesquisador não no sentido de ocupar um espaço que não é meu, mas no de abranger o que me foi dito em entrevistas e bate-papos durante minhas vivências no Slam da Quentura. Tendo em vista que já discuti lugar de fala com base em Djamila Ribeiro (2019), meu objetivo agora é traçar um paralelo entre este conceito e o de empoderamento.

[...] Lugar de fala [...] enquanto instrumento de luta pelo direito de existir, o preenchimento da lacuna que os cânones do pensamento universal deixaram. [...] o empoderamento é a continuidade do processo que garantirá que essa existência pleiteada pelo lugar de fala se desenvolva de maneira plena e eficiente nas ações para a emancipação possível de mulheres negras e de outros sujeitos sociais oprimidos (BERTH, 2019, p. 64).

Em outras palavras, toda luta social mexe com tensões, incômodos e privilégios. Falar sobre empoderamento para uma classe dominante que possui um medo enorme de perder sua posição social é complexo. Nesse sentido, ao menor sinal de “perigo”, as classes dominantes saem em defesa de seus privilégios, acreditando que são seus por direito e passando, dessa forma, a desconsiderar acúmulos e excedentes que custam a exploração e escassez de outros(as) (BERTH, 2019). Surgem daí inúmeras artimanhas de exclusão, seja por meio de estratégias sociopolíticas usadas por grupos dominantes nas formulações de políticas públicas, seja pelo uso de ferramentas privilegiadas para justificar suas benesses sociais.

Figura XX - Fran, Bicha Poética, Diego e Layze recebendo a dissertação de mestrado em Geografia de Vicente Sousa. 18º Edição do Slam da Quentura.



Fonte: Vicente Sousa e Dedita Ferreira – Acervo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME.

Quando Marcela Senna fala sobre suas questões pessoais em relação as suas mudanças no cotidiano com o Slam da Quentura, percebe-se um processo de saída da zona de conforto e enfrentamento das formas sutis de dominância masculina, patriarcal, embranquecida:

Tanto na família quanto no trabalho, porque a partir do momento que os meus pais acordam e veem uma menina que... que era normal, na zona de conforto dela e ela decide não alisar mais o cabelo, deixar o cabelo cachear na transição, aí já começa a mudar. Aí quando a filha começa a escrever poesia e ir pro movimento de revolução, eles começam a estranhar e a julgar, por que mulher... meu pai disse isso: “mulher tem que ficar em casa, não tem que ir pro meio da rua lutar”, entendeu? Isso é uma resistência que eu vou construindo e eu não paro, porque eu ganho força aqui. Toda vez que eu venho, eu ganho mais força. Não importa o que os meus pais falam, não importa o que as pessoas do meu trabalho branco, burguês, pensam. O que importa é o que eu sinto e minha cabeça e minha mente, que é aberta a todas as opções, entendeu?

O empoderamento, bem como o lugar de fala, são manifestações, práxis transformadoras que descortinam as boas vontades culturais, uma vez que se anseia por igualdade sem questões sintomáticas e confusas no que tange à ética, como as classes dominantes possuem e demonstrei na seção “*O silêncio te frustra? Lugar de Escuta Assusta*”.

A questão do empoderamento é bem mais ampla que sentimentos individuais, ele se dá nas relações sociais, no vínculo, no cuidado e na construção empática. Esse conceito atinge aspectos de saúde, política, manifestações individuais e coletivas. Quando trouxe esse conceito a pretensão foi demonstrar as relações íntimas que existem entre ele e as definições de consciência crítica de Paulo Freire, de Promoção de Saúde Marginal que explicitarei nessa

pesquisa e do lugar de fala de Djamila Ribeiro, nas propostas de luta por reconhecimento e cidadania ativa.

Ao ler esta pesquisa, espero que leitores(as) compreendam que empoderamento é também promover saúde, não como algo medicalizado, embranquecido, dentro de hospitais e Centros de Saúde da Família. Ela é feita e organizada nas ruas, na territorialização da Praça do FB e nas microrrevoluções cotidianas. Quando Layze fala sobre o Slam da Quentura e seus significados, pode-se perceber a real importância de um movimento de juventudes como esse:

Tanto o Slam da Quentura como o Slam das Cumadi, eles fazem eu sentir que eu estou me salvando e estou salvando outras pessoas comigo. É como se eu tivesse num navio enorme e eu tivesse a chance de salvar várias pessoas que tão ali, no meio do oceano, perdidas, sabe? É me sentir salva todas as vezes que eu me sento naquele anfiteatro, no último sábado do mês, toda vez que eu posso ir. É me sentir acolhida. O Slam, ele é acolhimento. O Slam é cuidado, porque vai muito além do cuidado que a gente tem com as pessoas, com a nossa plateia, né?! O cuidado, ele parte desde a organização, até o evento, de fato. Eu digo isso, porque... meu Deus, a hora... a hora que o VLT passa... é... Enfim, eu falo muito do cuidado, porque o Slam, ele... a criou uma rede de apoio mesmo, que vai desde as pessoas que compõem a organização do coletivo, até o momento que acontece o ápice, né?! Que é o evento.

Em síntese, a importância de se empoderar reside não apenas no âmbito individual, mas também no coletivo. Ao trazer as questões de empoderamento, desejei traçar uma perspectiva que entrelaçasse promoção de saúde marginal e empoderamento, pois acredito que, mesmo que este conceito trate essencialmente de uma práxis política (BERTH, 2019), ele perpassa todas as nuances que envolvem a coletividade, dentre elas o cuidado e a saúde produzidas nas relações sociais territorializadas na praça do FB.

Por fim, jamais se deve entender que uma pessoa empodera outra. É uma ideia errônea a respeito do conceito. O que ocorre é que empoderamos a nós mesmos a partir de nossas relações com as outras pessoas. O “cuidar” que Layze menciona se refere ao empoderar a si mesma, amparando outros(as) jovens em seus processos, conscientes de forma reflexiva de que o empoderamento ocorre pelo mecanismo individual e coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi desconstruir a ideia biomédica de promoção de saúde, trazendo à tona uma nova perspectiva: a de Promoção de Saúde Marginal. Minha tentativa foi de ancorar saberes amplos sobre promoção de saúde e constatar que as juventudes periféricas não se limitam aos processos de desigualdades, empobrecimento e diversas formas de opressão. Nas periferias sobralenses existe amor, coletividade e resistência a uma política de morte que escolhe quem vive e quem deve morrer.

Busquei evidenciar por meio de entrevistas e vivências no movimento Slam da Quentura as suas relações com as perspectivas de saúde, promovida por eles e elas a partir da manifestação das mais íntimas emoções. Para além da resistência ao massacre tático de uma bio-necropolítica, as pessoas que se encontram nesta celebração marginal produzem lazer, muitas vezes não encontrado em seus cotidianos que são repletos de violação de direitos.

Comecei abordando, no capítulo I da dissertação, as metodologias utilizadas na pesquisa e as suas relações com o Slam da Quentura. Busquei explicar os porquês da escolha de técnicas de entrevistas, Observação Participante e Etnografia e coloquei em pauta uma análise discursiva baseada na visão de Orlandi, Foucault e Bakhtin. Dessa forma, tracei um parâmetro de compreensão manifestado nas potências das falas dos e das informantes que participaram das entrevistas, além de suas poesias.

Já no capítulo II, discuti as representações de jovens na história brasileira recente de políticas públicas a partir de uma revisão integrativa. Ancorei-me na Teoria das Representações Sociais e em autores clássicos, como Moscovici (2010), Jodelet (2001) e Pedrinho Guareschi (2000). Nesse capítulo, tive o objetivo de traçar um viés dialético entre os estudos sobre as representações sociais obtidos com a revisão integrativa e as falas dos e das informantes sobre o que são juventudes.

Nos capítulos III e IV explanei as políticas sociais, tendo como base o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Utilizando Foucault, Agamben, Mbembe e Fátima Lima abordei o crime perfeito brasileiro e pontuei as perspectivas da bio-necropolítica como um “fazer morrer e deixar morrer”. Quando discuti as potências de vida, no capítulo IV, colocando em evidência uma nova biopolítica, almejei não mais uma política centrada no controle sobre a vida ou mesmo sobre a morte, mas na potência de vida, ancorada, principalmente, na perspectiva de Pelbart e de Deleuze.

Por fim, no capítulo V, apresentei os conceitos de saúde de Capra (2006) e um breve histórico sobre a saúde pública no Brasil, no qual expus a minha perspectiva de promoção de saúde: a marginal. Ela é mais ampla e vinculada às artes de juventudes sobralenses, especificamente, as periféricas. Assim, objetivei apresentar e defender as perspectivas marginais de saúde, fornecendo uma nova compreensão acerca do “marginal”, do “periférico”, desmistificando as representações sociais opressoras de periferias restritas unicamente a produzir violência. As artes das poesias marginais são uma forma de resistência e lazer e constroem formas de empoderamento e cidadania ativa, diretamente relacionados à saúde.

Em relação à trajetória percorrida neste trabalho, ressalto que algumas questões podem ser abordadas de forma mais profunda em pesquisas futuras. A primeira, por exemplo,

é a perspectiva psicanalítica sobre repressão e projeção, conceitos que podem ser aprofundados a partir de uma intersecção com a problemática do racismo, enriquecendo a literatura científica. Além disso, percebi um amplo movimento de diversidades vinculado às identidades de gênero e orientações sexuais que também são importantes para trabalhos futuros dentro desta perspectiva de movimento cultural, como no Slam da Quentura.

Outra questão relevante é que, neste trabalho, vivenciei as manifestações linguísticas através de entrevistas de pessoas vinculadas ao Slam da Quentura. Infelizmente, as visões de profissionais da Estratégia Saúde da Família – ESF não foram contempladas. Isso se deve à dificuldade de encontrar profissionais disponíveis para uma entrevista bem como pelo descaso por parte de alguns profissionais que mesmo aceitando dialogar não compareceram na data acordada para a entrevista. Acredito que seria bastante enriquecedor para esta pesquisa trazer o ponto de vista da ESF tanto no que tange à saúde como no que se refere aos movimentos de juventudes.

Feitas essas considerações, aponto que esta pesquisa se pautou nas falas dos(as) participantes, tendo em vista a compreensão de que cada sujeito(a) concreto(a) possui vivências singulares em relação a cada pauta abordada durante as entrevistas e diálogos no Slam da Quentura. Dessa forma, as respostas dos(as) informantes compuseram um tecido único e desbravador, mas por quê? Ora, pesquisar sobre poesia marginal numa pós-graduação em saúde vinculada exacerbadamente à vigilância e prevenção, e que, muitas vezes, privilegia números e não pessoas, é um ato de resistência, a qual luta por direitos iguais e vai de encontro às perspectivas colonizadas de saber, embranquecidas e pautadas, muitas vezes, numa visão restrita de saúde.

O primeiro objetivo da pesquisa foi compreender de que forma o Slam da Quentura produz saúde. Por meio disso, cheguei a categorias como as de juventudes periféricas, poesia marginal e políticas de morte direcionadas a uma minoria empobrecida, oprimida pelas relações de poder que massacram o cotidiano de muitos(as) jovens sobralenses. Alcancei a categoria principal deste trabalho, que foi a Promoção de Saúde Marginal, destacando-a como uma práxis desenvolvida pelas juventudes empobrecidas, marginais, periféricas, partindo dos seus desejos e traçando uma coletividade que não se restringe a falar sobre as dores mais íntimas, mas se estende ao lazer baseado em abraços, beijos e goles e mais goles de vinho barato. Desse modo, tem-se identidades construídas nas diversas formas de celebração dentro das práxis transformadoras do Slam da Quentura.

Além disso, busquei entender qual a percepção que as juventudes sobralenses participantes desse movimento têm em relação à saúde e as suas necessidades, levando em

consideração a ESF. Nesse sentido sugeriram compreensões acerca da saúde como não atrelada apenas aos músculos, aos ossos, ao físico, ou seja, uma visão mais ampla, vinculada ao recitar de poesia e ser escutado(a) por pessoas, abraçado(a) e embriagado(a) por sentimentos de acolhimento, coletividade e lazer.

A partir desses dois objetivos de pesquisa, pude verificar outras considerações importantes: saúde é também promover espaços de escuta e manifestação das mais diversas artes, incluindo a arte marginal, periférica, e todas essas ações devem partir das pessoas que as desejam, isto é, devem ser construídas com eles e elas e não traçadas por uma hierarquia bio-necropolítica, que manda e desmanda nos corpos das minorias, minando cada passo, destruindo a liberdade de escolha e matando os direitos de cada sujeito(a).

Este estudo sugere a necessidade de mais pesquisas sobre as periferias, as juventudes negras e empobrecidas, mas não em uma perspectiva de assujeitamento, passividade e de complexidade negativa, apontando unicamente desigualdades, restrições, carências e falta de direitos, e sim com evidências de periféricos(as) como protagonistas, ativos(as) socialmente, artistas, produtores(as) culturais, poetas, poetisas e poetas. Neste caso, isso se deu com linguagens poéticas de letramentos de reexistências, que territorializam a praça do FB, produzindo saúde.

Enfim, para produzir uma práxis transformadora há de se ter também uma visão desconstruída sobre saúde, periferia, poesia, marginal. Pesquisadores(as) de saúde devem traçar aspectos históricos, culturais, dinâmicos, revolucionários e dialéticos. Em uma sociedade formada em uma bio-necropolítica, lutar por uma sociedade justa e libertadora é um movimento constante de resistência.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Estado de Exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. 2º ed. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ABRAMO, H. W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: M. V. Freitas. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. pp. 19-35, São Paulo: Ação Educativa, 2005.

AKERMAM, M.; MENDES, R.; BORGUS, C. M. É possível avaliar um princípio ético? **Ciência e Saúde Coletiva**, v.9, n.3, pp. 605-15, 2004. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n3/a08v09n3.pdf>>. Acessado em 12 de outubro de 2019.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Senado Federal, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BANGO, J. Políticas de juventude na América Latina: identificação de desafios. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. de C. (Org.). **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez, 2003.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 14 ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Oliveira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BENEFIELD, L. E. **Implementing evidence-based practice in home care**. Home Healthcare Nurse, Baltimore, v. 21, n. 12, 2003.

BENICIO, L. F. S. et al. Necropolítica e Pesquisa-Intervenção sobre Homicídios de Adolescentes e Jovens em Fortaleza, CE. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v.38, n.2, pp.192-207, 2018. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000212908>>. Acessado em 25 de novembro de 2019.

BEYEA, S. C.; NICOLL, L. H. Writinganintegrativereview. **AORN Journal**, Philadelphia, v. 67, n. 4, 1998.

BERTASO, M.; LAVRADOR, M. C. L. Crianças e adolescentes ameaçados de morte: entre as demandas por proteção e a proteção necessária. In: SCISLESKI, A.; GUARESCHI, N. **Juventude, marginalidade social e direitos humanos: da psicologia às políticas sociais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

BENJAMIN, A. **A entrevista de ajuda**. Tradução de Urias Côrrea Arantes; revisão de Esteia dos Santos Abreu. 12ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

BERTH, J. Empoderamento. - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; São Paulo: Difel, 1989.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. pp. 112-121, 1983.

_____. **Gosto de classe e estilo de vida**. In: ORTIZ, R. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983.

BLACKING, J. Música, cultura e experiência. Tradução de André - Kees de Moraes Schouten. **Cadernos de Campo [online]**, São Paulo, n. 16, p. 201 - 218, 2007. Disponível

em:<www.periodicos.usp.br/cadernosdecampo/article/download/50064/55695>. Acessado em 8 de janeiro de 2020.

CASTRO, Elisa. G. O Campo das políticas públicas de juventude e o campo político da juventude: contribuições para a reflexão. In: PAPA, F.C.; FREITAS, M.V. (orgs) **Juventude em pauta políticas públicas no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, v.1, pp. 281-306, 2011.

CARVALHO, A. M. Políticas sociais: afinal do que se trata? Agenda Social, **Revista do PPGPS/UENF**, Campos dos Goytacazes, v.1, n.3, p. 73-86, 2007.
Disponível em:<http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/Agenda_Social_5075_1204236093.pdf>. Acessado em 13 de novembro de 2018.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CARVALHO, G. A saúde pública no Brasil. **Estud. av.**, v. 27, n. 78, São Paulo, 2013.
Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000200002>>. Acessado em 4 de janeiro de 2029.

CAPONI, S. Uma análise epistemológica do diagnóstico de depressão. **Cad. Bras. Saude Mental**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832009000200007>>. Acessado em 10 de janeiro de 2020.

CARONE, I.; BENTO, M. A. S. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Vozes, 2012.

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência. **CADA VIDA IMPORTA: Evidências e recomendações para prevenção de homicídios na adolescência**. Assembleia legislativa do Ceará, 2016.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da violência 2017**. Rio de Janeiro: IPEA-FBSP, 2017.

CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CONTI, M. A.; BERTOLIN, M. N. T.; PERES, S. V. A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer? **Ciênc. saúde coletiva** [online]. v. 15, n. 4, pp.2095-2103, 2010. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000400023>>. Acessado em 20 de novembro de 2018.

CORTE REAL, F. G. V.; CONCEICAO, M. I. G. Representações sociais de parlamentares brasileiros sobre a redução da maioria penal. **Psicol. cienc. prof.** [online]. v.33, n.3, pp.656-671, 2013. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932013000300011>>. Acessado em 13 de novembro de 2018.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Panorama Nacional: a execução das medidas socioeducativas de internação**, 2012. Disponível em:<http://www.cnj.jus.br/images/pesquisasjudiciarias/Publicacoes/panorama_nacional_doj_web.pdf>. Acessado em 8 de junho de 2018.

COMISSÃO DE DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER. **Mapa da violência contra a mulher**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 55º Legislatura - 4º sessão Legislativa, 2018. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/comissao-de-defesa-dos-direitos-da-mulher-cmulher/arquivos-de-audio-e-video/MapadaViolenciaatualizado200219.pdf>>. Acessado em 25 de novembro de 2019.

COMISSÃO NACIONAL SOBRE OS DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE (CNDSS). Carta aberta aos candidatos à Presidência da República, 2006. Disponível em: <www.determinantes.fiocruz.br>. Acesso em 15 de janeiro de 2020.

D'ALVA, R. E. **Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, pp. 174, 2014.

DANTAS, S.; FERREIRA, L.; VEAS, M. P. B. Um intérprete africano do Brasil: Kabenguele Munanga. **Revista USP**, v. 114, n. spe, pp. 31-44, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i114p31-44>>. Acessado em 16 de novembro de 2019.

DELEUZE, G. **Sobre o teatro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DEMO, P. **Pobreza Política**. Editora Autores Associados, 6º ed., Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 1996.

DISTRITO FEDERAL. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Pesquisa aponta que maior tempo de internação não diminui reincidência do adolescente em conflito com lei. **Brasília** [online], 2015. Disponível em: <<http://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/noticias/2015/marco/pesquisa-aponta-que-maior-tempo-de-internacao-nao-diminui-os-indices-de-reincidencia-do-adolescente-em-conflito-com-lei>>. Acessado em 9 de junho de 2018.

ESPINDULA, D. H. P. et al. Representações sociais de crack e adolescência na imprensa pernambucana. **Temas psicol.** [online]. v.23, n.2, pp. 281-292, 2015. Disponível: <<http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.2-04>>. Acessado em 15 de novembro de 2018.

FERREIRA, C. A. L. Pesquisa Quantitativa e Qualitativa: perspectivas para o campo da educação. **Revista Mosaico**, v. 8, n. 2, pp. 173-182, 2015. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/4424/2546>>. Acessado em 15 de outubro de 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FISCHER, R. M. B. Foucault revoluciona a pesquisa em educação. **Florianópolis**, v.21, n.2, pp. 371-389, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/9717/8984>>. Acessado em 10 de agosto de 2019.

FUINI, L. L. Território, territorialização e territorialidade: o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, pp.225-249,

2014. Disponível em:<<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/6155>>. Acessado em 18 de janeiro de 2020.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

_____. “Não ao Sexo Rei”. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. “Não ao Sexo Rei”. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2005.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon de Albuquerque. 13. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1999a.

_____. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 29º ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da violência 2018**. Brasília, DF: IPEA, 2018. Disponível em:<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/06/FBSP_atlas_violencia_2108_Infografico.pdf>. Acessado em 18 de novembro de 2019.

_____. **Atlas da violência 2019**. Brasília, DF: IPEA, 2019. Disponível em:<<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>>. Acessado em 5 de dezembro de 2019.

FREUD, S. **Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Tradução Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GANONG L. H. Integrative reviews of nursing research. **Res Nurs Health**, v. 10, n. 1, 1987.

GALINKIN, A. L., ALMEIDA, A. M. O.; ANCHIETA, V. C. C. Representações sociais de professores e policiais sobre juventude e violência. **Paidéia**, v. 22, n. 53, pp. 365-374. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2012000300008>>. Acessado em 14 de novembro de 2018.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GIACOIA JÚNIOR, O. **Nietzsche: para além do bem e do mal**. 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Multidão: guerra e democracia na Era do Império**. 4º ed., Editora: Record, 2005.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo de Menezes. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HERMANN, N. The Creative Brain. Lake Lure, v. 25, n. 4. **NC: Brain Books**, 1991. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/j.2162-6057.1991.tb01140.x>>. Acessado em 3 de dezembro de 2019.

HIGARASHI, I. H. et al. Atuação do enfermeiro junto aos adolescentes: identificando dificuldades e perspectivas de transformação. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, pp. 375-80, 2011.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2ª reimpr. alt. Rio de Janeiro: Objetiva, pp. 2922, 2001.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

ÍNDICE DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA: IHA 2014. Organizadores: Doriam Luis Borges de Melo, Ignácio Cano - Rio de Janeiro. **Observatório de Favelas**, 2017.

JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.

_____. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Ed.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

_____. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In Moscovici, S. (Org.). **Psicologia Social II**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A, 1986.

KRECKEL, R. **Politische Soziologie der sozialen Ungleichheit**. Frankfurt, Campus, 1992.

KLEIMAN, A.B. Modelos de letramentos e as práticas de alfabetização na escola, In: KLEIMANN, A.B. (org.), **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KILOMBA, G. **Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAZZARATO, M. Resistência e criação nos movimentos pós-socialistas. In: M. LAZZARATO, **As Revoluções do Capitalismo** (pp. 203-263). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LIMA, F. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. spe, pp. 20-33, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 10 de novembro de 2019.

LOPONTE, L. G. Amizades: o doce sabor dos outros na docência. **Cad. Pesqui.** v.39, n.138, São Paulo, 2009. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742009000300012>>. Acessado em 20 de novembro de 2019.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 14.ed., Rio de Janeiro: Jorge "Zahar Ed., 2001.

LEAVELL, H.; CLARK, E. G. **Medicina Preventiva**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

LOPES, F. T. P. Ideologia e cultura na obra de John B. Thompson. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 158, ano XIV. Disponível em:<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/23317/13200>>. Acessado em 15 de janeiro de 2020.

MARTINS, J. de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**. 1ª ed., São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, L. M. Estado de Exceção Permanente: o campo e a experiência biopolítica. **Sequência (Florianópolis)** [online], n. 71, p. 177-196, 2015. Disponível:<<http://www.scielo.br/pdf/seq/n71/2177-7055-seq-71-00177.pdf>>. Acessado em 9 de junho de 2018.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista (1848)**. Tradução de Antonio Carlos Braga. Landsberg. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo-SP, 2018.

_____. **Políticas da inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no Pedraço**: Cultura popular e lazer na cidade. 3º ed. - São Paulo, 2003.

MELO, M. F. G. C. Relações público-privadas no sistema de saúde brasileiro [tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2017.

MERRIAM, A. O. **The anthropology of music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MOURA, D. **Saúde Não se Dá, Conquista-se**. São Paulo: Hucitec, 1989.

MONTEIRO, M. G. Trayectoria y cambios de dirección em las políticas públicas: análisis de la reforma del sistema sanitario brasileño (1975-2015) [tesis]. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona; 2016.

MENANDRO, M. C. S.; TRINDADE, Z. A.; MEIDA, A. M. O. Representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968-1974 e 1996-2002). **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 55, n. 1, pp. 42-55, 2003. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v55n1/v55n1a06.pdf>>. Acessado em 10 de outubro de 2018.

MELO, M. C. B. de; BARROS, E. N.; ALMEIDA, A. M. L. G. A Representação da violência em adolescentes de escolas da rede pública de ensino do Município do Jaboatão dos Guararapes. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. v. 16, n. 10, pp. 4211-4221, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011001100026>>. Acessado em 10 de novembro de 2018.

MENDES, H. **Reincidência entre jovens infratores é de 29%; 'falta estrutura', aponta MP**. G1, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/07/reincidencia-entre-jovens-infratores-e-de-29-falta-estrutura-aponta-mp.html>>. Acessado em 9 de junho de 2018.

MOTA BRASIL, M.G. Polícia, Controle Social e Direitos Humanos. In: **Curso de Segurança, Violência e Direitos**. Fortaleza: Universidade Aberta do Ceará/Fundação Demócrito Rocha, fasc. 8, pp.130-143, 2008.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NASCIMENTO; F. D. S.; GOMES, R. H. S. F. (org.). **Pronatec em foco**: uma análise das representações sociais sobre projeto de vida de jovens participantes do programa. São Paulo: Porto de ideias, 2017.

NEVES, C. A. B. Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 30, n. 2, pp. 92-112, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/134615/135272/>>. Acessado em 12 de outubro de 2019.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro (1885/1886). Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2005.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, v.25 (105-106), pp.139-165, 1990.

PAIM, J. S. Sistema Único de Saúde (SUS) aos 30 anos. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 23 n. 6 Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018236.09172018>>. Acessado em 6 de janeiro de 2020.

PELBART, P. Poder sobre a vida, Potência de vida. In: PERLBART, P. **Vida Capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: iluminuras, 2003, p. 19-27.

PRETTE, Z. A. P. D. et al. Tolerância e respeito às diferenças: efeitos de uma atividade educativa na escola. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 168-182, abr. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 fev. 2020.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

ROSO, A. et al. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. **Psicologia & Sociedade**, v. 14 n. 2, 2002. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822002000200005>>. Acessado em 10 de dezembro de 2019.

SABINO, A. Performance e aprendizagem no Slam da Quentura em Sobral, Ceará. 2018. 74f. **Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)** - Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, curso de Ciências Sociais, 2018.

SCISLESKI, A. et al. Juventude e pobreza: a construção de sujeitos potencialmente perigosos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia** [online], Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, pp. 19-34, 2012.

SCISLESKI, A.; GUARESCHI, N. Juventude, marginalidade social e direitos humanos: da psicologia às políticas sociais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

SCISLESKI, A.; CAETANO, C. L. C.; GALEANO, G. B. Pensando as (im)políticas para juventude e os (in)direitos (des)humanos. In: SCISLESKI, A.; GUARESCHI, N. **Juventude, marginalidade social e direitos humanos: da psicologia às políticas sociais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

SCISLESKI, A. Governando vidas matáveis: as relações entre a saúde e a justiça dirigidas a jovens em conflito com a lei. Faculdade de Psicologia, Programa de Pós-graduação em psicologia. **Tese [doutorado]**. Porto Alegre, 2010.

SCHEINVAR, E. **O feitiço da política pública: escola, sociedade civil e direitos da criança e do adolescente**. – Rio de Janeiro. Lamparina, Faperj, 2009.

SESTELO, J. A. F. et al. A financeirização das políticas sociais e da saúde no Brasil do século XXI: elementos para uma aproximação inicial. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 26, Número Especial, p.1097-1126, 2017. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/1982-3533.2017v26n4art10>>. Acessado em 20 de janeiro de 2020.

SESTELO, J. A. F. Planos e seguros de saúde do Brasil de 2000 a 2015 e a dominância financeira [**Tese de Doutorado**]. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos de Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2017.

SICOLI, J. L.; NASCIMENTO, P. R. Promoção de saúde: concepções, princípios e operacionalização. **Interface (Botucatu)**, v.7, n. 12, pp. 101-122, 2003. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832003000100008>>. Acessado em 7 de janeiro de 2020.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócioespacial**. 1. Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, V. P. A poesia como narrativa do espaço: o bairro e o lugar sob a dinâmica do território na periferia de Sobral/CE. **Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia)** - Universidade Estadual Vale do Acaraú/Centro de Ciências Humanas, 2019.

STEINBERG, L.; MORRIS, A. S. Adolescent development. **Annual Review of Psychology**, n. 52, pp. 83-110, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.83>>. Acessado em 10 de outubro de 2018.

SCHMIDT, J. P. **Juventude e política no Brasil**: a socialização política dos jovens na virada do milênio. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

SILVA NETO, L. G.; ALVES, I. S. Extensão, escuta e reflexão: vivências de uma pesquisa. In: NASCIMENTO, F. D. S.; GOMES, R. H. S. F. (organizadoras). **Pronatec em foco**: uma análise das representações sociais sobre projeto de vida de jovens participantes do programa - São Paulo: Porto de Idéias, vários autores, 2017.

SILVA NETO, L. G. Música, Cultura e Resistência: a aprendizagem musical como forma de transformação social. **Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)** – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Curso de Psicologia, Sobral, 2017.

SILVA NETO, L. G. et al. O Bvlueman no discurso de resistência: o rap de Baco Exu de Blues. **Revista Homem, Espaço e Tempo**. v.13, n.1, 2019. Disponível em: <<http://rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/312>>. Acessado em 3 de dezembro de 2019.

SCHMITT, C. Politische Theologie: Vier Kapitel zur Lehre von der Souveränität. 8º ed. Berlin: **Duncker & Humblot**, 2004.

SOUZA, L. A.; COSTA, L. F. Medidas socioeducativas e famílias. **Psico-USF** [online], Bragança Paulista, v. 18, n. 2, p. 277-288, 2013.

SOUZA, J. **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Colaboradores André Grillo... [et al.] — Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOARES, L. E. Novas Políticas de Segurança Pública. **Estudos Avançados** [online], v.17, n. 47, pp. 75-96, 2003.

TRANCOSO, A. E. R.; OLIVEIRA; A. A. S. Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v.11, n.2, São João del-Rei, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v11n2/02.pdf>>. Acessado em 10 de setembro de 2019.

TAPERMAN, R. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. 1ª ed., São Paulo: Claro Enigma, 2015.

TEJADAS, S. S. **Juventude e ato infracional**: as múltiplas determinações da reincidência. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

TEIXEIRA, E. Reflexões sobre o paradigma holístico e holismo e saúde. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 30, n. 2, pp. 286-90, 1996. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62341996000200008>>. Acessado em 4 de janeiro de 2020.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2000.

TRINDADE, Z. A. Representação social: "modo de conhecer" no cenário da saúde. In: Trindade, Z. & Camino, C. (Orgs.). **Cognição Social e Juízo Moral**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP, 1996.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004.

URSI, E. S. Prevenção de lesões de pele no pré-operatório: revisão integrativa da literatura. **Mestrado (Dissertação)**. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; 2005.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VASCONCELOS, C.M.; PASCHE, D.F. O sistema único de saúde. In: CAMPOS, G.W. et. al. **Tratado de saúde coletiva**. São Paulo: Hucitec, 2006.

WESTPHAL, M.F. Promoção da saúde e prevenção de doenças. In: CAMPOS, G.W.S.; MINAYO, M.C.S.; AKERMAN, M.; DRUMOND JÚNIOR, M.; CARVALHO, Y.M. (Org.). **Tratado de saúde coletiva**. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006. p.635-667.

ZALUAR, A. Democratização inacabada: fracasso da segurança pública. **Estudos Avançados**. v. 21, n. 61, pp. 31-49, 2007. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n61/a03v2161.pdf>>. Acessado em 20 de novembro de 2019.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado a ser participante da pesquisa intitulada ASSALTO À MÃO LETRADA: ATAQUE POÉTICO DO SLAM DA QUENTURA E A PROMOÇÃO DE SAÚDE MARGINAL. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

O objetivo dessa pesquisa é compreender os efeitos de movimentos culturais na saúde de jovens das periferias de Sobral participantes do SLAM DA QUENTURA. Além disso, desejamos averiguar a percepção que os jovens e adolescentes sobralenses possuem em relação à saúde e as suas necessidades em relação a ESF.

A execução da presente pesquisa pode oferecer riscos para seus participantes. Esses riscos podem se relacionar com algum tipo de constrangimento quando o pesquisador abordar os possíveis participantes para a realização do estudo. Acreditamos que tal risco será minimizado pela utilização do questionário semiestruturado, com perguntas bem amplas e simples, que levam o participante a falar mais abertamente sobre os temas. E os benefícios desse trabalho não poderão ser evidenciados a curto prazo, contudo, a médio e longo prazo sim. Tais discussões agregarão importantes elementos para os jovens e profissionais de saúde, bem como busca proporcionar reflexões relevantes a partir do desenvolvimento e dos resultados da pesquisa.

A sua contribuição será respondendo e discutindo a um questionário semiestruturado. Este, será apresentado a partir do diálogo entre informante e pesquisador. O questionário possui cinco perguntas e poderá ser respondido por você na ordem em que considerar mais conveniente durante a pesquisa. É importante mencionar que não haverá pagamento por participar desta pesquisa.

Destacamos que o participante terá a liberdade de se recusar a participar da pesquisa e, a qualquer momento, poderá se recusar a continuar participando em qualquer momento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Todas as informações coletadas nesta pesquisa são confidenciais e serão mantidas em sigilo. A divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto, o pesquisador responsável e sua orientadora. É relevante ressaltar que a seguinte pesquisa segue os cuidados éticos que se devem salvaguardar sempre que os indivíduos são expostos a alguma intervenção. Essa pesquisa segue as diretrizes e normas éticas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos da RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012, o que assegura os direitos dos participantes da pesquisa.

Durante a pesquisa você poderá tirar qualquer dúvida acerca de qualquer assunto mencionado durante a entrevista. Após a pesquisa, você poderá tirar dúvidas através dos endereços e contatos tanto do pesquisador como do Comitê de Ética, conforme dados a seguir.

Dados do pesquisador

Nome: Luiz Gomes da Silva Neto

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Avenida Comandante Mauro Célio Rocha Pontes, 100 - Derby, Sobral - CE, 62042-280

E-mail: luizneto-gomes@hotmail.com

Telefone de contato: (88) 9 9940-8346

Orientadora: Francisca Denise Silva do Nascimento

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Avenida Comandante Mauro Célio Rocha Pontes, 100 - Derby, Sobral - CE, 62042-280

E-mail: denisesn1301@gmail.com

Telefone de contato: (88) 9 94378838

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Endereço do Comitê: Av. Comandante Mauricélio Rocha Ponte, 150 - Derby - Sobral-Ceará - 62.033-065 - Fone: 3677-4255.

O participante assinado _____, ____ anos,
 RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Sobral, ____/____/____

APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO (no caso do menor)

Você está sendo convidado(a) como participante da pesquisa: "ASSALTO À MÃO LETRADA: ATAQUE POÉTICO DO SLAM DA QUENTURA E A PROMOÇÃO DE SAÚDE MARGINAL" do pesquisador LUIZ GOMES DA SILVA NETO.

Nesse estudo pretendemos compreender os efeitos de movimentos culturais na saúde de jovens das periferias de Sobral participantes do SLAM DA QUENTURA. Além disso, desejamos averiguar a percepção que os jovens e adolescentes sobralenses possuem em relação à saúde e as suas necessidades em relação a ESF.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é mostrar novas formas de se perceber a saúde, abrangendo novos olhares para os movimentos culturais de periferia.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: um questionário semiestruturado. Este, será apresentado a partir do diálogo entre informante e pesquisador. O questionário possui cinco perguntas e poderá ser respondido pelo participante na ordem em que considerar mais conveniente durante a pesquisa. Além disso, o pesquisador utilizará da observação participante nos momentos que houver a exposição de atividades no movimento cultural chamado SLAM DA QUENTURA, esta metodologia propõem-se partilhar, na medida em que as circunstâncias permitirem, de atividades e afetos de um grupo de pessoas.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo (ou risco maior que o mínimo, se for o caso) isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: a possibilidade de tal pesquisa produzir possível constrangimento aos sujeitos que participarem. Mas, para diminuir a chance desses riscos tomaremos o cuidado de esclarecer o intuito da pesquisa e sanar qualquer eventual dúvida acerca da entrevista ou mesmo da pesquisa, além disso, disponibilizaremos o Serviço de

Psicologia Aplicada – SPA do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC/Sobral como forma de evitar ou minimizar um possível constrangimento. A pesquisa pode ajudar na potencialização do conhecimento. Os benefícios deste trabalho não poderão ser evidenciados a curto prazo. A médio e longo prazo, contudo, tais discussões acrescentarão elementos importantes para tais grupos a serem pesquisados, com potenciais de reflexão relevantes para a comunidade e pesquisas científicas acerca do tema.

É relevante ressaltar que a seguinte pesquisa segue os cuidados éticos que se devem salvaguardar sempre que os indivíduos são expostos a alguma intervenção. Essa pesquisa segue as diretrizes e normas éticas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos da RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012, o que assegura os direitos dos participantes da pesquisa.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Sobral, ____ de _____ de 20____.

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS RESPONSÁVEIS (TCLER)

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da “ASSALTO À MÃO LETRADA: ATAQUE POÉTICO DO SLAM DA QUENTURA E A PROMOÇÃO DE SAÚDE MARGINAL” de autoria de Luiz Gomes da Silva Neto. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é mostrar novas formas de se perceber a saúde, abrangendo o olhar dos profissionais da ESF com relação aos fatores que engajam os jovens às políticas de saúde. Nesse estudo pretendemos compreender os efeitos de movimentos culturais na saúde de jovens das periferias de Sobral participantes do SLAM DA QUENTURA. Além disso, desejamos

averiguar a percepção que os jovens e adolescentes sobralenses possuem em relação à saúde e as suas necessidades em relação a ESF.

Caso você concorde na participação do menor vamos fazer as seguintes atividades com ele: uma entrevista com um questionário semiestruturado. Este, será apresentado a partir do diálogo entre informante e pesquisador. O questionário possui cinco perguntas e poderá ser respondido pelo participante na ordem em que considerar mais conveniente durante a pesquisa. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: a possibilidade de tal pesquisa produzir possível constrangimento aos sujeitos que participarem. Mas, para diminuir a chance desses riscos tomaremos o cuidado de esclarecer o intuito da pesquisa e sanar qualquer eventual dúvida acerca da entrevista ou mesmo da pesquisa, além disso, disponibilizaremos o Serviço de Psicologia Aplicada – SPA do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC/Sobral como forma de evitar ou minimizar um possível constrangimento. A pesquisa pode ajudar na potencialização do conhecimento. Os benefícios deste trabalho não poderão ser evidenciados a curto prazo. A médio e longo prazo, contudo, tais discussões acrescentarão elementos importantes para tais grupos a serem pesquisados, com potenciais de reflexão relevantes para a comunidade e pesquisas científicas acerca do tema.

Apesar disso, se o menor tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com ele nesta pesquisa, ele tem direito a indenização.

Ele terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você como responsável pelo menor poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. Mesmo que você queira deixá-lo participar agora, você pode voltar atrás e parar a participação a qualquer momento. A participação dele é voluntária e o fato em não deixá-lo participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que ele é atendido. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. O menor não será identificado em nenhuma publicação.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em deixá-lo participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Sobral, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do (a) Responsável

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

APÊNDICE D - ORÇAMENTO

Identificação do Orçamento	Quantidade	Valores em reais
Computador	1	2.000,00
Resma de papel ofício	1	20,0
Impressora Multifuncional	1	300,0
Tinta para Impressora	1	100,0
Translado/Transporte: Moto-Táxi	8	28,0

Total: 2.448,00 reais

O pesquisador assumirá todo o financiamento da pesquisa.

APÊNDICE E – DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

Eu, Luiz Gomes da Silva Neto, de RG _____ e CPF _____, aluno do Mestrado Acadêmico em Saúde da Família do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará – UFC/Campus Sobral, sob a orientação da professora Doutora Francisca Denise Silva do Nascimento, de RG _____ e CPF _____, e pesquisador responsável da pesquisa intitulada “ASSALTO À MÃO LETRADA: ATAQUE POÉTICO DO SLAM DA QUENTURA E A PROMOÇÃO DE SAÚDE MARGINAL”, que possui como objetivo primário compreender os efeitos de movimentos culturais na saúde de jovens das periferias de Sobral participantes do Slam da Quentura. Além disso, busca-se entender a percepção que os jovens sobralenses participantes deste movimento possuem em

relação à saúde e as suas necessidades levando em consideração a Estratégia Saúde da Família.

Declaro que:

- Assumo o compromisso de cumprir os Termos da Resolução nº 466/12, de 12 de Dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99 e 340/2004).
- Assumo o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa; os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados apenas para se atingir os objetivos previstos nesta pesquisa e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos voluntários;
- Os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a responsabilidade do pesquisador responsável Luiz Gomes da Silva Neto, que também será responsável pelo descarte dos materiais e dados, caso os mesmos não sejam estocados ao final da pesquisa;
- Não há qualquer acordo restritivo à divulgação pública dos resultados;
- Os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de publicações em periódicos científicos e/ou em encontros científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa;
- O Comitê de Ética em Pesquisa será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da suspensão ou do encerramento da pesquisa com a devida justificativa;
- O Comitê de Ética em Pesquisa será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos resultantes desta pesquisa com o voluntário;
- Esta pesquisa ainda não foi total ou parcialmente realizada.

Sobral, _____, de _____ de _____.

Pesquisador Responsável

Orientadora

APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1. História de vida (relações na infância, escola, adolescência, relação com os pais, amigos);**
- 2. Como se deu o contato com o Slam da Quentura?**
- 3. Qual o objetivo do Slam da Quentura?**
- 4. Qual(is) o(s) sentido(s) do Slam da Quentura?**
- 5. Houve mudanças no cotidiano com o Slam da Quentura? Se sim, quais?**
- 6. O que é saúde? O que é doença?**
- 7. Há relações de saúde no Slam da Quentura? Se sim, quais?**
- 8. O que é ser jovem?**

APÊNDICE G – ENTREVISTAS

ENTREVISTA BICHA POÉTICA

L: Primeiro eu queria que tu contasse um pouco da tua história de vida, como é que foi a infância, adolescência, a relação na escola, com os amigos e tal...

B: Pode crer. Foi uma relação, tipo assim, né?! Acho que às vezes é meio duro, assim, falar um pouco do meu... da minha trajetória, né?! Porque eu sou um... eu sou filho de uma mãe preta, de periferia... e que eu fui criado não pelo meu pai biológico, eu fui criado por um “paidastro”, né?! Que é meu pai, que eu considero meu pai, com quem eu (? – 0:45) desde os dois meses de nascido, mas que não passaria muito tempo, né?! Passou uma boa parte da minha... da minha infância, mas que acabou saindo. Minha mãe se tornou mais uma nas estatísticas de mãe solteira, né?! Então, era aquela pessoa que tinha que trabalhar manhã, tarde e noite e quando chegava em casa ainda tinha que fazer um quarto turno dentro de casa, já que tinha quatro filhos e todos os quatro eram muito novos. É... minha infância, na escola, ela foi bem complicada, porque eu sempre... por ser um menino cheio de marcadores sociais: um menino preto, um menino afeminado, por que eu sou afeminado... eu fui afeminado desde cedo, é... e um menino pobre. Eu sempre fui um

menino mais no canto, né?! Então, não é que eu fui de canto, a galera me deixava de canto, real, assim. Então, sempre era mais difícil, por conta que eu era o menino que tinha o caderno mais paia do momento, que nunca teve a bolsa tão legal, que nunca foi tão interessante por ter esses marcadores em cima de si, né?! Principalmente pelo fato de eu ser meio... menino afeminado, essa coisa... você sofre muito. É... apanhei na escola, por conta disso, da molecada. Apanhei dentro de casa, por conta disso, também, porque a... a minha mãe nunca soube lidar, né?! Com o meu processo de ser afeminado, né?! De ser uma criança viada, como eu costumo chamar. E... foi uma infância bem dura, assim, nessa parte e... Só que ao mesmo tempo foi muito legal, porque ao mesmo tempo que eu sofria todo esse negócio e, às vezes, até dentro de casa, era uma contradição. Porque ao mesmo tempo que a minha mãe me criticava – não sei se eu posso usar essa palavra – ou então, até mesmo me agredia por ser afeminado, eu apanhava por isso, é... eu era muito revestido de amor pelas minhas irmãs, inclusive pela minha irmã que cuidava de mim, a mais velha. E, às vezes, eu até brinco com ela dizendo que eu culpo ela, porque hoje eu sou viado por conta dela, porque ela sempre dizia pra mim assim: “Ai, eu não posso nem brincar” – porque minha irmã era muito nova quando ela cuidava de mim – “meu sonho era que tu fosse uma menina pra mim te fazer cocó, pra te botar um vestido”. (? – 3:00) acho que tem uns resquícios aí, de alguma coisa. E... mas foi uma infância mesmo, ao mesmo tempo muito de amor, até pela minha mãe, porque ao mesmo tempo que ela fazia tudo isso comigo por uma pressão social, por uma pressão familiar, pelos meus outros familiares que a gente não morava, ela mimava muito. Não é à toa que, hoje, minha melhor amiga... depois que eu comecei a falar... que eu comecei a me impor, enquanto pessoa LGBT, é minha mãe, né?! Ela aceita meu companheiro, ela aceita eu junto, de boa. Mas minha infância não acabou sendo difícil, mas ao mesmo tempo tinha esse amor que me motivava a não desistir das coisas, né?! Acho que até... por esse amor que até hoje eu tô vivo e driblando muitas estatísticas aí que no momento que me pegar, assim, eu “Oh! Calma aí!”. Mas a minha juventude também foi algo muito... foi algo... eu costumo dizer que eu fui um jovem muito alienado, assim, sabe? A única coisa que eu fazia da minha vida... de não tá alienado, é que eu jogava basquete. Mas eu não sabia quem eu era, não... não tinha noção dos meus ancestrais. É... eu não tinha noção do quanto minha existência era negada, pelo fato de eu ser uma bicha preta – porque eu me assumi muito cedo, com 12 anos eu já tava... na vida –, por eu ser uma bicha preta, afeminada, de periferia. Então, eu não tinha noção de... do quanto isso era um impacto pra sociedade, eu não sabia que eu tinha todos esses marcadores. Então, minha juventude, ela foi... ela acabou sendo muito de boa, porque eu não tinha noção disso, né?! Tipo assim: a minha... a minha infância, ela foi mais dura, porque eu era criança e isso em qualquer criança dói, mas quando eu fiz... jovem, já... sempre tem aquele ditado: “Ah! Não leva em consideração tudo que falam contigo. Tu não precisa lugar pra tudo isso”. Então, eu deixava as coisas passar muito batido. Mas eu sofri homofobia no próprio time de basquete que eu... que eu jogava, os caras super hipersexualizavam meu corpo, tá ligado? E, por diversas vezes, é... me... me botavam numa situação muito de promiscuidade, né?! Tipo, os caras ficavam, é... mostrando o pênis pra mim, me chamando pra fazer as coisas e tipo... Enfim, achando que eu era igual a um objeto ou alguma coisa do tipo, que eles podiam ir lá e querer fazer alguma coisa. Mas foi uma juventude muito... muito massa, porque depois de um certo tempo – não foi tão massa assim, por conta de tudo isso, né?! -..., mas ela foi massa, porque foi tudo isso que me levou a... a querer existir, depois um tempo, querer existir mesmo, enquanto pessoa, de me colocar enquanto humano e de começar a entender minha existência, né?!

De começar a entender que corpo é era que eu ocupava e de que maneira esse corpo ocupava o espaço, né?! Então, foi algo que acabou mexendo comigo, sim, quando eu comecei a entender essas coisas, né?! De entender a minha existência, de me entender enquanto pessoa. Então, tipo assim, em torno dos meus 17, 18 anos, eu comecei a procurar, é... nas tribos em que eu me encontrava e geralmente, nessas tribos, sempre tinha alguém que fazia parte de algum movimento, geralmente movimento... geralmente movimentos de esquerda. Foi onde eu comecei a conhecer... esses movimentos e eu comecei a entender a minha existência como algo político, né?! Uma existência política mesmo que... o meu corpo, por onde ele ia, ele fazia política de uma forma silenciada, né?! Silenciosa, assim. Mas... desde que eu comecei a entender, foi eu cheguei até o Slam, né?! Questão de todos esses movimentos, aí eu comecei a me inteirar de quem eu era, de onde eu vinha, que já existiam algumas outras pessoas que já tinham passado por essa trajetória de vida e que já tinham tombado na luta, e foi onde eu fui me descobrir enquanto pessoa, assim. Mas... É, eu acho que, no mais, o tu queira saber sobre minha infância e minha juventude é isso. Quem sou eu, acho que se resume a uma bicha preta e periférica. Só que hoje eu costumo dizer que é: uma bicha preta, periférica, produtora cultural, poeta marginal, que vai para além desses marcadores, né?! É só. Mas é isso.

L: Sempre teve voz, né?!

B: Eu sempre tentei ter. Voz mesmo... aliás, voz eu sempre tive, né?! Eu sempre tentei, não. Eu sempre tive voz. Uma coisa que eu nunca tinha era espaço pra poder falar, né?! Eu acho que é uma coisa que nos é negada. Eu fui até equivocado de dizer que eu sempre tentei ter, porque eu sempre tive, assim, eu nunca tive a oportunidade que muitas galeras pudesse deixar eu falar por mim mesma, né?! Por diversas vezes, tinha outras pessoas sempre silenciando, tipo: “Não. Eu não posso falar por todo mundo”. Existe uma... nesse lance de ter voz e ter fala, existe uma... uma... não é nem um monopólio, mas existe uma concentração em corpos que a... que se acham que podem falar por diversas pessoas, né?! Geralmente, são homens brancos, ricos, de classe média, que acham que podem falar por todo mundo e que podem falar das dores das outras pessoas, né?! Mas eu sempre tive voz, sim. É... eu só não tive espaço que eu pudesse expressá-las, mas depois de um tempo eu comecei a entender que se eu não tivesse esse espaço, eu iria tomar ele na tora, né?! Eu iria tomar um espaço que diziam que não era meu, mas eu entendia, sim, que esse espaço era pra além de...Aí... eu comecei a entender que é muito disso, sabe? Eu comecei a compreender que eu sempre tive voz, assim. Tinha um tempo que eu achava que eu não tinha mesmo, assim, que eu não tinha voz, mas eu fui perceber que voz eu tinha, né?! Tem até uma música do Quebrada Queer que... tá impregnada na minha cabeça, né?! “Ninguém me dá voz, eu já tenho voz/ Somos um só, vocês que dividiram/ Por fatos no qual não te atingiam/ Bando de fã encubado/ Sigo honrando meu legado de nascer viado/ Onde piso é solo fértil, sangue derramado”. É uma música que...

L: Eu sempre comento que existe o Rap nacional antes dessa Cypher e depois dessa Cypher. E o que é que te levou a participar do Slam da Quentura? Tu já tocou um pouco, mas eu queria que tu falasse mais.

B: O que me levou a... a participar do Slam... porque, tipo assim, eu e a Fran somos... os primeiros produtores. Aliás, eu e a Fran somos os idealizadores de toda a parada, toda, né?! De todo o Slam da Quentura aqui, em Sobral, né?! Porque o Slam, ele é um

movimento internacional, ele nasceu em Chicago, enfim, lá pelos anos 70, ele chega ao Brasil em 2009. Esse ano o Slam faz... não...

L: Foi com o Cooperifa? não foi?

B: Não. Foi com o Slam... com o ZAP. O Cooperifa foi o segundo... o segundo Slam a começar (fui pesquisar pra ver como escreve e vi que ele já tem 18 anos de atividades. é o Cooperifa mesmo?) e o terceiro Slam a começar, que é... é o Slam da Guilhermina e que o Slam da Guilhermina é o primeiro Slam de rua. E o Slam... o ZAP, ele chega em 2008. Minto. Ele chega no Brasil em 2008, com a Estrela D'alva, que foi uma gata que foi participar dos campeonatos fora... E... ela chega aqui com a proposta de um Slam aqui, em 2008, ano passado fez 10 anos de Slam BR. E aqui, em Sobral, ele chegou em 2016. Foi? Foi. Não. Em 2017. Em janeiro de 2017, a gente começou o Slam aqui, em Sobral. E o Slam, ele nasceu por mim e pela Fran, não só pela necessidade de uma existência, né? A gente nem diz que é resistência, porque pra gente resistir, a gente tem que existir de fato, né?! Tipo assim... Existir, pra essa galera que... não entende a arte periférica como arte. E por uma necessidade de lugar de fala mesmo, pra gente ter um espaço na qual a gente pudesse não só falar, mas que a gente também pudesse se ouvir, que foi umas das coisas que a gente começou a perceber, que infelizmente a gente perdeu essa cultura, né?! De fazer uma escuta qualitativa do outro, de poder ter empatia com o outro. E... por uma necessidade de ter rolê mesmo, cultural, pra arte periférica, porque os únicos rolês que tinham, até então, de uma forma muito esporádica, eram as batalhas de rima. E a gente pensou assim: “Não. A batalha de rima... o que a gente faz, que é poesia marginal, ela tem inspiração nas batalhas de rima, mas elas não são rimadas, elas não são free style. E os eventos de cultura que tavam tendo na cidade, eles tavam sendo um evento muito musical, e a gente não faz música, a gente faz poesia, né?!”. Foi onde a gente começou a... a Fran fez... tentou fazer uma proposta de um evento que seria “Traz tua rima”, só que houve tanto um equívoco da gente, assim, quando começou o evento, quanto houve um equívoco da galera. Porque, tipo assim... não, a galera não foi equivocada, quem foi equivocado foi a gente que fez o evento “Traz tua rima”, então a galera veio pra rimar, e a gente queria fazer poesia, né?! E a gente olhou assim... a gente faz poesia com rima, mas a gente não faz rima, a gente não faz, né, batalha de rima. Então, a gente não... não tem como fazer isso. Aí foi um dia, eu olhei assim: “Fran, eu sei o que é que a gente tá querendo fazer, só que vamo pra casa, vamo maturar a ideia e quando... a gente volta nisso aqui”. E foi quando a gente, aliás, eu, numa das minhas... procuradas no... no youtube e no facebook, por um acaso, eu vendo os vídeos de poesia, caiu um vídeo do Slam Resistência, que é um dos maiores slams de São Paulo, né?! Aí eu vi... acho que foi na Mando Arte (é isso mesmo? - 13:15), ela recitando uma poesia chamada “Pátria Amada”, uma coisa assim, ou é “Mátria Amada Brasil”. E aí eu olhei assim, eu: “Meu Deus! Que proposta interessante de se fazer poesia”, né?! E é um pouco parecido com o que a gente faz”. Só que a gente não tinha tanta evolução poética e nem técnica que a galera tinha e que a gente hoje a gente tem, né?! Que, graças à Deus, e trazendo um pouco do nosso regionalismo. E, depois que eu vi esse vídeo, eu peguei e, automaticamente, mandei pra Fran: “Fran, olha essa parada”, porque, no vídeo, passava tanto a Mel recitando, quanto a câmera fazia um 360, assim, oh, no evento. Aí eu: “Caralho!!!” E dá muita gente! Muita gente. E, tipo, numa praça pública. Aí eu: “Fran, é isso aqui que a gente tem que fazer. Vamo fazer isso aqui?”, aí a Fran: “Vamo!”. Aí eu peguei e mandei mensagem pra galera da página Slam Resistência, fui ignorado com sucesso, e aí quando foi... quando passou uma semana que

eles não responderam, eu peguei e mandei... comecei a pesquisar vídeo, né?! Slam. Botei “Slam” e começou a aparecer vários slams que tavam tendo na cidade de São Paulo e começando a ter no Rio. E eu: “Caralho! Que bagulho irado”. Aí eu... pode crer... aí quando eu botei: “Quer saber? Eu vou botar mais uma vez ‘Slam’, aí botei ‘Slam’ de novo”, só que eu não botei e apertei o enter pra pesquisar, eu botei só “Slam”, aí apareceu vários nomes embaixo, aí um deles era Slam BR. Aí eu: “Slam BR?” aí eu tome!, cliquei. Aí tinha lá: “Slam BR: Campeonato nacional de poesia falada”. E eu: “Como assim existe um campeonato de poesia marginal?”. Aí foi onde eu mandei, eu: “Ei, gente, é o seguinte: eu quero poder fazer isso na minha cidade e a gente não sabe por onde começar”. Porque a gente não tem... na época a gente não tinha essa noção, né?! Se o slam é um sarau, se um sarau é um slam, né?! A gente não sabia por onde começar. Aí é que hoje a gente consegue compreender que nem todo sarau é um slam, mas todo slam é um sarau. Aí eu mandei mensagem pra eles e eles responderam, depois de meia hora, inclusive, e era a Roberta Estrela D’alva, que foi quem trouxe o slam pro Brasil, ela “Caralho! Que massa! No interior do Ceará! Qual que é o nome da cidade de vocês?”, e eu: “Sobral, Ceará” e ela: “Caralho! Eu já fui aí pro Sesc”, porque ela é atriz, né?! Ela: “Eu já fui aí no Sesc. Porra de cidade quente, viu?! Inclusive, acho que poderia ter alguma coisa relacionada a quentura”. Então, uma das mentoras do nome é a Roberta Estrela D’alva. E aí eu peguei e falei assim: “Que massa e tal, mas a gente queria mesmo era produzir, porque a gente não tem essa noção de produção”. Aí ela pegou e mandou o documento pra gente de todo o passo a passo de como fazer um Slam do início ao fim, assim. Aí foi onde a gente começou a fazer o Slam e a ser poetas, né?! Porque a gente somos produtores e poetas. Então, a gente começou... a gente começou muito na... numa... eram duas frases que pegavam muito na minha cabeça e na da Fran, no momento, assim, que a gente dialogava muito. É: “Se não tem o rolê pra gente, nós faremos o nosso rolê” e “Se a gente não tem representatividade, nós seremos representatividade pra quem vai vir”. Então foi mesmo por uma necessidade, assim, de ter um rolê cultural, de ter, é... o local de fala que a gente pudesse falar, a gente ter um local de escuta, também, que a gente pudesse escutar outras pessoas. Pra que a gente começasse a entender que a nossa luta, nossas dores, nossos amores, nossos... enfim, nossos afetos, que rolavam de mim pra Fran, não era só nosso. A gente começou... a gente queria escutar as pessoas pra ver se isso era algo coletivo, e foi onde a gente viu que a parada é coletiva mesmo, né?! É um sentimento coletivo e não é à toa que hoje o Slam se tornou essa parada que tá rolando, de que a galera espera, a galera quer Slam, a galera quer vídeo no facebook. Isso é muito bom pra gente, assim.

L: É... a praça foi escolhida justamente... teve algum critério?

B: A praça foi escolhida de forma muito proposital, né?! Sabe? E a praça foi escolhida muito de forma proposital, por conta que... a gente começou a entender que a galera se deslocava muito das suas periferias pra vir pro centro da cidade pra duas praças que não tinham absolutamente nada. Uma só tinha um colégio, por diversas... por diversas, não. Ele é burguês. Do lado. E a outra que tinha um arco que lembra a Europa, né?! E um bocado de banco que parece mais caixão, assim. Aí, às vezes, a gente até brinca: “Caralho, o Arco só tem os caixão pra galera sentar e a galera, tipo assim, vai pra lá, tipo, na perspectiva de bater uma foto, de ser um swag, de ser um chavoso, né?! E a gente percebeu que muitos desses meninos que iam lá ocupar, eram esses meninos de periferia, que saiam lá da quebrada deles pra poder ir pra essas praças. Aí, a perspectiva... e, principalmente, na praça do FB, né?! Porque ela era lotada, na época. Hoje é que, devido a alguns rolês,

da polícia tá batendo, porque, querendo ou não, são vários pretos e periféricos reunidos. A polícia começou a muito em cima, em cima e a gente tá lá de forma... uma vez por mês, né?! Então, a gente não sente o baque da galera que tá lá, todo final de semana, né?! E aí, a gente escolheu essa praça pra gente poder, numa perspectiva de mostrar pra galera que a quebrada deles... o que a galera acha que faz na quebrada deles, é muito interessante. E que eles... e que na quebrada deles também tem espaços muito interessantes e que eles podem tá voltando pra quebrada deles, e fazendo evento bacana nas quebrada deles, né?! Inclusive, muita galera não entendeu, no início. Tipo, tinha muita galera que já trabalhava com produção, aqui na cidade, que, inclusive, criticava a gente por a gente fazer numa praça, no centro da cidade, ao lado de dois colégio burguês e de frente a Diocesana, só que... isso foi o que a gente começou a contrapor, a gente falou assim: “A gente tá lá, porque os periféricos estão lá. E a gente tá lá, justamente porque ser preto, pobre e favelado é um... se falar disso, é uma ferida”. E ser bicha, também, porque tem muita bicha no Slam, hoje, né?! E ser... ter esses marcadores, pra sociedade, é um incômodo. Então, se é pra gente incomodar, a gente vai incomodar onde a gente pode botar o aperto na ferida e fazer a ferida abrir, que seria naquele espaço: de frente a uma igreja, por diversas vezes, muito conservadora, do lado de um colégio burguês, no centro da cidade e que era onde a gente conseguiu acessar os pretos, atualmente.

E a gente, também... não só por isso, mas também muito por uma questão de cien... de estar ciente do que tá fazendo, né?! Na época que a gente começou a fazer o Slam, foi uma época que as facções criminosas estavam começando a tomar de conta dos guetos. E a gente queria poder, também... isso, né?! Que é uma pena pra gente, isso tá acontecendo e, por diversas vezes, fazendo que os pretos não possam transitar em outras comunidades. Isso... a gente também precisa, para além de ir atrás dos pretos, lá, a gente precisa preservar a vida desses pretos, né?! Porque, tipo: se fosse no bairro da Fran, eu não poderia ir lá, porque eu era de outro bairro. E as facções tavam começando a ter essa disputa de território muito forte, né?! Então, a gente viu que se a gente fosse fazer na comunidade, a gente não ia atingir o público, também, que a gente queria. E a gente queria que muitas pessoas pudessem se agregar. Pensar na praça do FB também foi uma maneira de ter mais pessoas, mais encontros, mais afeto rolando, mais galera trocando amor. E que hoje eu consigo perceber isso, assim: quando eu vejo a galera trocando abraço, que vai pro Slam, que tá se abraçando, galera que nem se conhece... que vão lá e nem se conhece... no segundo Slam já tão junto, na mesma arquibancada. Então, pensar na praça foi algo bem proposital mesmo, tanto numa perspectiva de... de fazer um reboliço na cidade, quanto de poder ir atrás dos pretos e quanto de poder ver esses pretos, muitos pretos e periféricos. Enfim, de ver muita gente... que eu acho que é interessante a gente entender que o Slam é pras pessoas, né?! De ver muitas pessoas, ali reunidas, num propósito só.

L: Falando em propósito: pra você, qual é o propósito, o objetivo principal do Slam?

B: Hoje, pra mim, o Slam, a maior proposta dele é uma ressignificação social. Ele ressignifica a todo momento que ele tá ali, sabe? Não só uma ressignificação da gente entender que a gente precisa derrubar as estruturas a nível de... de racismo, a nível de LGBTfobia, mas a nível de comunicação mesmo, da gente poder se comunicar com essas pessoas... essas pessoas que vêm dos grandes guetos, sabe? Porque não existe uma comunicação direta com essas pessoas, sabe? Então, tipo assim, é uma ressignificação

social... toda numa estrutura social, mas também comunicacional com essas pessoas, porque não existe uma comunicação que acesse. Então, a gente, enquanto pessoas que ocupam, também, esses grandes guetos, a gente começou a entender que a poesia marginal, o Rap e todas as linguagens periféricas, eram a melhor maneira de se comunicar com essa galera. Então, a maior proposta do Slam, pra mim, é a ressignificação social e comunicacional.

L: A outra pergunta era o que o Slam significa pra você, mas de alguma forma cê já... cê já deu aí...

B: Em outras palavras: o Slam é minha vida!

L: (Risos). Com o Slam, é... no seu cotidiano, a sua participação nesse movimento, teve mudanças no teu dia-a-dia? E se teve, quais foram?

B: Teve. Teve várias mudanças, assim. Teve mudanças de eu começar a... além de ver poesia em todo canto, né?! (risos) Teve a mudança de eu – olá, gente (alguém deve ter aparecido) – é... teve a mudança de eu começar a compreender que... quem era eu, né?! No... na sociedade, apesar de eu já ter uma compreensão muito grande. Mas... teve mudança, também, de coisas boas, assim. O Slam, ele me... ele serviu como um processo de redução de danos pra minha vida, porque eu tinha um uso muito grande de substâncias, né?! Então, ele começou a ter mudanças muito boas na minha própria saúde, né?! E, dentro dele... existiram mais coisas pra mim, assim: surgiram mais oportunidades, enquanto poetas. Hoje eu tenho um projeto chamado Bicha Poética, que é dentro do Slam, aliás, que surgiu dentro do Slam. Então, ele teve várias mudanças, muito significativas mesmo, até de... ser quem eu era. O Slam conseguiu, cada vez mais, fazer eu me colocar, enquanto pessoa.

L: E o que é saúde pra você?

B: Eita!

L: O que é saúde e o que é doença?

B: Essa pergunta agora. Mas o que é saúde... pra gente... é uma pergunta bem... bem complexa. Mas, pra mim, eu acho que a saúde atualmente, acho que é se sentir bem, sabe? Se sentir bem com várias com várias pessoas. Eu acho que... se estar bem, se... se circula por afeto, e eu acho que saúde, pra mim, é você estar efetivamente bem com as pessoas, né?! Você tá efetivamente bem com você mesma. E isso eu tô falando de forma pessoal, né?! Não posso dizer pelas outras pessoas do Slam. Mas eu creio que saúde, ele perpassa muito no... no você estar no famoso “de boa”, assim, com você e com as pessoas. Porque eu acho que são... eu acho que a micropolítica do afeto, ela consegue mexer nessa questão, fazer com que você se sinta minimamente bem, não só de forma biológica, como de forma emocional, também, né?! Eu acho que é bem interessante isso... esse ponto: saúde. Eu... por diversas vezes, comecei a entender o Slam como um espaço de cura, como espaço de... saúde mesmo, de promoção de saúde. Quantas pessoas não já entraram ali, muito... mal? Já passaram pela gente... inclusive eu, que tive diversas crises de ansiedade.

L: Processo de saúde. Então, ti acha que existe esse processo de saúde no Slam da Quentura?

B: Existe! Existe! Eu acho que a quantidade de relatos que se tem de galera que gente pra gente pra poder relatar o quanto que o Slam foi necessário pra elas, sabe? E não só o Slam daqui, mas depois que eu pedi pra... pedi pro Slam BR, a galera de São Paulo fala a mesma coisa, né?! Tipo de... enquanto tinha galera mal psicologicamente e emocional e conseguiu ficar bem depois que foi pro Slam, porque, minimamente, conseguiu absorver uma palavra de conforto. Então, isso... isso, pra mim, é onde a gente pode entender que a... a nossa parcela de responsabilidade com as pessoas, assim, com a saúde das pessoas, né?! Inclusive, eu fui uma dessas pessoas. Inclusive, o Slam, ele... quando eu comecei a me entender enquanto pessoa ansiosa, eu comecei a escrever sobre, comecei a recitar sobre e comecei a ter retorno sobre, né?! De várias outras pessoas que começaram a vir: “Bicha! O quanto tá sendo interessante tu poder falar disso, porque eu sofro disso”. E, tipo, eu vou pro Slam na perspectiva de poder melhorar meus pesos, de poder ouvir uma palavra amiga. E tipo, a gente vir aqui e escutar tu falando sobre algo que eu estava sentindo, né?! Que é ansiedade, que é depressão, né?! Então, a galera se curava... se cura através disso, assim, também, né?! E hoje o que é mais legal, é que além da galera se curar ouvindo, a galera se curando recitando, o que, pra mim, é mais interessante, assim. De ver a galera saindo do espectador e virando protagonista da sua própria cura. O que é muito interessante, pra mim.

L: A última pergunta: o que é juventude pra você?

B: Estado de espírito. Juventude, pra mim, é estado de espírito. Acho que existe uma... acho que um ser jovem, ele perpetua muito a forma que você está, sabe? Porque existe tanta gente velha tão jovem e tanta gente jovem tão velha. Não sei consegue me compreender, mas acho que juventude, pra mim, ela é um estado de espírito e ela é algo muito importante. Porque assim como vários processos revolucionários, eu acho que vai ser a juventude, nesse estado de espírito, que vai poder fazer uma... fazer uma grande revolução. Inclusive, mudar essa nossa atual política. Tem nome não, que a gente sabe muito bem quem é, a gente não cita nome que é pra não atrair.

L: (Risos). Faz mal.

B: Faz mal!

ENTREVISTA DEDITA

L: Essa primeira pergunta... não é nem que seja uma pergunta, é um ponto, né?! É mais pra você... pra eu conhecer mais você, né?! Conhecer um pouco sua história de vida, como é que foi a infância, você é de onde... essas coisas. Dar uma síntese.

D: Sintetizar? Eu sou de São Benedito, eu não sou daqui de Sobral. Ah... deixa eu ver. Eu... também não sou da cidade, cidade, sou do interior, né?! Então, esse mundo urbano, todo esse contato que eu tive agora com essas pesquisas, do Slam, do mundo urbano, é muito novo e é muito, assim... novidade, né?! Tanto que quando eu comecei as Ciências Sociais, as minhas pesquisas sempre eram voltadas pro mundo rural, que é onde eu sempre vivi, sempre estudei lá, no interior de São Benedito. Aí quando eu vim... quando eu vim pra cá, que eu comecei a ter essa... entrei numa Bolsa de Iniciação Científica que era voltada pras pesquisas daqui da periferia, pra entender a história de Sobral a partir das narrativas desses moradores, né?! Não só... entender a periferia não só como aquele lugar negativo, né?! Como é... a maioria das vezes a gente vê, né?! Que é mais visto como um lugar negativo. Mas... sobre mim, a minha infância sempre foi assim, né?! No interior. E... já a partir da adolescência pra agora, né?! Foi que eu vim morar aqui na cidade.

L: É... por que escolheu Ciências Sociais?

D: Ciências Sociais... (risos) todo mundo me pergunta isso. Porque, primeiro, acho que por ter essa afinidade com as Ciências Humanas, né?! E quando eu fui ver... fui me inscrever pro vestibular, eu fiquei... primeiro selecionei as que eu não... pelo horário, né?! Tipo assim, se não fosse pela noite, não dava pra mim, porque eu tinha a ideia de que eu ia ficar indo e voltando e queria trabalhar e estudar, né?! Se fosse integral, não daria pra mim se dedicar, não teria como eu me manter aqui, nem ir e voltar lá pra cidade, que é

interior. Aí tava fugindo de todas as licenciaturas, e aí tinha as Ciências Sociais que eu via... de cara, acho que era a que eu mais me identificava, né?! E aí eu tentei e deu certo.

L: Hoje você tá em qual semestre?

D: Eu já tô nos últimos períodos, já.

L: Tá.

D: Aí quando... quando eu comecei... porque eu também gostava da área da Psicologia (? 3:08), mas que, depois quando eu entrei nas Ciências Sociais, acho que eu me encontrei dentro, né?! Acho que não foi quando eu tava escolhendo pra fazer, acho que foi lá. Hoje, eu não me vejo me vejo fazendo outra coisa, durante o percurso, né?! Acho que... acho que foi uma escolha boa.

L: Faz bem, né?! E o que que levou você a participar do Slam da Quentura?

D: Então... quando o Slam começou a se organizar, aqui em Sobral, eu já tava no Labome, que é o Laboratório, né?! Das memórias do cotidiano... e a gente já trabalhava com esses projetos dentro da periferia, né?! Cada bolsista acabava tendo um bairro específico pra tá trabalhando e, dentro desse bairro, a gente podia escolher uma temática, né?! E aí, eu não era bolsista de Iniciação Científica, eu era só de administrativo, do Labome, e aí eu acompanhava, também, as pesquisas das pessoas que tavam já inserida na periferia, né?! Que a gente acabava descentralizando essa ideia de que só porque eu não sou Bolsa de Iniciação Científica e não posso tá, também, fazendo... (tu fala alguma coisa rápida e muito baixo – 4:20) é. A gente sempre fez as mesmas... sempre compartilhou as atividades lá dentro. Aí tinha as meninas que tavam pesquisando o Rap aqui na cidade, foi feito até um documentário sobre isso. E aí...

L: A Kélia, né?

D: A Kélia fazia os documentários sobre o Rap. Tinha... depois teve a Cleane, tava fazendo um grupo de dança, Street Dance. E aí a gente tava pela periferia. Lá na Vila União era... que era perto do CCH, a gente tava mais próximo, né?! A gente ia... teve saraus, que era pelo Movimento Social FOME... a gente sempre tava lá inserindo as atividades dentro, gravando, né?! Pra, também, compartilhar esse material com eles, que é... sempre foi uma preocupação nossa de dar um retorno pra eles, né?! E que a pesquisa... não era uma pesquisa da Kélia, não era a minha pesquisa, era uma pesquisa deles também, né?! Algo que era construído com eles. E aí o Slam tinha a Joyce também, que ela tava pesquisando sobre os artistas de rua, aqui da cidade, os que vinham de fora, os que ficam nos sinais... tá sendo finalizada agora, o documentário dela. E ela era uma das organizadoras do Slam, e aí ela começou a gravar esse... foi ela que começou a gravar. Era só ela que levava os equipamentos, que começou... sempre foi nos finais de semana, nos dias de sábado. E aí, eu nem sabia direito o que era, só vi que ela começou a gravar. Acho que o Vicente foi essa primeira... essa primeira vez, acho que ele foi todas as edições. E aí, depois que... vendo o material, né?! Eu sempre ficava lá vendo o pessoal, vendo as poesias, me interessei e comecei a ir também, né?! Mas eu não fui todas as edições, nem sempre dá certo, né?! Por conta dessa coisa de ir pra casa e... e voltar. E aí eu comecei a me interessar quando... eu já conhecia, né?! Algumas pessoas. A Fran, por conta dos sarais, do Movimento Social FOME, que ela também participava, dos coletivos. E, dentro de... desse circuito cultural

que existe, né?! Desse pessoal da periferia era... tinha... algumas pessoas que tavam, né?! O PH eu já conhecia de outros momentos. E aí a gente começou a ir. Aí foi o momento que a Joyce se afastou, né?! Do Laboratório e a gente começou a gravar. O Vicente, por conta... justamente quando o Vicente começou a pesquisa dele. E aí foi, acho que foi o momento que a gente se envolveu mais, que ia lá ajudar ele pra gravar, a gente fazia as filmagens e as fotos. Acho que foi esse momento. Foi um processo, assim, de conhecer o Slam e de também tá... com essa proximidade, né?! Das discussões que eles faziam lá sobre periferia... acho que foi...

L: Você conheceu pelas pesquisas, depois foi...

D: Foi. Pelas pesquisas e depois...

L: Participando...

D: Hoje já é mais pessoal do que vinculado à pesquisa que era... nunca foi minha pesquisa, tipo assim, eu não tava pesquisando o Slam, né?!

L: Sim.

D: Mas começou pra ir ajudar o pessoal nas gravações e hoje, sempre que dá, a gente vai lá pra participar.

L: É... Pra você, qual o objetivo do Slam da Quentura?

D: O Slam da Quentura, ele é um movimento cultural. Eu acho ele muito importante, assim, por conta de... da poesia que eles tratam, né?! Que é considerada como se fosse uma poesia marginal, né?! É uma poesia que ela sempre existiu, mas que... tem até alguns textos que a gente lê, que falam que é uma poesia que fere sem sangrar, porque é uma poesia que tem a ver com as reivindicações. E eu vejo como uma forma de organização, de... da juventude nesse... nessa ideia de reivindicação, de resistência, de trabalhar temas que... tipo assim, dentro da sociedade é um afronte também, né?! Porque eles estão num espaço que é público, mas muitas vezes parece ser negado pra eles que são da periferia, né?! E eu acho até importante também, né?! De essa galera... de tá lá e dizer assim: “Esse lugar é meu também”. E, apesar de muitas coisas que acontecem, de querer barrar que eles estejam lá, né?! É um movimento de resistência, né?! Da periferia, né?! Porque a periferia vai ao centro e tá pautando questões, é... de feminismo, de LGBTs, tão falando de assuntos que muitas vezes são tabus, né?!

L: Tem as temáticas, né?! Cada encontro tem uma temática diferente.

D: Uhum.

L: O que que significa o Slam, assim, pra você? Você que chegou através das pesquisas, depois é porque se identificou.

D: Eu... eu acho que quando eu lembro, assim, de alguns momentos da minha vida que eu me senti afetada, principalmente, assim, dentro da área das Ciências Sociais, né?! A gente tá lendo os textos, sabendo as teorias, tá lendo autores e o Slam... o Slam, tanto o da Quentura quanto o das Cumadi, né?! Que veio depois. As batalhas... esses movimentos culturais que é promovido, organizado, né?! Pelo pessoal da periferia... foi e é uma das coisas que têm me afetado muito, tanto... é como se eu tivesse vendo tudo que eu tenho

estudado, na prática. Porque são... eu acho que muitas vezes a gente tá preso na Academia e aí a gente não percebe que, né?! Do nosso lado, dentro desses circuitos que eles promovem, que ali tá a prática, né?! Deles tá reivindicando, criando, assim, como se fossem suas próprias políticas públicas, já que não chega de uma forma, né?! Eles se organizam de uma forma que... que possa tá, também, movimentando a juventude, tá falando sobre os problemas que eles passam. É um lugar de afetos, também, é uma rede de afetos por... até pelas temáticas mesmo, das pessoas se sentir pertencente daquele lugar, das pessoas irem porque é um lugar, também, de refúgio. A própria poesia, né?! Quando eles... eles escrevem, né?! É muito... muito louco. A gente que participa desde o começo, né?! Eu não fui todas as vezes, mas a gente percebe algumas sutilezas, é... a construção, né?! Da identidade de... desses jovens, dessas pessoas que tão participando, né?! De pessoas que chegam lá, não... não tinham coragem de fazer uma poesia e ir lá frente apresentar, e hoje tem essa desenvoltura e... vai lá e apresenta suas poesias, né?! E de diversas temáticas, né?! O Slam da Quentura é... tem algumas... tem algumas poesias que, tipo assim, acho que não tem como não arrupiar do começo ao fim, né?! Porque não é uma coisa que, também, que... não é só por falar, não é só aquela coisa de uma temática qualquer. É uma... a vivência daquela pessoa, né?! São... experiências, né?! Dela.

L: É... e assim, com essas tuas relações com o movimento, né?! De forma direta ou indireta, cê percebeu se houve mudanças no seu cotidiano? Se houve, quais seriam?

D: Mudança em que sentido, assim?

L: É... agora tem... uma semana... essa semana você vai se preparar pro Slam, por exemplo. Tem essa mudança? O que que mudou, assim, antes do Slam e depois do Slam? Se teve mudanças.

D: Sempre, por conta, também, do Laboratório, a gente tá muito envolvido com o pessoal, né?! A gente tem feito, também, reuniões, lá dentro, com eles. Quando tem o Slam, eu já tenho essa preocupação de agendar o final de semana pra ficar aqui. No próximo final de semana vai ter, e aí eu tô tentando ir pra casa nesse, agora, amanhã, pra no próximo ficar pro Slam. Eu acho o Labome, assim, uma peça fundamental dessa minha ligação com o Slam, né?! E nessa coisa que eu falei, dessa preocupação que a gente tem de dar um retorno pra eles... Porque acho que todas as pesquisas que a gente se envolveu até agora, essa coisa de só ir lá, pesquisar, fez uma entrevista e vai embora. E, às vezes, as pessoas de lá... que foi o caso de... de algumas pesquisas já tá envolvido o Slam e... mesmo as próprias pessoas do Slam sabiam que tá sendo pesquisado e aí não tem uma ligação, um retorno e as pessoas não saber o que que tá sendo falado sobre eles também, né?! E... agora, a gente tava até fazendo umas reuniões com eles, por conta de um livro que uma... um rapaz lá do Rio de Janeiro veio conversar com a gente pra montar um livro, né?! Era só uma ideia, de recursos, coisa que a gente não tinha... a gente ficou assim, só na... só na vontade, né?! Mas aí depois ele entrou em contato com a gente pra... que tinha conseguido esse recurso e que dava pra fazer o livro, né?! Sobre poesia, que aí dava pra juntar tanto o Slam da Quentura, as poesias de alguns slamers, o pessoal das batalhas, também. E aí nesse mês a gente tá tentando fechar. A gente, que eu digo, porque o Labome tá sendo essa ponte, né?! Mas quem tá selecionando as poesias... são... a Fran tá... que eu acho que é a responsável pelo Slam, tem os meninos que são do Rap, que tão selecionando as do Rap. Porque também tem... como é quase uma rede, assim, entre eles, muitas pessoas que

batalham são as mesmas pessoas que tão lá no Slam, né?! Aí, também, pra selecionar pra não...

L: Sim.

D: Eu acho que... acho que tando aqui em Sobral, acho que tudo tá ligado com... a minha rotina tá envolvida com eles, né?! Mesmo eu não fazendo parte do Coletivo, né?! Que é o Coletivo que organiza o Slam, o Coletivo Fora da Métrica. Não tô envolvida diretamente com eles, sou mais essa... como plateia mesmo, mais como pessoa que vai lá e grava e...

L: De alguma forma tá participando.

D: É. Tô participando também, né?! Tipo assim, não sou a organização... eu... tenho que contribuir com alguma coisa.

L: É... agora é um ponto que é... que é diferente dessa linha de... que tava indo, né?! Slam, slam, slam. Agora, o que é saúde, pra você? E o que é doença?

D: Saúde, pra mim... saúde, pra mim, acho que tá envolvido, acho que não só com questões físicas, né?! Saúde física. Também envolve uma série de fatores. Bem-estar emocional, bem-estar... não sei... porque eu tava até pensando sobre isso, tipo, quando tava tentando relacionar o Slam, tipo assim: quando a gente vai pro Slam, a gente tem essa coisa que eu falei, né?! De se sentir afetado e de tudo mais. De poesias que a gente também se identifica lá dentro... uma poesia de identificação e as pessoa... Teve uma poesia, acho que foi no Slam das Cumadi, que era sobre ansiedade e aí eu me via muito ali dentro, né?! Tipo, daquela pessoa também, das pessoas. E aí, sempre me vem na cabeça essa ideia de que tudo é tão corrido, tudo é tão... tudo é tão bagunçado, né?! E esses momentos com as nossas pesquisas, assim, que a gente... que a gente se identifica, também, eu acho que é uma forma de se sentir saudável, né?! Porque, dentro desse processo, acaba sendo um alívio, né?! É uma coisa que a gente vai lá e se sente pertencente e que a gente... de identidade, identificação. Então, acho que saúde, pra mim, tá envolvido, também, com essa questão do bem-estar, questão de... do bem-estar mental. É como se fosse uma plenitude de físico, mental... acho que... não sei...

L: Mais amplo do que esse... enfermidade, assim... uma não-enfermidade, assim né?! Física.

D: É. Física. Doença. Doença é nesse sentido, né?! Não é só uma doença que é só física, é uma doença que, também, da alma, sei lá (risos).

L: O que seria essa doença da alma?

D: Doença da alma... essa... esse exemplo que eu dei, é?! Da poesia de ansiedade, né?!

L: Sim.

D: Eu falo (? 20:18) uma pessoa que tá aqui dentro da universidade, passa por essa correria de pesquisa e TCC e tudo mais, né?! A minha pesquisa tem sido de Iniciação Científica e eu tenho aproveitado pro meu TCC, né?! É uma correria que é pra... é coisa que a gente tem que... que cumprir. Que acaba... te deixando assim... doente. Eu já me senti muito doente sendo cobrada de prazo, de tudo, né?! E... eu esqueci até da pergunta...

L: O que é doença pra... Ah! Doença da alma.

D: Doença da alma, né?! Que, é... sair de outra cidade e tá aqui, também, tipo assim... tá longe das coisas que eu sempre tive perto, que era da família, de... até, tipo, da igreja, daquela coisa de participar. Uma rotina totalmente diferente, né?! Que, às vezes, é muito estressante. E aí eu, às vezes, eu me via doente e não sabia nem o que que tava acontecendo comigo, por que eu tava... não tava com uma doença física, né? Uma doença que... parecia que... a gente não... a gente não sabe explicar porque que tá triste...

L: Não era palpável, assim?

D: É... relacionar tristeza com doença. E, aqui, né?! Nesse... nas pesquisas, né?! Tipo, no Slam, na... nas batalhas, que acho que foi onde a gente começou, né?! Que é dentro... a partir dessas poesias, acho que acaba sendo um refúgio pra que a gente alimente essa não-doença, digamos assim. Acho que foi o que eu falei, né?! De... alguns momentos que eu me senti mais afetada, que eu me senti bem... acho que já teve momentos que eu já fui pro Slam por conta de que eu sabia que lá ia ser um lugar que seria bom. Seria, é... seria bom participar. Que seria... uma espécie de refúgio mesmo. Mesmo eu nunca tendo coragem de ir chegar lá e recitar. Mas eu já vi algumas pessoas, né?! Que participavam que... acho que... não sei se foi a última edição, que teve um rapaz que, acho que ele tinha ido pela primeira vez no Slam, antes, e aí ele foi na última vez e disse que... acho que foi um dos últimos a recitar, assim... que trouxe a poesia no bolso e meio que ficou inquieto, enquanto ele não foi lá recitar, acho que ele não ia... ele não ia pra casa em paz, né?! Doença da alma que eu digo é isso. Tipo assim, é algo que te afeta, essas poesias, te afeta tanto que te provoca a... também a questionar algumas coisas e escrever, né?! No caso dele, de ter coragem pra ir lá e recitar. Ele disse que da outra vez tinha ido e chegou em casa e já foi escrever a poesia, né?!

L: É... tu até tocou nessa outra pergunta agora que é: se você conseguiria visualizar, dentro das atividades do Slam, é... relações de saúde?

D: Que eu... que eu já tinha comentado, né?!

L: Já comentou em relação à poesia, né?!

D: Porque, é... no Slam, pra mim, assim, que tá assim, de fora. Mesmo não participando, assim, né?! Da organização. Eu vejo que não é aquele momento, né?! Tem o planejamento, tem as reuniões organizando qual é que vai ser o dia, qual... é... o local já é o local fixo, né?! Mas qual o dia... vendo as outras atividades que podem tá acontecendo lá... tipo, alguma batalha, pra não chocar... o próprio Slam das Cumadi. E... eu acho que tudo isso faz parte do processo, né?! Também, acho que a escolha das temáticas também, né?! O último Slam foi sobre a luta antimanicomial, né?! Acho que também tem essa preocupação das temáticas. Acho que tá tudo interligado desde a formação que eles têm, né?! Que eles têm a preocupação, também, de tá envolvendo outras pessoas e... acho que das temáticas, né?! Acho que... dessa ligação com a saúde também tá... também não é só nesse “se sentir afetado”. E já teve muitas temáticas, assim, que eu considero que tá ligado à saúde, né?! A própria questão da ansiedade, da luta antimanicomial, da questão da saúde, é... das mulheres, né?! Sobre... questões sobre aborto, sobre o corpo da mulher, sobre... sobre... sobre a saúde LGBT. Acho que se eu for parar pra refletir, acho que... dentro, não só das poesias, né?! Mas também dessa preocupação dele, das temáticas que eles trazem. De construção mesmo do Slam, né?! Do antes e do depois.

L: Então, cê acha que aí, nessas relações aí, existe saúde, né?! Não só na... por exemplo, no “recitar uma poesia”, nessa... mas também...

D: Sim. Recitar uma poesia... eu acho que é muito assim... por conta dessa provocação que eu acho que é, também é construída, né?! De... da pessoa chegar e se sentir afetada e... ter essa ligação de construção de identidade também, lá dentro. Então, recitar poesia, também, eu acho que é uma forma de... de ter essa ligação com a saúde, que eu acho que... eu não sei, porque eu não... não recito, né?! Mas eu tenho a... essa ideia, né?! De que quem recita deve ser um... uma forma de alívio, uma forma, também, de reivindicação, de resistência, mas também de, de colocar ali pra fora, é... temáticas que... te ferem, que de alguma forma te incomoda. Porque... também não é... é sistemático, né?! Se fala, também, de coisas boas. Então, falar, desabafar, a partir da poesia, eu acho muito interessante essa ligação.

L: É... agora a última... o último ponto: O que é juventude, pra você?

D: Juventude. Eu acho que existe Juventudes. Juventudes, no plural, por conta dessa... desse... acho que é como se fosse mesmo de identidade, de tá ligada com... ligada, tanto desses movimentos, das pessoas que tão construindo a sua identidade. Então, não existe só uma juventude, né?! Existe várias juventudes. É... a juventude que participa do Slam, a juventude que participa da batalha, a juventude que vive no mudo rural... são cenários diferentes, né?! Que constroem uma juventude que também é diferente. Acho que... que tá... de alguma forma, uma coisa que une é essa diversidade, né?! Acho que o que une essa juventude, é justamente essa diversidade e acho que limitar o conceito de juventude, assim, só um conceito, acho que não dá, né?! Acho que não tem essa... não tem um certo.

L: Então, pra você, juventude não é só idade, também, né?! Muita gente tem essa relação com a idade. É bem mais do que isso.

D: É.

ENTREVISTA DIEGO

L: A primeira pergunta é mais ou menos... é... Tu poderia dar uma síntese da tua vida? Assim... tuas relações, como é que você chegou aqui em Sobral... como é que se deu na infância, adolescência...

D: Como é essa síntese?

L: É uma síntese geral, assim... eu sei que é difícil, mas...

D: Mas vai dar certo.

(Risos)

L: ... É te conhecer um pouco...

D: É... sou Diego Rodrigues Clementino, filho de Antônia Rodrigues (incompreensível. 30seg) Omero Clementino. Sou paulista... é... minha mãe mora no interior de São Paulo, na cidade chamada Castilho, mas eu fui criado na capital, na cidade de Arujá, poucos quilômetros da capital de São Paulo. É... minha infância foi uma infância boa. Meus pais se separaram quando eu tinha dois anos de idade, mas só que isso não me afetou, porque eu tinha sempre uma boa relação com o meu pai e também com a minha mãe. Fui criado com a minha mãe. E com onze anos de idade, a gente se mudou para o Mato Grosso do Sul, que é a cidade onde minha mãe foi criada. Quando mudados para o Mato Grosso do Sul, é... deu uma reviravolta na minha vida e na vida da minha família, porque na época que a gente se mudou pra lá foi a época que meu pai assassinado em São Paulo. Meu pai, ele tinha envolvimento com tráfico... mas só que aí a gente... depois que eu fiquei com uns 8/9/10 anos, minha mãe parou de levar a gente pra lá, porque ela tinha medo desse envolvimento. Aí que... depois que ele foi assassinado, ela sofreu umas ameaças e veio embora pro Mato Grosso do Sul. Ela... ela acabou se envolvendo com o MST – Movimento dos Moradores Rurais Sem Terra, ficou acampada seis anos na beira da estrada da cidade chamada Castilho, interior de São Paulo, faz divisa com Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

E foi dentro do MST que eu fiz a minha vida, praticamente. No MST, participei da militância, formação... é... eles me formaram... terminei o ensino médio com o MST, fiz o

ensino técnico com o MST. Tive a oportunidade de ir pro Haiti, com eles também, fazer um trabalho voluntário social com jovens camponeses de lá, para trabalhar com a... na área de reflorestamento. Militei pelo MST durante uns doze anos, aí foi quando eu fui pro... pra Minas Gerais, o acampamento nacional do Levante Popular da Juventude, acabei conhecendo o PH, Bicha Poética, se apaixonamos e acabei vindo embora pra cá...

L: Isso foi quando?

D: 2016... final de 2016. Vim pra Sobral com a doida na cabeça e tô aí até hoje. E foi através dele que eu conheci a poesia falada, a poesia marginal. Eu já escrevia, mas só que eu não... conseguia me conectar com isso, porque não era minha realidade, porque como eu vim do movimento campestre, eu não sabia que o que eu escrevia era poesia, porque eu nunca tinha visto. Aí foi através da Bicha Poética que eu entendi que o eu escrevia era poesia marginal. Aí, numa conversa minha, dele e da Franzinha, a gente pegou e decidimos fazer o Slam da Quentura, aqui em Sobral... no chute, assim. Entramos em contato...

ALGUÉM: Só com a vontade mesmo...

D: É, só com a vontade... entramos em contato com a rede, né, do Slam, aí a Roberta Estrela Dalva, muito solícita, entrou em contato com o PH, que é a Bicha Poética, e deu umas dicas pra gente e mandou alguns materiais. Aí foi aí que a gente surgiu.

L: Assim, tu já tocou no assunto, né... Mas como é que... O que que levou você a participar do Slam da Quentura?

D: O que levou... a participar?

L: É... cê foi parte da formação do Slam, né?!

D: É... pois pronto. Como eu vim de uma realidade muito diferente daqui de Sobral, de morar dentro de uma periferia muito estigmatizada daqui, que o Residencial Nova Caiçara... é... eu, como sempre... minha juventude e uma parte da minha vida adulta se deu dentro do campo, né, do MST, então, meu contato com o que produzia juventude era com coisa do campo. Quando eu vim pra cá pra Sobral, que eu fui pra dentro de uma periferia, e eu já escrevia antigamente, aí eu comecei a fazer um flash de relação das minhas poesias com a poesia marginal... é... a necessidade do Slam, foi da gente poder se identificar mesmo, porque a gente não via o que a gente gostaria de ler nos livros e a gente queria ver... eu mesmo queria ver coisas tipo o que eu escrevia, que eu via os meninos produzindo, coisas que me representassem dentro da periferia, que depois que eu comecei a morar dentro de uma, eu vi que as coisas são diferente. Por exemplo, a gente sai de lá do Caiçara, né... Pra entrar dentro do bairro é levar baque, sair de dentro do Caiçara é levar outro baque. Então, é uma resistência. A gente vir pra cá pra praça é mais resistência ainda. Foi isso, assim, que levou a gente a criar o Slam: mais por visibilidade, pra gente se ver mesmo... representado.

L: Então, pra ti, o objetivo do Slam tem uma relação com o existir?

D: Com o existir, com a resistência... de se auto ver, de ver outras pessoas também, que é igual a mim, que também cria arte, né, da resistência e é autônomo.

L: Pra ti, o que significa o Slam?

D: Eita...

(Risos)

D: O nosso Slam da Quentura, pra gente, é como se fosse uma comunidade, é como se fosse uma família... quem organiza mesmo, é como se fosse uma família. A gente marca um dia pra fazer reunião, a gente, geralmente, tira um domingo de manhã, de tarde e, às vezes, até de noite. A gente marca pra... cada um levar alguma coisa pra gente poder fazer um rango gostoso na casa de alguém... ou então quando vai pra praça fazer piquenique. Pra mim... o que representa, pra mim, é família, assim... eu me encontro junto com o pessoal que organiza e aqui é a celebração.

L: É um momento de...

D: É... é o momento. O auge.

L: Com a tua participação e formação do Slam, houve mudanças do teu cotidiano? E se houve, assim, o que foi que mudou?

D: Porque eu fico responsável na parte da cronometragem... Eu fico praticamente na parte das regras do Slam: na cronometragem, marcar os nome dos poeta, sortear os poeta, marcar o tempo deles e as nota. Isso me deu mais atenção, assim, até pro me trabalho. Eu trabalho com jovens, né, lá no Caiçara e é... doidera, assim... os pivete é sangue no olho, então a gente tem que manter uma concentração. E o Slam, ele dá essa atenção pra gente, de ouvir pelo menos três minuto alguém e é muito difícil a gente conseguir alguém pra parar e nos ouvir durante três minuto. Às vezes, a poesia é um grito, né?! É isso.

L: Quando tu fala sangue nos olhos, o que é que significa?

D: Sangue no olho é que os menino tão lá pra toda obra, né?! É muito sem expectativa de vida e o Slam, às vezes, dá outra expectativa... tem menino que começou no Slam, no início do Slam, na nossa primeira edição que... ele fazia trabalho com tráfico e hoje... hoje ele não trabalha com tráfico e já passou pra gente falando que ele saiu do tráfico por conta do Slam. Isso deixa a gente muito... emocionado, assim... é como se a gente tivesse salvado uma vida. Eu não falo que a gente salva vida, a gente dá uma outra expectativa pros menino, né?!

L: Sim.

D: E também não tem problema se ele for trabalhar com o tráfico, desde que ele tenha uma outra oportunidade e possa tá vendo a vida com outros olhos e tenha acesso a cultura. Eu acho que os menino é doidera mesmo nos corre.

L: É... Agora, um pouco distante das perguntas vem em sequência que é... O que é saúde pra ti?

D: Saúde?

L: É. E o que é doença?

D: Saúde pra mim é estar bem psicologicamente, mentalmente, que é isso daqui que controla todo o restante, né?! E... às vezes... a gente... o Slam ajuda muito a gente a manter nossa saúde mental, porque a gente grita pra fora, né?! Aí tem muitas pessoas que falam

que a gente “se rasga”, às vezes, quando a gente tá fazendo nossa poesia. A gente “se rasga”, se doa. Eu acho que ter saúde é a gente estar bem com a gente mesmo, com o nosso corpo, com a nossa mente... principalmente com o nosso psicológico. Eu acho que o nosso psicológico é o mantém o restante do corpo saudável.

Aí, agora, estar doente, eu creio que seja o inverso disso. A gente não ter... não tá bem psicologicamente, não ter uma boa expectativa de vida... é... não acreditar que tem outras oportunidade que possa ser acessada... que o que a gente faz de resistência, de arte, é existente... eu creio que seja isso, assim...

L: É... então não tem algo apenas físico, no caso?

D: É. É mais do que algo físico.

L: E pra ti, assim, dentro das atividades do Slam... não só aqui, mas, por exemplo, nas reuniões... Já tive contato que o Slam também já foi pras escolas, né?! É... tu consegue visualizar a relação de saúde, nesse sentido? E se sim, quais seriam?

D: Sim. Tem as menina, a cacheada, a Fran, elas recebem muitas mensagens das menina das escola que gostaria que o Slam fosse nas escola pra poder fazer uma oficina de poesia de resistência feminista, porque elas sofrem muito abuso dentro da escola. Então, eu creio que... há um trabalho de saúde, sim... ser feito com as meninas. O Slam pode ser formativo. Às vezes, o que a gente não tem coragem de falar pra pessoa, na forma de poesia, a gente pode conseguir... levar esse tipo de informação. Por exemplo, tem muitos menino aqui que tem problema de circulação, de limitação de território, não pode ir pra um bairro, porque tem um tipo de facção, não pode ir pro outro, porque tem outro tipo de facção... e quando eles chegam aqui no Slam, eles não têm esse problema. Eles se encontram, não tem essa rixa e a gente consegue dialogar com as pessoas. Eu creio que o Slam, ele é uma... é um... remédio preciso, vamo se dizer assim... que é muito bom e se não fosse bom, a gente não teria retorno dos menino na escola, das oficina que a gente já deu e como todo mundo, agora, da organização tá trabalhando, fica muito difícil da gente ter esse momento. Eu tento encaixar no meu trabalho, que é mais fácil, né?! Faço trabalho tipo de assistente social, dentro do bairro... eu tento encaixar o Slam pra gente poder fazer poesia, outras oficina... de oratória. Mas é diferente quando vai a organização toda.

L: Então, teu trabalho é atravessado pelo Slam também, né?! Nesse sentido...

D: Também. Praticamente eu entrei no meu trabalho por conta do trabalho que a gente já fazia com o Slam. O meu trabalho, ele... ele precisa que você tenha uma ação cultural já realizada, aí por conta da minha militância, do MST e o Levante e juntamente com o Slam, surge o meu trabalho.

L: Você trabalha num instituto...?

D: Não. Eu trabalho na UGP, que é a Unidade de Gerenciamento de Projetos de Prevenção à Violência, é da Secretaria de Direitos Humanos e Assistência Social, aí eles têm essa... esse setor da UGP, que é pra trabalhar com a prevenção da violência... vários tipo de prevenção de violência com jovens de 10 à 29 anos.

L: Entendi. É... Agora é a última pergunta: O que é juventude pra ti, Diego?

D: Eu ach... Juventude, pra mim, não tá colocada em idade. Que eu já não sou mais jovem em idade, né?! Mas... eu acho que ser jovem é um estado de espírito mesmo, assim... É como eu falei anteriormente: de estar bem comigo, de saúde... psicologicamente, eu creio que eu esteja jovem de espírito, que eu esteja jovem corporalmente também, pra conseguir lidar com tudo, né?! Eu creio que ser jovem é um estado de espírito.

L: É uma relação que transcende essa questão de idade, no caso? Que falam que é de 15 a 29 anos, no caso... É para além disso?

D: É pra além disso, certeza (risos). Eu já tenho 31, não sou mais jovenzinho, não. Mas eu me aceito como jovem.

ENTREVISTA FRAN

L: Bom, Fran, a primeira pergunta é mais uma questão mesmo de conhecer, né?! A pessoa que tá sendo entrevistada, então, é... eu queria que tu pudesse falar um pouco sobre a sua história de vida mesmo, né? Sobre como foi sua infância, é... como foi sua relação na escola com os amigos, é... relação com os seus pais, é... você fala o que você acha que deve falar, é... sobre sua história de vida, né?! É mais pra lhe conhecer melhor, assim, nesse sentido.

F: Oi, eu sou a Fran, ou Fran Nascimento, como preferir. Eu tenho 22 anos, eu sou moradora na periferia de Sobral, eu moro no Sumaré. Por favor, se for expor, não expõe onde eu moro, por conta mesmo de questões de territorialidade, brigado. Aí, eu... minha infância foi muito de boas. Eu nasci e cresci aqui nesse meu bairro, né?! No Sumaré. A minha infância foi bem legal, assim, sei lá, a gente... eu brincava aqui, no meio da rua, também, de boas. A minha relação com os meus pais também foi sempre de boas, é... até os meus 10 anos, por aí, que foi quando eu comecei a ir pras Testemunhas de Jeová. E aí meio que transformou, assim, a minha relação com os amigos que eu tinha na escola... até então, as que eu tinha, ainda, eu cortei, por conta de ter entrado nas Testemunhas de Jeová e tal. Mas fora isso, a minha infância foi assim bem... bem de boas. Agora, sei lá, fatos de quando era pequena não tem muitos... Assim, eu não... quando era pequena, eu não era tão envolvida com questões, sei lá, por exemplo, da comunidade, eu não andava tanto no meu bairro, não conhecia pessoas do meu bairro, eu sempre fui uma pessoa que tipo: eu brincava, ia pra escola e ficava dentro de casa. Então, assim, eu conheci a galera da rua, mas nunca conheci muito as pessoas do meu bairro. E aí, quando eu me tornei Testemunha de Jeová, foi quando eu comecei a ter contato com essas outras pessoas, de... de outras partes, né?! Daqui... tanto do meu bairro, quanto do Alto Novo, Pantanal e tal, que eu comecei a andar em outros cantos, mas acho que até os meus 12 anos, eu era bem presa, assim, dentro de casa. E, eu acho que é isso.

L: Aí, Fran, no caso da adolescência, como é que foi, assim? No caso, você tinha falado que até os 12 anos ainda não tinha tanto contato, né?! De sair, de conhecer outros bairros e tal. E na adolescência, como é que... como é que foi essas relações, como é que foi essas mudanças, né?!

F: Eu acho que a minha relação, assim, com os meus pais, só veio dar uma... uma mudada, quando eu resolvi sair das Testemunhas de Jeová, né?! Que, tipo, quando eu era adolescente, também, a minha adolescência foi bem de boas. Eu estudei em Colégio Particular até a minha 5ª série, que foi quando meu pai conseguiu pagar, que aí, eu acho que foi lá nessa escola particular que... No caso, o Santana, que eu comecei a me deparar com algumas questões, porque as pessoas sempre me chamavam de bolsista e eu não

entendia o que que era isso, mas eu sabia que era geralmente quem não podia pagar. Então, na minha cabeça, era uma ofensa, porque o pai sempre teve uma budeguinha aqui em casa, né?! Aí o pai, ele se esforçava ao máximo pra poder comprar. Ele comprava tudo novo pra mim, assim, que ele podia, e pagava mensalmente, não tinha nem um atraso. Então, pra mim, era meio que uma ofensa ser chamada de bolsista, saca? E aí, na minha 5ª série... 5º, 6º ano, não lembro bem, que foi quando eu sai, e eu fui pra escola pública, né?! Que aí, eu lembro que no meu último ano, tinha muitas questões relacionadas a racismo e tal, que eu não sei... eu não lembro muito bem onde que eu vim... vim ver sobre isso. Mas eu lembro que tinha um amigo meu, que era o José Bruno que era... estudava também. Ele morava no Alto Novo e eu morava no Sumaré, aí a gente conversava muito sobre a questão racial e... em algum momento surgiu esses assuntos, acho que era bem debate da escola mesmo. E aí a gente começou a ver o quanto que as escolas particulares eram racistas, assim. Eu lembro que depois, 1 ano depois de eu ter saído, que aí eu vim pra Carmosina, né?! Estudava na Carmosina. Aí o... José Bruno, eu encontrei ele, e a gente voltou a falar sobre... sobre esse mesmo assunto. Então, acho que começou um pouco ali, essas minhas inquietações. Acho que é isso. Aí pronto, essa minha relação com os meus pais mudou, assim, a partir de quando eu saí das Testemunhas de Jeová, né?! Que já foi com 18 anos e tal, que ficou um pouco mais tenso. Mas até então, assim, eu sempre tive uma relação boa com os meus pais.

Eu acho que a mudança de eu ter saído de uma escola particular pra uma escola pública, foi um choque, assim, pra mim, também. Foi outra coisa, assim, que me marcou bastante. Não só por essas inquietações, no caso do Bruno, mas também por ver como que eu era tratada na escola. Porque eu lembro que tinha uma professora, a Bete, que ela me tratava... a Bete e outras professora minha que eu não me lembro o nome... elas me tratavam, tipo assim, meio que com ar de superioridade. Eu lembro que no meu primeiro ano que eu estudei lá na Carmosina, que era o 7º, acho que o 6º, 7º, eu tinha esse ar de superior, saca? Porque eu vim da escola particular. Até que quando foi lá pro meu primeiro ano do ensino médio, por aí, é que eu vim me tocar que... da real, entendeu? Que todo mundo ali partia... eu sei que eu partia de um outro lugar, que era esse lugar de quem estudou em escola particular, né?! Por um tempo. Mas eu vim entender o local onde a gente mora, entendeu, assim? Que aí eu já tinha tido contato, assim, já sabia os locais onde era mais perigoso. Já pude ver que no meu bairro, assim, não tinha tantas coisas, tanta mudança. Eu entrei em contato com professores, né?! Um dos que eu mais destaco, assim, Thiago, que ele... ele era satanista, né?! Então, assim, o Thiago, meu professor, que era satanista, era um dos melhores professores que eu tive. Ele, infelizmente, faleceu. Faleceu em 2012. E o Thiago, ele me mostrou sobre inquietações, assim, da própria escola, né?! Por que que lá na escola tinha um crucifixo, né?! Se a escola era pra ser laica. Ele foi a primeira pessoa que me falou sobre o conceito de laico. Eu lembro da Carlionara que era minha professora de filosofia, que ela foi - isso já no ensino médio, né?! -... que ela foi a primeira pessoa a me falar sobre essas questões, falou lá de Descartes, sobre experiências. Ela trouxe, pela primeira vez, um atabaque lá pra sala, entendeu? Ela que falou e mostrou, assim, textos a respeito da Consciência Negra, no mês da Consciência Negra. Ainda era bem escasso, assim, falar sobre essas temáticas lá na sala, mas eu lembro, também, que tinha professora como a Jaqueline, que falava sobre educação sexual, assim, que me começou a me mostrar, também, o quanto que era deficiente a nossa educação, porque era um assunto que era debatido, sei lá, uma vez no ano. O quanto era deficiente

você não ter nem um laboratório de química, você ia só uma vez no ensino médio... duas. Entendeu? Mas de entender também de onde a gente partia, também de ver as possibilidades, né?! Que não era, não era tudo tão fechado assim. Eu acho que, assim, na minha adolescência, foi meio que esse mundo de descoberta, assim e que vem tudo de uma vez, né?! E é isso. Desculpa falar muito.

Aí lá pro final da adolescência mesmo, que, assim, já tinha terminado meu ensino médio, já, já tava tudo de boas, que eu saí da Testemunhas de Jeová, né?! Que foi com 18 anos. É... que foi tipo um baque pros meus pais, mas pra mim, me mostrou, também, outras... outros mundos, né?! Outras visões de mundo. E aí foi quando... depois eu vim conhecer o 4 Portas, que eu comecei a entrar em contato com outros cursos, com outras pessoas, com outras realidades e que foi quando eu conheci o FOME, que o Movimento Social FOME foi minha primeira... primeira experiência de... de ver mesmo, entendeu? De luta dentro... luta social. E aí foi quando eu percebi assim: “Não. É isso aqui que eu queria, assim, pra mim”. Eu sei que eu partia, também, de um local que era meio que anarquista, porque os Testemunhas de Jeová não votam, e também tem a questão muito social, de ajudar o próximo e tudo mais. No começo do FOME, eu lembro que eu fiquei muito confusa se era realmente o que eu queria, né?! É... tá no fome... e por que eu sempre lembrava do que eu era, quando eu era Testemunha de Jeová, mas eu acho que... que me fortaleceu muito, assim, pra saber quem eu sou, o local da minha fala, sabe? E que eu ainda tô nessa descoberta, mas assim, o Movimento Social FOME e a entrada no teatro foi uma porta, assim... duas portas que se abriram pra mim, assim. E eu tô falando, assim, é dos meus 18, 19 anos, né?! Já é quase minha saída da adolescência e que me mostrou esses outros caminhos, né?! Esse meu contato com a arte e com o Movimento Social.

L: Qual o objetivo do Slam na tua visão?

Então, eu acho que isso passa, também, pela percepção do que que é esse Slam da Quentura, né?! É... a nossa mudança de visão do que que é o Slam. No começo, a gente via o Slam como um evento, um evento de disputa poética, mas com o passar do tempo, a gente começou a ver que não era exatamente isso, não era um evento, porque a gente fazia isso mensalmente, entendeu? Então, a gente passou a perceber que o Slam é um projeto, né?! E não só um projeto, porque ocorre mensalmente, mas um projeto de vida das pessoas que tão envolvidas e que estão construindo, né?! Então, assim, eu não costumo dizer que o Slam salva vidas, mas eu acho que o Slam da Quentura dá uma outra visão, amplia a visão de quem tá participando, entendeu? Porque, por exemplo, a Sabrina, no começo - ela começou também no FOME lá em 2015 comigo -... e Sabrina, a evolução que ela teve, assim, o salto que ela teve desde que ela foi pro Slam BR, entendeu? Tipo assim, de 1000%, velho! Eu falo assim, na questão das poesias, da performance, tudo mais.

Para além do Slam ser um movimento literário, né?! Aqui dentro da cidade. Um movimento periférico literário, um movimento marginal literário, né?! É... eu encaro o Slam como... um espaço aberto para que as pessoas falem o que elas estão pensando, pra elas exporem as suas críticas. E o Slam, também, ele veio... ele manteve a base... quando eu falo em manter a base, né?! Ele sempre se apoiou em cima da poesia, né?! Na disputa poética e o microfone aberto. Só que, com o passar do tempo, a gente passou a ter uma outra noção de que Batalha de MCs também é poético, né?! Você tá ali fazendo um freestyle e você tá fazendo rima, né?! E isso é poético. E aí, também, a gente veio e a gente

agregou as Batalhas de MCs, agregou, também, as exposições que já ocorreram dentro do Slam, entendeu? Então, eu acho que a base permanece sendo a poesia, mas assim, a gente vai agregando quem quer somar e tudo mais. E todas as formas de expressão e de arte, pra gente é válido, né?! E eu acho que é isso.

L: O que seria os sentidos do Slam pra ti?

E sobre a questão do que que eu vejo que é o Slam, assim, eu acho mesmo que o Slam tá aí pra ser um espaço pra galera falar mesmo, entendeu? Eu acho que o Slam sofreu mutação também no conteúdo das poesias, entendeu? Tipo, no começo tinha uma... é porque eu não sei explicar direito, mas tipo, tinha uma forma específica da galera recitar que era muito, é... focada nos artistas, poetas lá de São Paulo, que era nossa referência que a gente tinha enquanto poesia slamer. E a gente agora tá começando a entender como que a gente junta, entendeu? Cordel com as batalhas de MCs com... qual é o nosso flow? E eu acho que essa mudança tá sendo muito massa. A gente percebe isso, por exemplo, nas poesias do PH, nas poesias da Sabrina, nas poesias da Cacheada, que são pessoas que sempre recitando, entendeu? E também tão desde o começo. E eu consigo sentir, também, essa mudança no flow de cada um, entendeu? A... é tipo assim, deixar um pouco de lado das nossas referências de São Paulo e tudo mais e começar a se apegar às referências daqui, entendeu? Teve a mudança, também, de quem é referência: a galera começou a ter referência aqui no Nordeste, entendeu? A galera de Fortaleza. Então, assim, é... eu percebo que há, sim, várias mudanças, mas a base permanece e essa base é a poesia. E, também, a gente começou a ver outras possibilidades, né? De agregar. Tanto que a gente fez um coletivo, que é o coletivo Fora da Métrica. Esse coletivo, ele tem como foco, é... produzir ações voltadas pra parte de literatura marginal e tudo mais. E, dentro desse coletivo, existe o projeto Slam da Quentura, né?! Então, assim, o Slam da Quentura não é um coletivo, o Fora da Métrica é um coletivo que organiza esse projeto que é o Slam da Quentura. Aí, fora isso tem, também, o projeto Vagão Poético, o projeto Oficina Poetização, né?! Então, assim, tem vários vieses – essa palavra é bonitinha, né?! Pois é. -, tem esses vários vieses aí dentro e eu acho que é muito amplo, assim, entendeu? Eu acho que é isso. Eu acho que enrolei muito, mas é isso.

Então, o mais massa, assim, é porque tipo assim: já teve pessoas que vieram me falar no começo do Slam, assim, que a coisa que a pessoa mais esperava era ter lá o anúncio de que ia ter Slam no final do mês, entendeu? Então, tipo assim... é, também, essa mudança, assim, porque no começo a gente achava muito que era só sábado, aí ano passado a gente variou um pouco as datas, mas esse ano a gente quer fixar o último sábado do mês, entendeu? Então, assim, tem a questão das mudanças nos cartazes, também: qual que é a nossa linguagem? Qual é a linguagem que a gente vai assumir dentro das redes sociais? Porque a gente não paga cartaz pra poder botar nas universidades, lá nos canto, a gente não tem essa grana, mas a gente foca muito nas redes sociais, na divulgação, é... por meio das redes e dos blogs, enfim. E tipo assim, a nossa mudança da nossa linguagem: como que a gente vai atingir essa galera? como que a gente vai atingir o nosso público? Hoje, eu percebo que teve uma mudança, também, no público, também, assim, do Slam. Antigamente, no começo, era só nós. Agora, não. Agora é amplo, assim, entendeu? Poder ter, sei lá, 3 eventos acontecendo na cidade, de outras linguagens, como teve uma vez que teve... novena, aí tava tendo leilão, sei lá, tava tendo o diabo a quatro na cidade, e o Slam tava ali, firme e forte com o seu público. E o público tá bem definido, assim. E ao mesmo

tempo que ele tá definido, ele sofre essa mutação, porque agora tá vindo outras pessoas, de outros lugares, outras pessoas, de outras cidades, entendeu? Então, é uma coisa muito, muito, muito massa.

Eu... no começo, assim, eu ficava muito noia. No primeiro ano, principalmente. Agora, não, tô mais de boa. Sobre o impacto que seria o Slam, né, tá tendo essa parceria com o BR, que é um campeonato a nível nacional, né, dentro da rede Slam, e como que seria, assim, pra quem participasse? Eu ficava muito na noia, porque a galera de São Paulo tem, sei lá, 15 anos, 10 anos... acho que é 10 anos de experiência, saca? Os slams mais velhos e a gente tava começando. E aí eu ficava... ficava meio noia, por conta da questão de “até que ponto eu poderia levar essa carga que é um sonho de outras pessoas”, saca? A esperança de outras pessoas e tudo mais e que... que são, de certa forma, depositadas, né, no Slam. E hoje eu percebo que é grandioso, o Slam, ele se constrói desses sonhos, né?! Desses sonhos que é... sei lá, a pessoa... desde a pessoa que vai tá durante o mês escrevendo pra poder recitar no Slam, pra poder mostrar o seu trabalho. O sonho que era das pessoas serem reconhecidas enquanto artistas e de hoje elas dizerem assim: “Eu sou artista”, entendeu? Assim, numa Sobral que definia que estilo era de poesia, eu acho que isso tá sendo quebrado, também. E a gente tá vindo, dando a cara a bater e mostrando que a gente é poesia, saca? E, assim, eu acho que em 2019, mesmo com todos os regressos que a gente tá vendo aí no Brasil, a gente vai continuar vendo a potência de que... que vem da poesia slam, saca? Da poesia slam do Slam da Quentura, do Slam da Ocupa, porque assim, fico muito feliz do Slam também ter outras pessoas que se inspiraram dentro do Slam da Quentura, né?! Slam da Ocupa, Slam Gentil que assim... Batalha do TN, que não foi exatamente uma inspiração, assim, se inspirou no Slam da Quentura, mas, de certa forma, teve essa parceria, saca? O Slam das Cumadi. Então... é algo muito grandioso. O Slam, ele tem essa capacidade de mover as pessoas, tirar do lugar comum. E isso é muito magnífico, assim. Fico muito feliz da proporção que o Slam, é... tomou, assim, e isso... Claro, né, em parceria com o Labome, que é o Laboratório de Memória e Práticas do Cotidiano, da UVA, que cede, sempre, a gravação pra gente, né?! Que é pra gente tá postando nas redes sociais. Então, eu fico, assim, muito feliz, assim. É muito impactante.

Fora da representatividade que é, né?! A gente tá falando duma... duma disputa poética, batalha de MC e microfone aberto, palco aberto, que ocorre ali na praça do FB, a praça do FB que tá em frente a uma igreja, que tá do lado das maiores escolas particulares aqui da cidade, entendeu? Então, assim... e é um espaço que até hoje, desde o ano, sei lá, retrasado, os picho que tavam lá, não foram cobertos, pelo menos até agora, não, né?! E ontem mesmo eu passei e os picho não tava coberto. Então, assim, é um espaço... a gente tá meio que delimitando que aquele espaço tá sendo ocupado pela gente, coisa que não era antes, né, por gestão nenhuma... tirando o pessoal da igreja que, às vezes, ia pra lá. Mas tipo, é muito, muito, muito massa, assim, ver sobre isso. Muito simbólico, também, a última edição do Slam, véi, que... que, sei lá, véi, foi... ambulante... a última edição do Slam, agora, de dezembro. Os polícia pararam mesmo e ficaram... pararam e ficaram olhando o que era a movimentação e tal e que inspira medo, mas ao mesmo tempo que dá medo ver a presença tão... dessa galera, né?! Que reprime tanto a gente... e ao mesmo tempo a força que foi de eu tá falando pro Saymon “Oh, Saymon, amigo, os polícia” – o Saymon, que é Slam Master, né?! E o Saymon: “Não, véi. Que é isso? Bora aqui continuar” e o menino que tava recitando tava falando mesmo de polícia e tal e aí tinha

uma... é emoção a flor da pele, assim. O Slam é muito grande. É maior do que todos nós que tamos na organização, assim, e é... é foda.

Por muito tempo – e eu ainda tenho essa mesma... essa mesma impressão -, assim, o Slam, ele representa um refúgio, assim, pra mim. Depois do final do mês, pra começar meu outro mês, assim, de boa, eu preciso tá ali, tá na praça do FB, é... ouvindo as pessoas, né?! O que elas têm a dizer e o que elas produzirem. Isso, pra mim, representa um espaço... lugar de fala pra várias pessoas. E, assim, eu fico muito feliz de ouvir cada... cada pessoa que vai lá... é... me contempla essa fala. Pra mim, é um espaço de ver a própria evolução de cada um, é um espaço de... é meio que... como posso dizer? Assim... tem várias pessoas, de vários bairros diferentes e naquele momento ali não há rixa, entendeu? Assim, naquele momento, é um momento que todo mundo tá lá pra contemplar, é... a arte, a poesia. Eu fico muito feliz de fazer parte da organização, assim. Para além de estar na organização. Se eu não tivesse na organização, eu, ainda assim, achava um movimento muito foda, entendeu? Porque é incrível, é incrível. Pra mim, se torna um refúgio mesmo. Assim, eu fico muito feliz de chegar mais cedo lá, varrer o espaço. Pra mim, o Slam, é como um ritual, não um ritual como as igrejas e tudo mais, mas ele é um ritual, assim. Eu preciso chegar lá 18h00. Minha mãe sai pra reunião no sábado, 18h00, eu tenho que estar lá 18h00, por aí, que eu saio de casa 17h30. Aí eu varro o espaço e os meninos chegam, aí vai chegando de um por um. A gente bota a música, aí depois começa. Então, assim, pra mim, é muito massa. É um espaço, também, de me desafiar, porque é um... questão de produção, né, mês passado... Muito... muito louco assim, porque você fica ligado no 220, você curte o que o pessoal tá recitando, mas ao mesmo tempo tem que resolver o lance da Batalha, que botaram a batalha no mesmo dia. Tem que resolver o lance dos policial que, às vezes, vão ficar ali querendo embaçar, resolver o lance do pessoal da igreja que resolveu fazer no mesmo dia e já tava lá e tal. E tem que fazer essas parceria, tem que entrar em contato com o povo. Às vezes a gente tem uma semana pra resolver tudo isso. Então, assim, é uma forma, também, de me treinar enquanto produtora cultural marginal, entendeu? E é um espaço em que eu posso falar também, porque quando eu recito... eu demoro a escrever, mas quando eu recito é muito bom ver a reação do povo, entendeu? Então, um espaço pra eu falar, também, um espaço pra eu colocar as minhas inquietações. Então, eu acho que... ele é esse espaço, assim. Ele é o meu refúgio. Hoje, de tudo o que eu tô envolvida, é uma coisa que eu... sinceramente, se um dia eu sair, vai me fazer muita falta. Vai me fazer muita falta. E eu acho que é isso.

L: Você percebe relações de saúde com o Slam da Quentura?

E o Slam como espaço, também, de denúncia, né?! Denúncia do descaso do estado, denúncia de agressão, né?! E é um espaço plural, assim. Em que todo mundo tá ali pra falar, assim, mas todo mundo tá pra atender, também, porque quando os meninos, sei lá, quando os meninos da batalha fala pederá, a galera começa a falar que tipo: “Não. Não fala pederá”, sei lá e não sei o que. E começam a falar, vaiar, sei lá. E, assim, é um espaço de aprendizado. O quanto que várias pessoas deixaram de lado seus pré-conceitos sobre vários assuntos, sobre várias questões. Todas as pessoas que já passaram pelo Slam, oficina que já rolou, roda de conversa, né?! É... formatos, também, quem era Slam Master e quem não era. Formato da disputa, como é essa disputa, todo mundo que já colaborou com a premiação, todo mundo que já colaborou com grafite, com picho. É... é um espaço de construção. O Slam, pra mim, é comunidade, né?! É saber que eu vou tá ali no final do

mês e, muito provavelmente, tu, Luiz, vai tá lá, entendeu? Assim... então, assim, é muito, muito incrível... é muito incrível, também, a gente ficar lá... chegar lá, na praça do FB e: “Olha, fulaninha, aquele menino ali é novo, né?! Nunca vi esse menino” e tal e daí a gente chegar no cara, né, na menina “A menina é nova, nossa! A menina aqui...”. A Flor, como a Flor recitou, né?! Tipo, primeira vez que a Flor recitou e “Nossa, que legal, primeira vez”. É saber... meio que mapear, assim, quem tá lá, quem que vai. É uma... uma rede, né?! Uma rede de amigos e que compartilham desses... dessas mesmas, é... inquietações. É... eu acho que é isso, assim: o Slam como comunidade, o Slam como um espaço de denúncia, o Slam meio como... um passo... pacífico, não no sentido da gente tá domado, mas no sentido de que a gente pega todo mundo de todos os bairros, até os bairros que têm treta e fica lá o pessoal de boas, entendeu? Assim, então, sei lá... é um refúgio, assim, pra mim. É muito bom. E o Slam, também, como espaço de construção social e um espaço de reconstrução social, um espaço de utopias, de sonhos, né?! Eu encaro o Slam... tem muita coisa, assim, pra eu falar... são muitas... é muita viagem. O Slam é muita viagem. Define assim no teu trabalho: o Slam como uma viagem.

Eu não sei bem como explicar, mas deve ser uma questão do Slam ser uma viagem por cada um que tá ali recitando, e isso... perpassa pelas questões de onde as pessoas vêm, o local de fala delas. Uma viagem pelas inquietações de cada pessoa que tá ali recitando ou participando da Batalha. Eu acho que é nesse sentido que eu quero dizer: do Slam ser uma viagem. Você consegue se tele transportar, sim, de certa forma, com cada rima, com cada poesia, por esses locais de fala e por cada pessoa, assim. Eu lembro bem da poesia do Leandrin, que foi a última do último Slam, em que o Leandrin falou toda a trajetória dele, né?! De ter passado pela FEBEM, de ter passado, assim, por essas questões assim... se eu não me engano, foi pela questão da FEBEM, de todo o rolê dele de envolvimento e tudo mais e de toda a superação. Então, assim, é... é essa viagem que eu tô falando, entendeu? Assim... ver, também, as meninas falando, de certa forma, do empoderamento, de ver elas se empoderando desses discursos. É... essa viagem que eu tô falando. É a viagem de cada um, entendeu? Aí acho que... transforma o Slam numa viagem, uma viagem coletiva... é uma lombra... sei lá... sei não, Luiz, responder essa tua pergunta, não. Tá difícil.

Eu acho que saúde é bem amplo, eu acho que envolve a questão psicológica, física, é... mas também envolve outras questões. Eu acho que envolve questões mesmo sociais, né?! Porque, por exemplo, aqui em casa: aqui em casa, o pai tá desempregado, aí eu também tô desempregada, aí nós dois somos desempregado. Aí, aqui em casa, de vez em quando tem briga constante. Constante que eu digo, assim, é todo dia. E aí, essa questão de ter essas brigas todo dia desgasta, e aí eu acho que, por exemplo, desemprego faz com que você não tenha saúde, entendeu? Então, eu acho que saúde não é só uma questão que tá ligada ao seu corpo, tá ligada, também, ao meio, né?! De que você vive, as condições em que você vive, as situações que você tá exposto... acho que envolve tudo isso.

Ei, agora me pegou, eu não sei explicar direito. Mas eu tenho um exemplo: por exemplo, essa questão que eu tinha falado sobre a questão do desemprego, né?! Como a gente é bem próximo, assim, do pessoal e tal, a gente sabe mais ou menos da situação em que cada um dos poetas de encontra. Não todos, mas alguns. E, por exemplo, teve uma época que a Sabrina, ela tava sem emprego, né?! E aí teve uma amiga minha que ela tava procurando estágio, pessoas pra estagiar, e aí ela pediu indicação de pessoas, e aí a gente indicou... não falo... não foi exatamente o Slam, né?! Mas ela entrou em contato comigo e aí eu falei da

questão da Sabrina, que tava terminando o terceiro ano e a Cacheada e Sabrina passou. E tem toda uma questão assim, também... a gente se preocupa muito com o psicológico de cada um. Tem umas galera, assim, que às vezes passa por umas bad tremenda, sabe? E que é muito embaçado, principalmente que a gente assim... pelo menos no FOME, a questão de uma das meninas que participavam de uma das ações, que era do Miss Perifa, que ela cometeu suicídio e tal, né?! E aí a gente se preocupa muito com o bem-estar de cada um, assim, da questão de tá sobrecarregado com muita atividade. Assim... de ter vezes... como eu tenho a tendência de puxar muita coisa pra mim, por exemplo, sobrecarga e tal, de ter que fazer um monte de coisa, muita responsabilidade, às vezes, os meninos e tal, eles, é... aliviam um pouco, pegam e dizem assim: “Não. Deixa que eu faço isso” e tal. A gente tenta não sobrecarregar as pessoas que tá na organização, entender o que cada um pode colaborar. Tem gente que tá na produção, tem gente que não tá. E a gente tenta ver, também, os poetas, como que tá cada um e tal, os corre de cada um. E eu acho que é isso, assim. Agora, no mais pra falar exatamente o que tu queria aí, eu não sei, não.

O contato, ele se dá muito casual, assim. Tipo, as conversas que a gente tem dentro ou fora do Slam e, às vezes, na organização, a gente no dia da nossa reunião a gente debate, também, sobre essas questões. A gente percebe que tem alguma menina, sei lá, passando por um relacionamento abusivo, a gente vê “Não. Tá na hora da gente dar os toque no fulano” e tal. Ou se a gente vê que tem alguma coisa que tá incomodando alguém, se a gente vê que a pessoa tá meio bad, também, pra gente chegar junto. Alguém que, sei lá, tá passando por alguma bad de questão de não tá – como já aconteceu -, de não tá conseguindo recitar, a gente também... debate isso também, em reunião, pra ver se a gente cola pra chegar junto. A gente também tem essa questão de tem um companheiro nosso que teve que se afastar porque a menina... a menina... a esposa dele teve filho e tal, né?! O filho dele nasceu, e aí a gente tá planejando de visita-lo, entendeu? Então, assim, tem essas questões... a gente dentro do Slam, mas também fora do Slam. É bem assim, informal mesmo.

ENTREVISTA JOSH

L: Essa primeira pergunta é mais uma explicação, na verdade, sobre teu... tua história de vida. Como foi tua infância, como foi tua adolescência, como... enfim, tu dá uma síntese.

J: Uma síntese?

L: É. Geral da tua vida.

J: Eu acho que... puxando primeiro pro lado da infância. Na minha infância, eu acho que eu sempre fui meio... de boa. Sempre... nunca tive muito problema... tive... tive -alguns problemas, não tanto, mas... não que eu não conseguisse resolver. Já na adolescência, agora, que eu acho que eu ainda tô, ainda, na adolescência, eu venho tendo alguns problemas, sim. Só que eu busco como aliviar eles. De uma certa forma, eu tento aliviar eles. Como... eu faço teatro, também. Já faz... tô há 3 anos no teatro. O teatro, ele, também, me deixa mais aberto, me abriu muito a mente e tal... É isto. Eu acho que fico buscando sempre alguma coisa pra poder tá aliviando os meus problemas.

L: Como é que tu... Tu faz ensino médio? Como é?

J: Não. Já terminei, ano passado.

L: Ah, terminou ano passado, né?! Tu participa de alguns movimentos fora do teatro?

J: Fora do teatro, sim. O Slam da Quentura, o Slam das Cumadi, é... a Batalha da Margem, também... acho que... Batalha, também, da Triunfo.

L: Tu acompanha, né?!

J: Acompanho muitos movimentos, sou muito social aos movimentos que acontece aqui.

L: Como foi que tu conheceu o Slam?

J: O Slam, eu conheci com a Fran. Que a Fran é da 4 Portas, que é onde a... o teatro que eu faço, a companhia que eu participo. E aí, foi com a Fran que eu conheci o Slam. Acho que foi 2016 ou 2017 que eu fui o Slam na... lá no FB. Não tinha nem toda essa programação, não era nem todo esse... expandido. Veio se expandir mais agora.

L: Mais no começo mesmo, né?!

J: É. Exatamente. Bem no início mesmo.

L: O que é que te levou a ir pro teatro? Voltando um pouco a pergunta.

J: Pronto. Aí já volto mais pra infância. Acho que desde a minha infância, eu sempre quis fazer teatro. Aí... o que me abriu portas, foi o 4 Portas. Encontrei o 4 Portas e até hoje tô lá.

L: Mas tu se espelhou em alguém pra entrar ou... (tu fala baixo, ele fala na mesma hora. Só entendo o que ele diz - 02:21)

J: Não. Sempre foi mesmo, tipo assim: eu tinha aquela de “Ah! Quero fazer televisão. Quero fazer novela”. Hoje em dia, não. Hoje em dia... rola, sim, uma graninha... vai sair, também. Então, rola, mas... fora isso, por conta disso, não.

L: Tu trabalha?

J: Trabalho. Sou Jovem Aprendiz.

L: Tu trabalha em que?

J: Eu trabalho no setor de transporte da Saúde.

L: Isso foi no ensino médio e tal?

J: Não. Foi depois que eu terminei o ensino médio.

L: Aí entrou no Jovem Aprendiz.

J: Aí eu entrei no Jovem Aprendiz.

L: É... E o que que te levou a participar do Slam da Quentura?

J: Pronto. Voltando ao que eu disse lá no início: É mais uma busca de alívio mesmo, porque o Slam, de uma certa forma, é um momento de expressão. Tipo... passa meses, ou até semanas, escrevendo aquilo, batendo cabeça e tal, jogando tudo o que tu sente naquele texto e quando tu vai lá, tu recita, tu expressa e, de uma certa forma, isso te alivia, te dá uma autoestima, pelo menos pra mim, né?! Ao meu ver. E o Slam também é... eu também escrevia... muito antes de recitar mesmo, eu escrevia pra colocar numas fotos, no instagram. Aí eu nunca tinha coragem de expor o que eu escrevia, aí eu vim ter essa coragem agora.

L: Tu escreve... tu escreve, assim, desde quando?

J: Desde 2017. Tipo... foi um caso bem assim, meio que íntimo, pra mim... foi por conta de um término de um relacionamento, que me fez eu tá escrevendo o que eu sentia. Eu ia nas notas, abria as notas e pá, jogava lá. E até que veio crescendo isso. Eu parei um tempo de tá escrevendo, aí voltei agora e tô, agora, querendo apresentar no Slam.

L: Tá apresentando, né?!

J: Tô apresentando.

L: E, pra ti, qual o objetivo do Slam da Quentura? O Slam das Cumadi...

J: Pronto. Pra mim, o objetivo, eu acho que é... o posicionamento, a visibilidade, mostrar a vivência de... porque, ali, aquele... cada um das suas poesias tem um pouco da vivência de si. Então, eu acho que se você tá ali, naquele meio... daquela roda, é... jogando toda a energia e a galera te vendo e tal... eu acho que, de uma certa forma, te empolga e também joga pra galera uma coisa que muitas pessoas não vê, entendeu? Coisas pequenas, as pessoas não... Então, pra mim, o Slam é isso. De uma certa forma, ele abre muita coisa, ele abrange muita coisa.

L: O que seriam essas coisas pequenas?

J: É... sentimentos... o que eu posso, também, citar? É... problemas, coisas interiores, internas. Tem muitos textos meus que são muita coisa interna que eu não consigo falar, mas eu joga no texto e acabo que eu falo, porque eu vou tá recitando.

L: É... e qual foi a tua sensação a primeira vez que tu se apresentou em público e falou aqui que é íntimo teu e tal?

J: Pronto. Eu fiquei bem diferente. Achei que ia ser super de boa, porque eu já faço teatro, já apresentei várias peças. Mas... no momento eu fiquei meio assim, meio jogado, até... Mas apresentei, foi até bom. Mas eu fiquei assim, meio... vendo que precisava ainda... apresentar mais, e mais, e mais, pra no fim eu conseguir apresentar realmente como eu quero. Acho que ainda teve, ainda, um jogo não tão legal.

L: É... eu, às vezes tenho vontade de ir, mas eu não criei essa coragem, não (risos).

J: Mas vai dar certo.

L: Ainda vai. É... e o que que significa o Slam, pra ti? Os Slams...

J: Pronto. É... de primeiro já, de base, eu acho que a rua, ali. Rola muito energia, uma coisa bem impactante, bem... se você chegar ali, a energia da galera, de uma certa forma, vai te apregar, vai te deixar preso ali, prestar atenção em cada palavra, pra no final tu dar aquele grito. Então, na hora da nota, de dar a vaia se tu realmente não concordar com a nota do jurado, é... é muito significativo, de uma certa forma. Pra mim, que apresentei só duas vezes, achei muito significativo, porque, tipo, aprendi muito... Teve um texto... a última vez que eu apresentei um texto, coloquei um dialeto que eu não sabia que era meio chato colocar. E aí... de uma certa forma, a gente aprende no Slam. Então, significa muito aprendizado.

L: Qual era... qual era esse dialeto aí?

J: Era traveco, que eu não sabia que era uma coisa meio pesada de se falar.

L: Tão pejorativa, né?!

J: É. Tão pejorativa.

L: É... e qual foi a diferença que tu sentiu, assim, do você tá lá como telespectador e depois tá lá se apresentando?

J: Então, como telespectador eu sempre tive vontade, sempre eu olhava assim “Ah, eu quero apresentar também”, ficava na... Pronto, é isso. Eu acho que a maioria das pessoas que assistem, elas sentem meio que uma vontade de, também, apresentar, de ver, também, a galera “Uhhh” gritando junto e tal, aplaudindo... mas fica meio que guardado, ou então não chega nem a apresentar. Eu, não. Eu senti uma vontade um tempo, vi, achei que era legal e tentei colocar a frente, já que eu também já escrevia muito antes de eu ir... a ir pro Slam.

L: É... o teatro de ajudou? Assim, nessa coisa...

J: Ah! O teatro me ampliou em muita coisa (risos). O teatro abriu minha mente em muita coisa. Hoje o teatro, pra mim, é de uma forma muito expansiva. Acho que... eu não sei nem explicar o que eu sinto realmente do teatro, porque, de uma certa forma, ele me abriu

patamares, me deixou muito mais elevado. Hoje em dia, muita coisas... picuinhas que me deixaram pra baixo, eu vejo que o teatro... com o aprendizado do teatro, eu já tiro de letra, assim...

L: É... Josh, tu é daqui mesmo?

J: Sou daqui de Sobral.

L: Só pra... era pra ter sido no início, mas só lembrei agora (risos).

J: Tudo bem.

L: É... com a tua participação nos Slams... tu percebeu que... se houve mudanças no teu dia-a-dia? E se houve, assim... o que foi que mudou?

J: Mudanças? Como assim, mudanças?

L: Mudanças no teu cotidiano... parou, em algum momento, pra escrever sobre o que queria levar pro Slam...

J: Ah! Sim, sim!

L: Teve algumas mudanças, né, de compreensão... você falou da questão da aprendizagem...

J: Uhum. Eu vejo que lá no Slam não é só um movimento que... tem que... uma expressão militante, entendeu? Muita... muita das vezes a maioria dos... das poesias são bem militantes, mas eu vejo que ele também abrange uma poesia mais sentimental. É... muita gente já recitou sobre a própria depressão. No Slam da Cumadi, eu vejo mais isso, entendeu? Mais presente isso. Já no Slam da Quentura, eu vejo um pouco mais de militância. Até no último texto que eu escrevi, em um dia... eu já tava tão balanceado da minha cabeça, eu escrevi o texto em um dia... que é um dos meu primeiro texto, assim, bem sentimental mesmo, ele é bem interior meu, mesmo e eu vou querer jogar ele, agora, no próximo Slam. Bem interior. Sendo que eu tenho outro também, que eu já pensei que eu ia colocar no Slam, só que aí eu tive esse dia... esses dias meio assim... e aí acabou que eu escrevi esse outro.

L: Quando tu participa, tu participa da disputa? Ou é palco aberto?

J: Eu prefiro participar mais da disputa, porque na disputa as pessoas escutam mais, elas prestam mais atenção. Não que no palco aberto as pessoas não levem tanta atenção, mas... eu queria mais, tipo assim... na disputa aberta... no palco aberto, quer dizer, as pessoas ficam mais dispersas, não é todo mundo que escuta, porque tá já quase no final. E o que escrevi, eu quero, realmente, que a pessoa escute, né?!

L: É... Essa... essa ideia que tu falou agora... Tu quer que as pessoas escutem. Pra ti, como é falar pras pessoas escutarem, assim? Essa ideia que tu tá mandando... que é tão íntimo teu.

J: Eu acho que é porque... por conta de... muitas vezes eu achar que o que eu tô... o que eu escrevi, outras pessoas também podem ter vivenciado, entendeu? A mesma coisa. Então é bom ter... é bom escutar, porque ele pode, também, vivenciar aquilo, ou então algum dia... ou já vivenciou...

L: Já teve alguma coisa no Slam, assim, que você identificou?

J: Demais! Eu já conheço uma que é a... Sabrina. A Sabrina, pelo amor de Deus. Muito boa. Meu Deus do céu. A Bicha Poética também já recitou uma sobre ansiedade que eu fiquei “Porra!”.

L: Então rola essa identificação?

J: Rola. Rola demais. Rola bem muita identificação. Acho que quando rola o grito já é o ato de se identificar com aquilo.

L: “Poesia nua e crua”, né?!

J: Não, isso aí é o antes. Tô falando “o grito”, tipo assim, a poesia rolando e pessoa “Uh! Uh!”, entendeu?

L: Ah tá.

J: A pessoa já viu que aquilo ali é uma coisa bem identificada.

L: Já rolou um impacto, né?!

J: Rola um impacto.

L: Quebrando um pouco essa sequência de perguntas, agora... agora é uma pergunta... também (?- 11:20) o que é que tu acha que seria, um pouco mais... não é só ligada diretamente ao Slam: O que é saúde pra você? E o que é doença?

J: O que é saúde?

L: É.

J: Eu acho que hoje em dia, no mundo que a gente vive hoje, com a tecnologia avançada e tudo que anda acontecendo, hoje, no mundo, assim... saúde, pra mim, é ter saúde mental. Se você tiver saúde mental, você tem tudo.

L: O que seria essa saúde mental?

J: É... as paranoias, ou então, deixa eu ver... ansiedade, o ato de você tá querendo, é... Exemplo: as redes sociais, ela tem um ato muito grande de ti fazer... te deixar frustrado, porque tu vê aquilo “Olha, quero!”, pode até conseguir ter, mas vai demorar um tempo pra tu ter, aí te causa uma ansiedade muito grande, te frustra, de uma certa forma. Eu... eu passei... eu acho que eu até falei contigo que eu tava sem o instagram, porque foi nesse... justo nesse baque que eu escrevi esse texto, que eu passei uma semana sem redes sociais, tipo “vou parar!” (risos). Porque foi um baque muito forte pra mim. É uma coisa meio íntima, também, minha, mas... eu acho que ter saúde, pra mim, é saúde mental. Eu acho que é uma doença do século.

L: Então... tu citou, é... ansiedade e tal... Então isso aí é o que representa pra ti como doença ou saúde, em si? Doença, pra ti, é o que? O que seria?

J: A falta de uma saúde mental.

L: Tá. E como é que seria, pra ti, ter saúde? Quais são as coisas que poderia fazer pra...

J: Ter uma paz, tipo, interior, acho que seria uma saúde predileta. Ter a paz interior, é... se sentir bem consigo mesmo, porque se você se sentir bem consigo mesmo, você se ama e você se amando, você ama o próximo e assim sucessivamente.

L: Lembrei da música do Baco Exu do Blues.

(risos)

J: Baco é muito foda. Me identifico pra caralho com o Baco.

L: É... tu consegue visualizar relações de saúde e doença nas atividades do Slam? Ou antes do Slam, ou ali na organização... o que é que tu pode perceber ali, se tem alguma coisa relacionada à saúde?

J: Voltando o que eu citei de saúde, que, pra mim, é ter uma saúde interior, de uma certa forma, o Slam, como ele é um ato expressivo, você vai tá se expressando. Pra mim, isso, de expressar... pra mim, já alivia. Se tá aliviando, então tô tendo uma saúde, eu tô me sentindo bem, entendeu? Que é o que eu disse: O que é saúde, pra mim? É eu me sentir bem. Então, se eu me sinto bem, tá tudo ótimo. Então, o Slam, de uma certa forma, ele também rola uma saúde, tanto antes como depois... Melhor depois, por conta... depois de ter apresentado, depois de o Slam ter acabado, de ter adquirido todo aquele aprendizado e tudo, de uma certa forma tu se sente bem. Eu, pelo menos, me sinto bem.

(Silêncio)

J: Cê entendeu, né?! A ligação que eu faço com o Slam...

L: Sim, tô conseguindo compreender. É... no caso, quando tu fala dessas atividades, tu tá falando da poesia em si?

J: Aham.

L: É... existe alguma outra atividade, assim, que tu pode perceber no Slam, o contato (? – acho que é isso – 14:45).

J: Ta tendo...

L: Sim. O que tu pode perceber de atividade, assim...

J: Eu vejo que o Slam agora tá abrangendo, também, não só poesia. O palco aberto agora tá tendo música, as pessoas tão indo lá cantar... Eu tenho até um amigo, o Cleberson, que ele toca violão, que ele vai lá cantar. Ele até já falou que hoje em dia as pessoas valorizam mais a cultura de fora do que a cultura local. Então, o Slam, ele valoriza essa cultura local, ele bota força e bota, tipo... um apoio muito grande na cultura local. Eu não vejo mais só... o Slam só com a poesia, entendeu? Acho que qualquer hora vai tá rolando um teatro lá, as pessoas tão lá atuando. Eu acho que a poesia, a expressão em si já é um ato bem... como eu posso dizer?... Ator. As pessoas estão atuando em cima daquilo.

L: A Bicha Poética...

J: Aham.

L: ... quase encena, assim, ela tem uma performance...

J: Ela tem um poder de palco muito grande.

L: É... O que é juventude pra ti?

J: É viver na rua, é tá ali... resistência. Eu acho que eu realmente, eu vivo uma juventude que eu acho que eu, na minha infância, diria que eu queria viver. Porque, tipo... “Ah, mas tá na rua... todo dia tô na rua”... Realmente todo dia eu tô na rua, todo dia eu tô naquela margem esquerda. E eu acho que é muito aprendizado, as pessoas, de uma certa forma, crescem mais, é... mentalmente. Então, as vivências mesmo com... as partilhas... porque viver na rua não é algo muito fácil. O preconceito tá aí, exposto... Ando muito com... com pessoas que quebram padrões pra caralho, então, de uma certa forma, eu tô vendo aquilo tudo. E se eu tenho sentimento por elas, eu também me abafa com isso. Eu acho que eu vivo a juventude, sim. Sobral tá vivendo uma juventude massa, mas eu acho que uma coisa que precisa mais é ter um olhar pela cultura local, pelas pessoas da cidade mesmo. Acho que tá faltando muito. É isto.

L: Tu acha que juventude seria essa relação com o mundo de uma forma mais direta?

J: De uma forma mais direta e crua, exatamente. Acho que viver uma juventude dentro de casa, ou então, não só... logicamente tem que estudar, também, mas não só estudando direto. Você também tem que ter uma abertura não... só dentro de prédios ou pessoas... tem que ter uma abertura fora, tem que ver árvores, tem que viver, tem que sentir, entendeu?

(Silêncio)

L: Josh, são essas perguntas, na verdade. Eu queria que tu contasse só um pouco da tua história de vida, porque como a gente pulou muito rápido pras outras perguntas, é... começa aqui mesmo... tu estudou onde?

J: É... Nasci aqui em Sobral. Sempre estudei em colégio público, a minha vida toda. Toda, toda, toda, toda. Desde 1 primeira série até... desde o infantilzinho até me formar. É... que eu tenho que contar mais...?

L: Tu mora com os pais?

J: Moro com os... Não, moro com minha mãe. Meu pai nunca... minha mãe é separada. Então, eu nunca tive pai presente, não. Foi sempre minha mãe, mesmo, meu pai e minha mãe.

L: Representação, né?!

J: Representação. Exatamente. A mãe pode representar total...e representou. Tanto pra mim, como pros meus outros irmãos, também.

L: Tu tem outros irmãos.

J: Tenho. Lá em casa cada um tem um pai (risos).

L: Ah tá. Então, tem essa questão... E eles gostam dessa vibe teatro e tal? Como é...

J: Meu irmão é professor de forró e gafeira. É... e meu outro irmão, ele é professor de jiu jitsu.

L: Ah. Então...são engajados?

J: É. Tem um engajamento... todo mundo se engaja em alguma coisa.

L: Sim.

J: Mas eu acho que sempre ficou claro lá em casa que eu daria pra teatro. Eu acho que eu tenho esse poder, assim de... como é que eu posso dizer? Como o Chico me disse uma vez, que era... como se ela... se o que eu falo fosse muita verdade, entendeu? Eu posso tá mentindo, mas na verdade, as pessoas acreditam que fosse verdade, entendeu? É que eu esqueci a palavra certa que ele fala... não sei se é... eu esqueci.

L: É... o teatro... o que te chamou, assim? Como foi teu contato com o 4 Portas?

J: Na minha es... acho que foi na minha sétima série. Não. Na sexta série teve o... Jornada Ampliada. Não sei se você já ouviu falar desse programa. Existiu o Jornada Ampliada, que era dentro das escolas públicas, onde tinha arte, teatro, dança, é... segundo tempo... já ouviu falar no segundo tempo, né?!

L: Já.

J: Pronto. Era junto... eles tinham esse. Aí eu fazia teatro lá. Com... até com o Fran... não sei se tu conhece ele... Fran alguma coisa. Frank.

L: Frank. Frank?

J: É. É um grandão, fortão. Pronto. Foi meu primeiro contato com o teatro. Daí, também, eu já via as novelas... como eu te disse: eu já tinha esse ar de querer fazer novelas, essas coisas... E fui crescendo isso aí, fui crescendo, crescendo, crescendo, crescendo... Aí eu vi que aqui dentro de Sobral não tinha... eu até... eu não conhecia o 4 Portas. Fui conhecer o 4 Portas quando eu fui fazer um projeto no CRAS, que um cara, o Emanuel, que trabalhava no CRAS, ele me indicou, disse “Olha, Josh, vai ter... vai ter na ECOA um... o Chico Expedito vai tá ensinando teatro na ECOA e tal”. Aí eu comecei a fazer teatro na ECOA. Acho que fiz 1 ano de teatro na ECOA, aí os alunos da ECOA, o Chico colocou todos pra 4 Portas. Doe o bolso e foram todos pra 4 Portas. Hoje, da ECOA, só continuam 3. O resto da turma todinha se dispersaram e não tão mais. O teatro é isso, né?! Uns meninos entram, outros saem...Cultura. é movimento.

L: Pode falar um pouco da sua história de vida? Um resumo? Para te conhecer melhor, conhecer sua trajetória.

L: É... eu vou começar pelo contexto, acho que o mais complicado, é... e o primeiro contexto com o qual eu tive contato, né?! Que é o da família. Eu fui criada pela minha mãe e pelos meus avós maternos e essa parte da minha família é composta somente por professores. Eu acho que isso foi um fator muito importante pra minha formação. Com relação ao meu pai, é uma pessoa com quem eu não tenho muito contato, é uma pessoa com quem eu não consigo nutrir um afeto, assim, de forma positiva, então... né?! Não tenho, assim, muito o que falar sobre. É... com relação às pessoas com quem eu já tive contato, né?! Como eu já disse, minha família foi... é composta por professores, então socialmente, economicamente falando, a gente tá dentro do contexto de classe média baixa, digamos assim. É uma família que nunca me deixou faltar o importante, sabe? Mas que, também, a gente nunca viveu de muito luxo. Tanto que eles sempre deixaram muito claro que a herança que eles podiam me dar de melhor, era a minha educação. Sempre fizeram muito esforço pra que eu tivesse dentro do melhor colégio, que eu tivesse a melhor educação da cidade, é... Tivesse minhas roupinhas, tivesse minhas coisinhas, tudo direitinho, que nunca me faltasse nada. Tanto que eu nunca tive uma infância, assim, que eu tive preocupação, por exemplo, de... do que que ia ter na minha mesa, assim, pra comer no outro dia, ou naquele dia ali que eu tava chegando da escola e... Enfim, foram coisas que não me atravessaram. Mas eu sempre... eles... por conta dessa minha relação com o meu pai, né?! Dessa ausência de relação com o meu pai, a minha família sempre foi muito superprotetora e foi algo que me afetou negativamente de diversas formas. A ponto de, por exemplo, quando eu saí de casa, né?! Que eu fui cursar faculdade, aos 17 anos, eu tentei cortar esse tipo de relação que eles tinham comigo, o que acabou gerando muito conflito. Mas fora esses conflitos por conta da minha independência, dessa dependência afetiva que eles tentam manter entre eu e eles, é... é uma família que eu reconheço todos os esforços que fizeram pra que eu fosse uma boa pessoa, né?! Que eu não tivesse só uma boa formação, é... falando de forma educacional, né?! Mas em questão de caráter mesmo, né?! A minha mãe é uma pessoa que batalha muito pra tá dando alguma coisa pra mim, pra minha irmã, hoje, né?! A irmã minha tem 5 anos, então minha mãe tenta dar pra ela o mesmo que deu pra mim, ou até melhor. O meu avô assumiu o papel de pai, tanto que eu chamo de pai. E minha avó é minha segunda mãe mesmo, tanto que é a que dá as ordens lá em casa, é a que realmente bate o martelo pra tudo, é a que... inclusive, é a mais que... digamos que me sufoca, em relação à superproteção, mas são coisas que eu fui aprendendo a lidar, com o passar do tempo.

É... agora, com relação ao contexto escolar. O fato da minha família ter sido composta por professores acabou afetando muito na... na minha vivência dentro da escola, né?! Pelo menos desde... quando eu entrei, né?! No maternal, até a conclusão do ensino médio. Durante dois anos, minha mãe foi minha professora, mas antes disso, ela já trabalhava no mesmo colégio que eu estudava, né?! E acabava que as crianças me viam de forma... como se eu fosse privilegiada por ela tá ali dentro, né?! Como se nada que eu tivesse conquistado fosse por mérito meu e sim porque eu tirei vantagem na frente das outras crianças, por conta que minha mãe tá ali, né?! Isso acabou, inclusive, me excluindo de alguns círculos de amizade, é... as crianças acabavam... os meus colegas, acabavam me humilhando algumas vezes, é... me rejeitando. Enfim, foram muitas coisas, né?! Que..., mas eu lembro muito bem, que isso me marcou muito, tanto que teve... na segunda vez que minha mãe

foi minha professora, eu chorei muito, eu fiquei estressada, dentro de casa, eu briguei com ela, porque eu não aguentava mais ser rejeitada pela minha turma e não ser reconhecida pelos meus esforços. Era como se tudo que eu fizesse se resumisse ao fato da minha mãe estar ali, sendo que ela era muito carrasca comigo e ninguém queria ouvir isso. Minha mãe, ela... como eu disse, minha família sempre deixou muito claro que a minha herança era a educação. Então, eles queriam que eu realmente me dedicasse àquilo ali, é... e acabava que, por exemplo, eu tinha horas de jornada de estudo ainda criança, é... eu não tinha tantos amigos, porque eu passava muito tempo, também, estudando. Além da questão que já atravessou dentro do contexto do colégio, né?! Mas é basicamente isso, foi... E outra questão que me marcou muito foi quando... da minha aparência, né?! Assim, antes eu não entendia muito bem, né?! Hoje eu compreendo melhor o que aconteceu. Mas eu lembro que, às vezes, me excluía muito, porque eu era colega de meninas que eram filhas de médico, as duas filhas dos dois médicos mais renomados da cidade estudavam comigo, eram filhas de advogados, de donos de cartório, eram pessoas que, querendo ou não, eram consideradas de dentro da elite da cidade. E aí acabava que, por diversas vezes, eu não podia, é... estar no mesmo meio que elas por conta da nossa condição financeira, né?! Era muito diferente, era uma diferença, assim, muito... muito discrepante, digamos assim. Eu lembro que às vezes tinha passeio pra algum lugar, eu não podia ir, porque minha família não tinha condições de pagar. Às vezes eu ia pra casa de uma das meninas, que eram casas imensas e eu sonhava com o dia que eu ia ter uma casa imensa daquela e eu sabia que eram uma coisa que eu não ia alcançar, não naquele momento. Tanto que minha mãe, sempre que eu dizia que eu queria ter uma casinha de boneca, igual duma colega minha, eu lembro que ela tinha uma casinha, que era uma casinha mesmo. O pai dela construiu uma casinha mesmo, que era a casinha de boneca dela, no quintal imenso que ela tinha e eu cheguei em casa dizendo que eu queria uma casinha igual a dela e... mas minha mãe me disse que ela não tinha condições de me dar e que eu tinha que estudar pra um dia ser alguém na vida pra poder ter dinheiro e um dia poder ter as minhas coisas, né?! Então, foram falas, assim... coisas que foram bem pontuais mesmo, bem marcantes. E, também, a questão da aparência: as meninas eram loiras, eram... eram magras, eram... elas tinham o cabelo liso, o desenho do rosto era bem afilado e eu não era, eu era diferente, meu cabelo era cacheado, extremamente cacheado, é... Eu nunca fui magra, nunca... nunca tive dentro desse padrão, né?! De que socialmente é colocado enquanto padrão de beleza. E isso me atingiu desde a infância, porque, por exemplo: é... a minha amiga que era branca e loira, do rosto afilado, era considerada bonita por ter cabelo cacheado, enquanto eu era a “neguinha”, né?! Que tinha cabelo ruim, tanto que minha mãe sempre tinha o cuidado de me mandar pra escola com o cabelo preso. Era... eu lembro que ela passava horas puxando meu cabelo pra poder ficar bem rentezinho, assim, na cabeça, porque qualquer coisinha tavam dizendo que eu tava assanhada e que minha mãe não tinha zelo por mim. E é porque eu nem sou, assim, negra retinta, né?! Eu tenho a pele clara, digamos assim, né?! Sou negra de pele clara, mas já era visível que tinha essa diferença pra mim e pra minha amiga branca, né?!

É... outra coisa que me marcou muito quando eu comecei a usar óculos e aparelho, né?! Aí começam os apelidos, começa o pessoal a pegar a gente pra Cristo e eu já não era muito bem-vinda, né?! Por conta disso, eu já não era muito bem vista, por conta da minha aparência. Aí foram fatores que foram agravando e eu sofri muitos anos por conta do bullying, que... os meus amigos... colegas, né?! praticavam. Dentro de sala... tanto dentro,

como fora de sala e em outros locais que a gente se via. E o pior é que foi algo que me acompanhou por muito tempo, de desde, sei lá... alfabetização, que ficou mais intenso, né?! Até o meu ensino médio. Então, não é à toa que com 10 anos de idade eu mandei alisar meu cabelo. E eu lembro que, na época, os alisamentos eram com formol, é... meu cabelo ficou horrível, mas eu me sentia, de certa forma, aliviada, porque eu não ia mais ser motivo de chacota, dentro de sala, é... Enfim, eu acho que dá pra perceber que, dessa forma, eu não tinha muitos amigos, né?! Os amigos que eu tinha, assim, eu contava nos dedos de uma mão. E alguns deles, inclusive, eram meus amigos, porque minha mãe era amiga da mãe da pessoa. Então, acabava que aquela pessoa acabava se aproximando de mim. É... mas, por exemplo, a partir da 5ª série eu vi meus colegas se aproximando por conta que eu tirava notas boas e eles queriam tirar vantagem com isso, eles queriam que eu ensinasse as provas, queriam que eu passasse pesca e se eu não fizesse isso, eu era uma pessoa péssima, né?! É... enfim, eu segui com os meus alisamentos até os meus... sei lá, até o ensino médio, quando o meu cabelo quebrou e aí eu passei por um corte químico muito filho da puta que destruiu o resto de autoestima que eu tinha. É... enfim, acho que minha história de vida dentro da escola não foi muito bonita, não. As pessoas até brincam: “Ah! Quando você sai da escola, você sente saudade, você... você olha praquilo com muita nostalgia, você, realmente, quando você entra na vida adulta, você vê o que que era bom”, eu não consigo ver dessa forma. Foi um ambiente, assim, que me trouxe tantos traumas, que eu acho que até hoje eu levo isso comigo. Isso afeta nas minhas relações de forma muito direta.

É... com relação aos amigos, né?! Como eu já falei, os meus únicos amigos foram dentro da escola, mas foram poucos. Tanto que hoje em dia, da minha infância, eu devo ter, sei lá, pouquíssimos, uns 3, no máximo. E são pessoas que, coincidentemente, sofreram a mesma coisa que eu sofri, o mesmo tipo... quase o mesmo tipo de exclusão. Ou pelo menos foram excluídos de alguma forma, né?! E aí acabava que ficava o bonde dos excluídos, digamos assim, o bonde dos que sofriam bullying. Porque a gente entendia a dor um do outro, então a gente não se machucava, e a gente tentava se proteger dos outros. É... daí eu passei pro contexto de faculdade e foi o espaço, assim, que... não sei se foi por conta dessas vivências que eu tive dentro da escola, eu acabei, também, não criando muitos laços, assim, de amizade. Por exemplo, eu nunca consegui, é... ter muitos amigos dentro da minha turma, que eu, na qual eu entrei, que eu realmente comecei a jornada acadêmica. É... acho que devo ter uns 2, 3 amigos, também. Sempre são muito poucos, assim. A minha mãe brincava dizendo que um dia eu ia olhar e eu ia contar nos dedos de uma mão os amigos que eu tenho em cada lugar, isso se eu não contasse nos dedos de uma mão os amigos que eu tenho na vida toda. E é basicamente isso que acontece. Mas fora desses contextos, assim, que as pessoas pregam que a gente deve ter relações, eu tenho, sim, muitos amigos. Quando eu falei assim “contar nos dedos os amigos” é justamente essa questão do ambiente escolar, né?! E, hoje, no ambiente acadêmico, mas fora dele eu consegui manter vínculos que hoje eu... tem um significado muito grande pra mim. São pessoas que eu realmente consigo administrar, digamos assim, essa amizade, essa relação. São pessoas que, é... não necessariamente tão o tempo todo comigo, fisicamente, mas são pessoas que conseguem entender minhas limitações, conseguem conversar, conseguem dialogar comigo direitinho e tá tudo certo, tudo indo.

L: É... eu entendi. Não se preocupe, não, em questão de fugir ou não do... do que foi sugerido, não. As perguntas são bem abertas, mesmo. É... dessas inquietações, do bullying, né?! Que você

vem falando, é... isso te instigou, por exemplo, pra participar de algum movimento social, né?! Isso... de estudar na faculdade?

L: Eu acho que acabou influenciando diretamente, tanto que hoje eu tô cursando Psicologia, né?! Estudando justamente essas relações, e tô em contextos que, de certa forma, me favorecem compreender, porque que isso acontece, não só comigo, porque eu sei que outras pessoas são atingidas por isso. E, hoje, eu posso assistir isso de forma bem próxima, né?! Eu tô... eu vejo isso no estágio, na Psicologia Escolar, eu vejo isso no estágio de Psicologia Social, vejo isso no estágio de Hospitalar. São coisas que eu acabo tendo acesso e que me remetem a essas vivências que eu tive e, hoje, é uma forma que eu encontrei de ressignificar isso, digamos assim. Foi a forma que... porque, a partir do momento que eu compreendo porque que aquilo acontece, eu consegui, também, olhar pra trás e entender porque que aquilo aconteceu comigo, não de uma forma ruim, mas de uma forma que eu possa, sei lá, inclusive, encontrar formas de prevenir que isso aconteça com outras pessoas, né?! A gente trabalha muito com essa questão da prevenção, o lugar de escuta da outra pessoa, então, eu acho que é muito do fazer pelo outro o que eu não pude... o que ninguém pôde fazer por mim, né?! Poder oferecer pro outro aquilo que não me foi ofertado e poder realmente compreender porquê que essas coisas acontecem. Por exemplo, hoje... lógico que a gente não tem domínio de tudo, a gente não vê tudo, a gente não é um deus pra tá ali, onipresente no espaço, mas, é... por exemplo, no contexto escolar, eu presencio alguma situação de bullying, hoje eu já consigo orientar o aluno que tá passando pela situação de bullying, né?! Seja orientando a buscar os superiores da escola, seja podendo ouvir um pouco desse aluno, podendo, é... acolher a dor dele, como também posso tá... eu consigo manejar um pouco melhor a conversa com os alunos que praticam esse bullying, né?! Entender o porquê que eles fazem isso, o porquê que eles tão nesse lugar de opressor, digamos assim. Outro exemplo, é... as opressões que eu sofro, enquanto mulher, né?! Foram coisas, também, que me atravessaram bastante. Essa questão da estética, da... da pressão de ser uma mulher perfeita e de outras vivências que eu tive, para além do que eu relatei aqui, né?! Me fizeram não só estudar isso, dentro do ambiente acadêmico, como também me inseriram em outros... outros movimentos, como o Slam, né?! É... o Slam das Cumadi, que hoje é o... a disputa poética feminina que tem aqui em Sobral, quando a gente quis... quando a gente propôs esse... esse espaço, né?! Foi justamente pra oferecer o lugar de fala pra outras meninas e é um lugar que eu também ressignifico muita coisa que... que eu vivenciei. É um lugar de partilha, é um lugar que eu consigo levar informações dos meus estudos pras meninas, mas também posso tá ouvindo elas, contextualizando aquilo que é levado enquanto dados, enquanto, é... Enfim, enquanto informação, pode tá sendo contextualizado com as vivências delas e com as minhas vivências também, né?! Que eu não tô levando aquilo ali à toa. Por exemplo, no último Slam das Cumadi, a gente falou sobre o Feminismo Negro, que é um tema que me atravessa bastante e que... não que eu domine tudo, né?! Mas a minha vivência, hoje, eu me compreendendo enquanto mulher negra, me fez... me instigou a estar estudando sobre e também me instigou a tá levando pra outras pessoas.

L: É... você falou do Slam das Cumadi, né?! Isso que parte do... do lugar de fala, né?! Da Mulher, dessa ânsia, né?! De ter contato com... aquilo que se quer falar, aquilo que se quer argumentar sobre, né?! Esse lugar de fala. É... o que que... falando agora um pouco do Slam da Quentura, né?! Que você participa também. O que levou você a participar, né?! Do Slam.

L: Outra coisa que me estimulou bastante, que eu não falei na primeira pergunta, né?! Foram os meus... o meu relacionamento, na verdade, né?! Um relacionamento abusivo que eu passei, durante 3 anos, que hoje eu consigo compreender que é um relacionamento abusivo, hoje eu sei das... sei das consequências, é... do que eu passei, né?! Hoje eu consigo olhar praquilo tudo e não olhar com dor, né?! Eu consegui através desses movimentos, eu consegui ressignificar, tanto na questão dos meus estudos, né?! Porque eu comecei a estudar violência de gênero, eu realmente me aprofundi pra poder, inclusive, pra ter força pra sair daquilo. E... me assumi enquanto feminista, abracei a causa e comecei a disseminar isso, é, por exemplo, no Slam, porque a poesia, ela atravessa as pessoas de uma forma muito bonita, né?! De uma forma muito simbólica e... de uma forma muito intensa. E é muito bacana, por exemplo, hoje eu consegui falar sobre o que eu passei, de uma forma artística e ver outras pessoas, também, conseguindo compreender que elas passam, também, por aquilo e consegui criar, também, forças pra superar aquilo, assim consegui que hoje elas conseguem... mesmo que elas não saibam imediatamente, mas elas conseguem já ter uma outra visão sobre aquilo, né?! E conseguem entender o quanto aquilo é prejudicial pra elas. E é muito bom você sentir que é acolhido. Isso a... o movimento acaba proporcionando muito, né?! O movimento que eu falo, o Slam, acaba proporcionando pra gente.

Então, vamo falar primeiro do quenturinha, né?! Eu acompanho o Slam da Quentura desde a segunda edição, na verdade. Mas eu já sabia da proposta, né?! Do Slam, desde antes da primeira edição. Eu já tinha contato com alguns dos meninos da organização, como o Ranover (é isso?), que infelizmente faleceu, mas deixou um legado belíssimo pra gente, já tinha contato com o Jeferson. Enfim, com várias pessoas que... elas que comporam o primeiro grupo que organizou as primeiras edições do Slam. E aí eu acabei me sentindo instigada a estar ali enquanto plateia, né?! Por gostar de poesias e porque eu queria entender, né?! O quanto aquilo atingia as outras pessoas, porque eu já sabia o quanto a poesia atinge a gente, mas aquela poesia ali, gritada no meio da rua, que todo mundo para pra ouvir, é algo assim... proporciona outra sensação, é muito diferente de você pegar um livro de poesia e ler deitado na sua rede, com um cafezinho do lado, no seu cantinho, tudo tranquilo. Não. É um lugar que a poesia, ela é jogada e ali pra todo mundo e... você acaba compartilhando muito do que os outros ali ao seu redor tão sentindo também. É... é muito, muito interessante. E aí quando eu... depois dessa segunda edição, que eu entendi realmente o quanto o Slam era importante pras... principalmente pras minorias, foi que eu encontrei o meu lugar, foi que eu encontrei um espaço de acolhida, né?! Um espaço que eu me senti realmente abraçada e instigada a estar sempre presente, pelo menos sempre que possível. E aí foi meio que casando com o que eu escolhi enquanto, é... acadêmica de Psicologia, né?! Eu comecei a estudar justamente sobre minorias, sobre vulnerabilidade social, sobre, é... racismo, violência policial, o Feminismo, e eram assuntos que eram tratados dentro do Slam, só que não de uma forma que a gente vê, de uma forma acadêmica, né?! De uma forma muito formal. Era algo que era vivido, era algo que era que podia ser sentido, era algo que você podia tá... como até a gente usa a expressão “que a gente dá pedrada nas pessoas pra elas acordarem”, pra elas conseguirem olhar pra dor do outro, né?! E que o outro que o outro, também, que passa por aquela dor, como eu já falei, possa se sentir acolhido. É... enfim, eu fiquei como antagonista no Slam, durante um bom tempo, durante o ano de 2017 todo e 2018, né?! Até que ano passado, quando, eu lembro que numa das primeiras edições, falaram da possibilidade de ser criado o Slam

das Minas e o Slam das Poc, que era o Slam das Bichas. É... e eu lembro muito do PH me dizendo: “Olha, eu quero você participando e tal”, só que eu ainda era muito acanhada, né?! Eu, como eu falei, eu era muito voltada pro ambiente acadêmico, eu achava muito bonito ver os outros levando suas poesias e ficar nessa posição de estar se sentindo acolhida. Mas ele começou a me instigar, também, a acolher, né?! Enquanto poetisa e, possivelmente, enquanto slamer. Foram passando mais alguns meses, até que, é... a Cacheada, junto com a Fran e tinha outra pessoa, também, que eu não tô lembrando agora, é... idealizaram, né?! Quiseram botar pra frente o Slam das Minas e eu entrei, assim, despretensiosamente, no grupo, só que eu acabei mergulhando de uma forma que eu nem esperava, né?! É... e por que que eu tô sempre retomando o Slam das Cumadi? Porque foi a partir do momento que eu me dispus a organizar junto com as minas, me botei pra organizar o Slam das Cumadi, foi que eu passei a ser protagonista, também, dentro do Slam da Quentura. Porque a organização do Slam das Cumadi era basicamente eu, Cacheada e Fran, duas mulheres fantásticas, sem sombra de dúvidas, é... só que era tudo muito novo pra gente, enquanto organização, né?! Só a Fran que tinha experiência de organização, de fato, por conta do Slam da Quentura. E aí o PH propôs que a gente fizesse essa junção e que todo mundo fizesse duma organização só, fizesse parte do Coletivo, que é o Coletivo Fora da Métrica, que é responsável pela organização desses eventos, né?! E foi que eu realmente pude contribuir, de forma direta, com o Slam da Quentura e é algo que tem muito... que agrega muito pra mim, sabe? Tem muito valor, porque é um lugar que me ensinou muito a respeitar o lugar de fala do outro, me ensinou muito a exigir respeito pelo meu lugar de fala, me ensinou muito a ter mais empatia do que já tinha. Eu sempre fui uma pessoa muito empática, que é uma coisa que eu... não que eu teja me gabando, mas só reconheço, porque muitas pessoas me falam isso, a questão do altruísmo. E acabou fazendo com que eu me... isso se intensificasse bem mais, né?! E me fizesse encontrar metodologias que eu pudesse utilizar dentro do meu espaço de trabalho, por exemplo. Tanto que hoje, dentro do Slam da Quentura, existem as batalhas de rima e é um lugar, também, que é extremamente importante, tanto que eu acho muito massa essa questão da disputa poética e a disputa de rima, que, no final, tudo é poesia. E também é um lugar que os meninos da perifa podem tá falando sobre as vivências deles, das experiências deles, porque não é só gastação, tem ideologia, tem vivência, tem aquilo que é real, né?! E... eles se entendem entre si e podem tá, também, mostrando o que tem de bom dentro da comunidade. Isso acabou me estimulando muito a tá levando isso pro meu ambiente... de... digamos que de trabalho, que é onde eu tô estagiando hoje que é no... tô no estágio de Psicologia Social, do CRAS e tô levando enquanto projeto as batalhas no território que eu tô trabalhando. Enfim, o Slam... eu fui movida por esses motivos e hoje eu sou movida a permanecer dentro do Slam da Quentura e do Slam das Cumadi pelo... por todo o significado que eles... que os movimentos agregam na minha vida, né?! No meu olhar, nas minhas vivências, na minha prática, em tudo.

Eu não me considero ainda uma slamer, né?! De tá ali, jogando minha... acho que eu só recitei uma vez poesia na frente de todo mundo, né?! Mas poder estar ali, contribuindo de alguma forma, é fantástico, me tornou uma pessoa muito... muito mais, é... segura dos meus ideais, o que eu... pelo que realmente eu quero lutar, né?! Me fez realmente ter certeza... que é isso aqui que eu quero tá levando, né?! O Slam, ele não é só aquele evento que acontece no último sábado do mês - o Slam da Quentura, né?! O Slam das Cumadi não é só aquele evento que acontece na... em uma quinta-feira por mês, que as pessoas se

reúnem e recitam poesia. Não. Ele realmente tem um poder muito maior do que a gente imagina. É, inclusive, uma coisa que o PH fala muito: o Slam salva vidas. Então meu... é isso que eu quero pra mim, mesmo. É continuar salvando vidas, sempre que for possível. Seja ouvindo uma menina que... que foi... é... vivenciou um estupro, seja pra... seja ouvindo um menino que sofreu violência policial, seja ouvindo um menino que nunca teve oportunidade de estudo, porque tinha que ajudar a sustentar a família. É realmente tá entendendo o contexto que o outro tá inserido, né?! Não se apropriando daquilo, de forma alguma, mas compreendendo, né?! Começando, realmente, a exercitar a empatia.

L: Você já chegou a comentar, né?! Da significação do Slam, ou dos slams que você participa. Eu queria que tu falasse mais um pouco o que é que significa o Slam da Quentura, o Slam das Cumadi, pra você.

L: O que é que significa pra mim? Meu Deus! É uma pergunta fácil e difícil ao mesmo tempo, porque é tanta coisa, me atravessa de tantas formas que... muito difícil, assim, definir, sabe? Meu Deus do céu. Pera, eu dei uma bugada aqui, legal. Vou pensar direito. (...) Acho que um significado que eu já atribuí, mas que eu posso tá explanando melhor: é... o Slam, ele salva vidas. Tanto o Slam da Quentura como o Slam das Cumadi, eles fazem eu sentir que eu estou me salvando e estou salvando outras pessoas comigo. É como se eu tivesse num navio enorme e eu tivesse a chance de salvar várias pessoas que tão ali, no meio do oceano, perdidas, sabe? É me sentir salva todas as vezes que eu me sento naquele anfiteatro, no último sábado do mês, toda vez que eu posso ir. É me sentir acolhida. O Slam, ele é acolhimento. O Slam é cuidado, porque vai muito além do cuidado que a gente tem com as pessoas, com a nossa plateia, né?! O cuidado, ele parte desde a organização, até o evento, de fato. Eu digo isso, porque... meu Deus, a hora... a hora que o VLT passa... é... Enfim, eu falo muito do cuidado, porque o Slam, ele... a criou uma rede de apoio mesmo, que vai desde as pessoas que compõem a organização do coletivo, até o momento que acontece o ápice, né?! Que é o evento. É... eu conhecia alguns meninos, já, da organização, como o PH, como o Di. Eram pessoas que eu admirava muito. Inclusive, a Cacheada, né?! Que hoje é minha parceira, assim, pra tudo. Antes eu olhava muito pra ela e pensava “Meu Deus! Que menina foda! Eu queria ser amiga dela”, e hoje ela é uma irmã pra mim. Ela é uma pessoa que tá realmente comigo pra tudo e que tá muito além do Slam, sabe? E, como eu falei, a gente cuida muito uns dos outros, como, por exemplo: ano passado, a gente marcou uma reunião após as eleições, né?! No período... que tava ainda bem... né?! Bem tenso. O clima tava bem pesado. E a gente foi sentar justamente pra pensar sobre esse cuidado com... com a gente, né?! Enquanto militância, enquanto coletivo. É... pros tempos sombrios, né?! Que estão por vir, estão chegando, né?! Que chegaram com tudo. É... a gente foi pensar em formas de sobrevivência, a gente foi pensar como cuidar, também, das pessoas que estão frequentando o evento e discutir o quanto aquilo era importante pra gente, o porquê que era tão importante. E é muito massa saber que eu tenho um lugar que eu... um grupo, né?! Que eu não vou tá sentando só pra discutir como é que vai ser o próximo evento, mas que eles vão ter, também, o cuidado de olhar pra mim e perguntar “Como é que tu tá? Tá tudo certo na faculdade? E como tá o estágio? Como é que tá com a família”, é... “Olha, se precisar, eu tô aqui”. Tipo, o PH, que é uma pessoa, assim, que eu acho fantástica, eu amo a minha amizade com o PH e eu tive a oportunidade de ver o Slam firmando essa amizade, sabe? E ele, eu sei que não é uma pessoa que vai abrir as portas pra mim só no dia que eu vou precisar fazer uma entrevista, que eu precisar fazer um trabalho da faculdade sobre o Slam, não vai ser uma pessoa que

vai abrir as portas só pra gente tá fazendo reunião. Mas é uma pessoa que no dia que eu quiser tomar um café e que eu não tiver bem, ele vai me acolher, né?! E assim são com todos que compõem o coletivo. É... e a gente tenta passar isso pras outras pessoas, né?! Pra quem tá ali enquanto plateia, pra quem tá chegando enquanto slamer, o cuidado com os novos slamers, a atenção pra que eles possam retornar e tá continuando o fluxo do movimento. Até porque a gente sabe que a organização do Slam, ela vai mudar, ela já mudou muito. Se a gente for olhar pra organização do Slam, de quando começou pra hoje, muitas pessoas já saíram e outras entraram, né?! Não no sentido de ocupar o espaço que era do outro, mas de contribuir da sua forma, né?! Com a sua singularidade. É... e a gente quer ter esse cuidado com as pessoas pra que elas sintam vontade de também agregar com o movimento, assim como eu fui instigada em alguma momento pelo PH, quando ele disse que ia ter o Slam das Mina e ele queria me ver recitando, queria me ver ajudando, né?! Eu não ia imaginar que eu ia tá na linha de frente em algum momento, mas ele plantou a semente. A gente tem esse cuidado de tá plantando a semente nas pessoas, pra que elas se sintam sempre acolhidas e possam tá continuando o movimento mais na frente, pra que daqui 5, 10 anos eu posso não... eu posso não estar na organização do Slam da Quentura e até mesmo no Slam das Cumadi, né?! Mas eu vou, eu quero poder chegar lá na frente e olhar o movimento ainda acontecendo, né?! Ele ainda muito vivo, pulsando em todo mundo e que seja cada vez maior e que conquiste cada vez mais espaços, cada vez conquiste mais pessoas e pensar: “Caralho! Eu tenho muito orgulho de ter feito parte disso aqui” e sempre vai ser uma parte de mim, né?!

Outra coisa: afetos. O Slam, ele é puro afeto, né?! Ele afeta as outras pessoas de forma muito intensa, né?! Que mais que eu posso tá falando? O Slam, ele significa resistência, acima de qualquer coisa, muita resistência. Porque as pessoas pensam: “Ah! Besteira vocês só tão recitando poesia”, muita gente considera mimimi, que é desnecessário. Mas, cara, tu tem noção que são 3 minutos que as pessoas param o que tão fazendo pra ouvir o que a gente tem pra falar? Pra ouvir aquele menino que tá lá no meio da favela todo dia, que ele não tem espaço dentro de casa, ele não tem amigos, ele convive todo dia com contexto violento e ele tem três minutos pra ser ouvido. Pra que as outras pessoas possam ver as angústias que ele sente, pra que as pessoas também possam ver as esperanças que ele tem de um dia mudar aquela realidade, e que ele possa realmente nutrir essa esperança, né?! Nutrir essa força de vontade e essa autonomia pra mudar de vida, em algum momento, e também mostrar que... não é só coisa ruim que compõe aquilo... aquele contexto que ele vive. É... é resistência quando a gente coloca o Slam das Cumadi, por exemplo, e a gente pensa “Meu Deus, não vai dar ninguém”, né?! O Slam da Quentura, ele já tem um público fixo, né?! Mas o Slam das Cumadi tá começando agora, mas a gente tá resistindo, colocando... tentando colocar todo mês. E é muito massa ver que a nossa resistência tá gerando frutos quando outras meninas chegam pra agregar com suas poesias e homens, por exemplo, sentam pra ouvir o que a gente tem pra falar e respeitam o nosso lugar de fala. Isso, pra mim, tá sendo fantástico, né?! Então, acima de qualquer coisa, o Slam é Resistência.

E voltando à questão de salvar vidas, eu não sei se eu já falei isso, mas eu vou falar, porque eu não tô lembrando. Mas, é... quando a gente fala também, retomando a questão de salvar vidas é... é como o Pê também já falou de... é... tipo, o espaço que... o Slam ocupa hoje é um espaço central e a maioria do público é periférico, né?! E tá ocupando um espaço que é seu por direito, mas que é negado. E é massa, porque salva vidas no sentido de que

o menino que podia tá no final de semana, sei lá, bebendo, é... usando drogas, ou até mesmo entrando pro tráfico, o fim de semana que ele podia tá só no ócio, ele tá tirando, né?! Um dia do fim de semana dele pra tá agregando, agregando conhecimento, porque Slam também é conhecimento, né?! A gente não tá jogando informação pela informação, não é só a lástima pela lástima. É... é realmente tá levando conhecimento pras pessoas. Não conhecimento que eu digo de “Ah! Ele vai conhecer a minha realidade”, mas que aquilo pode tá agregando, né?! Pros nossos saberes, pode tá agregando pro meio acadêmico, principalmente. A gente vê muito isso hoje. Tipo, a tua pesquisa não é a primeira e também não vai ser a última, né?! Sobre, é... a forma que o Slam pode tá atingindo a gente, enquanto espaço de conhecimento. Enfim, salva esse guri que podia tá fazendo qualquer outra coisa, mas não, ele tá ali agregando com a gente e tá sendo acolhido.

É... e falando com relação à resistência, o Slam é lugar de fala, né?! É um significado que é muito forte. Hoje, a gente vive numa sociedade que as pessoas não param pra ouvir você. Não param pra, é... sei lá, entender o contexto do outro. Porque, além da gente viver numa... num contexto corrido, ninguém tem tempo pra nada, né?! Todo mundo tá vivendo suas vidas dentro da sua bolha, que tem que sair pra trabalhar cedo, tem que estudar, tem que fazer isso e aquilo outro, não para sequer pra se ouvir, quem dirá ouvir o outro. Também as pessoas se tornaram, se lá, não é que se tornaram mais intolerantes, mas as intolerantes começaram a botar as caras de fato. E a gente precisa acabar com esse tipo de intolerância e entender que o lugar de fala do outro é só dele, eu não posso tá falando, por exemplo, eu posso tá falando enquanto mulher negra, mas eu não posso tá falando no lugar da mulher negra periférica, que a minha vivência é diferente da vivência dela. É... eu não posso tá falando sobre a vivência da bicha, muito menos da bicha periférica, da bicha preta periférica, pior ainda, não é o que eu vivi, não é o meu contexto, não é o meu lugar de fala. Então, o Slam, ele proporciona isso, esse lugar de fala pras pessoas. É o momento que realmente você pode explanar aquilo que te atravessa, sem que haja interrupções, sem que, sei lá... pode causar, sim, transtorno, porque, lógico que pode acontecer de, em algum momento, alguém da plateia não concordar com aquilo que tá sendo explanado, mas pelo menos vai cutucar na ferida, que é a nossa intenção.

O Slam também é ocupação, porque, como eu já disse, é um espaço central ocupado por gente da perifa, por gente de todo lugar. É um espaço que é negado pra muita gente. É um espaço que antes era visto como o lugar que os meninos iam no final de semana pra tirar foto ali no Arco, nas redondezas do Arco, na praça do FB. E sentavam pra fumar um cigarro, pra fumar um beck, pra... pra beber seu vinho, pra beber sua cachaça e não tinha nada assim de... era muito vazio. E acabava que deturpava a imagem desse jovem que tava ocupando aquele espaço, e hoje a gente tá ocupando de uma forma que realmente... sabe? Tá mudando muita... a visão de muita gente e tá dando o que é nosso por direito, tá podendo tomar o que é nosso por direito. Eu acho muito bonito quando eu vejo os meninos saindo de grupo, vindo do VLT, saindo, sei lá... do... lá dos Terrenos Novos e vindo pra praça do FB e sentando com a gente, agregando com a gente e... ou, sei lá, tá ali mesmo só como plateia, mas que tá sempre marcando presença. Tá saindo do seu espaço pra tá ocupando outro que tanta gente pensa que... tanta gente fala, né?! Ainda hoje: “Ah! Esse pessoal da periferia tá todo aqui, é... que é lá não sei de onde e tá vindo pra cá”, como se a gente não pudesse tá lá, como se eles não pudessem estar lá. Então, o Slam é ocupação.

L: Essa representatividade do Slam, né?! Essas significações, né?! Que são várias significações, pela sua fala não existe apenas um significado, são vários: resistência, é... lugar de fala, ocupação. É... e o que é que... com o Slam, né?! Teve mudanças na sua rotina, né?! Se com a participação nesse movimento... e se teve, o que mudou, assim? Cê poderia falar um pouco sobre essas... essas mudanças, né?! Que podem vir a acontecer, ou não, não sei. Queria saber um pouco sobre isso.

L: Teve. Certamente teve muita mudança. Tipo, principalmente na questão de eu tá... ter que me reorganizar pra tá aqui durante as reuniões. Aqui, em Sobral, né?! Porque eu não sou daqui, eu sou de Ipu. Então, eu tenho que tá sempre me organizando pra tá em Sobral em dia de reunião, pelo... não todas as vezes, né?! Porque nem todas as reuniões é viável eu estar presente, mas na maioria delas. Eu tenho que me organizar pra estar participando do evento, né?! Do movimento que é fim de semana, fica muito complicado pra eu tá o tempo todo aqui, né? Mas eu procuro sempre reservar o sábado de Slam da Quentura pra estar em Sobral e os dias de Slam das Cumadi, colocar num dia viável que... pra minha participação, né?! Porque não tem sentindo, também, eu tá na frente da organização do Slam das Cumadi e não estar presente no dia do evento. Então, eu tenho que... tá me... me ajustando, né?! À essa rotina. Fora outras coisas, né?! De ter que... me organizar junto com a cacheada pra tá correndo atrás de ofício, pra tá correndo atrás... a parte mais burocrática, né?! É... também tá reservando um tempo pra tá escrevendo os textos de publicação do evento, pra tá colocando as postagens do... de fotos, vídeos. Enfim, tudo tem que ser bem ajustado na minha rotina, que já é extremamente puxada, é... mas eu tenho que tá reservando esse tempinho, né?! Tenho que ter esse cuidado com... com... tanto o Slam da Quentura quanto o Slam das Cumadi.

Já cheguei a abdicar de aula, já cheguei a abdicar, como eu já falei, de visitar minha família, pra estar aqui. É... já abdiquei de diversas coisas, de, por exemplo, sair um dia, pra tá em casa organizando as publicações. Enfim, acabou mudando, sim, a nossa rotina. Já aconteceu também de... imprevistos, né?! Tipo, teve um evento que foi lá na Casa de Cultura e que eu tive que participar pra falar sobre o Slam das Cumadi, que era tipo apresentação de uma plataforma digital que falava sobre os movimentos culturais que acontecem aqui em Sobral. E era num dia super conturbado, que eu tava saindo tarde do estágio que eu faço pela manhã e eu tinha que entrar cedo lá no CRAS, porque a gente tava indo pra um... pra um distrito, pra um interiorzinho aqui da cidade. E aí eu tive que me virar nos 30 pra tá nos três espaços, tudo no horário certinho, tudo bem cronometrado... cheguei a me atrasar, inclusive, mas... prioridades. A gente tem que transformar o Slam numa prioridade. Não é só um passatempo.

L: Então tudo bem. Levando em... o que você falou, né? Sua rotina, né?! Dando prioridade, é... ao Slam, né?! Você, no caso, daria prioridade ao Slam por quê? Dentro da sua rotina e tal...

L: Acho que por ser algo que transforma não só a mim, mas outras pessoas, sabe? É... é muito bacana o reconhecimento que o Slam tem, sabe? Tanto o Quentura quanto o das Cumadi. É muito massa a gente, por exemplo, quando termina, é... alguma edição, a gente vê outras pessoas chegando pra gente dizendo “Ei... que massa a tua poesia. Eu quero fazer também, eu escrevi uma coisa e eu nunca apresentei pra ninguém”, é... o encorajamento que a gente dá pras pessoas. A transformação no sentido de você conseguir olhar pra realidade do outro, né?! E compreender o contexto que o outro vive, você ver

de que forma aquilo ali lhe atravessa e você se colocar não só como antagonista, mas como protagonista daquilo ali. É... eu acho muito engraçado, ainda gera um certo estranhamento pra mim, né?! Mas sempre que eu saio, nunca aconteceu, assim, de alguma vez... de eu sair e alguém não perguntar pelo Slam, sempre tem alguém pra perguntar. Seja pra perguntar “E aí, quando vai ter Slam da Quentura?”, “E aí quando vai ser o Slam das Cumadi?”, porque a galera já sabe que eu faço parte. Gente que eu nunca vi na vida me para pra perguntar e... de ver esse pessoal que pergunta tá participando daquilo ali. É... também é muito bacana quando... quando alguém chega pra gente e diz que aquela poesia tocou de uma forma que acolheu a pessoa. Então, acho que pelo sentido de transformação mesmo. É muito massa tá participando desse fluxo, né?! De... de ver os outros de modificando e ver gente que achava... levava aquilo ali como algo que era esportivo, algo que não tinha o mínimo sentido começando realmente a tomar um significado importante pra pessoa também. Acho que é por isso. Por poder cuidar das pessoas de forma... de uma forma diferente, né?! É isso. É perceber que eu não tô aqui em vão, sabe? É muito ruim uma vida que você tá vivendo só por viver, pelo menos pra mim, né?! Não... que não tem nenhum sentido. Você tá ali fazendo seus... seus afazeres, suas tarefas diárias, é... se entregando ao cotidiano e não para um pouco pra se olhar e olhar pro outro. É o que o Slam proporciona, de você poder parar um pouco pra se ver e olhar pro outro, tanto pras alegrias quanto pras dores. É isso.

L: Pronto. No caso tu já pegou um pouco da pergunta, né?! Que seria se tu via relação na prática... as práticas de saúde e aquilo que acontece no Slam, né?! Como movimento, como... aquilo que você já falou que seria lugar de fala, essas questões, significação, né?! Sobre o Slam da Quentura.

L: Eu entendo saúde... não se por conta da construção acadêmica que eu tenho, né?! Mas eu entendo saúde como bem-estar físico, bem-estar mental. Principalmente bem-estar mental, né?! Porque de nada adianta você estar com o corpo ok se sua mente não tá. É a história do “corpo são, mente sã”. É... e que, inclusive, é algo que eu ia colocar, mas eu acabei esquecendo. É... o Slam, ele tem muito esse cuidado, principalmente com a saúde mental, né?! Porque, como eu falei, como é um espaço de cuidado, é... e de... escuta, a gente acaba proporcionando esse bem-estar pra galera que participa, porque é um lazer, né?! Mas por ser esse espaço de escuta, de lugar de fala, é... a gente proporciona um momento pra que as pessoas, é... tirem um pouco do fardo que carregam, sabe? Possam tá dividindo com outras pessoas. É... infelizmente - eu falo isso agora enquanto futura profissional de Psicologia -, nem todo mundo tem acesso a um Psicólogo, por exemplo e... não dizendo que não é um cuidado fundamental, por que é. É algo que, inclusive, eu sempre falo pras pessoas quando possível, que se é algo mais sério, mais delicado, que tá causando muito sofrimento a pessoa e que a gente pode tá vendo isso através da... das produções dela, de poesia, eu sempre aconselho ela a buscar ajuda. Então, é isso: o bem-estar, de modo geral. Bem-estar físico, bem-estar mental, a pessoa poder cumprir suas obrigações, mas saber que tem um momento pra ela, de pausa, de olhar pro seu corpo, olhar pra... pra sua mente, olhar pra si, de uma forma, assim, bem, minimamente, sabe? Conseguir olhar minimamente pra si, e poder se cuidar. Explanando um pouco mais a respeito, né?! Eu já vi poesias de todas as formas, né?! Desde falando sobre, é... o machismo, o patriarcado, falando sobre a opressão que os meninos vivem, enquanto pessoas de periferia, né?! É... mas assim, eu também... assim como eu já vi, também, poesias falando sobre, por exemplo, ansiedade. O PH, ele tem uma poesia que eu achei fantástica que era ele falando

justamente sobre a necessidade do cuidado, de você olhar pro outro, do cuidado com o outro, de não saber o que que o outro sente, é... não saber a luta que o outro tá travando... uma luta que, às vezes, é contra si mesmo, né?! É... ele falou enquanto pessoa que tem transtorno de ansiedade e é algo muito bacana, porque, por exemplo, eu fui extremamente tocada pela poesia. Eu lembro que eu chorei bastante enquanto eu ouvia, porque tudo que ele falou era algo que eu vivo, enquanto pessoa que é diagnosticada com transtorno de ansiedade generalizada. E... saber que alguém entende, saber que alguém, é... enxerga aquela particularidade, saber que alguém pode, sim, mesmo... ocupando o mesmo espaço, digamos assim, pode tá acolhendo o outro, né?! Por ter aquela experiência também, é muito bacana. Também, se a gente for ver slams em outros locais, porque o Slam não é só aqui, né?! O Slam é algo que acontece mundialmente. Tem muitos slams que as pessoas falam sobre aids, por exemplo, eu já vi uma poesia fantástica sobre um cara que ele tem aids e ele foi falar sobre a situação dele, enquanto pessoa que é portadora do, é... do vírus. É... já vi pessoas falando sobre TOC, sobre, é... depressão. É algo que, não só o Slam daqui, o Slam da Quentura, né?! Mas outros slams também trazem e é extremamente importante, por conta desse... desse espaço de escuta, de possibilidade de cuidado do outro, possibilidade de encaminhar a pessoa pra, é... um cuidado mais adequado, não encaminhas no sentido que a faz mesmo dentro das práticas de instituições, mas de encaminhar no sentido de orientar. De dizer: “Olha, tu não tá sozinho”, é... “Tu pode tá procurando ajuda em tal lugar, com tal pessoa”. Já vi, também, poesia sobre suicídio em... duas pessoas daqui de Sobral, foi o Jeferson, que é o Jef e o Neto Duarte, que ambos... o Jeferson era slamer e o Neto ainda é. E eles, inclusive, levaram pra uma escola em um momento que aconteceu um garoto de escola cometeu suicídio, não gosto nem de usar essa expressão, mas ele se suicidou e a escola ainda tava muito comovida e os próprios alunos viram a necessidade de tá falando sobre o assunto. Isso fora, por exemplo, dum contexto de Setembro Amarelo. E eles foram, fizeram a apresentação e é interessante como... como isso toca as outras pessoas, né?! É... porque, às vezes, nesses espaços, nessas instituições, se fala muito de uma forma teórica, tipo: “Ah! Tantas pessoas, é... se suicidam por ano”, falam sobre taxas, dados e, às vezes, não é interessante pro... pra pessoa que tá ouvindo, né?! Porque não tá agregando em quase nada, é só informações... é informação pela informação, entendeu? E aí, dar sentido a isso, de mostrar que “Olha, eu entendo o que você tá sentindo”, às vezes é... tem muito mais eficácia. Tem muito mais sentido pra quem tá recebendo aquilo ali.

ENTREVISTA LUCAS

L: Foi vacilo meu. Então tu... vamo começar de novo. Então, tu já sabe a primeira. A primeira é mais ou menos pra tu contar a tua história de vida, né?! Aí cê pode fazer uma síntese.

L: Bom, meu nome é Lucas. Tenho uma família de 5 pessoas: eu e mais 4. Irmão Daniel, Diego... Meu pai é o Edson, minha mãe é a Bete. Sou de Sobral. Meu pai é um cara que nasceu em Sobral e minha mãe nasceu em Paulista, Pernambuco. Hoje em dia eles são cabeleireiro. O engraçado é que eles se conheceram num curso de cabeleireiro, também. Aí se casaram e depois que fizeram esse curso, se conheceram e veio a gente. Aí eu, é... estudei, normal... Hoje em dia tô fazendo faculdade de Direito. Meus irmãos, eles... é... um irmão meu está na missão eclesiástica e o outro tá se preparando pra ir. Pois é, meus irmãos: um tá fazendo a missão e o outro tá se preparado pra ir. É...

L: Você não se engajou, né, nessa questão religiosa?

L: Não me engajei na questão religiosa. Eu sou... eu sou deísta, assim, eu acredito em Deus, mas da minha forma de acreditar em Deus.

L: Aí cê falou que seus pais, é... são de uma religião específica, né?

L: São. Meus pais são mórmons. É... bem convictos mesmo. Bem convictos. Daqueles que só a igreja salva: se você não for da igreja, cê vai pro inferno. Aqueles bem... Aí, na minha família, basicamente é meu pai e minha mãe mesmo que é mórmon, meus irmãos. Já minhas vós, meus tios, eles sempre... são católicos... essa parte da minha família.

L: A relação com os teus amigos, né?! Na escola, na faculdade... como é que é aí? Fala um pouco sobre.

L: Pronto. Na escola eu tinha uma relação muito boa com os meus amigos. É... conversava... a gente marcava, inclusive, coisas fora da escola: racha, futebol, sair pra comer uma pizza. Já na faculdade eu não tenho tanta amizade com o pessoal da faculdade. Não por... não por... eu acho que eu não tenho mais por mim mesmo, por não me achar, sabe? Fico mais na minha, na faculdade... Também falto algumas vezes. Falto muito.

L: Tu gosta do curso?

L: Gosto do curso. Só não gosto tanto da faculdade. Acho que a faculdade poderia oferecer melhor o curso, a forma que oferece. Mas o curso é legal. O curso é bem legal. Mas eu não tenho certeza ainda se é isso que eu...

L Que tu quer...

L: ... que eu quero pra minha vida. Porque é muito estranho, né, cara?! A gente acaba o colégio, aí a gente vai... vai... você tem que escolher: medicina, engenharia, psicologia, matemática... É uma coisa muito... muito...: “Tá! Tem que ser isso e tal”. Hoje em dia eu ainda tô nessa de: “eu tô fazendo Direito, mas não sei se é necessariamente isso que eu quero da minha vida”. Tenho muitas dúvidas, ainda.

L: Aí... tu trabalha, no caso, com a venda?

L: É. Eu trabalho com a venda de brownie, cookie e...

L: Não é só brownie?

L: Não é só brownie. E em determinadas ocasiões, eu também faço produtos extras. Por exemplo: no dia das mães, eu fiz um coração de brownie, revestido com casca de brownie, sabe? O coração. Aí dentro: recheio de ninho, oreo... várias gororobas misturas. Muito gostoso, muito gostoso. Dia dos namorados, também, já faço outro negócio. Na páscoa faço ovo... Eu sempre, sempre...

L: Vai se adaptando, né?!

L: É. Se adaptando às datas, justamente. Sempre tentando lançar um produto novo, porque é isso que a galera quer: a galera quer uma coisa nova. Se você chegar com coisa nova, né?! O pessoal quer provar e tal... Principalmente se o cara já gosta da tua marca, né?! Do que tu vende.

L: Já faz tempo que tu vende, assim?

L: 1 ano e meio, 2... É 1 ano ou 2.

L: Só pra tu repetir: no caso, não é só você, não? É você e mais alguns colegas, né?!

L: No caso, tenho eu, tem o Auristom (acho que é isso – 4:40), que me ajuda, e o Jon... esses são os que me ajudam fixo, sempre. Aí tem, também, o Gabriel, que eu chamo ele quando o negócio aperta mais, quando tem muita demanda... Porque ele também tem menos tempo. Ele estuda, sabe? Aí a faculdade dele, se eu não me engano, é integral ou é... sei que ele passa um bom tempo na faculdade, aí não tem esse tempo pra tá, também, todo dia comigo e tal. Eu só chamo esporadicamente.

L: Aí tu tem apoio dos pais, assim, na venda?

L: Muito apoio. Muito, muito, muito. Inclusive, a primeira receita que eu fiz foi eles que compraram o material e tal...

L: Te ajudaram.

L: Me ajudaram, justamente. Eu tinha aprendido essa receita do brownie, mas como a mulher me deu a receita e foi embora, eu não tive esse auxílio depois da receita dela chegar. “Não. Tu tá fazendo isso aqui, faz de outra forma e tal”. Eu passei um tempo ainda pra aprender... a fazer ela com mais destreza, a receita, a sair o brownie do jeito que é hoje. Aí tem várias vezes que eu... que a receita saiu ruim e eu “Ah! Vou mais fazer isso aqui não” e tal, aí meus pais: “Não. Faça assim. Eu vou comprar outro material pra você fazer de novo”. Justamente me apoiando, sabe? Pra eu conseguir fazer pra chegar onde eu cheguei hoje, assim, de... de produção.

L: Essa receita, quem foi que te ensinou?

L: Foi uma... uma Sister. Sister, na igreja que meus pais frequentam... tem a Sister e tem o Elder, que é aquela... uma galera que vem de outro estado, ou outro país, pra ensinar sobre o evangelho de Jesus Cristo na visão mórmon pras pessoas da cidade. Aí uma dessas pessoas veio dos Estados Unidos, é a Sister Chase, o nome dela, ela me ensinou essa receita. Tinha papelzinho e tal e tal.

L: Como foi que tu conheceu ela? Ela foi na tua casa?

L: Pois é. Como ela... como ela é a Sister da igreja, é... as Sister e os Elder que vão pra lá, todo dia eles almoçam na casa de um membro diferente, sabe? Tipo, segunda-feira na minha casa, aí terça-feira na casa do irmão Marcos, por exemplo, aí quinta na casa do irmão Mesquita... Aí numa dessas que ia na minha casa, ela foi e eu falei que tinha muita vontade de vender algum doce. Nessa época eu já tava vendendo palha italiana. Só que eu achei que o brownie... na época, eu tinha a visão que o brownie fosse uma coisa que fosse fazer mais sucesso que a palha italiana... o brownie tinha mais mercado. Aí ela falou que sabia fazer um brownie e tal. Pedi pra ela me explicar, ela me ensinou e eu achei muito bom no dia que ela fez. Aí eu “Eita! Que é esse aqui que eu quero vender”. Então tá, pronto. A partir desse dia, até hoje, eu tô vendendo esse brownie dela.

L: Aí tu tem essa renda aí, no caso?

L: Tenho uma renda. A minha única renda é o brownie, hoje em dia.

L: É... E o que que te levou a participar do Slam da Quentura?

L: Desde criança, cara, eu sempre tive esse desejo, sabe? Esse gosto por poesia, por rima... E... eu não conhecia uma galera, em Sobral, que fizesse isso. Eu sempre ia atrás e tal. Até

tinha conhecido uns caras que gostavam de rima, só que era um negócio bem... bem... que eu perguntava “E aí, galera, quando é que vai ter?”, e eles não sabiam... não sabia... quando fazia, às vezes, nem dizia... E isso não tá na rima, sabe? Não necessariamente é poesia. Aí depois de um tempo, é... me falaram que ia ter um evento em frente o Centro de Convenções... Não. Em frente à praça do Farias Brito, justamente. Na praça do Farias Brito. Que ia ser o Slam da Quentura, que ia ser rima e tal, que ia ter disputa poética, disputa de Mc, aí eu: “Eita pau! Eu quero ir” e tal. Fui. Eu tava, no começo, mais interessado pelo... a disputa de Mc’s, de rima. Sendo que nesse dia não teve, nessa primeira vez que eu fui, acabou não tendo. Teve nas subsequentes. Umas duas depois acabou tendo. Só que nessa primeira que eu fui não teve. Aí eu fui. Nessa primeira vez eu não recitei poesia, mas eu assisti. Fiquei até o final ainda, gostei muito. Inclusive, nessa primeira vez que eu fui, eu fui um dos jurados que deu a nota... Eles perguntaram “alguém quer ser jurado?” e tal, aí eu falei: “eu posso ser”.

L: Quem é a primeira vez que tá, né?! A primeira vez que tá participando do Slam, eles colocam como jurado.

L: É, justamente.

L: É... essa... Tu disse que desde criança tem essa vontade, né?! De fazer rima e tal. Teve alguém específico, durante tua vida, que te influenciou? Foi na escola? Foi algum familiar? Algum amigo?

L: Macho, isso aí, oh: teve uma vez que eu tava lá no... na praça do Lagoa, aí eu tava... Isso eu criança, eu tinha... uns 14, 13 anos. Tava eu e o meu amigo, Matheus, não sei se tinha mais algum... se o Thiago tava... A gente tava lá, lá na... na praça do Lagoa, naquela em frente do Parque da Cidade. Aí tinha lá uns dois caras, que era o Lucas... O Lucas e outro amigo dele... eu não lembro. Aí esse Lucas, ele tava com um violão e esse outro cara, aí ele falou: “Ei, cara vamo ficar ali e tal, a gente vai tocar um violãozinho”, aí eu fui. Aí eles falaram: “Ei, má, cês já ouviram... é... bora manda um improviso aqui”, aí eu: “Como assim, má?”, aí ele: “Vai, eu vou mandar aqui”. Aí o cara começou a tocar o violão e esse Lucas começou a improvisar. Eu achei muito massa, má, na hora! Eu olhei assim, eu: “Caralho, que massa, má!... Ei, má, eu consigo fazer isso também”. Aí na hora eu tentei, sabe? E tal... Saiu... Saiu... Um negocinho não muito legal, só que eu fui treinando, fui treinando, fui treinando, fui treinando e... desenvolvendo, né?! Acabava que sendo... Acabava não, acaba que sendo, é... eu acabo tendo facilidade de rimar, porque eu gosto de fazer isso, sabe? É uma coisa que eu começo a fazer e me dá um prazer, me sinto bem rimando.

L: É... Pra ti, qual é o objetivo do Slam da Quentura? Você que já participa já tá com um tempo, né?! Já tá com...

L: Eu acho que o objetivo do Slam ele é... integrar as pessoas, né?! É... desenvolvimento da cultura. Acredito que o Slam, é... nessa questão social, de muitas vezes introduzir uma pessoa que suscetível a... a... cometer delito ou tá usando droga... alguma coisa assim, aí deixa de tá fazendo isso pra ir, pra tá desenvolvendo a cultura...

L: Qual cultura? Quando tu fala da cultura, assim, tu pensa em quê?

L: Arte, poesia... Eu acho que... eu acho que cultura é... é expressar alguma coisa em forma de alguma coisa, seja no quadro, seja na fala, seja um... eu acho que cultura é expressão. Tudo que você se expressa, de alguma forma, que a outra pessoa consiga captar, ou até que não consiga, mas toda forma de... assim, de expressar algum sentimento, alguma coisa assim, eu acredito que seja cultura. Não só... não só expressar, né?! É... porque tem a cultura material também, né?! Imaterial... é...

L: É... E, pra ti, qual é o significado do Slam da Quentura? Tu que já participa, já rimou lá... já participou da disputa poética?

L: Sim, sim.

L: Também, né?!

L: O significado do Slam. É... o Slam... eu acredito que significa Movimento Social. Inclusive, um pouco parecido com a minha resposta anterior: que tem como objetivo agregar. O significado dele é agregar, agregar as pessoas. Agregar as pessoas que... que... partilham desse... desse mesmo desejo, né?! De fazer poesia, de fazer uma rima, de expressar uma opinião sobre algum determinado tema. Porque lá você faz a rima, faz a poesia e tem o quadro... o espaço aberto, né?! Que a pessoa pode ir, pode falar sobre “x”, assunto “y”...

L: É... com o Slam, com a participação do Slam, no teu cotidiano, houve mudanças? E, se houve mudanças, quais seriam?

L: Bom. Pronto. Tipo, no Slam, uma coisa muito boa, uma coisa muito boa que aconteceu comigo no Slam, é porque no Slam, eu consigo ver o mais variado tipo de pessoa: tem gente de todo tipo lá. Então, uma coisa que me ensinou muito foi a... tipo... aceitar, conviver, é... todas as diferenças que existem. Quando você começa a frequentar uma coisa, que as pessoas começam a falar, você começa a entender, você começa a ver outra visão da coisa, né?! Por exemplo, é... dar um exemplo aqui...

L: Questão... você fala de expressão cultural de inúmeras formas, é... essa... é empatia pelo outro que você fala?

L: Com certeza, porque lá, cara, é um lugar que tem... tem o branco, tem o vermelho, tem o preto, tem o gordo, tem o magro, tem o cabelo liso, tem o cabelo enrolado, tem o cara que gagueja, tem o cara que fala alto, tem tudo, tem todo mundo. Então, você... você começa a conviver com mais tipos de pessoas e você começa a perceber... uma pessoa que não conversa com muitas pessoas no dia-a-dia, quando você começa a conversar com todas essas pessoas, você vê que... todo mundo é gente, né?! Que todo mundo, é... que ta ali, é igual você, né?! No final das contas.

L: Isso mudou no teu cotidiano...

L: Com certeza. Com certeza.

L: ... tua visão.

L: Com certeza.

L: Tu tinha mencionado alguma coisa relacionada a fazer rima em casa, né?!

L: Eu fazia... Antes, eu gostava muito de fazer rima, só que eu não passava muito pro papel. Às vezes, eu fazia rima em casa, mas improvisada, sabe? Botava um beat e ficava rimando e tal e tal. Depois que eu comecei a ir pro Slam da Quentura, hoje em dia, eu já tiro um tempo pra, tipo, pensar em tentar escrever alguma coisa, tentar expressar alguma coisa. Tipo, passar o que eu tenho na cabeça pro papel, sabe? Justamente pra mostrar pra outra pessoa, pra eu ter, também, guardado. Porque, cara, eu acho que quem faz alguma coisa, no final das contas, pode dizer que não, mas quer mostrar pra alguém, quer que alguém veja o que você fez. E o Slam... essa minha mudança veio depois do Slam, de querer escrever, de querer passar pro papel, de... ficar naquela: “Oh! Vai ser legal. Próximo Slam vou e vou levar essa poesia pra recitar e tal”.

L: Dentro do Slam... o teu entendimento, não necessariamente dentro do Slam, mas o teu entendimento sobre: O que seria saúde e o que seria doença, pra ti?

L: Saúde é eu estar pleno no meu... no meu físico e meu mental. No meu físico: é... eu estar... sem doenças, eu estar respirando normal, andando, sorrindo. No mental... se dando bem com as pessoas, é... mas eu acredito que saúde tem essas duas... essas duas arestas, né?! Da saúde física e da saúde mental.

L: E doença, pra ti, o que seria?

L: Doença seria a falta... doença seria a falta da saúde, né?! No caso... no caso... é... doença talvez seria uma deficiência... não deficiência, mas... uma pessoa doente é uma pessoa que não tá... não tá plena, né?! Seja na saúde mental ou na saúde física, não está... deixa eu ver como eu digo... doente... Doença talvez seja falta de algo. Por exemplo: uma pessoa que tá doente... de depressão, ela tá com falta de alegria no dia... não sei...que eu digo. É uma pessoa que tem... está doente de... de... Tá com a perna fraca, ela tá com falta de força ou... Uma pessoa que tá gripada, talvez esteja com falta de glóbulos brancos e... sistema de defesa...

L: Tem uma relação de falta.

L: De falta! Eu acredito que sim. Pois é, porque assim, oh: como cada pessoa é um universo, vai ter um cara que vai tá num momento muito feliz da vida dele... vai ter um cara lá na hora do Slam que vai tá num momento triste, que vai tá passando por uma separação de pais... é... já outra pessoa vai tá muito feliz porque conseguiu um estágio... uma pessoa... Então, eu acredito que o que... o que as pessoas falam lá, influencia diretamente no que tá passando na vida delas, porque eu acredito que o Slam seja a pura, a pura expressão dos sentimentos. Você expressar o que você tá vivendo, o que você tá sentindo, o que você acha sobre determinado assunto, o que acha sobre a política, sobre o que você tá achando sobre a separação dos seus pais, sobre o que você tá achando da sua depressão, sobre o que você tá achando do... Enfim, eu acho que lá um local que as pessoas vão pra desabafar. É um desabafo que acaba se tornando poesia.

L: Isso acontece contigo?

L: Com certeza. Com certeza.

L: Tanto na... por exemplo, na disputa poética ou nas batalhas de Mc...?

L: Com certeza. Com certeza. Porque assim, a gente... eu... eu falo o que eu vi. Não tem como eu falar... por exemplo, eu acho muito massa Racionais, por exemplo. É uma banda que eu escuto. Só que eu não vou falar numa rima, é... por exemplo... só que eu não vou falar numa rima, fazer uma alusão que eu... de uma coisa que eu fiz quando eu fui preso, porque eu nunca fui preso. Eu acho que não tem como eu falar de uma coisa que eu não vivi. Isso, pra mim. Eu acho que tem pessoas no mundo que falam, né?! Coisas que não... coisas que não vivem, mas...

L: A tua experiência, né?!

L: A minha experiência, justamente.

L: É... tu consegue visualizar, dentro das relações... as relações sociais, as atividades do Slam, é... práticas de saúde? Fazer saúde?

L: Com certeza. Com certeza. Principalmente, saúde mental. Eu disse naquela hora que acredito que saúde seja física e mental. Eu acho que quando a gente desabafa o que a gente tá passando, de certa forma, sai o peso. Isso acontece comigo. Não sei pode ser que com “x” ou com “y” não aconteça, mas eu, quando eu me desabafo de uma coisa que eu tô passando... E se, quando eu tô no Slam, eu tô desabafando uma coisa que eu tô passando, acaba que... que... saindo aquele sentimento e vem uma coisa boa, logo após desabafar aquela coisa. Seja ruim ou seja... Mas até... até, também, o que eu... até quando eu estou bem... numa época muito boa, que eu falo uma coisa boa, eu acredito que quando eu tô numa época boa e falo coisas... Oh, quando eu tô numa época ruim e falo coisa ruim, isso serve pra tirar o peso, e quando eu tô numa época boa e falo coisas boas, isso reafirma as coisas boas dentro de mim. Então, acaba sendo positivo do mesmo jeito: tanto quando eu falo sobre alguma coisa ruim que esteja acontecendo, quando eu... como quando eu falo de alguma coisa boa que esteja acontecendo. Acho que tanto as duas coisas acabam sendo positiva pra gente. Pra mim, em especial.

L: É... Isso é a tua visão, né?! E o que é juventude, pra você?

L: Juventude?

L: É. O que é ser jovem? O que é juventude?

L: Não tem o google, né?! Pra... Cara, juventude. Boa pergunta, viu?!

L: Cê se considera jovem?

L: Sim! Me considero jovem. Acho que jovem, cara, é... Eu acho que jovem não tem muito a ver com idade. Eu acho que tem jovem... tem... tem pessoas com idade avançada que têm espírito de jovem e tem jovem com... com espírito de pessoas avançadas. Acho que ser jovem tá mais ligado a experiências, a você conhecer novas coisas, você, é... Acho que tem a ver com experiências, mesmo.

L: Não tá relacionado, por exemplo, à faixa etária? A idade.

L: Acredito que não, não necessariamente. Eu acho que possa... ser uma das coisas que englobam você ser jovem, mas não a principal. Acho que ser jovem é mais uma... uma essência. Acho que tem velhos que são jovens, por exemplo. Não tem “Ah! Você é jovem até os 25 anos... jovem até os 30”, não.

L: Então tá relacionado a outra coisa?

L: Eu acredito que sim. Eu acho que jovem tá mais relacionado ao fato de você querer descobrir coisas novas, você querer viver com... com... botar emoção nas coisas que você faz. Eu acho que jovem, né?! Quando eu vejo essa palavra “jovem”, na minha cabeça, me lembra, é... quando a gente vê logo essa questão de idade, a gente já pensa em pessoas novas, né?! Só que a gente pensa em energia. Jovens me vem essa parada de energia, muita energia. Então, se você é uma pessoa com 60 anos, com muita energia, com muita vontade de... conhecer coisas, experiências, você é jovem.

L: Experiências que você fala seriam ações?

L: Tudo. É.

L: Atividades...?

L: É. Você escalar uma montanha é uma experiência, você ir pra um show é uma experiência, você acampar é uma experiência, você... tudo. Coisas novas, né?! Você fazer, é... como é que se diz? Tá mais ligado ao desconhecido. Você ir atrás de fazer coisas que você nunca fez. Até, também, o que você faz, no dia-a-dia, coisas que já fez... só que... essa coisa da energia. Jovem eu acho que é mais energia e experiência.

ENTREVISTA MARCELA

L: A primeira pergunta é... não é nem que seja uma pergunta, é mais pra você esboçar o que... um pouco... uma síntese da sua vida. Assim, um pouco da sua história... é... suas relações sociais, como foi a infância, a adolescência. Enfim, um apanhado geral..

M: Pode crer. Eu não nasci aqui, eu nasci em Paranaíba – Piauí, aí vim embora, bem nova, pra cá, por conta de lá ser pequeno e não ter trabalho pros meus pais. Aí vim pra cá com 3 anos de idade, voltei a morar lá de novo, mas voltei pra cá de novo. Aí tô aqui desde sempre... considero sobralense, ainda bem. E... minha... minha rotina no Slam foi muito recente, né?! Que antes eu já escrevia poesias, só que, tipo, escrevia: “Ah! Não importa”, jogava fora. Aí comecei a escrever de novo, com a ajuda da Laize, aí a gente começa a ver os movimentos, né?! E o Slam da Quentura é um movimento que já existe há tempos, e hoje, quando eu vejo, eu me pergunto: “Aonde é que eu tava no passado, nessa hora, nessa data, podendo tá aqui, né?!” e tal, entendeu? E eu acho que o Slam deveria ser, é... aber... investido mais, porque mais meninas deveriam conhecer, mais pessoas deveriam

conhecer. Porque você chega, você recita, você tira um alívio do peito, não importa o tipo de poesia. Você sabe que quando você chega aqui as pessoas vão te aplaudir, as pessoas não vão te julgar, as pessoas vão te receber nisso. E eu me senti muito à vontade com isso e comecei a recitar e tô me apaixonando cada vez mais. Toda vez que eu recito, eu me apaixono cada vez mais pelo Slam.

L: Quando foi o teu primeiro contato, assim, com o movimento, com o Slam da Quentura?

M: O Slam da Quentura foi... foi vendo vídeos, no youtube. Eu comecei... eu comecei a vir no Slam das Cumadi, a primeira vez que eu vim no Slam, foi no Slam das Cumadi. Aí vi o Slam das Cumadi e comecei a procurar “Slam”, aí procurei o Slam da Quentura, vi os vídeos, aí peguei várias viagens com a Sabrinah Sá, Bicha Poética, várias... várias figuras que me representam, entendeu? Aí quando eu vi aquilo eu achei, eu “Caralho! Isso é muito massa. Eu sei fazer isso, então eu vou fazer isso”. Aí eu comecei a escrever.

L: E qual é a tua sensação, assim, do teu primeiro contato, tua primeira apresentação, por exemplo, no Slam das Cumadis, assim?

M: Pronto. No Slam das Cumadi foi... foi... eu ficava no celular, não conseguia falar alto, porque eu tinha vergonha, que eu sempre, é... Na escola, eu participava dos grupos de teatro, organizava as coisas, só que pra mim, falar, de um tempo pra cá, junto com a minha ansiedade, começou a ocasionar isso, é... minha timidez. Aí quando eu fui com... quando... Até hoje, eu ainda fico com essa ansiedade, quando eu vou recitar eu sempre tenho uma ansiedade a mais do que eu deveria ter. Eu me trato com a minha psicóloga pra tentar amenizar isso. Aí na minha primeira vez no Slam das Cumadi eu só... não conseguia olhar pras pessoas, só olhava no celular, recitava, mas quando eu recitei, quando eu finalizei, foi uma liberdade, eu me libertei. Eu me libertei, eu libertei a pessoa que tinha em mim, o ser poético que habitava dentro de mim. Aí só... ali foi só o começo de vários outros processos que foram melhorando, ao longo do tempo. Foi crescendo, crescendo, crescendo e cada vez mais tá crescendo, sabe? E, às vezes, como hoje, eu não... minha apresentação não foi muito boa, na segunda... na segunda vez, mas isso não importou. Só foi um... “É. Não fui bem, mas vou continuar. É isso” Aí continuei.

L: Pra você, qual é o objetivo do Slam? Dos Slams. Do Slam da Quentura, do Slam da Cumadi...

M: O Slam, eu acho que é um... é... é uma porta de luta, de resistência, de fala. É um local de fala. Isso. É um local onde você vai falar o que você pensa, o que você sente, o que, é... você vê, você vive. E o Slam, pra mim, é isso: É você falar o que você sente.

L: É... pra ti, assim, o que é que significa o Slam? Pra ti, assim... tu como participante, tu como slamer.

M: É uma família, o Slam. É um local onde você vai e você é... é... recolhido de braços abertos, entendeu? Você pode errar no meio do Slam. Você pode parar e esquecer. Mas se você falar “Gente, eu posso começar?”, todo mundo vai te apoiar, entendeu? E isso é lindo, isso que é família: é um apoiando o outro. Pra mim, o Slam é isso.

L: Tu construiu muitas amizades no Slam?

M: Várias! Várias, várias, várias. Amizades, irmandades que... eu... não via. Que, tipo, quando... quando você sai do seu conforto de tipo: eu passei minha vida toda estudando

em colégio particular. Minhas... minhas experiências de amizades eram só com pessoas brancas, classe alta e que só viviam na sua zoninha de conforto. E eu me acostumei com aquela zona de conforto: “Tá bom aqui, tá pra mim, não me importa os outros”. Aí quando eu saí do meu local de estabilidade, aí eu comecei a enxergar outras coisas, outros valores, outras pessoas, entendeu? E acredito que foi nessa saída de... da comodidade, de abrir o olho e enxergar que o outro tá precisando de ajuda e ele precisa ser ajudado, entendeu?

L: Como foi isso pra ti, assim, ter saído dessa zona, ter ampliado a visão sobre, digamos, sobre as relações sociais, sobre as outras pessoas?

M: Foi muito... foi muito louco e muito massa, por que eu era outra pessoa, totalmente. Eu... 3 anos atrás eu era uma pessoa totalmente diferente do que eu sou hoje, eu tinha uma cabeça totalmente fechada. Só o... as pessoas, o ciclo tava bom ali, entendeu? Tava bom ali e com os meus amigos... parece que a maturidade também, a maturidade também ocasionou isso. Mas tipo, tem uma menina de 13 anos, ela recita pra caralho, entendeu?

L: Caralho!

M: 13 anos! Imagina eu com 13 anos, o que que eu tava fazendo? Não sei. Devia tá em casa brincando de boneca, na minha comodidade, no meu conforto, na minha zona de conforto. E ela, não, ela tá aqui, no local de fala dela, que é dela, que é nosso, que é de todo mundo e todo tá apoiando ela e ela cresce, e ela só cresce. E isso deve ser repassado pras demais, pra todo mundo, pra... pra periferia, pra burguesia, porque a burguesia tem que descer, tem que se igualar à gente, porque eles não se deixam se igualar, porque eles só querem o poder, só querem o dinheiro e o dinheiro... não traz felicidade.

L: É... com tuas participações nesses movimentos, Slam... nos slams, tu acha que teve mudanças no teu cotidiano? Se teve, quais seriam?

M: Tem. Pior que tem. Tanto na família, quanto no trabalho, porque a partir do momento que os meus pais acordam e veem uma menina que... que era normal, na zona de conforto dela e ela decide não alisar mais o cabelo, deixar o cabelo cachear na transição, aí já começa a mudar. Aí quando a filha começa a escrever poesia e ir pro movimento de revolução, eles começam a estranhar e a julgar, por que mulher... meu pai disse isso: “mulher tem que ficar em casa, não tem que ir pro meio da rua lutar”, entendeu? Isso é uma resistência que eu vou construindo e eu não paro, porque eu ganho força aqui. Toda vez que eu venho, eu ganho mais força. Não importa o que os meus pais falam, não importa o que as pessoas do meu trabalho branco, burguês, pensam. O que importa é o que eu sinto e minha cabeça e minha mente, que é aberta a todas as opções, entendeu? E... a partir do momento que eu saí da comodidade dos meus pais, aí começa a... porque eu me expus nas redes sociais e as redes sociais parece que alavancam o mundo, entendeu?

L: Sim. Elegeu um presidente, né?!

M: Exatamente! Olha o que a sociedade... olha o que a rede social fez. Aí quando você vê sua filha indo lá e colocar um texto, que foi a primeira coisa que eu fiz que me libertou: eu postei um texto... não sei se você viu, chegou a ver uma foto minha, no rio, nua, de costas. Não viu, né?! Procura ela e lê o texto. Que eu postei a foto com o intuito de fazer isso: “eu vou postar a foto, as pessoas vão olhar pra foto, as pessoas não vão olhar pro

texto”. E o texto é um pedaço da minha vida toda (11:35 à 11:49 o primo dela aparece). Onde é que eu tava mesmo? Da foto!

L: Isso.

M: Pronto. Aí meu primeiro passo foi essa foto. Eu postei a foto e escrevi o texto que foi de um pedaço de uma história que aconteceu na minha vida. Aí quando eu postei a foto, tempos depois, minha mãe veio me falar: “Olha, faz o que tu quiser da tua vida, mas não posta foto em rede social nua, não”. Então, ela só viu a foto. Só mostraram pra ela a foto, não mostraram o texto. Por quê? Porque a rede social só vê a imagem, a rede social não vê o conteúdo, entendeu? Não estuda, entendeu? Aí quando... quando ela viu a foto, aí já foi outra... outra viagem de “A Marcela tá se expondo na internet. Isso, isso, aquilo”. Aí foi eu sentar e conversar e mostrar pra ela o que é ser feminista. Até hoje ela me questiona, é... “O que feminismo? O que é feminista?”, aí eu sento e converso com ela: “O feminismo é isso, isso, isso...”, porque, às vezes, ela se desconstrói com... o que as pessoas colocam na cabeça dela.

L: Sim.

M: Que ela sabe que eu fumo maconha e as pessoas veem eu fumando maconha em alguma lugar e vão falar pra ela, aí ela só vê aquilo: “Minha filha tá virando maconheira, das drogas” e... esse feminismo tá levando ela pra esse mundo. Só que aí quando ela vem falar pra mim, isso, aí eu vou lá e desconstruo isso que constroem pra ela, só que é todo um processo de desconstrução, né?!

L: Sim.

M: Porque eles cresceram em outra época, em outra vivência, entendeu? Que já é um preconceito. Aí eu tento desconstruir todo dia, todo dia, toda vez mais eu desconstruo. E, pra mim, é muito bom, isso, sabe? Ensinar pra eles o que eu tô aprendendo, também.

L: Sim. É... Agora é uma pergunta que sai um pouco da linha do que eu já vinha te perguntando, que é tua percepção do que seria saúde e o que seria doença, pra ti.

M: Acho que tu não sabe, mas eu faço Nutrição.

L: Não sabia.

M: Faço Nutrição, no INTA, tô indo pro quinto semestre agora. E eu... e na Nutrição, eu aprendi muita coisa com relação à mente e à alimentação, que é totalmente ligado. Que às vezes você... você come, come, come, depois bota tudo pra fora e aquilo é um processo doentio, é uma doença, mas aquela doença pode ser tratada, se você quiser, entendeu? Isso... aí, pra mim, doença é isso: você... você ter a doença e ter na sua cabeça que você tá doente, que você precisa tratar aquilo, sabe? Porque tem gente que tá doente, por exemplo: a maior... uma das maiores... um dos países que tem mais obesidade no mundo, o Brasil é o quinto... Não. O Brasil subiu pra terceiro lugar. Terceiro ou o quarto lugar. O Brasil tá em maior... maiores pessoas com obesidade. Isso é assustador! Isso é assustador e as pessoas não ligam. E a obesidade não acarreta só ter um corpo gordo, entendeu? A obesidade, ela tem várias doenças ao redor dela: cardiovascular, hipertensão... E as pessoas tratam isso como normal, mas ao mesmo tempo é uma coisa social, porque tem muita gente que não tem investimento suficiente pra comprar comida

adequada e é pra ser direito, direito de todo mundo ter uma alimentação adequada. E o brasileiro não tem uma alimentação adequada, porque o governo não deixa os brasileiros ter uma alimentação adequada. E quem mais sofre isso é... são negros, pobres que... segundo o presidente não têm...

L: Não passam fome.

M: Não tem...

L: Problema algum.

M: Isso! Tá tudo ok. Pro presidente, tá tudo ok. Mas a gente vai lutando contra isso, sabe? E como acadêmica de Nutrição, pra mim, a gente precisa cuidar da nossa saúde. É principal, é uma das coisas principais.

L: E o que seria essa saúde aí, pra ti?

M: Saúde, tanto física, porque nosso corpo é onde a gente mora... nosso corpo, a gente tem que cuidar dele, porque a gente vai passar o resto da vida com ele. Então, o meu corpo é minha morada, eu vou cuidar dele do jeito que ele merece ser cuidado e, com isso, eu vou ter uma saúde boa e não adquirir doenças. E, se adquirir doenças, são coisas que é pra ter, entendeu? Por exemplo, o câncer: ninguém escolhe ter um câncer, só vai e tem um câncer, entendeu? E, pra mim, saúde é isso.

L: É...

M: Não sei se eu respondi à pergunta.

L: Tá. Não, é como eu disse: não tem resposta certa nem nada, é só a tua percepção. É... tu consegue visualizar relações de saúde dentro do Slam da Quentura, por exemplo? Se, assim, consegue... Se sim, o que seria? Não sei...

M: Em saúde?

L: É. A tua percepção...

M: Saúde, questão geral?

L: É. O que você vê...

M: Tanto mental quanto...?

L: Isso. Envolve tudo.

M: Pronto. Saúde mental. Saúde mental... O Slam, ele é um abre-portas muito grande pra saúde mental. Essa menina de 13 anos, ela... ela é slamer do Slam das Cumadi. A primeira vez que ela recitou foi no Slam das Cumadi. E agora, na edição de quinta-feira, ela disse que tava começando com uma depressão e... já tava se cortando, já tava se mutilando... Aí foi quando a Cacheada, a Cacheada Santos, que já é conhecida e... as meninas do Slam... ela falou que a Cacheada e o Slam das Cumadi foi uma abertura pra ela, pra ela... espaiar a mente dela e deixar isso pra trás. E hoje ela tá aí, recitou quinta-feira e recitou aqui. E isso me deixou muito feliz, porque ela tá preservando a saúde dela, o corpo dela, a mente dela, entendeu?

L: Se expressando...

M: Isso! Se expressando da maneira dela, entendeu? É do jeito dela. Às vezes, ela tá lá no Slam – ela já recitou outras vezes -, ela trava, ela ri e... depois volta de novo e é lindo de ver. Uma menina de 13 anos fazendo isso tudo e ainda cuidado da mente dela! Ela vai se tornar um mulherão da porra! E o Slam, pra mim, é isso: é uma... é uma saída pra... pras doenças mentais, com a ansiedade, depressão.

L: Inclusive tem muitas poesias, também, né?! Muitos... relacionados a esses...

M: Relatos...

L: Relatos de ansiedade e depressão. Inclusive hoje, né?!

M: Inclusive hoje. É porque é uma coisa que atinge muito a sociedade. A ansiedade, depressão... As pessoas levam à brincadeira e não é. Até o presidente leva na brincadeira.

L: O que ele não leva, né?!

M: É. O que ele não leva?! Uma criança, como foi dito hoje, também.

L: Uma com poder. Muito poder.

M: Isso.

L: Infelizmente. É... A última pergunta: é... o que é juventude pra ti?

M: Juventude? Juventude, pra mim, não tem idade. Juventude é um processo de... é... saber viver. Sabe? Tem... não sei se você veio na edição passada, do Slam da Quentura, que teve uma senhora, que ela foi uma...

L: Uma jurada.

M: Ela tem uma juventude incrível, aquela senhora! Da maneira que ela se expressa, da maneira que ela ama a filha dela, ela sai pra conhecer esses eventos, sabe? A juventude, pra mim, é isso: é você ter alegria de viver, alegria de tá presente, de tá lutando contra o sistema opressor, de tá resistindo e fazendo mais pessoas resistir. Tem Angela Davis... Angela Davis, Marielle Franco... morre... a Marielle Franco morreu jovem. Uma vida inteira pra viver. Era... a Marielle Franco dava entrevista dizendo que era funkeira mesmo, quando era mais nova, ia pros baile funk e até.. até então, ela ia fazer isso. Só que aí teve a vida tirada, arrancada e sua juventude acabada, entendeu? Acho que a gente deve sempre ter esse... essa questão da juventude: de lutar e resistir, sabe? E ser feliz, igual a gente faz.

L: o Slam faz?

M: Isso!!! Igual o Slam faz. A gente vem pra cá, parece que a gente tem... deixa eu ver... 10 anos de idade, se diverte pra caralho, entendeu? Mas a gente... ao mesmo tempo que a gente se diverte, a gente luta.

L: Sim.

M: Isso é o interessante do Slam. Ao mesmo tempo que... O Slam não é rolê, como os meninos falam, mas, pra mim, o Slam é uma felicidade. Eu passo a semana toda

trabalhando, aí no sábado tem Slam. Aí é minha... é meu local de fala. É onde eu vou lá me divertir e lutar. Eu me divirto lutando, entendeu? E é isso.

ENTREVISTA NETO

L: A primeira pergunta é só pra tu falar mais sobre um pouco da tua história, pra te conhecer melhor, como é que foi tua infância, adolescência, se morou aqui desde sempre, dar uma visão geral.

N: Eu nasci e me criei aqui, quando eu era jovem, criancinha, eu morei aqui no Dom Expedito por um bom tempo, brincava muito por aqui, minha infância foi aí. Depois fui morar pelo Parque Silvana, na casa da minha vó com meus pais, até eles construírem a casa deles. Aí morei uns quatro anos na casa da minha vó, num quarto pra cinco pessoas. Depois o pai comprou a casa e a gente se mudou pro Recanto, aí morei no Recanto até começo de 2018, foi quando eu me juntei e vim morar aqui, mas minha infância foi basicamente coisa de menino eu era muito pra brincadeira. Conheci a arte muito cedo, tanto que sou filho de atores, meu pai e minha mãe são atores.

L: Eles atuam aqui em Sobral?

N: Minha mãe era acostumada a fazer Paixão de Cristo e espetáculo no começo do Theatro São João, eles faziam os espetáculos. Meu pai trabalhou no Theatro, aí foi onde eu me aprofundei mais a querer conhecer teatro. Eu tinha na base dos oito anos de idade, eu vivia dentro do Theatro São João, aí foi quando a gente começou Paixão de Cristo... aí

me joguei pro mundo do teatro, comecei a querer estudar teatro, comecei a buscar oficinas, buscar coisas e fazer espetáculos. Fiz espetáculos com o pessoal da bagaceira, hoje em dia faço parte de uma companhia de teatro aqui de Sobral, que é a Primeiro Ato do Anderson Vasconcelos, sou ator dele e trabalho também com o Martonio quando aparece alguma coisa. Eu gosto muito dessa coisa de infância, de brincadeiras.. porque como eu me criei assim, sempre tive horário pra entrar pra dentro de casa, quando dava nove e meia o pai assobiava e tinha que entrar pra dentro de casa, pra não se perder no mundo, como dizia antigamente, pra criança não ficar muito tempo na esquina e não aprender coisas erradas, então tudo que eu sei hoje agradeço a meu pai. Meu pai faleceu em 2017, foi quando eu comecei a escrever mais, eu escrevo desde 2013, só que eram poesias mais curtas, poemas curtos e não mostrava a ninguém, tanto que eu perdi o caderno de poemas. Comecei a escrever quando eu estudava no Liceu, aí foi quando eu conheci a poesia marginal, através do Slam Resistência. Um dia tava no facebook e vi um vídeo de um poeta, não recordo o nome, vi e comecei a buscar, "esse lance dessa poesia é massa, esse estilo". Eu comecei a escrever trazendo algumas coisas de infância, de família, a minha infância pro texto, e quase todos os meus textos são baseados em infância e acontecimentos meus e dos outros, por conversas que eu tenho durante noites e noites bebendo com os outros, e sempre surge alguma coisa. Eu gosto muito de escrever entrelinhas, eu não gosto de mensagem dada, gosto de mensagem na entrelinha, que é pra pessoa escutar o texto várias vezes pra depois entender o real sentido ou porque eu escrevi aquele texto, então é basicamente isso. Tem coisas que vai e volta em um texto meu que é basicamente "eu não sendo eu", é basicamente isso que eu gosto de escrever. E, como a minha infância foi bem agitada, eu busquei o teatro pra eu não perder a minha infância, porque o teatro dá 'N' possibilidades pra você fazer, então acho que é basicamente isso, o teatro hoje é basicamente o que eu respiro.

L: ... começou na infância e foi pra adolescência, né?

N: Isso, foi pra adolescência. Fiz muito casamento de quadrilha, muitos personagens do meio junino. Depois de 2017 pra cá eu comecei a dirigir casamento de quadrilha e, de vez em quando, eu ajudo meu irmão a escrever casamentos quando ele vai vender algum e ajudo ele na parte mais cênica.

L: Teu irmão também é ator?

N: É, meu irmão também é ator e minha irmã é bailarina e atriz. Então são cinco componentes da família voltados à arte. A gente brinca, sempre gostamos de brincar dessa coisa de teatro dentro de casa. Brincar de fazer voz, eu gosto muito de fazer vozes... então, eu acho que a arte liberta muito, foi o que me salvou de muita coisa. Eu achava que eu conseguia escrever só quando eu fumava, quando eu usava as paradas e depois eu me reinventei, descobri que não era a erva que me trazia textos e sim eu, mesmo estando sóbrio, estando normal, o texto viria, porque quando é pro texto vir pra pessoa, ele aparece do nada. (recorte de repetições de fala - 06:30)

L: Tu falou do Slam Resistência, né? Foi o teu primeiro contato com os Slam's?

N: Foi meu primeiro contato.

L: Como tu se deu com o Slam da Quentura?

N: O da Quentura... eu fui assistir a segunda edição... não, foi na primeira edição, mas só fui como público, fiquei mais acuado no cantinho, vendo com os meninos e tudo, mas o meu primeiro texto que eu recitei mesmo no Slam, foi na segunda edição, foi quando o Hans (não sei como escreve o nome) faleceu e me surgiu um texto, disseram que iam fazer homenagem à ele, não tive muitos contatos com ele, mas dos contatos que eu tive me veio um texto, escrevi esse texto e falei "vou fazer esse texto lá, em homenagem". Ninguém nem me sabia que eu recitava, os meninos nem me conheciam como recitador. Eu peguei, recitei esse texto para o Hans e recitei outro texto meu no mesmo dia. Até digo que o texto do Hans não era meu, porque o papel que eu tinha escrito, eu perdi, a gravação que tinha o Vicente nunca achou, aí digo que o Hans levou o texto pra ele. Então voltei a sempre participar, e na terceira edição aconteceu outra tragédia, foi o homicídio contra Dandara e me veio outro texto, que é o texto mais conhecido meu. Então quando me surgiu... até hoje eu recito ele, eu acho que toda vez que recito, ele se reinventa. Eu não disputava, nesse dia só pedi o palco aberto e recitei, e foi quando o pessoal começou a me conhecer mais e continuei indo, levava texto e não ia pra disputa no Slam. Eu disputei o Slam na sexta edição...

L: Uma coisa que eu percebi também, tu geralmente não vai pra disputa.

N: Não... eu não sou muito fã de disputa, certo que não é bem uma disputa assim.. mas eu não sou fã. Aí eu disputei na sexta e ganhei, e continuei fazendo textos. Eu lia, uns eu recitava e perdia... fui pra final, foi o tempo que faleceu o meu pai, em junho de 2017, aí foi quando eu comecei a escrever os textos mais voltados à... como eu posso dizer? ... o meu ápice da loucura, que eu pensei que eu ia chegar quando perdi meu pai. Foi quando eu comecei a rabiscar textos, pra eu poder me libertar, poder superar e levar a vida. (Conversa com outra pessoa) Comecei a escrever sobre meu pai e fui pra final, né? Fui fazendo um texto em cima de uma música que eu gosto muito, que é do Belchior, Na hora do almoço. Eu fiz voltado pra minha família e pra toda família brasileira, que vive no séc. XXI voltada à era da tecnologia. Então, o Slam me ajudou muito nessa superação. Esperava o último sábado do mês pra poder escutar poetas, as pessoas gritando a sua dor. Acho que é a mensagem mesmo do Slam, dar voz de grito pra pessoa tirar o que guarda e não conta pra ninguém. Então o Slam trouxe muito essa coisa de você poder ir lá, você tem aqueles três minutinhos pra ir lá e ler seu texto, soltar a voz e tirar aquela coisa escura que tem dentro de você. E, o Slam cara... o Slam da Quentura hoje em dia, pra essa rapaziada que tá chegando, tá ajudando muito. Gosto de conversar com o PH, a gente... Eu entrei num consenso com o Pê, toda vez que eu chego lá no Slam, , eles dizem "Bora Neto, tu vai pra disputa?" Eles gostam de ficar cutucando, pra ver se eu disputo, e eu "Não Pê, não vou mais disputar", porque eu queria ver outros poetas nascerem, e a gente começou um negócio de "apadrinhamento". Foi com esse negócio de apadrinhamento que os novos poetas que surgiram criaram mais gás. Teve um episódio de quando eu fui apadrinhar o vegano, a gente tava bebendo aqui na Margem perto do Largo das dores, e eu "Vegano, eu vou te apadrinhar". E o Vegano foi uma das coisas mais fortes que eu senti, foi quando o vegano começou a me abraçar e chorar de felicidade por eu apadrinhar ele, e eu "Que é isso? Eu sou um mero escritor" e ele: "Não, Neto. Os teus textos me trazem referência". Ali eu vi que os meus textos chegavam em alguém que queria escutar minha voz né, de lá pra cá eu digo que eu não faço texto pra agradar todo mundo, se eu agradar uma pessoa no meio de mil, pra mim meu dia já tá salvo, minha poesia já valeu aquele dia. Então, eu gosto muito de quando eu tô fazendo a poesia, olhar as pessoas e ver se tá chegando alguma mensagem pra elas. O último texto que eu fiz agora, eu não tinha escutado nada do Slam, aí o Di (?) pegou e começou a ler essa poesia que tinha mandado

pra ele revisar, aí ele: "Neto, essa poesia é muito linda!", me agradeceu e pronto. Eu disse que aquela pessoa naquele momento chegou pra alguém. Eu gosto sempre de fazer textos e mandar aos meus amigos, pra eles verem logo, dar um feedback, dar uma lida. Meus textos são 'texto e corpo', então é o que eu acho primordial pra quem vai fazer uma poesia no Slam, tem que ter corpo, a performance, porque... nem é muito grande e também não é muito pequeno. É rosto e um corpo pra levar a mesma mensagem que o texto tá dando, você não pode fazer movimentos avulsos, como eu vejo muitos. Até tava conversando com as meninas do Slam da Cumadi que, o delas tá ganhando uma proporção muito grande, mas as meninas em si, elas não tem o trabalho de voz como tem o pessoal do Slam da Quentura. Como o pessoal vê muito a gente e os meninos que têm a voz mais ativa e mais ampla de teatro de rua, na verdade, tem que ter a voz de teatro de rua pra fazer o Slam, o pessoal vai ficando mais desinibido. Agora aqui não, aqui tem muito som quando elas vão fazer, e as meninas não têm voz, eu acho que a gente tem sempre que buscar oficinas pra esses Slam's novos, pra gente dar a experiência da gente e fazer alguma coisa pra ajudar eles... no movimento, em voz, na performance.

L: Eu percebo que, não sei se é o dia, mas geralmente tem um tom mais baixo...

N: É, uma voz mais pra dentro, que não joga a voz... e, quando você não joga a voz, vai ter uma pessoa lá atrás que não entende uma palavra. Se não entende uma, duas palavras, você já perdeu a poesia. Aquele sentido da frase foi perdido, então a gente tem sempre que buscar isso. No começo do Slam, a gente tava com as propostas de fazer sempre oficinas, até que tinha rodas de conversas, essas coisas, então.. acho que vamos ver se ainda esse ano, até vou conversar com os meninos do Fora da Métrica, pra gente fazer oficinas pelo menos com esses meninos pelo menos pra final. Como tem gente de outros lugares, a gente tem que trabalhar com os nossos. Não é desmerecendo os outros, mas favorecendo os nossos. A gente quer que os nossos vão pro Brasil, a gente tem que ajudar eles a ter a voz ativa pra chegar lá e fazer bonito. No Slam BR tem o microfone, outra coisa que eu não acho legal, porque com o microfone na mão já se perde performance. Já é outra coisa que tem que trabalhar com quem vai pro Slam BR. Ajudar eles e eles nos ajudarem, né? Porque a gente dando oficina, como eu do teatro, eu aprendo mais do que ensino. Você sempre vai aprendendo mais do que ensina. Eu vi uma expressão facial no Vegano.. me trouxe um aprendizado tão grande de dor, de grito... que, eu tava disse a ele, que naquele momento eu fiquei estático, parado, só olhando no fundo dos olhos dele e tentando ver a alma dele, o que a alma dele queria dizer. Então, a gente vai aprendendo, a cada edição a gente aprende mais com esses meninos. Graças a Deus que esses meninos estão crescendo mais e mais, estão conseguindo construir textos, longos ou curtos, que tenham ideia, que tenha um tema voltado à poesia marginal em si. Eu acho sempre legal a pessoa fazer essas coisas, mas sempre digo aos meninos que, não dê a mensagem direto no marginal, porque quando você dá direto, você vai repetir a poesia outro dia e a pessoa vaia char chato, porque já escutou uma vez. Agora, quando você não dá toda a mensagem, você faz entrelinhas, a pessoa vai escutar outra vez e vai entender alguma coisa diferente, alguma outra mensagem ela vai levar. Então é sempre bom a gente se reinventar em performance e sempre escrever entrelinhas, acho que é primordial pra fazer poesia marginal hoje em dia.

L: Tu já chegou a mencionar, mas assim, pra ti, qual o objetivo do Slam da Quentura?

N: O Slam da Quentura, o objetivo real é dar voz e vez. Dar aquela voz à pessoa e o silêncio pra ela saber que tá sendo escutada. O foco mesmo, a missão do Slam é dar voz a pessoa,

se sentir parte do mundo, gritar, remoer tudo que tá dentro dela através de um texto e jogar para os outros escutarem e aplaudirem no final. Acho que essa é a mensagem, pra pessoa se sentir também valorizada em meio ao caos que ela vive.

L: O que significa o Slam pra ti?

N: Cara, o Slam pra mim... Hoje em dia quer dizer minha vida, bicho. É minha vida. Vida que eu sempre quis gritar. Nunca fui um cara muito de conversar sobre o que eu tava passando, então o Slam também me deu voz, me deu vez, me fez eu ser conhecido em Sobral. Era conhecido por espetáculos, mas em um grupo seletivo de pessoas. Era só quem ia ao teatro ver os espetáculos da companhia. O slam não, quando eu vejo uma pessoa compartilhando um vídeo meu, cara... A felicidade é enorme, reconhecimento lá em cima que o Slam me trouxe. O PH é que brinca dizendo que eu tenho que ir pra um brasileiro, e eu: "Não PH, tem poetas melhores que eu pra ir num brasileiro". Na vez que a Sabrina foi, ele queria insistir pra eu ir nesse brasileiro, aí eu: "Não Pê, eu acho que a pessoa que está preparada pra ir pro brasileiro é a Sabrina Sá. Mande ela ir, que ela tem mais poesias, tem mais coisas, tá com uma performance boa, pra ela dar o gás, ela tá no gás, então faça ela ir". A gente fez uma votação no messenger, fizemos um grupo pra decidir quem ia e todo mundo: "A Sabrina". Pronto! Quando a Sabrina voltou você via o que o Slam tinha feito por ela. A Sabrina voltou uma pessoa mais louca do que ela já era, no sentido bom da palavra.

L: O que seria esse sentido bom?

N: Cara, tudo pra mim é louco ou é bruxo, porque quando você chega no ápice da loucura de tudo que você vê, você consegue transparecer melhor as coisas. A gente pensa que a pessoa louca, ela não entende tudo, mas tudo ela entende. Só que às vezes ela desfaz alguns pensamentos, ela transforma aquele pensamento que ela achava que era positivo em negativo, e o negativo em positivo, pra ela mesma. Então, eu acho que isso é ser louco, do ruim que você tá tendo, você desfaz e faz aquela mensagem virar boa. Você passou a ser louco nesse mundo. Quando ela voltou... ela foi com gás, mesmo não tendo passado na primeira fase, ela se 'retransformou' numa energia mais positiva ainda pra continuar aquele negócio, continuar fazendo poesia. Acho que é isso o Slam pra mim, é vida mesmo. Vida pra mim e acho que pra muita gente, muitos poetas hoje em dia. Muita gente espera o último sábado do mês, que pergunta quando é.. eu acho massa quando a gente tá em rodas de bebida, de conversa, e as pessoas perguntam: "Ei, quando é que vai ser o Slam?". Eu acho muito massa, a pessoa chegar e perguntar. Gente de outros lugares... de Fortaleza... o pessoal de Fortaleza sempre gosta de assistir o Slam, tem gente que vem de fora, gente que vem de Camocim. Um cara que eu conheci, ele já conhecia o Slam e eu tava no Maceió num luau, e do nada, aquele cara chegou na roda pra beber coma gente e disse: "E aí cara, beleza? Eu te conheço", "conhece de onde cara?", "do Slam da Quentura, te vi num vídeo na internet" (recorte da conversa / 25:18 - 25:28). E ele: "Não cara, eu sou doido pra trazer o Slam aqui pro Camocim", e eu "Cara, ajuda muita gente. A gente vê alguma proposta pra trazer alguns poetas no começo, fazer poesias, falo com os meninos... só ver onde a gente vai ficar hospedado que a gente vem, cara", aí ele "Ei macho, gosto das tuas poesias, aquela tua da Dandara", foi quando eu subi num barco, foi o Dandara mais louco que eu fiz, eu tava muito alcoolizado, mas o Dandara saiu de um jeito que... Foi lindo, macho. Em cima do barco e comecei a recitar Dandara. Tava ele e mais dois amigos lá fumando. Quando terminei tava a menina chorando, pronto, aquele ali eu ganhei a noite na praia. Depois sentei perto deles e comecei a recitar poesias, acho

também massa chegar em qualquer lugar e recitar poesias. A gente tá até criando mais esse hábito, se juntar aqui na margem, bebendo e fazer poesias, performances... um ensaio e chegar em outras pessoas.

L: Com o Slam, teve mudança na tua vida? A partir do momento que tu foi pro Slam, teve mudanças no teu cotidiano? O que seriam essas mudanças, o que mudou...

N: Cara, teve em relação a vir textos. Quando eu não tava no Slam vinha um texto por semana, por mês.. e quando eu comecei a fazer parte do Slam, com a cabeça voltada a fazer poesias marginais... eu trabalhava nesse tempo lá na bilheteria do metrô, e eu começava a vender passagens e me vinha textos, eu me pegava muitas vezes a pessoa querendo comprar passagem e eu rabiscando texto pra não perder a ideia. Então, ele me trouxe mais mensagens em qualquer hora, qualquer momento da minha vida vem um pensamento, eu sabendo que dá poesia e às vezes porque não tô com papel. E ele me deu mais liberdade, de viver, de falar.. liberdade de entrar em alguns espaços. Já fiz poesias no Quintal da Poesia, poesias que fiz no Slam e hoje em dia eu também não faço mais por conta de particularidades que aconteceram nesses eventos. Já me fez entrar na Faculdade Luciano Feijão que, eu posso até fazer de novo, mas quando for em um evento externo, estacionamento da faculdade, porque adentrar na faculdade me trouxe... não vou chamar de trauma... mas, uma energia muito negativa. Tava eu e a cacheada, pra fazer o negócio da Layse e, eu vi muitos olhares preconceituosos pra gente. Eu tava num estilo que eu gosto de andar, tava de bata branca e, quando eu cheguei já senti uma energia... "O que esse cara tá fazendo aqui?", "Esse preto vestido de macumbeiro"... a gente vê nos olhos das pessoas. E eu acho que, não foi um trauma, foi um aprendizado. Depois me chamaram pra fazer no INTA e eu disse que eu não iria, porque eu ainda tava traumatizado desse negócio. É muito burguês... ou gente da classe média baixa querendo ser da classe média alta. Querendo criar padrões que não é a vida, que é se maquiando.. acho que o Slam também me fez conhecer meu lugar. Meu lugar é em qualquer lugar. Agora, tem locais que pra você entrar, você tem que tá com o psicológico muito forte, muito bem, porque se não você cai na bad, num tempo ruim. A gente até diz que muitos desses evento me fez parar de escrever. Fiz uns eventos pra prefeitura que, a gente faz as poesias e ninguém dá atenção, isso... As pessoas só queriam saber de conversar, mexer no celular e você na frente fazendo poesias, em eventos pra poucas pessoas, e isso vai lhe dando um bloqueio. Você se pergunta: "Porque que eu tô escrevendo o texto se ninguém quer escutar?" e eu passei muito tempo sem escrever. Eu voltei a escrever agora, esse texto que eu fiz no Slam, eu passei seis meses sem escrever. A gente sempre fala que nunca vai se aliar com a prefeitura porque eles privam muito a gente. Tem gente que quer gritar com o prefeito, não posso me aliar à prefeitura se tem poeta que quer gritar com a prefeitura, porque querendo ou não vai chegar uma hora que eles vão dizer: "Esse poeta não vai poder fazer essa poesia", então pra quê a gente vai tá fazendo poesia marginal? Se vai ter um momento que uma pessoa vai dizer o que você pode ou não falar, lhe amordaçar? Então, eu sempre falo que faço eventos quando me chamam e quando tem cachê. Não faço mais só pra levar o meu nome, que nem o nome do Slam, quando a gente faz eventos não pode levar o nome do Slam, sempre a gente leva o Fora da Métrica, que é o coletivo. Então, eu levo o meu nome, "É o Neto Duarte e você vai ter que me pagar cachê", eu não faço mais eventos por amizade, porque isso lhe traz consequências depois, porque quando você precisa da amizade que você criou com a prefeitura, ela diz um não bem rapidinho pra você. Então, isso eu deixei mais de lado. Isso também o Slam que me trouxe, me trouxe aprendizados pra conseguir viver nesse mundo de democracias, o democrático que se diz. A pessoa que eu sou hoje, eu digo que quem me construiu, foi o Slam. Essa pessoa sempre mais calma e

sempre sabendo mais escutar a dor do outro. Muitas vezes a pessoa só quer conversar, cara. Eu pergunto se depois da conversa que eu tenho com a pessoa, se eu posso fazer da história dela um texto. Eu pergunto, porque sempre em textos meus vêm histórias de pessoas que me contaram. Histórias quebradas que lá no final se juntam e elas dão um texto. O Slam também me trouxe isso, as pessoas se dão a liberdade de falar comigo, poder conversar. Tem hora que as pessoas só querem conversar mas, não tem coragem. Tem vezes que a gente vem beber por aqui, a pessoa tava no Slam e não teve coragem de falar com você, e quando você tá bebendo ela pega e quer conversar. As pessoas pegam e se dão liberdade de conversar ali, se sentem acolhidos. Eu acho que nisso o Slam tá fazendo bem a muitas pessoas, tá tirando muita energia negativa, por isso o pessoal espera o último, pra descarregar aquela energia negativa e ver que todo mundo ali é uma só família, uma só união.

L: Agora é uma pergunta saindo um pouco dessa linha Slam, mas ao mesmo tempo tá relacionado ao Slam. É... o que é saúde pra você? Na tua percepção, o que seria saúde e o que seria doença?

N: Cara, saúde... Saúde é estar bem consigo mesmo e com os outros. Você estar saudável. Aquele pessoal... "saúde é só a saúde do seu corpo", eu com o meu corpo, órgãos, estrutura esquelética do meu corpo, ela não é saudável. Eu sinto dores demais, mas a minha saúde mental (pausa conversa com outras pessoas - 37:06)... A saúde do meu corpo não é legal, eu tenho uma dor na lombar que não passa, mas quando a minha saúde mental tá legal, tem dias que não tá legal por conta do mundo em si, tem dias que tá muito pesado e são os dias que eu fico em casa deitado assistindo filme, quando eu não tô muito legal não gosto nem de sair, mas quando eu tô só com dores mas a minha mental tá legal, pra conversar caso eu esbarre com alguém ou se eu mesmo precisar e consiga conversar, eu saio. Mas quando minha saúde mental não tá legal eu não saio. Então saúde pra mim é isso, você estar bem não por completo, mas em alguma parte você se sint legal pra fazer alguma coisa, porque tem muita gente que vive acamada mas com a saúde mental linda, que escreve coisas e conseguem transmitir mensagens, trazer uma conversa. Certo que a gente tem que cuidar da nossa saúde corporal, pra viver mais alguns anos, porque só com a mente você não vive, então tem que cuidar do corpo. É isso. Eu gosto de me alimentar bem, mas não tão bem, porque eu não tomo café da manhã e, segundo os estudiosos, nutricionistas, o café da manhã é a principal refeição, então eu já não gosto, prefiro esperar o almoço. Junto meu café e almoço e me "farto", pego minha boa bacia, pego meus legumes, meu feijão e como. Então, eu acho que eu tento nutrir meu corpo do jeito que eu posso. Acho que é isso saúde. (N: Qual foi a outra? / L: Doença. O que é doença pra ti?) Cara, doença também é.. ou é corporal ou é mental, porque é o que a gente mais... as doenças mais pesadas do mundo são as que estão na sua mente, quando você está com depressão, então é a doença que mais mata hoje em dia. O câncer mata muita gente, mas o câncer todos nós nascemos com ele. Então, só em alguém ele vai se manifestar, num grupo de pessoas ele vai se manifestar, mas a doença mental todo mundo nasce com ela e em alguém vai se manifestar, e quando se manifesta é mais difícil curar do que um câncer, porque quando um câncer é benigno, cê faz umas sessões de radioterapia, quimioterapia, e você consegue matar aquelas células, e quando a gente tá com depressão? Qual o remédio? Você vai passar o resto da sua vida tomando comprimido e indo à psicólogos. Quando dá crise você pode cometer suicídio, se acabar sozinho, né? Porque, como o pessoal gosta de dizer, depressão não é doença. Então, doença é tudo aquilo de ruim que existe no mundo. O presidente é uma doença, bicho. Pra mim, o presidente é uma doença. Um significado pra doença é o presidente. Ele leva o mal à um grupo seletivo de pessoas,

então querendo ou não, ele vai acabando com o corpo da galera que vai às manifestações, então desgasta o corpo e desgasta a mente, pra poder lutar contra aquela doença. Então, todo o ciclo (círculo? não entendi) do mundo é voltado de doenças, só que algumas se manifestam em você. Então, doença pra mim é isso, é algo que vai chegar em você, em alguma parte que vai lhe fazer mal. Sendo mental ou sendo corporal.

L: O que é que leva essas doenças a se manifestarem, por exemplo, a depressão?

N: Cara, agora tu me pegou, o que leva à depressão...

L: Não, o que tu acha. Tu disse que todo mundo nasce.. vem com essa ideia de doença e em algumas pessoas se manifesta.

N: Eu acho que é... É traumas, bicho. Tem gente que, da própria sociedade, tem gays/homossexuais que manifestam depressão por conta dos que apontam o dedo. Se tornam frágeis e, quando uma pessoa aponta o dedo, a pessoa não consegue levantar a cabeça e isso vai lhe trazendo energia negativa, quando você vê caiu em depressão. Eu acho que é basicamente, o mundo que te aponta o dedo, em alguns casos ou traumas que tu levou na infância, como muitas jovens abusadas na infância e depois cometem suicídio, porque caíram numa depressão e não conseguem estar na mesma casa que aquele cara. Então, eu acho que é isso, a sociedade em si que manifesta em algumas pessoas a depressão. Tinha dias que eu achava que ia virar depressivo, era tanto dedo apontado na minha cara, por ser preto e vir da periferia, entrar em espaços e o pessoal ficar olhando pra sua cara. Eu achei que tava tão carregado de uma energia negativa... e eu: "Não vou cair!". Pegava, saía e ficava num canto isolado meditar, só eu e Deus. Ficava aqui meditando, na minha, de boa, pra poder repor as energias. Pra mim, ir pra lugares isolados é a melhor coisa. Tem dia que eu me acordo dentro do mato, eu bebo (bêbado) em dias que eu não quero ir pra casa, quando tô muito carregado, eu pego a moto e vou lá pra beira do rio fico lá sozinho tomando banho de rio. Vou pro rumo da serra, fico no meio do mato, tem vez que eu durmo e quando eu acordo eu tô dentro do mato, no matagal. Pra poder repor as energias perante essa sociedade que te aponta dedo demais... pra mim não cair nessas doenças, nessa depressão, porque quando meu pai faleceu, que também é coisa do mundo... coisa de Deus. Eu pensei que eu ia entrar em depressão. Eu passei três mês só na abstinência, só usando as coisas, tomando tudo que eu podia, tudo que eu via na minha frente. Passei três meses mesmo no buraco, no fundo do poço. Eu pensei: "Não, vou cair em depressão...". Até que um dia, eu sonhei com meu pai e, no sonho, eu ia dar um baseado pro meu irmão e meu pai chegava por trás e batia na minha mão pra derrubar. Aí, aquela mensagem ali foi dizendo que eu teria que parar com tudo pra poder não cair... não chegar, literalmente, ao fundo do poço. Ali eu vi que era a hora de eu me reinventar de novo e conseguir viver sem esse pedaço de mim. Todo dia eu vou tentando me reinventar e, toda semana, eu sonho com o pai me mandando algumas mensagens pra eu conseguir levar a vida. Tem dias que dá uma falta, bicho, que eu digo: "É... poderia tá fazendo outra coisa". Nunca passou pela minha cabeça suicídio, graças a Deus. Também não tiro a razão de quem pensa em suicídio, só precisa da ajuda, tem gente que não tem ajuda. Acho que é isso.

L: Nas atividades que o Slam faz, a disputa poética, roda de conversa... Nas manifestações que acontecem naquele momento, ou antes aquele momento ou após aquele momento, tu vê relações com saúde ali? Se vê, quais tu poderia dizer?

N: A saúde mental em si, né? As pessoas podem conversar, falar suas dores, descarregar... descarregar por conta de dar voz e vez à pessoa. Em rodas de conversa, um fala e o outro escuta. Então, dá a saúde mental pra você ver que existem pessoas educadas no mundo, pra você se sentir parte daquilo. Eu acho que o Slam traz sim saúde aos outros, saúde mental. A corporal... acho que poderia fazer algumas outras coisas pra ajudar na corporal do pessoal, tipo, poderia propor alongamentos pra pessoa.. que eu acho primordial pra vida da pessoa, o alongamento. Tem dias que a pessoa não consegue dobrar a perna direito, dá câimbras e tudo, então eu acho que poderia pelo menos fazer umas brincadeiras pra poder alongar. Como a gente passa ali umas duas horas sentados, a posição vai ficando chata e vai lhe fazer mal em algum momento, porque ninguém senta com a coluna reta ali. Acho que poderia ver umas possibilidades pra fazer umas oficinas de corpo pra ajudar os meninos.

L: Eu percebi que tem muitas poesias fortes em relação à saúde mental... falam sobre ansiedade, sobre depressão, vejo muito dessa relação expressiva na poesia. Você já chegou a fazer alguma poesia relacionada a alguma questão de saúde sua?

N: Não, minha não... Até sim... Porque, na hora do almoço minha, ela é mais voltada pra família, mas é voltada ao meu psicológico, por não ver muitas conversas... tem dias que eu tô em alguma roda ou comendo na na casa da minha vó, na casa de algum primo, tia... E não vejo o pessoal, na hora do almoço, conversar ou pelo menos só comer... Só olhar o prato e comer, se fartar... Isso me trazia muita revolta até eu escrever esse texto, que diz que, a irmã não olha pro prato... Ela só quer saber do celular. Quando eu me sento pra almoçar, eu posso até tá assistindo televisão, mas a minha concentração tá na comida... Em mastigar, engolir... Não aleatoriamente eu dar uma colherada e pegar o celular, mandar uma mensagem e depois que eu vou lembrar que tô almoçando. Acho que isso eu quis trazer na minha realidade da poesia, pra fortalecer a minha saúde mental. Outra poesia que eu tenho que, não é minha, mas... Minha é, não é... (L: Não representa a sua história...) É... Foi uma que eu fiz pra um rapaz que cometeu suicídio, ele estudava lá no Estadual, e uma ex-namorada minha me pediu pra escrever, porque a saúde mental dela tava ficando pesada com aquela situação, ela queria gritar e não conseguia. Ela pediu pra eu fazer uma performance dentro da escola dela, porque ninguém estava dando importância ao suicídio do rapaz que estudava lá. Então, ela pediu pra eu fazer e vi que depois do dia que fiz, a saúde mental dela melhorou... O psicológico dela melhorou depois dessa intervenção. Foi quando eu vi que também poderia gritar pelo outro. Tem umas coisas também do meu pai que eu fiz... Que era pra minha saúde mental, pra eu poder ter lembranças boas... Para também não cair na depressão.

N: O que é juventude pra ti?

L: Cara, juventude não tem idade. Mas... A juventude existe em um período que precisa ser mais trabalhada. São jovens que entram e saem de mundos, por influências ou não influências. Então, juventude em si... Juventude é conhecimento. É o período que você tem a conhecer, é na sua juventude. Então, todos nós somos jovens. Não importa a idade, sessenta anos... Se você tá conhecendo alguma coisa, você tá no ápice da juventude. Tem gente que consegue escrever depois dos cinquenta anos, então ali ela tá vivendo a juventude dela, o que ela queria ter feito quando jovem, mas não tinha a liberdade de expressão. Juventude é isso, você ter a liberdade de expressão, se expressar... Se o jovem quer dançar, deixa dançar. Se o jovem quer cantar, deixa cantar. Se o jovem quer usufruir de alguma droga, deixa usar! Mas ele tem que botar na cabeça dele que tudo é passageiro.

O ruim da juventude de hoje é que não vê as coisas como passageiras, acha que a coisa tem que ser levada pra vida toda. Então, eu acho que juventude é isso... É se permitir, mas não ultrapassar tantos limites de si mesmo.

ENTREVISTA REH

L: São algumas perguntas, tá? Bem livre... A primeira, mais é só pra tu contar tua história de vida e tal... tua infância, adolescência... de forma rápida mesmo, só pra gente te conhecer um pouco, entender um pouco tua história e tal...

R: Cara, é... eu sou a Reh. Rivânia, mas me chamam de Reh. Uma história bem resumida e tal... Desde quando eu me entendo por gente, eu sei que eu sou adotada e... eu falo abertamente sobre isso... Só que... no começo isso me deixava muito retraída... eu tinha problemas com isso... é o que faz parte da minha história: eu ser adotada. Aí, eu ouvia muitas críticas. Só que eu fui crescendo... desde sempre eu entendi que eu era assim... e eu gostava, porque eu agradei minha família, né... minha mãe, principalmente. E... eu fui crescendo, fui abrindo mais a minha cabeça, assim... Hoje, é... eu sempre fui bem centrada em questões de estudo, terminei. Só que hoje, eu... depois do ensino médio, eu parei, comecei mais a pensar: “o que eu quero ser?”. Pensar mais na vida... aí eu mais levada, é... às paradas de arte. Eu me identifico mais com arte, me comunicar com as pessoas... apesar de antes eu ser bem fechada. Já passei, também, por depressão, de me cortar e tal... muitas paradas. Só que hoje, até o poema que eu recitei, me fez ser o que eu sou hoje. E... hoje, eu me considero artista (gritos 1:49). Tudo que é movimento eu tô querendo vir entrar, só pra acrescentar e, também, fazer parte de experiências e somar... e isso...

L: Como é que foi o teu contato com o Slam da Quentura?

R: Cara, o meu contato com o Slam da Quentura foi assim que surgiu. Veio a ideia, o PH veio, aí não sei se foi coincidentemente, ou se foi marcada uma reunião, eu não me recordo. Aí ele pegou e deu a ideia: “gente, olha, eu tô com uma proposta pra vocês de uma... de uma disputa de poesias”.

L: Tá animado aí, por causa do livro do Racionais

R: Ah, verdade. É... me perdi... Sim. Aí o PH chegou com essa ideia que era... foi o primeiro Slam do Ceará, não tinha nenhum até então. Daí eu fui e fiquei “gente, e aí vamos nos unir, vamos fazer essa força e tal... aí vamos”. Marcou todo mundo. Só que aí, infelizmente, o primeiro Slam eu não pude... não pude comparecer, porque aconteceu coisas... fui presa e tal ... Uma coisa muito foda, faz parte da minha vida. Apanhei pra caralho... eu, mulher, apanhei pra vários homens, tipo... porrada de verdade...

L: Tu foi...

R: De saco na cabeça...Desci... Fiquei dez dias ainda. Só que, também, eu falo, foi pra minha experiência... experiência... eu não...

L: Mas tu ficou presa com homens?

R: Não. Eu fui agredida pelos policiais...

L: Entendi, entendi...

R: Homens... Foi uma onda. Foi tipo, agressão mesmo, de... absurdo. Não precisava de tanto. Tipo, saco na cabeça. Só apanhar pra homem já acho que é um absurdo. Enfim, aí eu não pude comparecer. Aí deu certo, eu consegui sair. Aí, agora, eu fui voltando a vir pro Slam... a querer recitar. Foi tudo uma somatória. Toda essa... minha vida... questão de eu ser adotada, de ter sido presa... sofrer preconceitos, tipo, pelo fato de ter acontecido isso. Enfim, fez somar.

L: Na tua visão, assim... qual o objetivo do Slam?

R: O objetivo do Slam... A minha visão... é... não é uma disputa de quem é melhor do que o outro, mas sim, uma soma de pessoas que acreditam que eles têm poder de voz, podem falar, podem se expressar e... tira muitas pessoas... é... puxa. Se você tá meio que em depressão, você é muito pra dentro, você não expressa muito. Só que quando você vem no Slam, quando você escuta pessoas recitarem, você se sente acolhido e abraçado e você quer, pelo fato das pessoas lhe ouvirem... porque ninguém lhe ouve. Hoje em dia, é muito difícil alguém parar e ouvir você se expressando. E aqui é uma oportunidade muito linda. E... pessoas que eu nunca pensei que recitavam, que escreviam, hoje tão chegando. Eu sou uma dessas pessoas. Acho muito lindo... a essência do Slam é muito... foi muito... tipo, principalmente agora, nesse momento de turbulência que a gente tá passando... de pressão...

L: Principalmente hoje, né... hoje, aqui no Slam foi bem complicado. Eu participo desde o final do ano passado e nunca tinha visto dois... dois baques seguidos... o segundo um pouco mais violento, porque vieram os policiais mais raivosos, é... hoje realmente foi atípico, nesse sentido.

R: Sim. E até... cê percebeu que deu um peso. Ficou todo mundo abalado...

L: Ficou aquela energia um pouco... tensa...

R: Isso. Mas... é isso. É resistência. Slam... pronto. O Slam é isso: é resistência. Resistência. Resistência.

L: Tu já entrou na outra pergunta, que é: O que é que o Slam significa pra você?

R: O Slam significa resistência, poder de expressão, poder de falar. Se resume tudo em resistência.

L: É... Agora é uma pergunta... é... perguntando... tá relacionado a tua visão. Qual é a sua visão sobre saúde? O que é saúde? O que é doença pra você?

R: Saúde... Ser uma pessoa saudável, pra mim, é você sempre... é... entrar em concílio consigo mesmo, porque eu acho que, além de corporal, muito simbólico esse sentimento. É tá em concílio, sua mente com seu corpo, você se sentir bem, questão também de alimentação. É tudo um... conjunto de coisas.

L: E o que é doença?

R: Doença. Doença corporal é aquelas que... Só que, pra mim, a pior doença é você... não querer enxergar. Não querer enxergar o próprio universo. Você fechar os olhos pra tudo... Pra mim, isso é uma doença. Você ser totalmente... Como é que eu posso dizer? Uma energia negativa, porque acho que vai muito de energia. Pra mim, é uma pessoa doente, uma pessoa que não quer ver, que num chega... é...

L: Não quer ver, assim, em que sentido tu fala?

R: Tipo, pessoas que fecham os olhos pra o que tá acontecendo. Tipo... falando de energia, por dentro. É, que não abre os olhos pra ver... preconceito quanto, principalmente, os negros ralam pra poder conseguir alguma coisa. Tem aquela mente fechada. Acho que ser mente fechada é uma doença.

L: A tua visão sobre saúde e o que o Slam faz, tu acha que tem alguma relação?

R: Eu acho que sim. Como eu disse no começo, ter saúde tá muito relacionado... você estar bem consigo mesmo, é... (gritos) Então, o Slam, como eu também falei no início, ele te faz sentir bem. Se, no momento que tá acontecendo o Slam, você tem algum problema psicológico, tá pensando em muita coisa... você esquece. E, tipo, isso te faz bem. Então, acho que se te faz bem, faz bem pra tua saúde, faz bem pra tua saúde, com certeza. E o Slam é isso, te faz sentir bem (?- não entendo o que é dito depois, pois voz baixa e ruídos ao fundo 9:22)... Você se expressa... e expressão... você conseguir se expressar, já acho que faz bem.

L: A última pergunta: O que é juventude pra você?

R: O que é juventude pra mim... Acho que juventude... além de ser uma fase bem difícil... aquela fase que você tem que - entre aspas - “se decidir”. É porque eu sou muito relacionada à energia. Tem muitas pessoas velhas que são jovens e tem muitas pessoas jovens que, sei lá, como se fosse, velhas também... Velho, isso... tô me atrapalhando um pouco... estou nervosa, inclusive.

L: Tá nervosa?

R: É porque eu sou muito... eu não...

L: Respira. É de boa, é só um diálogo.

R: Pois é, eu me pergunto isso. Às vezes eu me pergunto se ainda... às vezes eu me sinto adolescente, mas acho... por causa de atitudes. Também deve tá relacionado a isso, ser jovem. Nossa...

L: Tudo bem. Sem problemas. A gente pode ficar por aqui.

R: Agradeço. Não consigo pensar mais em nada. Mas te ajudei em algo?

L: Ajudou sim e muito! Fico agradecido.

ENTREVISTA ROGERS

L: A primeira pergunta não é mais ou menos... não é nem uma pergunta, é só pra você situar mais, assim, no caso, contar um pouco da sua história de vida, como foi a infância, adolescência, relação com os pais... de forma geral, um pouco.

R: Eu nasci aqui, em Sobral. É... passei quatro anos da minha infância aqui, aí o meu pai passou num concurso público e a gente foi morar em Maracanaú. Então, o resto da infância e parte da adolescência, eu passei em Fortaleza... entre Maracanaú e Fortaleza, que a gente morava em Maracanaú, estudava em Fortaleza e tal. E aí, no meio dessa história, se separaram e eu voltei pra Sobral, meio que naquela de não ir por um nem por outro, querendo seguir minha vida, sei lá. Aí eu voltei pra Sobral e tô aqui desde os 17, ou seja, já tem 20 anos que eu tô de volta a Sobral, né?! E assim, a minha infância foi legal, foi uma infância saudável, eu cresci acho que foi numa das melhores fases, que foi na infância dos anos 90, anos 80, 90, ali... no tempo da lambada. Me lembro de... um dos fatos marcantes da minha infância foi ter ido fazer... é... a minha mãe tinha matriculado a gente no catecismo e eu já tinha feito a primeira comunhão, porque a minha primeira comunhão foi aqui em Sobral. A minha mãe é de religião católica, né?! E aí, o que que acontece: a minha irmã é mais nova que eu, então, eu influenciava negativamente a minha irmã, aí no dia da (risos – e tu fala alguma coisa que não dá pra entender 1:40)... Então, aí no dia pra ir pro catecismo, eu descobri que na associação com de moradores tava tendo um concurso de lambada, eu levei a minha irmã pra gente ir pro concurso de lambada, aí a gente ganhou o campeonato. Ela na faixa etária dela e eu na faixa etária da minha idade, aí, resultado: quem entregava os prêmios era o presidente da associação. E eu não contava que meu pai ia sair de casa, e meu pai era o presidente da associação, ele foi (risos). Aí ele entregou os prêmios, assim, com aquela cara de, assim: “Vocês não iam tá no catecismo?”

A gente vai conversar quando sair daqui”. Mas no final deu certo e tal, mas foi uma coisa interessante, porque foi um marco na minha geração, uma coisa da minha infância, assim como a descoberta dos jogos de videogame, né?! Tipo o Atari, o Super Nintendo, o Master System. Eu passei por essa fase todinha.

L: Teve acesso, né?!

R: Tive. Felizmente, tive. Assim, a gente não era aquela família rica, mas graças a Deus a gente vivia bem. A gente vivia de uma maneira razoável, né?! Então, eu tive acesso. Tive dois videogames na infância, mais ou menos, tive uns dois ou três na adolescência. Sempre gostei muito...

L: Como é que era na escola?

R: Na escola era tranquilo. Na escola, eu era muito... Assim, o que que acontece: até a quarta série, a antiga quarta série, né?! Que hoje é o quinto ano. Eu era... top, né?! Como se diz. Eu era dos melhores da turma. O meu ensino médio, ele foi um pouco complicado, porque a minha adolescência, ela foi um pouco complicada. Porque, tipo assim, quando eu era criança, eu acreditava, copiosamente, que eu era um menino, que eu era (teu celular toca – 3:39). Só que eu fui crescendo e fui percebendo que eu tava me tornando parecido com as minhas primas, não com os meus primos. E aí eu tive aquele choque de realidade, tipo: menstruei, a minha mãe me deu um sutiã. Então, eu me senti uma pessoa super esquisita, porque eu não sabia quem eu era. Então, no colégio, era meio assim, porque as meninas mais ou menos na minha faixa etária já eram todas mocinhas, formadinhas e tal. E aí, como eu era, como eu disse, das turmas melhores e tal, no colégio, eu era adiantado nos estudos, então as meninas da minha turma, tudo mocinha, com seus 13, 14 anos, tudo com seio, já. Eu era uma Coisa, de 11 anos, pequena, reta. Então eu me sentia estranho no meio das meninas, e acabava tendo mais amigos e tal. Só que no meio dos meninos era mais ou menos assim: os meninos me recebiam, mas aí as professoras ficavam reclamando, a coordenação ficava reclamando, que eu não podia – entre aspas – andar com os meninos. Então no meu ensino médio foi assim.

Com a separação dos meus pais, eu passei dois anos sem estudar. Foi... foi um momento muito delicado da minha vida. E aí, resultado: quando eu voltei pra cá, eu voltei pro ensino médio de novo, eu voltei pro primeiro ano do ensino médio. E aí, foi tudo novo, foi tudo novo de novo. Eu sabia os conteúdos, eu tinha acesso aos conteúdos, mas era uma nova realidade, novos amigos. E aí, aqui, o final - vamos dizer assim - da minha adolescência, foi muito tranquilo, né?! Meu ensino médio, aqui, em Sobral, foi muito bom, porque eu me tornei presidente do grêmio da escola, a gente fez muita coisa pelo Colégio Estadual. Enfim, aqui, realmente, foi um pouco melhor. Aqui, foi um pouco mais livre. Quando eu comecei a conhecer os movimentos LGBTs, muitos dos meus amigos da época eram LGBTs, e tinha aquela coisa de dizer ou não pra família e tal. Então, a gente tinha as mesmas dores, tinha as mesmas coisas. Então, o meu ensino médio aqui foi tranquilo. A minha adolescência, no restante do ensino fundamental pro ensino médio, nem tanto, por isso: porque eu tinha um choque grande com as minhas colegas de sala. Aí pra me sentir aceito com as meninas, eu meio que era capacho das meninas aí eu ia comprar revistas que tinham uns astros e as atrizes, pra emprestar pras meninas. E essas coisas era pra, de certa forma, eu comprar as meninas, pra ser aceito na turma, né?! Porque na época que eu era adolescente, porque apesar dessa carinha jovem (risos), né?! Apesar deste rosto

bonito e jovial, eu já tenho bagagem aí pra contar. Então, na época da minha adolescência, não era a época da adolescência de hoje, a gente não tinha acesso a tantas informações. Então, eu não sabia o que diabos era uma pessoa trans, e as pessoas travestis a gente tinha pouquíssimo contato, porque eram pessoas que já sofriam preconceito, né?! Era aquelas pessoas que “não veja, não olhe, não chegue perto, não cumprimente”.

L: Quando aparecia, era no campo do exótico, né?!

R: Exatamente. Então, foi mais ou menos isso.

L: Como é que você participou... o que é que levou você a participar do Slam?

R: Quando eu tinha 9 anos, a editora Ática lançou um concurso nacional pra jovens escritores. Eu tinha 9... era mais ou menos isso, eu tinha 8, 9 anos. A editora Ática lançou um concurso pra jovens escritores e aí eu tirei o primeiro lugar no Brasil inteiro, porque a paixão de escrever foi desde a infância. Eu sempre gostei muito de escrever, logo eu era uma criança tímida, por incrível que isso possa parecer. Eu tinha muita dificuldade de fala. Então, às vezes, com a minha própria mãe, eu não falava, eu anotava as coisas. Então, eu sempre gostei de escrever, eu sempre escrevi muito. E aí, na infância eu ganhei um concurso, como eu disse. Na adolescência, eu ganhei alguns prêmios de literatura na escola e tal, escrevi algumas composições, inclusive, pra uma banca bem bacana lá de Fortaleza, pra um bloco de Fortaleza, que é os Alfazemas, uma composição que os meninos cantam nas marchinhas de carnaval e tal. Então, eu sempre gostei de escrever, desde sempre. Eu comecei a participar do Slam... eu sempre fui, eu fui a algumas edições do ano passado, mas como ouvinte. Esse ano a primeira edição que eu participei foi porque a temática era “Visibilidade Trans”, e aí eu: “Não. Eu, sujeito da pauta...”. No mundo LGBT tem muito aquela história “Não falem de nós, sem nós”. Então, ah! se a temática é essa, eu vou rascunhar alguma coisa e vou lá. E aí, acabou que eu ganhei o Slam... nessa... Pois é, eu ganhei o Slam e esse outro agora, na verdade, eu nem sabia a temática, eu levei, porque eu me instiguei, eu: “Ah! Vou de novo. Foi bacana, é legal” e tal. Na hora bate aquele nervoso, mas depois você se solta e tal. Então foi, foi mais ou menos isso. Foi de paixão mesmo, foi de gostar de escrever e...

L: Como é que você soube, assim, do Slam?

R: Então, amigas. A Fran, O PH, o Saymon, são pessoas muito, muito próximas, né?! São pessoas do meu convívio, praticamente cotidiano. A Fran e o PH, hoje, nem tanto, por conta das correrias da vida, mas vez por outra o Saymon, na semana, tá lá em casa e tal. Então, amizade. Eu achei massa... por exemplo, antes do Slam, o PH já tinha o projeto Bicha Poética e ele foi se aproximando disso e a gente lá: “Massa, PH, a gente te dá apoio” e tal. E aí surgiu o Slam e aí eu comecei a participar por isso, porque é uma coisa legal, é... não é aquela poesia que você quer necessariamente falar de coisas bonitas e feliz. Acho que o diferencial do Slam é esse: é você poder falar um pouco da sua realidade, é você poder falar um pouco do que acontece hoje, contigo. Então, foi... foi assim.

L: Pra você, qual é o objetivo do Slam?

R: Eu acho que... uma frase que sempre fala na hora que qualquer pessoa vai recitar que é: “Poesia nua e crua”. Eu acho que é muito isso, do nu e cru da realidade que a gente vive, sabe? Primeiro que assim a... os participantes do Slam, geralmente é uma galera que

mora na periferia. No último Slam, infelizmente, como você pôde perceber, teve duas abordagens policiais, uma, inclusive, com uma truculência maior. Então, é... é falar sobre aquilo que se vive, é falar sobre aquilo que se sente. Eu acho que o objetivo do Slam é exatamente esse: não é falar de um mundo que não existe, é falar do que existe, do que tá acontecendo e das nossas formas de se indignar. A gente tem direito de se indignar. Então, é... expressar isso através de poesia. Ninguém pode sair batendo em todo mundo, ninguém pode sair dinamitando o Congresso Nacional, mas a gente pode colocar nossa fala, nosso direito de voz, enquanto ainda não existe censura; De... de dizer o que a gente sente, o que que a gente pensa, sobre a realidade que a gente vive, sobre a realidade que os nossos amigos vivem. Apesar de que Sobral é uma cidade considera classista, apesar de Sobral ter um status universitário, Sobral tem periferia. Sobral, infelizmente, tem uma margem de violência contra jovens pretos, periféricos, pobres. Então, é falar disso. É quase bíblico, né?! É quase aquela história de “a boca fala do que o coração tá cheio”. O objetivo do Slam é isso: falar do que já não cabe mais e a gente precisa colocar pra fora, precisa tornar público, precisa dizer pras pessoas, né?! É se expressar, é o direito de expressão.

L: Eu achei interessante que algumas pessoas começaram a recitar, por conta que se sentiram instigados, no dever de recitar poesia, por conta dessa conturbação policial... teve duas ou três pessoas que chegaram e “Não. Eu vou recitar, por conta que eu acho que é necessário” ...

R: É necessário.

L: É necessário falar sobre isso. Achei muito interessante. É... e o que que o Slam significa pra você? Eu sei que é pouco tempo, assim e tals. Mas, de alguma forma, o que que te instiga esse significado do Slam?

R: Então, é... Eu até me emociono quando eu falo, porque os Slams que eu ganhei foram muito marcantes por dois motivos: o primeiro Slam que eu ganhei, que falava sobre a visibilidade trans, foi no dia do aniversário da minha irmã. E eu só tenho ela de irmã. Então, eu não pude comemorar com ela, mas foi muito simbólico. Ganhei o Slam, porque, de alguma forma, dediquei a ela. E esse Slam, agora, tinha passado o aniversário da Fabi, que é amiga da minha esposa e o aniversário da Lua, que é a minha filhinha, ela fez dois anos agora. E, no dia do Slam, a Vitória, que é a mãe da Lua, tinha sofrido uma agressão verbal da polícia, sabe? Tanto é que eu ia começar o Slam com uma outra poesia, que foi a segunda poesia. A primeira... a que eu acabei recitando primeiro, ainda não tava pronta. E aí eu: “Não. Eu preciso falar isso aqui primeiro, eu preciso deixar essa mensagem de amor, de respeito primeiro”. Então, o Slam, hoje, na minha vida, tem um significado de resistência, de a gente falar, de a gente se colocar, a gente se posicionar contra o que a gente acha que não tá certo. Então, o Slam, pra mim, ele tem sido muito simbólico nesse sentido. Tanto é que eu até tava comentando na semana passada, eu não sou muito de publicar no instagram, mas eu até publiquei no insta: “Gente, eu tô pensando em fazer um blog, uma página, qualquer coisa pra escrever. O que é que cês acham?” e todo mundo “Faz, faz, faz” e tal. Porque deu essa instiga de voltar a escrever, sem ser somente pro Slam, sabe? O Slam, eu acho que é isso: essa vontade de falar, essa vontade de expressão, essa vontade de colocar pra fora as ideias, de organizar ideias e de dizer o que tá passando, o que eu tô pensando. É isso.

L: É... com o Slam, com a participação no Slam, houve mudanças no seu cotidiano? Se sim houve, assim, ou em um dado momento, houve alguma mudança? A partir do Slam, a partir do... determinando um tempo pra poder fazer uma poesia pro Slam... como é que foi?

R: Então, eu sou meio assim, um campeão de procrastinação. O primeiro Slam que eu fui participar, eu fui escrever a poesia faltando meia hora pro Slam. No segundo, eu tive a cara de pau de chegar com a poesia não-pronta, porque eu não sabia que ia acontecer o Slam, fiquei sabendo na sexta, aí fiquei naquela: “Ah! Será que eu vou pra participar da disputa poética?”, “Será que eu não vou?”, “Será que eu vou?”, “Será que eu não vou?”, “Ah! Mas talvez tenha uma galera maior, então eu vou escrever uma segunda poesia”, aí fiz a primeira, mas a segunda terminei praticamente na hora, sabe? E aí, o que foi que o Slam me trouxe? Essa vontade de escrever sem ser pra disputar no Slam, essa vontade de escrever pra galera curtir, pra apreciação, ou mesmo pela livre expressão. Enfim, e...

L: Os seus desejos, né?! As suas necessidades.

R: E eu ganhei alguns amigos muito bacanas, tipo a Layze do Slam das Cumadi, a Layze, hoje, pra mim, é uma pessoa muito querida, né?! Porque foi alguém que o Slam me trouxe. Que é... geralmente é assim: quando você participa, que a galera acha massa, a galera vai lá seguir o seu perfil e tal. Então, tem algumas pessoas que você: “Ah! Vou seguir de volta, sei quem é e tal, massa e tal”. E algumas a gente conversa e troca umas ideias. Então, eu acho que o Slam trouxe de bom algumas pessoas que hoje têm, assim, um valor muito simbólico na minha vida. A Layze é uma dessas pessoas, o Pietro foi outra pessoa, foi um menino que veio conversar comigo no final desse último Slam, dizendo que eu fui dar uma palestra lá no CIEE e ele não tava no dia, mas que depois da minha palestra é que o pessoal tinha começado a respeitá-lo como homem trans, que tinham começado a entender o que é o processo de uma pessoa trans. Então, foi um papo muito legal que o Slam me propiciou. Ele: “Ah! Eu vim, porque eu sabia que tu ia recitar e depois eu ia poder trocar uma ideia contigo”, aí eu “Poxa, massa! Massa”. Então eu acho que o Slam, ele... ele tem isso de aproximar as pessoas, né?! Isso, também, de você poder trocar algumas ideias e de você poder, também, apreciar o trabalho de outras pessoas, né?! Tipo, eu sou muito fã da Sabrina, eu sou muito fã da Bianca, que é a Cacheada, né?! Então, são pessoas que eu admiro, que eu ia pra Slams anteriores pra ouvir, né?! Pra eu aplaudir, também. E que agora a gente meio que tá no mesmo circuito, no mesmo cenário, já que quando é... quando é mais ou menos no fina do ano, tem uma disputa de vencedores das edições anteriores. Então, é... pessoas que eu aplaudia, hoje eu fico naquela: “Nossa! Mas como é que vai ser competir com a Sabrina? Com a Bianca?” Mas é isso.

L: A poesia de... com o companheiro dela foi muito legal...

R: Muito massa! Muito boa!

L: Diferente, assim...

R: Ela é fantástica, ela...

L: Já conheço ela, já, de uns tempos... É... a penúltima.

R: Tranquilo.

L: É... o que é saúde pra você? E o que é doença?

R: Então... é... saúde, pra mim, é até estado de espírito. Saúde, pra mim, não é só físico, sabe?! Porque, às vezes, o corpo tá legal, mas o corpo não fica legal se a cabeça também não tiver legal. Então, eu acho que saúde é... é mais do que físico, é estado de espírito, é emocional. Porque acho que saúde é quando você tá bem, porque... é o Raul... o Raul Seixas tem uma música “Não pense que a cabeça aguenta se você parar”. Então, às vezes, se a cabeça tá muito sobrecarregada, ela vai... isso vai parar em algum lugar. Eu acho que doença, nossa! Doença... doença é tanta coisa... tipo... sei lá, doença é patologia, mas ao mesmo tempo, sei lá. Doença também é estado de espírito, doença também é estado emocional, tipo: hoje, o cenário que a gente vive é algo nocivo, é algo que adocece. Então, não é algo que vai causar, sei lá, distribuição de vírus, algo que você vá pegar, uma bactéria, um fungo, sei lá. Mas adocece mentalmente, né?! Então, eu acho que saúde também é estado de espírito, assim como a doença. Eu acho que é para além de pensar a patologia, sei lá... o estudo biológico, não sei, porque também... Engraçado. Eu era péssimo em biologia, mas sei lá porque eu conseguia estudar, tirar umas notas legais e passar o resto da turma também. Mas assim, essa parte biológica não é lá muito a minha praia.

L: O Saymon tinha falado, assim que eu fiz essa pergunta pra ele, que saúde... doença, ele falou: preconceito, acho... ele falou: acho que muitas formas de preconceito, todas as formas de preconceito são uma doença.

R: São doenças. Eu concordo, eu concordo.

L: E foi de pronto. Aí como você é muito amigo dele, eu lembrei.

R: Mas é, mas é, viu?! Ele tem razão. Mas é o que eu acabei de dizer: hoje a gente vive num cenário que adocece, né?! Hoje, infelizmente, a gente vive num país intolerante, preconceituoso, racista, misógino e, realmente, tudo isso causa adoecimento, né?! Eu acho que a injustiça causa adoecimento. Eu acho que doença é isso. Eu acho que tanto a saúde quanto a doença são estados, não só de espírito, mas chega a ser condição. Tipo assim: não tem como você se sentir bem sabendo que os Institutos Federais tão ameaçados, não tem como você se sentir bem sabendo de várias coisas. Enfim, infelizmente quando... na eleição do ano passado, é... teve muito LGBT... a gente fez uma... acabou fazendo um grupo falando sobre rede de cuidado, porque muito amigo LGBT tava com medo de sair de casa, devido as ondas que tiveram que, por exemplo: as torcidas organizadas tavam gritando “O presidente fulano de tal vai matar viado”. Então, teve no final do ano passado, aqui, em Sobral, uma menina que foi agredida - isso é uma coisa muito séria, muito delicada -, por conta, também, de motivação política. Então houve, assim, medo. E o medo não deixa de ser, pra mim, um tipo de doença psíquica, mental. Enfim, então é... é isso. Eu acho que tanto a saúde quanto a doença são estados, são condições físicas, mentais, psicológicas, emocionais. Enfim, é tudo isso.

L: Você consegue visualizar relações de saúde nas atividades do Slam por exemplo?

R: Eu acho que é mais ou menos nessa pegada do que eu falei. Eu acho que quando você vai pro Slam, que você socializa, que você, sei lá... você renova a energia, você troca energia e aquilo, de certa forma, faz bem, né?! Talvez agora eu volte pra pergunta de saúde: eu acho que saúde é bem-estar. É... então, eu acho que é mais ou menos isso: o Slam causa esse bem-estar e, assim, de uma maneira mais técnica, sei lá, eu acho que o Slam acaba, também, trabalhando na promoção dessa saúde, nesse aspecto, com as temáticas

que eles lançam. Tipo, é... o tema do Slam passado foi “Pretos e pretas se amando”, né?! E aí, falando nisso, eu penso que as pessoas não falam muito, né?! Sobre a saúde da população negra, as pessoas não comentam muito sobre, sei lá, a saúde da mulher negra. E trazer essas temáticas à tona, é, de repente, trazer as entrelinhas, tipo: “Olha, a gente precisa falar sobre isso”, “Olha, a gente precisa falar sobre a população negra”, “Olha, o tema do Slam foi esse, mas o que que tem nos arredores dessa temática do Slam?”. Então, eu acho que o Slam também faz essa promoção, né?! De... de... do cuidado. Eu acho que saúde também é muito “cuidado”. Então, saúde não é só pra quem precisa do CSF ou só... ou, sei lá, de um hospital. Saúde é a promoção do cuidado. E o Slam tem muito isso de... de levar essas bandeiras de cuidado, de atenção, de afeto, isso tá ligado à saúde, também, de alguma forma.

L: E a última pergunta: o que é juventude, pra você? O que é ser jovem?

R: Nossa!

L: Essa todo mundo fica: “Nossa!” (risos).

R: Nossa. Hoje, eu acho que ser jovem é, sobretudo, ter o direito de se rebelar, sabe? Hoje, ser jovem é, sobretudo, dizer o que que ele quer, o que que ele pensa, o que que ele sente. Eu acho que o jovem de hoje é muito isso, sabe? Eu acho que ser jovem é algo que perpassa, inclusive, os limites de idade. Eu já passei um tempinho da idade de ser jovem, mas eu me sinto jovem, né?! É... é mais ou menos aquela musiquinha do Chaves, né?! “Se você é jovem ainda”, então, é mais ou menos aquela musiquinha do Chaves.

L: Falam que é até os 29 anos, né?!

R: É, até os 29. Dos 15 aos 29. Eu passei dos 29 tem um tempinho, mas não é por ter passado dos 29 que eu vá me sentir menos jovem. Na verdade, eu acho que eu tenho acúmulo de juventude.

L: (Risos). O que seria esse acúmulo de juventude?

R: Então, é anos, tipo assim, depois dos 29, ora, tem mais um, tem mais um, tem mais um, tem mais um...

L: É outro ciclo de juventude?

R: Não. É um outro nível de juventude. É a juventude acumulando, né?! Mas é... eu acho que hoje, ser jovem também é... não sei... A gente fala muito sobre aquela história e parece até, às vezes, um clichê de que a juventude é o futuro do Brasil, e eu acho que essa juventude é a juventude que realmente tem essa capacidade, tem a força de falar, de se colocar, de dizer é: realmente a gente pode, a gente consegue. Só que ao mesmo tempo é... hoje, o jovem também tem muita coisa na cabeça. Tipo o... a juventude do meu tempo, né?! Eu vou usar “o meu tempo” como se tivesse assim... como se fosse a minha avó falando. Mas, sei lá, a juventude na minha época tinha outros pensamentos. Tipo, é... no cenário político, os jovens, na minha época, foram a geração Cara Pintada que moveu o impeachment do Fernando Collor. Os jovens de hoje... alguns, não tô generalizando, mas são os menininho que tão fazendo arminha com a mão e hoje tão sofrendo todo um desmonte da educação e tão sofrendo uma série de retrocessos. Então, o que é ser jovem?

Hoje, pra mim, é, sobretudo, ser resistente. Hoje, a juventude, pra mim, tem sinônimo de resistência. Hoje a juventude pode promover mudanças, sabe? Nesse cenário, na... mas...

L: Hoje teve manifestação, né?! Do colégio Pedro II.

R: Teve. Teve. Hoje teve manifestação e os IFs tão se mobilizando pra fazer manifestação também. Então, é... no Levante Popular tem um grito de guerra que diz que a juventude é revolução. Então, acho que é isso. O que é ser jovem? É ser revolução. É ser revolução, é ser resistência, é ser voz, eu acho que é isso. É realmente ser esse futuro, não um futuro clichê que diz “Ah! Os jovens são o futuro do amanhã. São o futuro do Brasil”. Aí se pensa no jovem médico, no jovem advogado, mas nunca se pensa no jovem do movimento social, no jovem da periferia.

L: Eles são considerados vagabundos, né?

R: Então, eu acho que hoje ser jovem é isso também: é ser esse futuro, mas ser um futuro com ideias, é ser um futuro consciente, sabe? E, sobretudo, político, porque hoje não dá pra você dizer que não acredita na política, que você não vive a política. Hoje, a gente vive num período que as pessoas precisam ser conscientes. Então, hoje, ser jovem é isso: é ser consciente, é ser revolução, é ser resistência. É isso.

ENTREVISTA SYMON

L: A primeira pergunta é mais ou menos... Eu queria que tu me contasse tua história de vida. Um pouco, né?! Como é que foi a infância, como foi a adolescência, como é que foi a relação com os pais... é... História de vida. Um pouco, né... dá um recorte aí.

S: Eu não sou daqui de Sobral, né?! Eu nasci em Fortaleza... e quando eu... No dia do meu aniversário de 5 anos, a gente veio-se embora pra Sobral, porque a gente tava com necessidade em Fortaleza. Aí o pai do meu irmão, ele tinha família aqui, aí seria... na cabeça dele, seria melhor pra gente vir pra cá, porque ele já tinha família. Aí a gente veio pra cá, a gente morou na casa do meu padrinho por um tempo. Depois, assim, quando começou a se reestruturar, né, meu pa... o pai do meu irmão conseguiu um emprego e aí a gente foi morar lá perto da casa dos pais dele, que é perto do morro, né, que chama, o morro lá dos Terrenos Novos. Depois de um tempo, ele... ele era alcóolatra, né... e depois de um tempo ele quis bater na minha mãe e aconteceu alguns problemas que ele foi-se embora e deixou a gente. Minha mãe não tinha um emprego... não tinha um emprego consolidado na cidade, fazia bico, né?! E aí a gente foi morar na casa... a gente ficou na rua... e a gente morou na casa de uma mulher que era, lá, amiga da minha mãe, da rua. Aí ficou 15 pessoas numa casa de taipo, de 4 cômodos. E a gente morou lá por um... alguns meses... uns 7, 8 meses. Aí minha mãe foi... foi indo atrás de emprego, conseguiu um emprego num... num restaurante, depois em algumas escolas, que minha mãe é cozinheira... em algumas escolas. E aí a gente conseguiu se restabelecer. Quando eu completei 10 anos, eu fui morar com minha tia, também lá dentro dos Terrenos Novos, pelo fato que minha mãe, ela não tava, também, conseguindo, né... é... pagar as coisas e eu, morando com minha tia, iria “trabalhar” – entre aspas, né -, porque minha tia tinha um lava-jato, tinha um bar, tinha uma lanchonete. Aí eu iria ajudar e também iria colocar dinheiro dentro de casa, de certa forma. Aí eu morei 1 ano e meio com minha tia, depois eu voltei pra casa, pra casa da minha mãe. E aí foi isso. Mas a gente não tem... nunca teve casa própria... é só se mudando... a gente não tem residência fixa... a gente acabou de se mudar, né?! Só pra ressaltar. Mais uma vez, a gente acabou de se mudar.

E tipo, em relação à cultura, essas coisas e tal... Eu comecei a me envolver, nesse sentido, pelo fato que a minha mãe sempre colocava a gente na escola o dia todo, né?! A gente ia pra escola pela manhã e pela tarde a gente tinha que fazer alguma coisa na escola... ficar

na escola, pra comer na escola. Tanto eu quanto minhas irmãs, a gente estudava em colégio diferente. E aí a gente ficava na escola o dia todo, aí tinha... na época tinha esse negócio de teatro, dança... tudo a gente se envolvia. Lá em casa, todo mundo se envolvia nessas atividades pra ficar na escola, pra conseguir comer na escola, até minha mãe chegar. E ela trazia da escola que ela trabalhava a merenda pra dar pra gente. Aí eu fui tomando gosto por isso, né?! E, até então, fazia aula de música, mas só aprendi a tocar flauta, que eu não tinha paciência pras outras coisas. Aí eu fiquei mais foi no teatro mesmo. Eu fiz muito teatro, desde... eu acho que desde os meus 10 eu faço teatro.

L: Hoje tu tá na faculdade?

S: Tô! Hoje eu faço pedagogia, na UVA

L: É... O que que te levou a participar do Slam?

S: Eita, o Slam é uma coisa muito louca, né?! Primeiro que o Slam surgiu de uma conversa, assim, como eu e você conversando aqui... da necessidade de juntar a periferia no lugar que é dela, por direito, né?! E aí, o PH, que é a Bicha Poética, junto com a Fran, junto com outra galera, tavam discutindo esse lance de “por que não a gente também ter uma batalha de poesia onde a periferia seja protagonista disso?”. E aí teve a primeira edição do Slam e... eu fui, né... aí gostei daquilo. Eu não tenho paciência pra escrever. Eu até escrevo, mas eu acho que não são tão boas, as minhas coisas. Eu gosto mais é de ficar na produção mesmo. Aí depois de um tempo, eu fui lá... ajudando a galera, né... o PH, a Fran, o Diego, os meninos da antiga... que participavam antigamente da produção. Aí eu fui entrando aos poucos, né, no Slam. Eu acho que o que me fez é a vontade de querer mudar o... o cotidiano dessa galera, né... que a gente sabe que a galera que vai pro Slam é uma galera que não... antes não iriam praquele espaço, porque onde o Slam é... onde acontece o Slam hoje, era ocupado por uma galera totalmente diferente da que é ocupada 1 vez no mês, quando acontece o Slam. Porque o Slam acontece num bairro, no centro de Sobral, onde a periferia que chega no dia do Slam, hoje, antigamente não tava lá. Era uma galera totalmente... que ficava no seu bairro...Tinha aquela já... aquele lance de rimar, tinha aquele lance de jogar conversa fora, na calçada, de disputar no bairro e tá... entre amigos, mas não tinha algo assim, grandioso, que pudesse... é... expor o talento da galera, se liga? Então acho que o que... o que faz a galera entrar no... no Slam, hoje, é isso: é tentar mudar a sua realidade. Eu acho que o que me fez foi isso, é... eu querer mudar minha realidade e ajudar outras pessoas a mudar a realidade.

A gente sempre fala na... quando a gente tá discutindo, assim, que o Slam, ele salva vidas. E eu acho que é... é... um dos nossos papeis na produção do Slam, meu, também... de todo mundo, é salvar a vida dessa galera. Porque é uma galera marginaliza... todos nós do Slam somos marginalizados. A gente já tem o... a galera já olha pra gente de um olhar diferente, já vê a gente de um jeito diferente. Mas a gente vê que aquela galera que vai pro Slam, uma vez no mês, e sai lá daquela periferia, que sai lá do Sumaré, sai dos Terrenos Novos, sai do Recanto, que pega seu metrô até chegar na praça do FB, é uma galera que não tinha perspectiva de vida. E lá, no Slam, com as poesias, com o que a gente vai... com o que a galera vai falando, trocando ideia, trocando papo, a galera vai vendo a vida de um jeito diferente. Eu acho que é isso que engrandece o Slam e é isso que me faz querer continuar no Slam.

L: Tu começou... Tu disse que não gosta de escrever, né?! No caso tu é mais da produção... eu vi lá que tu apresenta o Slam.

S: É.

L: Além dessa apresentação, como é que, assim... nessa organização do Slam?

S: Pronto. O Slam, ele tem... hoje, no Slam, ele tem 7 pessoas na organização. Aí como a... quase todo mundo trabalha, aí fica muito dividido e também fica muito corrido, as tarefas, né?! Aí eu sou o SlamMaster, né, que é o famoso apresentador e também faço parte da... ajudo na parte do Instagram, né?! Eu fico na administração do Instagram, eu e a Fran, no caso. Fico lá subindo as coisas, respondendo a galera, mandando pros blog, junto com a Fran. E... é mais essa parte mesmo. E aí, no dia em si é que... ninguém tem função. Todo mundo já faz tudo: a gente vai, chama a galera, organiza, varre se tiver sujo aqui, o espaço, varre, junta lixo, vai atrás de pincel, cada um leva... leva folha de papel, é... no dia é sem função, é só ir e chamar a galera pra ir pra lá, junto.

L: São todas as funções, né?!

S: É! No dia é todas as funções.

L: É... Tu já tocou um pouco nesse ponto, mas eu queria que falasse mais, é... Qual é... pra tu, qual é o objetivo do Slam?

S: Pronto. O objetivo do Slam, além de salvar vidas, né, que eu já tinha falado. Que, pra mim, é um dos objetivos, assim, principais, que é: salvar vidas. Eu acho que o outro objetivo do Slam é mostrar que na periferia também tem talento, né?! Porque eu acho que... a gente tem a, o... tem aquela ideia de que tudo que é bom é o que vem do centro pra dentro dos bairros, né?! A gente sempre quer... a galera sempre quer prevalecer tudo que vem do centro pra dentro da periferia, a gente quer enaltecer. E a galera que é de lá, que faz seu trampo, faz seu corre lá dentro... a gente passa despercebido, né?! A gente não... meio que não ligava pra isso. E, aos poucos, essa galera que tava na periferia fazendo sua arte e que a galera não ligava, ela, quando... a partir do momento que ela entra no Slam e que ela já ganha um pouco de empoderamento, ela... percebe que ela tem voz suficiente, percebe que ela tem talento, percebe que ela tem autonomia pra poder chegar na sua quebrada e mostrar o seu trabalho, ela vai querer expor e vai querer e vai querer mudar a realidade. Não é à toa que com... depois de... das várias edições do Slams... no primeiro ano do Slam, várias escolas da periferia, né... começaram a... eu não diria a direção da escola, eu diria... os alunos mesmo chamavam a, é... a galera do Slam pra entrar na escola, pra dar oficina, pra conversar sobre tal assunto, pra perguntar sobre tais coisas, marcavam de ir pro Slam. A gente tem no Slam, hoje, é... o grupo de uma escola que não perde o Slam. São 5 pessoas que todo Slam elas estão lá, só pra poder ver e pra poder levar... no outro dia pra conversar na escola. Então, acho que o... o Slam, ele vários objetivos, né?! E desmistificar esse lance de que tem o... que o centro é só da burguesia... por que hoje, como eu falei, também, é... que é em frente a uma igreja, em frente à Cúria Diocesana... é um espaço de resistência, né?! A gente...

L (acho que é tu. 9:52): Uma escola de gente rica, né?!

S: Escola de gente rica. Então acho que além de resistir... a gente tá... a gente tá dizendo que: sim esse espaço aqui é nosso, a gente vai ocupar. E eu acho que precisa que essa

galera entenda que a gente também tem voz, que da mesma forma que eles conseguirão entrar na Universidade, que acho que é umas das coisas que a gente sempre fala no Slam: que esse é o período que a gente tem que... que os nossos têm que entrar na Universidade. É um período que a gente não pode deixar essa oportunidade passar. Então, a gente... todo... todo Slam, toda reunião a gente sempre fala isso. Aí teve agora o lance do mutirão de inscrever a galera no... de inscrever a galera no ENEM, principalmente por isso, né... porque a gente vê que aprender na rua é importante, mas a gente precisa tá nesses espaços, porque não adianta a galera que tá nesses espaços discutir políticas públicas de periferia, sendo que a periferia não tá lá. Eu acho que o... a partir do momento que a gente... que eu, é... morador de periferia, tô discutindo aquilo, é... - sobre Políticas Públicas de periferia - pra minha comunidade eu acho que taria mais nivelada, a situação. Mas até então, que nós não estejamos nesses espaços, não tem como.

L: Não tem uma parceria, né?!

S: É!

L: Assim... Políticas de Saúde, por exemplo, ou Políticas Públicas, em si, de Sobral pra com a juventudes...

S: Aham.

L: ... para os movimentos do Slam, não tem?

S: Não. E aí, acontece que, depois disso tudo, depois quando o Slam tomou uma... cresceu, assim, visivelmente, na cidade, várias universidades chamaram a gente, né... pra entrar... pra fazer algum... recitar algumas poesias... Até mesmo as privadas, né?! Já chamaram a galera do Slam pra poder discutir um pouco sobre a cultura Slam, sobre o que é o Slam e sobre o que o Slam quer repassar, né... pra essa galera. Eu acho... eu acho que é mais isso, mesmo.

L: É... Pra você, o que é que significa o Slam da Quentura?

S: Ai, pra mim, o Slam significa muita coisa. Eu acho que... eu não conseguiria pensar, é... como e que eu posso... eu não conseguiria pensar em ser o Symon, hoje, dentro da Universidade, falante... porque eu sempre tive, desde quando eu me descobri gay, né... me aceitava como gay, me aceitava como negro, eu nunca discutia sobre negritude. Eu sempre... era na mesma pauta, só a pauta LGBT, eu não discutia sobre negritude, até porque, na minha cabeça, eu não tinha embasamento pra isso e, na minha cabeça, não tinha... não era o meu espaço de fala, né... sendo que eu sou preto, eu me entendo como preto... mas, até eu me entender como preto, foi no Slam. Eu comecei a me reconhecer como... como preto, que eu, sim, era preto, que eu, sim, tinha que discutir sobre a população negra, que eu, sim, tinha que pautar isso dentro da universidade, a partir do momento que eu entrei. Aí... quando eu vi isso no Slam, aí eu “não... é isso que tem que ser, é isso que tem que fazer”. Então, o Slam, ele... eu não consigo pensar na minha militância sem pautar o Slam. Eu acho que é um dos pontos, né?! E eu também não consigo, é... falar sobre movimento de cultura, da cidade, sem pensar do Slam, porque o Slam, hoje, é um dos movimentos culturais mais grandes da cidade. E não é um movimento da prefeitura, é um movimento sem... a gente não tem... não tem um caixa, né?! A gente... o que a gente do Slam... a gente pede uma colaboração, que era pra... pra

pegar uma caixa de som, porque tudo no gogó não tem como, né?! Então, a gente... tipo assim, não tem dinheiro pra nada. O Slam é totalmente...

L: Sem vínculo, né?!

S: Sem vínculo nenhum. A gente só tem vínculo... um vínculo, uma vez, que teve uma batalha da Z. N., que aí, sim, teve um vínculo, mas foi só naquele dia e pronto. É só na cara e na coragem. Então, não consigo falar de, é... de... movimentos culturais da cidade sem falar do Slam. Eu acho que o... sem o Slam, hoje na... sem o Slam, hoje, na cidade, eu acho que a cultura meio que decai, né?! Porque a gente não vê mais essas atividades culturais pra juventude preta, na cidade. Poucos tem, né?! Agora é que tá tendo essa ascensão das batalhas, de Rap, de MC, né... tá tendo essa ascensão e isso só vem pra crescer mais, né... essa... essa cultura, porque, até então, antes era só o Slam, e a galera ficava sempre... sempre ia lá nas páginas: “E aí, vai ter Slam?; E aí, vai ter Slam?; E aí, vai ter Slam?”. Já teve duas vezes nesse... acho... uma vez esse ano que a gente cancelou, por conta da chuva e a galera ficou louca dizendo “ah, mas não vai chover; ai, não vai chover; não vai chover; vai parar; vai parar; vai parar...”, quando começou a chover, a galera dizendo que ia parar. Mas não tinha como. Então, acho que... é uma galera que já espera, né?! A galera fica contando os dias, fica perguntando “ai vai...?”. Na hora que a gente posta o... a arte, que vai ter Slam, tem vez que eu e a Fran, a gente não consegue administrar o instagram, porque... uma porrada de galera começa a compartilhar, começa a marcar a galera, começa a convidar, perguntar, pedir mais informação, pergunta como é que faz pra recitar, com é que faz pra... “Ah eu não... eu não quero recitar, mas eu quero cantar”, “Ah, eu quero divulgar o meu trabalho”, “Ah, eu quero fazer isso. Como é que eu faço?”. Tipo assim, o Slam, hoje, ele não é só um espaço pra galera que faz... que faz poesia e quer recitar, mas também é um espaço pros empreendedores pequenos, né... a galera... de bairro, tem o Ilustrady, tem a Raja, que também faz desenho. Várias pessoas, assim... da periferia, porque a gente... a gente pensa... a gente sempre fala assim: “Vamo fortalecer os corre dos nossos”, né... “Vamo fortalecer os corre dos pretos”, porque a gente precisa fortalecer os nossos. Então, além de... de ser um espaço cultural, também é um espaço de empreendedorismo. Então acho que o Slam, hoje... eu acho que... a cidade e eu acho que... eu, também, sem o Slam, acho que não seria a mesma coisa. Teria que pensar em alguma outra atividade igual ao Slam pra suprir essa necessidade.

L: É... o Slam... tu falou que participou do Slam desde o início, mas aí depois é que foi pra produção, pra organização, né?!

S: Aham.

L: Aí tu entrou na faculdade estando no Slam ou foi antes do Slam?

S: Eu entrei na faculdade... foi an... depois de... não, depois de já estar na produção do Slam, foi depois. Não. Antes, quer dizer. Eu entrei na faculdade, eu tava só como a plateia mesmo, né?! Aí depois, depois de um... um tempinho, acho que uns dois meses que eu entrei na Universidade, aí eu me engajei na produção.

L: Tu notou que houve mudanças no teu cotidiano com a participação no Slam da Quentura? Se houve, assim... quais seriam, assim... as principais?

S: Mudou. Mudou muita coisa, porque, tipo... no comecinho, desde a primeira pergunta, eu falei que eu gostava muito de teatro, então eu escrevia muito texto, né?! Eu escrevo muita esquete, sempre escre...nunca deixei de escrever. Escrevo muita, muita, muita esquete mesmo. Tipo assim, do nada eu tô escrevendo uma esquete lá, sem noção... mas eu sempre escrevia. E aí, tal hora, no auge dos meus 15 anos, eu comecei a fazer enquete (é o que ele fala mesmo) com... em relação ao nordeste, né... sempre colocava um repente, criado na minha cabeça, tipo assim, umas 5, 6 linha, algo assim, só pra passar... só pra dizer que tinha, né... até porque eu não tinha embasamento sobre muito... sobre isso. E aí, só que, como eu não tinha... o fato de eu não ter embasamento sobre isso, eu acabei deixando de lado essa parte de fazer essas pequenas poesias e comecei... continuei só escrevendo texto. Mas quando eu entrei na Universidade, que a gente já... que tem que escrever horrores...

L: Tem que ler...

S: Ler horrores... e tal. E aí, uma professora, ela gostou... ficou... gostou de mim, eu gostei dela e ela me... me emprestou um livro. Não. Emprestou um texto pra... me mandou um texto no... pelo WhatsApp, mandou o link de um texto e eu fui ler... aí falava sobre... ela... que ela sabia que eu era do Slam, né... que, até então, eu era só plateia. Sabia que eu era, porque eu postava as coisas e tal. Aí ela me mandou um texto sobre a ascensão do Slam, dos Slams do Brasil inteiro, né... a ascensão que ganhou e tal. Aí eu... eu falei assim: “Como é que pode, né? Um... um... um evento, sem fundo... um evento sem nada, é só na cara e na coragem e a gente consegue... consegue ter isso, né?!” E aí, ela... e esse pequeno texto era em um blog, e ele falava sobre o... os Slams do... do Brasil, né... falava um pouco sobre o que é o Slam e tal, falava sobre o Slam BR e ele também falava sobre o Slam de Sobral, porque era um blog daqui. E ele falava sobre o Slam de Sobral, né... aí “vai ter...”, que era a divulgação até, de um dos Slam daqui, aí “vai ter e tal... não sei o que”, e eu... eu fiquei assim “como é que pode, né?!”. Aí acho que... eu sempre falo que o auge do Slam foi esse: eu pegar... do nada, uma professora minha me mandar um texto falando sobre o... sobre o Slam daqui, no blog, né?! Eu acho que o... o Slam, ele... ele faz com que essas coisas aconteça, né?! Que... essa galera que... principalmente dos blogs, que são muito preconceituosos... que a gente tem muitos blogs bons, na cidade, né, que tão ali pra fortalecer a cena, fortalecer a cultura, mas também tem muitos blogs que... sensacionalistas, que não querem... não querem, é... divulgar os movimentos culturais, não querem fazer isso. Eles querem mostrar violência, querem... querem exaltar outras coisas, né?! E aí, quando eu vi isso, eu fiquei: “Não. Acho que agora... eu acho que agora... eu posso ajudar mais. Eu acho que se chegou aqui, a gente pode chegar... bem mais que isso”. Aí eu cheguei pros meninos e, mesmo eu não estando na produção, eu sempre ajudava, porque a Bianca recitava, que é a Cacheada e a gente é junto, colado, carne e unha, desde pequeno, desde os... desde os 7 anos e... ela recitava e eu ficava sempre lá, né?! Todo dia eu com ela... todo Slam eu ia com ela e ficava nessa. Ajudava, também, é... quando os meninos precisavam de alguma coisa em relação a papel, pincel, que a gente sempre precisa e aí eu falei com o P, que na próxima reunião do Slam, da produção, que eu queria ir, se daria certo. Aí ele falou que dava, até porque, também, a... eles tavam precisando reformular a produção do Slam, porque uma galera tinha saído, tem umas que... faculdade, também, por conta de trabalho e daria super certo e ele disse que... ele falou que eu encaixaria muito bem, né, dentro da produção. Aí eu já trabalhava... eu trabalhava como articulador de juventude, na Estação Juventude lá do Caiçara e aí eu... quando ele...

quando eu comecei nessa... nessa interação com a produção, eu já tinha um pouco de embasamento sobre Políticas Públicas, né?! Porque desde os meus 15, eu já vinha trabalhando nessa área. Eu trabalhei, é... nos meus 15 anos, eu trabalhei num projeto social, que é dentro do meu território, que é lá nos Terrenos Novos, que é um projeto que abrange vários territórios da cidade: Terrenos Novos, Vila União... hoje, ele abrange o Caiçara, mas antes não tinha Caiçara, eles não tinham ida... não abrangia lá. Na época abrangia Sumaré, Alto Novo, Dom José. É o projeto... ele é sediado... ele tem a sede dentro do meu bairro. Eu trabalhava nesse projeto, né?! E aí, depois disso, eu fiquei um tempo parado, não trabalhei em mais nada, e foi quando eu entrei nesse projeto do...

L: De articulador?

S: De articulador de juventude. Foi na Estação da Juventude, lá no Nova Caiçara. Acho que foi só esses dois. E, tipo, foi... acho que 1 ano, mas que... eu conheci todo o meu bairro, porque eu não conhecia. Eu morava, mas, pelo fato de eu tá me mudando, sempre eu taria... eu saía de uma casa, aí ia pra outra casa... mesmo sendo no mesmo bairro era... era dois destinos... como é que eu posso falar? Era um lado diferente, né?! E eu sempre ia pelo caminho mais perto da minha escola, então, sempre... da rua antiga eu não passava mais, aí eu ficava sem conhecer o bairro todo. Mas quando eu entrei nesse... tanto no projeto... no Projeto Vida, que foi em 2015, tanto nesse de 2017 pra 2018, foi de articulador de juventude, eu pude conhecer. O Projeto Vida eu pude conhecer o meu bairro, que é o Terrenos Novos e 2017 e 2018 eu pude conhecer o Caiçara, o Nova Caiçara que, pra mim, é um dos bairros que precisa mais de atenção na cidade, que é onde a gente tem... que a gente tem o maior público no Slam, que é onde a galera que produz cultura, que tem uma galera que produz cultura, é uma galera que quer colar, que quer colaborar e que quer levar pra dentro do seu bairro. E eu acho que, no mais, é isso mesmo.

Quando eu vi que eu poderia tá no Slam, na produção, e a gente poderia tá na produção fazendo mais do que a simples edição, que a gente poderia tá indo pras escolas, que a gente poderia tá fazendo roda de conversa... porque o Slam, ele não se resume só a uma vez no mês. O Slam ele tem... a galera, assim, que é de fora, que vê: “Não, ah, vai ter uma vez no mês, vamos e tal, vai ser massa”, mas não é só assim, né?! A gente... tem uma galera que se reúne, pelo menos 2 vezes no mês, que é essa galera da produção. A gente faz uma agenda, bate cabeça pra juntar as coisas, aí tem os convites, né, das escolas, das universidades, convites de pessoas pra querer conversar com a gente e tem também outros... a galera, também, que vê o Slam, não só como... vê a produção do Slam... não só como os criadores do Slam, os produtores do Slam, a galera vê como pessoas que podem... possam falar determinados assuntos, tipo a... a galera do Slam foi chamada pra falar sobre... discutir sobre o Suicídio, junto com alguns psicólogos da Rede, em algumas escolas, já foi chamada pra falar sobre o Feminismo... n’s (ênes) pautas fora o Slam, sendo que tudo se encaixa no Slam, né, mas o Slam em si, não sobre a criação de poesia, não sobre esse processo, né... mas sobre temas determinados.

L: É bem mais abrangente do que só um encontro uma vez no mês, né?!

S: Isso!

L: Quando tu entrou no Slam, tu se engajou na organização, como é que foi essas mudanças no teu cotidiano? Porque, de alguma forma, tu começou a pegar teu tempo e deslocar pra lá, também, né?! Pra essas reuniões.

S: Foi. Aí eu entrei pra produção assim, que foi quando era fiel ao Slam, porque desde quando o Slam, eu só perdi 3 Slam porque... eu não gosto. Só perdi 3. Não gosto de perder. Mas aí, quando eu entrei pra produção, eu fiquei naquela ideia: “Não, agora que eu não posso perder mesmo”, né?! Porque eu achava que era uma responsabilidade a mais. E aí eu sempre ficava nessa de querer levar o Slam pra Universidade, pro meu curso, né?! Que tipo... a gente, que faz pedagogia, a gente não aborda esse assunto, até agora eu não vi abordando esse assunto dentro da Universidade, até mesmo dentro do espaço. E aí eu ficava nessa, né: “Ah, a gente vê, discute poesia que... pra mim não tem nada a ver... a gente só vê poesia de romance, de amor...”. Eu sei que é importante a gente falar de amor, é muito importante. Mas e aí? Enquanto a nossa galera tá morrendo, tá levando 80 tiros nas costas, a gente não pode não tá discutindo sobre isso, dentro da Universidade. A gente discute diversos assuntos, diversos temas, diversos gêneros, mas não discute o Slam, que é uma coisa que tá tendo na cidade. E quando eu entrei no Slam, eu sempre pautava... todo canto que eu ia, eu fala que tinha o Slam “Não. Tem o Slam, o Slam pode fazer isso”. Sempre eu falava esse lance: “Ah, tem o Slam, o Slam pode fazer isso”, “Oh, mas vai ter Slam. Vocês podem ir”. Na minha sala eu falava pra todo mundo... eu postava e a galera perguntava o que era. Eu ficava nessa ideia, né... de que... o quanto eu fui mudando... a minha concepção de... de... tanto de militância, como de vida pessoal, né?! Porque pelo lance territorial, eu já tenho um pé atrás... porque um dos meus maiores medos é esse, né, do lance da briga territorial. Eu tenho muito medo disso. Quem me conhece, sabe, que tudo eu boto impasse... tudo eu boto impasse. Eu morro de medo, porque eu ainda... eu pretendo andar a cidade toda, conhecer... trabalhar em outras... outros projetos e não quero que minha imagem seja relacionada a uma coisa que eu não seja, entende? E aí, eu sempre... qualquer coisinha eu já fico com o pé atrás, né... pelo fato do lance territorial. E quando... quando eu entrei no... na produção, que o PH morava em outro bairro, que as reuniões eram lá e eu já trabalhava lá, nesse outro bairro, que também era um bairro que tinha conflito territorial com o meu, eu já ficava nesse impasse, né?! “Meu Deus, eu tô trabalhando num bairro que tem conflito com o meu que... não sei o que eu vou fazer”. E eu ficava sempre com medo de falar de onde eu... onde eu morava, né?! E, sendo que... é uma visão totalmente distorci... na minha concepção, né?! Acho que todo mundo tem sua visão... mas na minha concepção, era uma visão, na época, né... agora eu já tenho... na época era uma visão totalmente distorcida, na minha cabeça, porque a gente vê, o povo fala: “Ah, tu é de outro bairro, não pode andar, não sei o que e tal e tal e isso aquilo outro”. Mas eu via que não era assim. Eu via que, tipo assim, eu tava levando cultura pra dentro de um bairro, eu tava ajudando a juventude de um bairro a sair de uma re... a mudar sua realidade, né?! E que aquela galera me via como essa pessoa, então, aquela galera não ia me fazer mal, não ia me... não ia me julgar...

L: Tu tava apresentando outra coisa.

S: Isso! Era outra... Mas eu sempre ficava nessa... eu ficava nessa base, né “Não, tá de boa”, mas sempre que eu via alguma coisinha, assim, eu ficava calado, na minha, não conseguia fazer mais nada. Até que, quando eu sai e o PH, também, teve que se mudar - não pelo lance territorial, mas pelo lance de trabalho, que ele saiu do território -, e quando

eu saí do meu emprego, a galera de lá ficou perguntando por mim. Então eu fiquei assim... então, era uma visão distorcida. Mas aí, com o tempo... os tempos mudam, né?! E eu não consigo, ainda, tirar esse medo. Então, um dos meus maiores medos em relação ao Slam, em si, é só o fato do lance territorial e pelo fato de onde o Slam acontece, né?! Porque a gente... como eu falei, também, a gente tá ocupando um espaço que a burguesia acha que não é nossa. A gente tá ocupando ali, tá levando muita gente preta, tá levando muito viado, tá levando muita sapatão, tá ocupando o espaço e aquela galera é uma galera que não... é uma galera que não queria que isso acontecesse. Então, o meu medo, dentro do Slam, é o lance territorial e é pelo fato do espaço que o Slam acontece. Mas, em relação ao espaço que o Slam acontece, eu já tô super de boa, né?! Esse era o medo quando eu entrava, agora o medo que eu continuo, em relação a dentro do Slam, é só o lance territorial.

L: Eu lembro que uma vez teve um Slam que teve a ocupação de uns evangélicos, aí depois vocês é que entraram. Teve lá umas orações...

S: Foi... Acontece que por causa que... pelo lance da chuva, o Slam... esse Slam deixou de acontecer duas vezes. A gente ficou com o debitozinho de duas vezes. E aí, nessas duas vezes, esse grupo evangélico começou a ocupar a praça. E quando teve Slam... a gente marcou o Slam e conseguiu realizar, tava tendo um culto lá, aí a Fran foi lá apaziguar, tentar conversar com eles, que a gente tinha o ofício, mas também não queria expulsar a galera, né?! A gente entende que aquele espaço deve, sim, ser ocupado e... a galera que tava ocupando, a galera do culto era uma galera conhecida nossa, não era uma galera do centro, era uma galera também da periferia que tava ocupando aquele espaço. Então, a gente foi lá conversar pra dizer “Olha, a gente tem ofício, mas a gente não... a gente não quer que vocês se sintam expulsos daqui. A gente tá marcado pra 20h, então, se vocês puderem sair umas 19h40, pra gente só varrer, pra gente começar, sem problemas”. E aí, acabou que eles saíram 20h mesmo, em ponto, né... as coisas que eles tavam lá fazendo, acabou 20h. Mas foi super de boa. Teve até alguns deles que ficaram pro Slam, ficaram assistindo.

L: Interessante. É... E o que é saúde pra você? O que é saúde? O que é doença? Na tua visão.

S: Hoje, eu acho que... na minha visão, doença é tudo aquilo que... pra mim, o preconceito é uma das doenças, mas, em relação a fisicamente... deixa eu ver de que forma melhor eu posso falar... Pronto. Vamos começando, assim, por saúde, né?! Pra mim, saúde é eu estar bem comigo mesmo, é eu poder me fazer bem, me sentir bem comigo, e fazer bem a quem tá ao meu redor. Eu acho que, pra mim, saúde é isso, né?! Não é só tá lá com todos os exames, com todos os remédios em dia, com isso e aquilo outro. Pra mim, é eu sentir bem comigo mesmo e eu fazer com que os que estejam ao meu redor se sintam bem e esteja lá, né, dando uma mão amiga. E eu acho que, doença, pra mim, é toda forma de preconceito, né?! Não é só aquela doença “Ah, eu tô com uma dor de cabeça”, “Ah, eu tô com uma gripe”, “Ah, eu tô com isso...”. Pra mim, a doença, ela vai além disso, né?! E acho que uma das maiores doenças, hoje, da sociedade é o preconceito, é a não aceitação...

L: Ainda mais no tempo em que estamos, né?!

S: Nos tempos que... que estão, acho que a maior doença que o Brasil enfrenta é essa, né?! A maior... o maior... como é que eu posso falar? Eu nem diria que seria uma... que tá ali, assim... já tá ali, de boa, né?! Acho que já tá se alastrando, essa doença. Tá contaminando

todo mundo, né?! Porque antes a gente tinha... tinha, sim... na minha concepção... desde sempre eu falei que o preconceito era doença, né... apenas quando eu não era assumido... também não faz tanto tempo que eu me assumi. Então sempre falava que, pra mim, o preconceito era doença. Todo mundo. Então, desde quanto eu me entendo por gente, o preconceito, pra cima de mim, existe, mas não era tanto quanto hoje. Eu acho que com esse período político que a gente vive, isso tá contaminando cada vez mais, porque essa galera que, hoje, tá esbanjando esses preconceito é uma galera que antes já existia, porém estava presa, estava dentro de um armário, né?! Hoje é uma galera que já dá a cara, que “pode falar o que quer”, né – entre aspas –, sobre sua vida, dizer que você tá errado, que você não é pra ser assim, que você é pra seguir um padrão normativo que... Essa galera só precisava de alguém que pudesse dar um aval, né?! Infelizmente tem alguém que dê esse aval que é o presidente, infelizmente. Acho que o que faltava pra eles era isso, então hoje eles têm e eles se sentem bem com isso.

L: Estão representados, né?!

S: É! Eles se sentem representados com isso.

L: É... penúltima pergunta. É... Tu consegue visualizar relação de saúde dentro das atividades produzidas no Slam da Quentura? Não só no encontro, mas nessas... que vocês vão... Universidades... Enfim.

S: Pronto. A gente, do Slam, a gente sempre fala... a gente sempre trabalhou em cima do lance de Redução de Danos, sempre falava muito em Redução de Danos. O que a gente... entende, né... que a gente tá fazendo um evento da periferia pra periferia, em um espaço que não é – entre aspas – “da periferia”. Então, essa galera que vai, é uma galera que usa o seu beck, bebe lá o seu vinho, bebe seu álcool, usa outros tipos de drogas, mas é uma galera que precisa entender que não é só usar por usar, né?! Por trás disso tem toda uma Política de uso daquilo, né... a forma, onde você vai usar, porque, tipo... na... nas periferias da cidade, não é todo jovem que, hoje, utiliza a... vou falar maconha, porque é o que mais utilizam... não é todo jovem que utiliza a maconha que tem como conseguir comprar uma seda, não é todo jovem. Ou não tem como conseguir, ou não compra porque prefere ou compro a seda ou compro o beck, ficam nessa ideia, aí preferem comprar o beck e não comprar a seda e preferem fumar em qualquer coisa. Então, a gente do Slam sempre trabalhou, desde o começo, com esse lance da Redução de Danos, né?! Falar pra galera lance de... falar que é melhor você dar a bongada do que tá fumando, fumando você tá puxando muita fumaça... o lance da piteira, também, o lance do guardanapo. A gente fala diversas... diversas outras coisas, né?! O lance, também, de não tá passando, lance de: “Ai, passa o beck pra deus e o mundo”. O lance, também, de você tá comprando aquilo, né, também... A galera não... quando a... a gente tá na periferia, a galera tá dentro do seu bairro, seu território, a galera sabe onde tem, sabe onde encontra. Mas quando a galera vai pro centro, compra de quem aparece primeiro, né?! E tem muitas pessoas mal intencionadas que não querem passar o produto de uma forma que a galera possa usar de boa, elas querem passar um produto mais pesado pra botar a galera no chão. A gente sempre fala pra galera ter esse cuidado. E aí, a gente, sempre, também fala... é... trata muito sobre o lance da depressão, também, é um dos assuntos que a gente aborda muito dentro do Slam...

L: Percebi que isso é abordado nas próprias poesias, né?!

S: É. A gente também tem... Tipo... o PH, ele sofre de ansiedade, tem uma outra menina aqui da produção do Slam que também sofre de ansiedade. Então... as poesias, hoje, já mudaram, né?! Mudaram um pouco. Antes, a gente tinha poesia mais de resistência, né?! De apontar o que a gente via dentro da periferia, pra que a sociedade pudesse ver isso de uma forma... na poesia. Hoje, a gente já tem poesias falando sobre a cidade, a gente já tem poesias falando sobre depressão, sobre suicídio, né?! É porque... como a gente diz: O Slam, ele não é só aquela... você chegar lá, na frente de todo mundo e recitar sua poesia e sair. É um espaço de conscientização, né?! A galera fala e tem muita gente que tá lá, no Slam, pra saber, pra se informar. Tem uma galera que já... vai... sobre um assunto... “Não, eu quero saber... eu vou pro Slam, mas eu tô em dúvida sobre isso. Talvez alguém vai recitar alguma coisa sobre isso e eu possa conversar com aquela pessoa”. Muitas vezes, quando acaba o Slam, a galera vai conversar com os poetas, né?! “Ah, eu tô... aconteceu isso e tal... tu acha?... o que é tu pode me dar?... o que é que tu pode me dizer?”. Muita gente, quando acaba o Slam, vai atrás dos poetas, pra poder conversar.

L: Tem esse diálogo, né?!

S: Aham.

L: É... E a... última pergunta. Prometo. O que é juventude pra você?

S: Pra mim, a juventude: A revolução, né?! Acho que a gente pautar diversas Políticas Públicas, sem a presença da juventude, o Brasil não vai pra lugar nenhum. Eu acho que é por isso que... estamos onde estamos. Eu acho que a gente só chegou nesse... nesse momento político que estamos hoje, porque as Políticas Públicas de juventude que era pra ser discutidas há... 4 anos atrás, 5 anos atrás, não foi discutidas com a juventude. Eu acho que se isso fosse discutida com... com quem tem espaço de... quem tem o espaço de fala, pra poder... pra poder dar sua ideia, pra poder discutir sobre isso, eu acho que a gente não teria chegado a esse momento que estamos vivendo.

L: Como é que tu imaginaria que seriam essas discussões?

S: Eu já fui pra uma Conferência Nacional de Juventude, né?! Eu já participei de uma (? – 40:51) em Brasília. E... foi em 2015. E eu acho que... a gente... essa Conferência, só pra poder... ela acontece a nível municipal, estadual e nacional. E aí ela elege delegados pra poder (? -41:08) cada etapa, né?! O municipal elege delegado pra estadual, estadual elege delegado pra nacional. E aí, com todos esses regimes tem processo de fazer propostas nas Conferências. Ai... fazem propostas sobre vários temas: proposta sobre cultura, sobre juventude, jovem, sobre saúde, sobre segurança e tal. E essas propostas, ela vai passando, né?! Da municipal vai pra estadual, e na estadual, ela pode ser reformulada e, ou ela pode ser aglutinada, porque assim... a municipal é do estado todo, né?! Aí tem alguma que é parecida, aí aglutina e tal. E na nacional, ela vai sendo mais esmiuçada, até poder ser um plano, pra poder mostrar pro Presidente, pro Secretário, pro Ministro e tal... tem esse lance todo. E eu acho que, esse momento, era um momento que tava no golpe, né?! Eu acho que foi isso que... que empatou um pouco. Pouco não. Acho que foi isso que empatou... acho que foi isso que empatou bastante, porque acho que essas propostas, que lá em 2015, a gente tava em Brasília, esmiuçando elas, discutindo elas, fossem aprovadas, tivessem sido realizadas, eu acho que a gente não taria nesse sistema político que a gente... nesses momentos político.

L: E tá cortando, né?! Essas participações. Deu uma diminuída e grande das participações. Tanto em Conselhos Municipais de Saúde, como Juventude... enfim.

S: É isso. A gente vê que ele não quer atacar só... só uma classe. Ele quer atacar toda a minoria, ele quer tirar... atacar a minoria e tirar tudo o que a minoria tem por direito, né?! A saúde, principalmente. Tá... o tanto de cortes... primeiro começou com o Temer, né?! A PEC... o teto de gastos, né?! Que eles chamavam, né... congelar 20 anos os investimentos em saúde, educação e segurança. E agora, com o novo governo também, né?! O não investimento em saúde, em cultura, juventude.

L: Bem complicado.

S: Muito!

ENTREVISTA VICENTE

L: A primeira pergunta é pra te conhecer mais, tua história de vida, contar um pouquinho da tua infância, adolescência... É um recorte curto. Relação com os pais, amigos, escola...

V: Eu sou aqui da cidade de Alcântaras, bem pertinho, e não tinha nenhuma referência desta cidade. Meu pai foi embora em 70 e alguma coisa... Logo depois, ele foi embora pro interior de Varjota - Araras, então a minha infância até os dez anos foi morando aqui na zona rural mesmo, isso era início da década de 80. Sempre tive vontade de estudar, e nessa época, não era como a realidade de hoje. Eu já pequeno vim morar com um tio aqui em Sobral, um tio meu que me criou, pra que eu pudesse estudar. Então, fiz o ensino que, na época era primeiro grau, e fiz na década de 80, 90... Tudo atrasado, diferente da época de hoje... Na segunda série, eu tinha doze anos, uma realidade diferente. Terminei o ensino médio no Colégio Estadual em 98, mas só consegui entrar na universidade em 2004, depois de ter tentado seis vezes o vestibular. (L: Todas as vezes em ciências sociais?) Não, eu tentei outras áreas, tentei história e várias outras... Mas aí, se eu soubesse exatamente o que Ciências Sociais tratava, eu teria feito desde o primeiro, porque foi falta de conhecimento. Depois que eu me aprofundi do que o curso tratava, eu me apaixonei e logo que fiz a primeira vez, eu passei. Me graduei, como Licenciado, em 2009, há dez anos. Em 2011 eu continuei no curso, completando uma grade de bacharel que faltava e, em 2011, eu me graduei como Bacharel. Só que no período entre 2009 e 2011, eu fiz especialização em Gestão de Organizações Sociais, também na área das Ciências Sociais na UVA. Terminei Bacharelado em julho de 2011, justamente na semana que tinha entregado meu artigo de especialização na UVA aí só entrei no Mestrado em 2017, embora tenha feito também quatro tentativas pra passar, tudo era mais difícil. Eu sou assim, muito (?burguesiano?) nessa questão da educação, do capital cultural, de achar que as coisas... Não como uma justificativa, mas eu entendo, porque sempre estive em lugares onde o sistema diz pra você não estar. Assim, eu comecei com resistência mesmo. Eu não tive o que a garotada de hoje tem, cê tá entendendo? Eu ia pela persistência e pela força de vontade mesmo, não era fácil. Hoje em dia fala que o capital cultural é responsável pelas suas ascensões na vida, digamos assim, se você é criado em um ambiente cult, claro que você vai chegar mais cedo... É como se fosse uma espécie de... Gente rica que estuda em escola particular, ele vai ter muito mais chances do que você, isso é inquestionável. Então, eu era isso.. Eu tava quase lá e não chegava lá, entendeu? Eu consegui passar em 2017 na seleção de mestrado, aqui da universidade também, toda a minha carreira acadêmica foi feita na UVA. Em História e Geografia... Mais especificamente foi o recorte da geografia plural. Um recorte novo e, em determinadas universidades e escolas, a geografia tem uma certa resistência também, sabe? As pessoas mais pragmáticas, mais ortodoxas, vão falar: "Isso não é geografia, parece mais com antropologia", entendeu? Embora exista uma galera massa da geografia, com uns medalhões, que trabalham geografia cultural, principalmente na UERJ, na UECE também tem uma galera que trabalha com esse recorte da geografia cultural, que entende que o espaço é metade a priori e é inerte, esse espaço tem a nossa influência, ele é o que a gente faz dele e das relações que estabelecemos com ele, de empatia ou não, enfim... É uma questão bem primária, eu acho, que justifica a sua existência. A minha dissertação foi o recorte... Era

discutir periferia, a poesia marginal, o Slam e as batalhas de (?re..?) ... Eu percebi que eles fazem muitos alusões ao espaço deles. A periferia no modo geral! (inaudível - 05:05) Tem muito essa pegada da periferia... Nas batalhas que têm no Slam, nos gritos... Existem (não entendi - 05:13), o que é periferia, tudo isso atentando pra isso: "Olha, essa poesia marginal, esse recorte cultural, tá me apontando pra um recorte espacial que é a periferia". Além das poesias que foram fornecidas por eles, também teve as entrevistas e aí fui adentrar... perceber um pouco mais a relação desse interlocutor, desses meninos periféricos com seus lugares, sua periferias, com os seus bairros... Aproveitei tudo isso e encontrei outros conceitos que a geografia fala. Tanto como lugar, território, territorialidades... Eu discuti tudo isso, tanto através das poesias como das próprias entrevistas. Então assim, eu fui perceber o espaço completamente sendo percebido por quem habita nele, quem defende, quem agencia dentro desses espaços. Os movimentos sociais falam muito... O Movimento Social Fome, por exemplo, eles falam muito das agências dentro do bairro. Em nenhum momento eles falam que o bairro não é violento, eles reconhecem, mas sempre estão agenciando, resistindo no sentido de fazer dele um lugar melhor e... As próprias oficinas de rima são isso, em CRAS, escolas, crianças... essa ação de resistência... A própria biblioteca que eles conseguiram montar agora, tudo isso, e a própria galera do Slam do mesmo jeito, uma galera mais... Até abordei na minha dissertação, o Slam é um lugar de fala mais expansivo, no sentido de que lá você vê pessoas de coletivos LGBTs, feministas, periféricos, rip-rop, brake... Ali naquela galera tem tudo, e cada um vive como é, que... Todo mundo fala suas realidades, suas planilhas de luta. Mas assim, nenhum desses, dentro dessa pegada (inaudível, não entendi - 07:11) é periferia. Então, (07:13 - não entendi), centros periféricos... É isso, a agência é essa. Você estar ali é um agenciamento, é um ser resistência muito grande, certo? Você ocupar um espaço público, recitar poesia, que ela pode desagradar um sistema, porque ela é denúncia, ela é resistência... Então, é isso.

L: Esse contato que você teve com o Slam... Ele se deu a partir da sua pesquisa do mestrado ou foi antes?

V: Não, não... Interessante que quando eu ?...? (07:44 - não entendi essa palavra) as coisas do mestrado, também nem era esse tema, eu pesquisava meu bairro em específico. Eu queria saber, uma coisa que muito me incomodou, enquanto morador e pesquisador mesmo, que eu sou muito assim... leitor de "nordestielias", e aí essa questão dos estigmatizados, né? O que muito me incomodou é que, um bairro vizinho estigmatiza muito um bairro, entendeu? Cara, quando eu li aquele livro ? Ser estabelecido pelo bairro?. cara, eu vejo a realidade dos dois bairros direto. Aí, eu: "Por que aquele bairro é estigmatizado pelo outro? Pelo bairro vizinho? Ser da esquerda é como se dizer violência né? Questão do pânico moral que eu trabalhei na minha dissertação. Isso também incomoda os moradores do bairro, entendeu? Só que, quando eu parti pra conversar com as pessoas: "É pra saber saber se..." "Não, não quero falar desse assunto". Todas as pessoas foram resistentes a esse assunto. Se você espalhar a palavra violência, numa conjuntura em que a gente está agora, de facções, que antigamente você só via no resto do país, e hoje já se disseminou em pequenas periferias das cidades, as pessoas têm muito medo, e é claro que eu entendo, elas não são obrigadas a falar comigo. Tem limite, né? Tem que respeitar a escolha delas. E eu encontrei muita resistência, mas voltando pra sua pergunta, eu já participava, sempre gostei dessa coisa de rua, entendeu? Tanto eu ia às batalhas do ?TN?, desde a primeira, em outubro de 2017, como eu fui ao primeiro Slam em março de 2017. Eu nunca faltei as edições do Slam, eu ia de boa, só na minha mesmo. A partir dessa resistência, já tava faltando tipo, uns três meses pra minha qualificação

ano passado, e eu estava meio perdido... Eu e o orientador, né? Aí, um dia ele deu um start, não sei como, ele meio sério e falou assim: "Olha, Vicente! Já que não tava certo eu pensei o seguinte: Que o que a gente já tinha, mesmo apesar das resistências e relatos ... Meio que informalmente, né?" (breve mudança de assunto) ... Com a periferia que eu pesquisava lá no Santo Antônio, eles falavam também da resistência, na defesa do lugar, falavam bem do lugar... "Não, aqui é muito bom!" ... Tudo aquilo que os meninos falam na poesia do Slam, sobre periferia... Era o que eles falavam. Aí o orientador falou assim: "Olha, o que os interlocutores aqui te apresentaram?" Eu fiz uma entrevista com eles.. Sem esse tema da violência especificamente, eles sempre camuflavam o discurso pra falar sobre as belezas do lugar, sua relação com o lugar, porque o bairro é novo e eles se acham construindo o lugar até hoje... Apontam dificuldades do passado e conquistas de agora, sempre essa relação do 'antes e depois' mas sempre exaltando o lugar. Tenho seis entrevistas lá ainda, com o povo. Aí o orientador: "Não, então olha... O que eles estão falando aqui, você percebe que não é diferente do que a poesia marginal tá falando?" Que é a defesa do lugar, os agenciamentos dentro do bairro, que reconhecem as dificuldades, os perigos, a violência, tráfico de drogas... Mas eles só falam no sentido de enaltecer. Eles focam mais na agências pela bondade... Tem pessoas que abrem associação, criam movimentos culturais, como quadrilha junina... Dizem: "A gente faz isso pra trazer os jovens pra dentro, pra tirar da rua." Sabe? Todo esse agenciamento tem a ver com que os meninos faziam e colocavam nas suas poesias. Aí ele: "Não, você pode muito bem falar sobre periferia. Como essa periferia é relatada na poesia marginal. Aí foi um status assim, de mestre, sabe? Pra você ter com louvor.. Tanto é que minha dissertação deu certo! Aí eu passei a pedir as poesias dos meninos, se eles tinham alguma coisa sobre periferia, passaram a me mandar... No própria material que eu gravo, filmagens pra fazer documentário, eu era... Como o documentário tinha que ser pequeno, então eu tenho muita coisa no documento que dá pra fazer trocentos documentários, com essas temáticas, cê tá entendendo? Então foi muito mais! Essa questão do campo, que nem você tava falando aí a pouco, é muito louca... A gente faz uma coisa, mas às vezes o campo te mostra outra. Foi mais tranquilo, né? Talvez se eu não tivesse pensado nisso não seria tão bom. Eu já estava dentro desse campo e, na verdade, o campo me encontrou. Então é isso, deu certo! Falei de poesia marginal o tempo inteiro, tanto o movimento do Slam da Quentura como na batalha do TN, estive o tempo inteiro falando da periferia. (Recorte cyber resistência, documentário 12:07 - 13:34) Então, a galera está construindo todo um discurso, uma percepção de realidade... E aí, acho que toda essa percepção que desencadeia na poesia. Uma espécie de ? ... ? (13:46) Você faz toda essa leitura de mundo... Eu vejo muito Paulo Freire em toda essa questão, da percepção ao seu redor, fazer essa esse desabafo e progredir muito nesse sentido, um sentido de bater contra o sistema, mas não de uma forma violenta. Porque assim, a palavra é revolucionária e incomoda. Talvez esses baques de polícia, tem a ver justamente com isso, com esse incômodo né? Talvez não seja uma coisa muito objetiva, pontual.. mas essa galera...

L: O Slam tá ganhando proporções muito grandes, né? Tá trazendo muitas pessoas, muito público, e as pessoas já ficam na espera do Slam, e aí... com esses baques da polícia, eu acho que, deve ter uma relação com a magnitude que o Slam tá tomando. Acho que ele chamou atenção, de forma negativa, pra uma elite que tá aí se sentindo incomodada.

V: Principalmente por acontecer num espaço central, né? Mas talvez nem tanto, porque quando acontece também... tô lembrado que tentou usar as batalhas do TM, lá na ?casa...?, a polícia esteve lá! E detalhe: com abordagens muito mais agressivas, ostensivas do que no Slam da Quentura.

L: Aí entra também o lugar, né.

V: É.. Ou seja, eu vou te incomodar de qualquer jeito! A não ser que você esteja dentro da sala da sua casa.

L: Às vezes até dentro da sua casa (risos)

V: É... A sala de aula. (não entendi) A galera fica aí filmando e etc.

L: Tá meio virado aí o país.. Então, (?tu não?) me respondeu mais ou menos a segunda pergunta, cara... Assim, o que te levou a participar do Slam?

V: É um pouco separadinho... Eu sempre gostei, sempre me senti dentro dessa cultura marginal, cultura periférica, adoro essa linguagem... Gosto também de outros tipos de artes, claro, teatro, coisa parecida. Mas acho que, por uma identificação de classe, digamos assim (risos)... Então, isso sempre me chamou atenção. Sempre fui fã das letras de rap que tem essa construção de sociopolítica, que é arraigada, né? Tipo, numa letra de um rap do... Sei lá... Do Gabriel Pensador ou Emicida, você dá uma aula de sociologia ou qualquer outra aula, assim... de horas sabe? Tipo, só de um clipe, tá entendendo? Então, eu sempre gostei e tem muito a ver com essa leitura social que eu nasci... Ou seja, todo um contexto histórico e intelectual, digamos assim, que fala de mim como pessoa, como fala também da minha bagagem teórica, universitária, acadêmica... Assim, une tudo. Fui pro Slam sem conhecer ninguém em 2017, do nada, eu vi um card e não sabia nem o que era, ninguém sabia o que era aquilo... Só quem imaginou que sabia foi o ? ...? e a Fran... E o Diego... Eu não sabia o que era, nunca tinha ouvido falar, aí eu vi um card no facebook e fui sem conhecer ninguém. Cheguei lá, na minha, e gostei e fui pro segundo, terceiro... Enfim, pronto. Era batalha de um do mesmo jeito. Gosto tanto que tem um portal em que as pessoas estigmatizam tanto os lugares, porque eu sei, eu moro há muito tempo aqui no Santo Antônio, depois do Shopping Center, eu moro ali, pra lá dos Terrenos Novos, então assim... É questão de identificação mesmo. Acho que tem muito a ver que, quando vejo as poesias dos meninos, nenhuma daquelas narrativas tá separada da minha realidade, sabe? Tem gente que fala muito bem da poesia dos meninos. Eu vejo cada poesia daquela, cada menino daquele que sofrem baque... Enfim, agressões simbólicas ou não simbólicas do sistema.

L: Então, pra você, qual o objetivo do Slam? Do Slam... Você pode falar também da Batalha...

V: Eu vejo, agora participei também do Fora da Métrica do Slam mas não participo da batalha, tenho amizade com todos eles, sou muito envolvido, mesmo eu sendo das pesquisas... Mas, o objetivo, que eu entendo... não tem assim, um esboço... Eu vejo que, na minha percepção, é lugar de fala e existência, principalmente na conjuntura que a gente está agora. Onde você vê toda hora, todos os dias, pelas mídias, redes sociais, ataque assim... que seria impensável, eu diria, até na idade média. Tem barbaridade fora do comum, de uma brutalidade... Tanto em contexto violento direto, como em violência simbólica, sabe? De você agredir verbalmente pessoas pela classe social, de você ficar feliz quando uma pessoa que não concorda com sua ideologia política morre, cê tá entendendo? Você tá sendo assim... O tempo exige que a gente fale, tá todo mundo sufocado. E quem deve falar é justamente , eu entendo que, é quem sofre esses ataques... Uma forma, não diria de afrontar, mas de... sabe? (não entendi - 19:18) ... você leva um puxão de orelha

sem que seja necessário, que isso te expõe, que isso mexe com o teu ego, isso você tem vontade de falar, porque só ficar com aquilo sozinho... Aquilo te pega mais do que.. Parece que pega é o dobro, então você desabafa, você fala, você protesta, você... Vê se te alivia um pouco mais. Isso tira de você um sentimento de ser covarde. Não é que você se acovarda, é o contrário, você está ridicularizado e eu tô sendo conivente com isso à medida que eu me calo, se eu não falo nada... A gente que é dessas classes pobres mesmo, que não tem nada, não tem outra arma no momento a não ser falar, você falar, falar... Apesar, do que a gente já comentou, desses baques que tão com essas forças coercitivas, que tão aí tentando nos calar o tempo inteiro, isso pra você ver que incomoda, né?

L: Eu lembro que teve nesse penúltimo Slam que eu fui, que não foi esse último agora, que o baque foi muito diferente do baque no Parque da Cidade, a segunda abordagem. Eles foram bem mais agressivos, e aí quando abordaram a galera que tava na esquerda, foi muito diferente diferente da abordagem da galera da direita, o estereótipo né, os meninos da batalha tavam lá... Eles foram bem mais rigorosos com eles, bem diferente de quem tava na esquerda.

V: Então é isso! Eu vejo como lugar de fala, lugar de desabafo... Questão de ser de uma maluquice.. sei lá, uma paranóia assim, de sofrer tanta coisa... O sistema tá o tempo inteiro te tirando do tempo, puxando teu tapete e isso tem se intensificado demais... São ataques violentos, horrendos e que a gente precisa falar, precisa denunciar e resistir. Eu acho que o ato de recitar... Eu trato na minha dissertação assim, que eu percebo que, todas as vezes que uma pessoa recita, o ato de todo mundo aplaudir de pé entrar naquele êxtase, é porque não é só bonito, uma questão de estética... É questão de identificação. É muito pessoal... "Essa realidade é a minha", "Ai, eu me identifiquei muito com isso", "Isso tem tudo a ver comigo." A poesia da Sabrina, sei lá... Da fran, quando fala.. você se vê naquela poesia e aí você diz: "Que bom, eu queria ter feito isso, queria ter falado isso também... Queria falar isso em outros lugares, queria deixar estampado toda a minha indignação e revolta." Acho que o objetivo mesmo é resistir, por exemplo, como diz a poesia da Sabrina: Resistir pra poder existir. É você se mostrar, apesar de tudo que você tá sofrendo, mas é resistir mesmo. É muito pontual, essa resistência não ... (? - 22:13) ... ninguém entrou num colégio particular, pra saber se os jovens também estão com algo ilícito e tudo o mais... Em nenhum momento eles vêm fazer isso, acham que nos locais vulneráveis, né? ... "Vamo lá, essa galera que é o algo que..." entendeu? É isso, tanto é que tem muito a ver com essa resistência e lugar de fala, que os meninos ficaram chateados após o baque, começaram a chorar e só o PH: "Gente, será se a gente continua?" Aí você viu, foi que a galera disse em peso: "Vamo continuar!" E, cara.. eu participei de todas edições e confesso pra ti, que foi a melhor edição de todas, foi a daquele dia. A galera ficou inflamada, gerou uma rede de sentimento, de afetos todo mundo se solidariza com a realidade porque, eu não peguei o baque não sei porquê, entendeu? Então, ali é lugar de desabafo, denúncia. Até onde isso vai e se serve pra alguma coisa eu não sei né? Mas tem muita gente que se sente contemplada naquelas falas, gostaria de falar e escrever aquilo também... Aquela crítica, aquela denúncia em determinado local. Então é.. É isso, cara! É resistência. Em tempos como esse, sombrio, obscuro, tempo que é resistência.

L: O que significa... É um pouco diferente essa perguntas, mas tem uma relação com o que você já falou também. O que significa o Slam pra você?

V: Pra mim, cara... Vou ser até um pouco repetitivo, né? é como lhe falei, o Slam pra mim, é um lugar de fala. Os meninos falam por mim, eu me sinto contemplado naquelas falas. Gostaria que em toda periferia tivesse um movimento daquele, pra galera que... Eu não

sou do tipo que "Ah, na minha periferia tem uma galera que foi do tráfico, tá agenciando o tráfico... isso é vagabundagem, só faz o que não presta". Porque a gente que trabalha com ciências humanas, com pessoas, nosso trabalho é diferenciado, né? As coisas têm um contexto pra você, onde você é só um ponto numa realidade bem mais ampla e complexa... Então, é pra você compreender até onde essa pessoa chegou, como está ali. Então assim, um movimento poético como aquele, que você vê que ele incita muitas pessoas a escrever, muita gente tem vontade de escrever... E já teve gente que escreve e leva gosto, mas tem vergonha. Ou seja, ela se sente tão identificada com aquela fala... Naquela penúltima edição, um rapaz alto que canta, fino, magrinho... Ele falou assim: "Eu já tô com essa poesia faz tempo". Ele já vinha e não tinha coragem, aí ele até falou: "Mas a partir do que aconteceu hoje eu não vou mais me calar", você lembra? Então é isso, o Slam pra mim tem um significado tão grande que eu eu nunca descreveria, porque tem muito a ver com as emoções, com os afetos, as questões das identidades, pessoas periféricas, negras... Então assim, eu queria muito que um movimento como aquele tivesse em toda periferia, fosse visto nas escolas... A galera, por exemplo, as pessoas das licenciaturas... Eu dou razão aos alunos terem uma certa antipatia daquele momento de aula, que você às vezes é obrigado a escrever coisa da lousa, estudar um texto pra uma prova decorativa, porque tem que ter um saber técnico e pra prestar resultados.. Eu acho que o saber, tem que ser saber de vida, que você aprende ajudando a se construir como pessoa. Uma coisa bem leviana mesmo. Você tá aprendendo mas também tá vencendo isso, aqui é como se fosse o manual e eu aqui eu tô colocando isso em prática, cê tá entendendo? Esse aprendizado tem a ver com a minha vida prática, com a minha relação de vida e tudo mais. Então assim, parece que os meninos (não entendi - 26:42)... E são muito bem recebidos, numa escola de ensino fundamental, tendeu? Até agora outro dia mesmo foi, semana passada... Não lembro a escola... E os meninos ficaram interagindo, fazendo poesia... Suponho que falou muito da realidade deles, tendeu? Então assim, o que é o Slam pra mim? O Slam é esse... Ah, sei lá cara.. Difícil descrever... É uma oportunidade que você tem de se conhecer também, sabe? Tanto de você ouvir falar, se apropriar da sua condição periférica, de pessoas negras, LBGT's... A gente é isso, você é periférico (carro de som passando, acredito - 27:25) e tem medo de ser estigmatizado, você não se aceita como negro, você alisa o cabelo... "Não, eu sou moreno claro, negro é o outro", sabe? "Você é gay, mas..." Quando você vê com propriedades, essa questão da identificação que é muito forte, de quem eu sou, isso gera um espécie de encorajamento eu diria. Sabe por que eu tô falando isso? Porque desde a fundação do Slam das Cumadis... Eu já fui no Slam que, no primeiro de outubro do ano passado, foi só as meninas, a Sabrina e a Castiara (foi o nome que entendi), recitar lá no bairro dos Terrenos Novos, mas já apareceu umas quatro ou cinco meninas que eu nunca tinha visto, em nenhuma vibe dessa periferia, dentro do bairro foram lá e recitaram também, cê tá entendendo? Lá se sentiram à vontade, porque lá era o espaço delas... Teve vídeo, foi gravado... Elas se apropriaram do lugar. As meninas foram assim, uma espécie de fortaleza, recitando e viram a diferença... "As meninas aqui tão metendo as caras". No segundo que teve aqui na margem esquerda, tinha um monte de menino que eu nunca tinha visto, passei a conhecer depois disso. Se passou a ver pessoas que se assumem, e entram pra defesa, agenciam mesmo com todo amor.. Às vezes a gente não faz as coisas porque não faz sozinho, porque tem medo, não sabe como fazer.. Mas quando você vê alguém que dá a cara a tapa, alguém que mete os peito mesmo assim, tendeu? Você se sente mais encorajado, por isso a gente chama de Coletivo, porque você não tá ali sozinho. Então acho que o Slam é isso, ele tá trazendo essa mostra de reconhecimento também, né? Conhecer seus lugares, seus perfis sociais... Negro, LBGT, periférico mesmo.. Você se apropriar disso gera um sentimento bem coeso. Eu até percebi que na batalha que teve o baque, a batalha dos meninos teve até outro nível, porque eles

estavam formados com outra maneira de fazer, uma união pelo que aconteceu... Pra você ver como esse movimento agrega, ele não gera nenhuma identificação na patricinha do colégio x que passa ali a noite com seu namoradinho e o seu iphone, cê tá entendendo? A galera ali fica invisível pra esses meninos, quem chega ali né... Quando você vê falando da sua realidade, dos ser LGBT, ser periférico, ser mulher preta.. Isso gera, todas pessoas que eu converso também diz: "Aquela poesia foi muito massa!", porque ela se identifica com o que ela fala. Então, o Slam pra mim é isso, tem essa dimensão... Eu não sei explicar direito, mas ela passa pela percepção do saber quem eu sou, me reconhecer naquelas poesias, bem quando favorecidos pelos seus direitos, né? Seus direitos, de carregar na pele os estigmas sociais, estão o tempo inteiro correndo perigos abertos e agora cada vez tá ficando mais... abertos, digamos assim.

L: Com a participação dessas coberturas do Slam, da sua dissertação ou mesmo antes, houve mudanças no seu dia a dia? Se houve, quais seriam?

V; Cara, sim. Quando eu comecei a ir pro slam não era nem eu que fazia as coberturas do Slam, era outro menino do laboratório. No começo do ano passado, quando a gente foi decidir esse recorte de poesias, aí eu fui.. Eu era um desses rostos que ninguém conhecia no Slam, ficava só eles, não conhecia ninguém... Então assim, as pessoas começaram a perceber no tempo que eu comecei a ir com os equipamentos de filmagem do laboratório pra filmar, entendeu? Então assim, isso gera também, pelos próprios meninos do movimento de contactar comigo, "ah, me passa as fotografias"... Isso vai começando a gerar redes de contato, de conhecimento. Isso acabou mudando completamente minha rotina e minha rede de relações, que antes era... eu conheço essa galera toda, conheço os meninos todos... fiquei conhecido como o cara da câmera. Passei a ser uma peça dentro desse cenário, mas não só por isso, não só essa questão utilitária, rola a questão de afeto mesmo, as pessoas chegarem pra mim: "Olha, foi foda!" Eles são muito gratos pela pesquisa que eu "retribuí", porque não dá pra você retribuir, você faz o mínimo que acha que tá agradando, porque a colaboração do interlocutor da nossa pesquisa você não retribui nunca, entendeu? Porque depende muito da vontade dele de querer receber, querer... Adentrar o espaço dele, tá entendendo? Porque a cordialidade é coisa que... você fica: "Poxa vida...!" Ele não conhece as pessoas e passa a ter o respeito delas. E aí, eu disponibilizei cópias da minha dissertação em toda Batalha do TM, Slam da Quentura... A questão do documentário, que eu achei mais interessante.. Interessante e também não é, por uma questão de acesso, muitas pessoas vão na biblioteca da universidade folhear a dissertação, mas quando você faz um documentário e todo mundo assiste, a galera entende um pouco mais, é muito mais acessível essa linguagem e também o trânsito, né? Você passa a ver o impresso, a questão da pesquisa, vê que não é um documentário qualquer, não teve nenhuma bitolação de dinheiro, foi feito no laboratório, sem nenhum fim pra ganhar dinheiro com isso, entendeu? Mais é pra divulgar a pesquisa e enaltecer a carreira dos artistas, no caso né. E.. dar visibilidade pra essa galera, entendeu? Pessoal tá sempre compartilhando e ver que eles são interlocutores, suponhamos que, eles tenham ganhado um pouco mais de notoriedade a partir desse documentário, entendeu? É isso. Como você perguntou, o antes e o depois, antes eu era uma pessoa completamente invisível dentro desse movimento, comecei a participar no cantinho.. Até porque eles são todos jovens e a gente não é tão jovem assim, né? Não tinha nenhuma aproximação com nenhum dEles, eles tinham com a galerinha deles e tal... Eles são novinhos, dezoito, dezessete anos... Tenho idade é pra ser pai deles todos, né? Então assim, a partir disso, esse tabu da proximidade já foi quebrado, me aproximei de todos eles... Então assim, essa troca de afetos, essas reflexões, essa questão dos afetos onde você volta outra pessoa. Dizemos que

o seu "eu" antes se dilui completamente através das relações que você cria, dessas pessoas que você tá sendo interlocutor, você partilha do cotidiano dele. São coisas que ficam pra vida. Então assim, não só uma questão de conhecer... Se a minha leitura de mundo com relação ao tema já era bem interessante, porque eu já conhecia como tal, como preto, periférico, pobre, vendo que essa galera tava pensando no mesmo foco, cara.. é muito massa, entendeu? É outra pessoa.

L: Agora é uma pergunta um pouco mais diferente da pegada que já vinha vindo. As perguntas já tinham uma pergunta entre si, mas não eram iguais, é um pouco diferente. O que é saúde pra você? E o que é doença?

V: Doença, pra mim, Zé... Posso te chamar de Zé, né? Nem tenho essa intimidade (risos) ... É... Doença pra mim, ela é um conceito assim... Não diria que é um conceito, doença não é só aquilo que as pessoas entendem como uma dor, por exemplo, um ferimento, algo físico... Pra mim, a doença perpassa as características físicas, digamos assim. Palpáveis. Doença tem muito a ver com seu estado de alma, sua percepção, nas suas motivações. Aquilo que você tá recebendo de fora, outras energias, o que é que ela influi na sua percepção, na sua condição psíquica, digamos assim, certo? Porque, por exemplo, tem uma coisa bem intrigante que as pessoas, vez por outra, alguém se suicida, vamo colocar os casos aqui da cidade mesmo.. Alguém, gente jovem, outro dia mesmo... Há algumas semanas um rapaz se suicidou, até conhecia, fez biologia na UVA, fazia faculdade no Luciano Feijão, e as pessoas diziam assim: "Nossa, mas fulano tava tão bem, não reclamava nada..." Gente, não é só questão de você estar com uma dor, um ferimento, ir ao hospital fazer curativo não! Essa questão do cuidado, né? Acho que é uma coisa bem... Essa percepção que eu tô falando também de doença é muito naquela linha do ?...? do suicídio, né? Ela pode estar doente por conta de N coisas e isso gerar uma paranóia na tua cabeça. Então assim, ele foi estudar a relação do suicídio.. "Suicídio é falta de Deus"... Aí fala de uma série de suicídios... Ele detectou que era por conta de uma ?...? social da época, que causava pânico, medo, terror, desespero... Mais ou menos o que a gente tá vendo agora, a gente vive num meio de muito individualismo. Porque, para as pessoas estarem sorrindo nas redes sociais, você ter.. sei lá, não sei quantos milhões de seguidores, mas isso não quer dizer que as pessoas estão aí pra você, entendeu? Elas vão curtir a tua fotografia, mas não vão perguntar como você estava? Não! Eu observo muito isso nas redes sociais. Elas até perguntam quando fulano bota lá: "Se sentindo triste", aí o pessoal vai lá perguntar, por curiosidade e não uma questão de cuidado, entendeu? Como eu estava falando, doença pra mim, me perpassa as questões físicas, essa questão do tocar na ferida, mas tem toda a questão de saber se você está bem, íntegra, linear... se você está bem de saúde, se o seu emocional está legal, se você não tá com uma paranóia, se preocupando, deixando de dormir por estar preocupado com isso ou aquilo... Isso afeta demais as pessoas. Então, pra mim, doença é bem mais que isso... Levo em consideração essas questões que mexem com teu emocional, com a tua cabeça, te deixa mal, te deixar com olheiras, deprimido... É bem subjetivo.

L: E saúde?

V: Bem.. é o contrário, né? Saúde é quando você... Além de você estar bem fisicamente, claro, é quando você também tá com uma relação boa entre seu físico e sua condição psíquica, mental.. Sei lá como chama. Quando tá tudo bem, nada te preocupando, te deixando deprimido... Porque, você não estar com saúde, influi muitas coisas. Você não vai ler um texto com a mesma rapidez e com a mesma percepção, atenção do que tá

falando, quando você tá preocupado com algo. Então assim, influi muita coisa. Ter saúde é você estar minimamente bem, pra que seu estado, enquanto pessoa, não te atrapalhe nos seus afazeres, nas tuas motivações... É algo parecido com a doença, bem subjetivo, porque requer um estado, não só físico, que você não tá sentindo dor nem ferido, você precisa estar com a cabeça legal, precisa resolver esses demônios que às vezes nos perturbam... Pra você poder sorrir com liberdade, poder se sentir com liberdade pra ajudar alguém, pra conversar com a pessoa de uma forma bem leve, sabe? Que esse seu estado possa ser uma energia legal pras pessoas... "Fulano é tão legal, conversou tão simples que eu tô me sentindo melhor", tá entendendo? Acho que você só consegue passar isso quando você tiver nesse estado. É difícil no contexto que a gente está, mas... Acho que saúde tem a ver com isso, questão física e emocional.

L: Você consegue visualizar dentro do Slam da Quentura, por exemplo, saúde? Das atividades feitas no Slam, nas escolas ou mesmo nos encontros mensais?

V: Cara.. sim! Sim, porque como eu tô falando aqui pra ti, você precisa estar bem pra você fazer... poder aprender, você resenhar aquele texto bem, reproduzir, fazer um seminário... Eu entendo que, para os meninos, fazer uma poesia, eles precisam estar minimamente bem, resolver seus dilemas, se não resolver, pelo menos ter uma consciência deles, saber lidar com os dilemas e todas essas violências desses grupos que são atacados, pra você produzir e incentivar as pessoas a fazer isso. Então, como é que eu vou incentivar uma coisa e acreditar, se nem eu mesmo tenho segurança e faço de maneira superficial, tá entendendo? Eu suponho, não é minha realidade, só faço os cartazes, mas já fui com os meninos da Batalha do TM pra outras atividades, que eles falam com muita propriedade, mesmo passando por baques de polícia, toda aquela humilhação que poderia causar uma espécie de acanhamento por outra pessoa, no meio da rua por exemplo, derrubando tuas coisas no chão, os policiais relativizam tua condição humana te tratando com um bicho nojento... Isso te dá um... sabe? Você precisa saber lidar com isso. Vejo que os meninos vivem, pelo menos é o que eles passam pra mim, vejo e falam também que lidam muito bem com isso. Não que tenha naturalizado, mas fazer o quê? É aquela história do "resistir pra existir". O que eu posso fazer? Eles vão continuar o que estão fazendo, continuam fazendo sua forma de resistir, porque não dá pra deixar pra lá. Isso serve até pra colocar em letras. Você precisa tá com a cabeça legal pra poder passar essa vibe positiva pra galera, tá entendendo? Então assim, é preciso estar pra mostrar aquela poesia, ter liberdade de falar, de brincar... Acreditar! E para os meninos desabafarem do mesmo jeito... Eles precisam estar bem... Acredite naquilo que está sendo dito, se perceba dentro da narrativa poética, tomar posse, estar livre, gostar, incentivar... E, consecutivamente, estar no próximo evento ou onde eles estiverem, acompanhar... Entendeu? Então eu acho que, se eles não estivessem com saúde mental, minimamente curados dessas mazelas, não rolaria não! Todo mundo ia abandonar e ficar descrente. Quantas histórias você foi pesquisando de gente que era profissional em determinada área, de arte ou futebol, que caiu na depressão e abandonou aquilo? Você não consegue passar uma verdade, uma vibe legal. Então eu entendo que, a vibe positiva desse movimento, o estar em contato com o público daquela cena poética, só ocorre se a galera estiver minimamente bem. Quem tá narrando, fazendo poesia, precisa estar resolvido consigo mesmo, a sua realidade ser nua e crua, mas você tem que resistir, tem que ter forças pra poder resistir, porque não é fácil. Então, saúde pra mim é isso.

L: O que é juventude pra você?

V: Ah, massa! Juventude, eu vejo.. Eu concordo com três teóricos que eu gosto de estudar: (não entendi o primeiro), Gilberto Teles e Machado Paes, que tratam o conceito juventude numa perspectiva ideológica. Ou seja, juventude é uma construção social, construída com outras coisas... Contra algum sistema, ela tem seus interesses. Ser jovem há 60 anos atrás, era totalmente diferente, porque você queria vestir-se de velho pra ter respeito. A gente vê naqueles filmes de época, por exemplo, os jovens usavam paletó, chapéu, uma bengalinha... Pra ser jovem tinha que ter respeito, se não você era vagabundo. Hoje em dia, a juventude é com outro viés, outra descrição, por conta.. Talvez do consumo. O consumo precisa de corpos disponíveis pra poder se reproduzir. O capital precisa desses corpos, uma espécie de manequim, que você veste e despe a hora que quer. As tendências são criadas pra isso, as estações... Hoje, essa juventude tá, na perspectiva do consumo, você não vê tanta diferença de consumo de classes mais abastadas e menos abastadas, eles querem consumir da mesma forma. Eles querem se mostrar... Mas, existem diferenças é claro, porque tem quem não consegue um pouco mais, produtos mais ostentação... E ainda tem a questão de que, as pessoas que dizem: "Ah, eu sou jovem de espírito".. Até aí tudo bem, mas aí tem gente que, também por uma questão de consumo, são inventadas aquelas especialidades, mecanismos de saúde e você tem lá... "Você pode ficar 10 anos mais novo com a plástica X", hoje as pessoas são plastificadas, com 50... 60 anos parece que tem 15. Creme, plástica, sessão não sei de quê... Pra parecer jovem, porque essa questão da velhice fica totalmente relegada ao ridículo. Mas como assim? A velhice é um processo natural, não tem como revertê-lo, é a mesma questão da morte. Então assim, você retarda o envelhecimento pra parecer jovem, mas existe toda uma reconfiguração do que é "ser jovem". Você vai gastar milhões em dinheiro e claro que, depois da plástica, depois de botar peito, bunda... Ainda tem o pós! Que é você consumir uma roupa foda, as viagens que tu vai ter... Toda uma reconfiguração do que é juventude dentro dessa perspectiva. O tempo que constrói esse conceito do que é "ser jovem". Até pode existir criança, adolescente e velhice, como se admitisse... ouvisse isso como um caminho social, mas não, daqui uns 50 anos quer voltar aos 20, entendeu? Aí isso gera toda uma discussão. O conceito polissêmico... Não dá pra dizer o que é juventude, eu posso ser muito jovem com 60 anos, com a academia e plástica que eu posso fazer. A juventude, ela tá muito relacionada com essa questão da estética que leva ao consumo, ou vice-versa, enfim... Eu suponho que, ser jovem seria um sentir-se jovem, seria interessante! Por exemplo, eu não tenho plástica nem nada e essa questão de idade, pra mim, não influi nada... É como eu percebo, se você tá com saúde, tá bem da sua cabeça... Como eu tô no meio dessa galera de 19 anos, eu não me sinto aquele coroa ridículo, jamais passa na minha cabeça que a idade seja um impedimento pra eu estar ali. De jeito nenhum, nem lembro! A galera que eu ando é gente de 18 ou 20 anos. Não é uma paranóia que rola na minha cabeça não. Então, conceito de juventude é... Ele é tão maleável... Poder ser e fazer o que você quiser. Você não é jovem só por que você... "Ah, eu me lembro de tudo, consigo fazer minhas atividades" ... Minha vó, ela tinha não sei quantos anos e fazia tudo entendeu? Na cabeça dela, se você dissesse: "Não lave aquelas vasilhas", ela diria: "Vou que eu não tô doente". Então, não é só porque ela tá velha que não podia fazer. É... Eu penso que é a maneira que você se percebe, suas condições, como você encara os fatos, a rotina... Talvez seja isso, eu não sei. Eu falo por mim sobre esse apanhado, até hoje utilizo esses teóricos... Juventude é um conceito polissêmico, porque se reconfigura. É como você se vê, constrói suas vivências e desejos.

APÊNDICE H – DIÁRIOS DE CAMPO

01/09/2018

Em um sábado, à noite, por volta das 20:30h, deu início a 13º edição do SLAM DA QUENTURA, o “primeiro Poetry SLAM do Ceará” após três meses sem ocorrer nenhuma

encontro. O horário foi adiado nesta noite por conta de um culto evangélico que estava ocorrendo no mesmo local, na praça conhecida como “Praça do FB”, em uma espécie de concha acústica. Após algumas conversas com os organizadores do SLAM, constatei que havia um acordo entre os organizadores dele e os evangélicos, em que os religiosos ficariam no local até às 20:30h, embora os organizadores do movimento haviam divulgado a programação para começar às 20:00h.

Bom, como havia chegado às 19:40h, arranjei um lugar para sentar e puxar assunto com algum dos participantes do SLAM enquanto o culto não se encerrava. Durante um tempo, jogando conversa fora com a galera, percebi que havia um incômodo com os evangélicos, embora houvesse um acordo de ambas as partes. Observando, já na parte final do culto, compreendi que o pastor, em uma espécie de sermão final, deu alertas e avisos como formas de indiretas para os jovens que estavam os assistindo, por exemplo, “aqueles que usam drogas também podem conseguir o perdão do senhor”, “até mesmo aqueles que fazem coisas piores, Deus também perdoa”. Muito dos jovens que frequentam o SLAM DA QUENTURA, e que já se faziam presentes, estavam usando maconha, cigarros ou mesmo bebendo vinho enquanto não se concluía a “pregação gritaria evangélica”, como um dos participantes do SLAM a denominou enquanto estava conversando com ele.

O culto se encerrou e deu lugar a movimentação para o início das artes de rua, como os próprios membros do movimento denominam. O SLAM DA QUENTURA, em suas redes sociais, Instagram, por exemplo, lançam mão da programação do evento e como as atividades se desenrolarão. Seguindo a programação, uma das coisas que constatei é que há uma organização interessante e que dinamiza bem com o público, existindo uma flexibilidade de acordo com o desenrolar do evento. A primeira ação foi a “Disputa Poética”, que é um espaço onde poesias são declamadas ou mesmo lidas por qualquer pessoa que queira expor sua arte, contanto que antes procure alguém da organização e se inscreva de forma gratuita.

As poesias declamadas ali são parte viva de pessoas que vivenciam suas dores, suas lutas, suas paixões. Mais do que palavras, a linguagem trocada por cada pessoa representam um mundo de ideias e sentimentos que a própria linguagem não dar conta. Das lutas e aflições de ser “bicha, preta e de periferia”, de ser “preto, favelado e reincidente” às dores de “ser mulher vítima de violências” foram algumas poesias que me chamaram atenção por conta do desabafo que estavam declamando, alertando e reivindicando limites e como forma de sublimação de dores oriundas de suas histórias de vida. Os poetas eram um público bem diverso, como professora da rede pública sobralense, tatuador, estudantes de direito, de filosofia, rappers. Os

jurados foram escolhidos na hora dentre o público que se faziam presentes, tendo como critério: ser a primeira vez que estivesse participando do SLAM. A ideia é ser o mais imparcial possível.

Ao passar das fases e notas, houve uma pessoa que ganhou, porém, cedendo sua premiação para o segundo colocado. A relação de amor, respeito e alteridade se perpetuou neste ato onde a justificativa foi de dar espaços para aqueles que ainda não foram para disputas poéticas em São Paulo. Essas disputas dão a oportunidade de mostrar sua arte fora do estado e contato com outras culturas, além de ganhar uma premiação, que nesta noite foi um livro.

Após o término desse bloco de atividades, houve a “Palavra Aberta”, que é um momento onde fica livre, por um determinado tempo, um espaço para qualquer pessoa que queira expor sua arte poética, falar sobre algum tema específico, recitar, cantar. Neste momento, algumas pessoas tomaram o espaço e declamaram suas poesias. O que percebi é que essas artes são performáticas, algumas pessoas passam uma energia tão forte que o público vai ao delírio, vibram a cada verso, aplaudem, gritam e se arrepiam, como uma mulher que estava sentada perto de mim e afirmou que “tô arrepiada com cada palavra”.

No último bloco do encontro, há a batalha de MC’s. Essa batalha foi uma união com outro movimento chamado “Batalha da Caixinha”, que ocorre semanalmente, aos sábados, no centro da cidade, no local conhecido como Arco do Triunfo. Às 22:00h dar início a batalha, onde existiu uma aproximação maior do público em volta dos rimadores que iniciaram as disputas. As rimas são de acordo com temas sorteados na hora e votados anteriormente (durante a semana) em forma de enquete no Facebook. De temas mais leves como “jogos eletrônicos” à temáticas mais pesadas como “solidão”, “resiliência” e “negritude” se processou as batalhas, chegando, ao final, um ganhador que foi premiado com uma pequena agenda e o título e status de rimador mor da noite.

As sensações em cada rima e a cada disputa, mesmo que houvesse uma espécie de “desrespeito” para com o outro, tais manifestações ficavam apenas na batalha; o que percebi é que existe uma parceira grande e um respeito para com o outro que está para além da batalha. Na batalha, vale quase tudo, “quase” porque quando havia uma rima preconceituosa o público não gostava e se calava, mas quando existiam uma resposta bem dada ou uma rima engraçada, de deboche o público delirava aos gritos.

O SLAM DA QUENTURA como eles mesmo se definem é um campeonato poético desenvolvido de forma colaborativa pelo Coletivo Fora da Métrica e por inúmeros outros colaboradores como “produtores, comunicadores, rappers, mc's, crianças, jovens, adultos, idosos [...] e todEs aqueles que acreditam no processo de fomento e difusão da cultura de rua, que põe fé nos movimentos que são socialmente conhecidos como ‘marginais’, e que acreditam

que a POESIA SALVA!”²⁵. O grande lance estratégico do SLAM é a formação de plateia para artistas marginais de Sobral, surgindo com a ideia de entregar o lugar de fala aos seus reais e verdadeiros donos, a população de periferia. Jamais acreditando na crença de alguém falar por eles, mas eles mesmos se afirmarem por si próprios.

Esse movimento artístico é grande por manifestar uma atmosfera positiva no sentido de transparecer formas de sociabilidade que perpassam uma ancoragem fundada em três pilares: “amor, luta e irmandade”; ao mesmo tempo, é um movimento pequeno no sentido de relações micropolíticas, em que as pessoas que ali se fizeram presentes estão ligados por similaridades vivenciais, por artes, por modos de ser, agir e pensar cotidianos. São ações políticas que reverberam em seus laços que me parecem tão sincronizados, tão firmes, unidos por um amor que protesta, reivindica e movimenta. É pulsante!

13/10/2018

No sábado, dia 13 de outubro de 2018, aproximadamente às 20:30h, inicia-se a 14ª Edição do SLAM DA QUENTURA. No mesmo local, Praça do FB. O que percebi nesta edição é que os ânimos estavam bem amistosos mesmo com a conjuntura nacional em que estamos vivendo. Desta vez, não houve divisão de espaços com os evangélicos, como da vez anterior.

Um fato preocupante é que perto de iniciar o SLAM ouviu-se alguns gritos “bando de maconheiros” proliferados por pessoas que passavam em um carro na avenida. Houve um

²⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BnIMZ3xIHz/?taken-by=slamdaquentura>>. Acessado em 2 de setembro de 2018.

pouco de “tensão” no ar e as feições passaram de amistosas para mais sérias. Refleti que isso é uma pequena amostra do que pode está por vir, são pequenos exemplos de fascismos nas microrrelações.

Dada o processo de início e como o mesmo formato de SLAM da edição passada, o movimento de resistência se desenvolveu noite adentro. Lembro que a disputa poética foi bastante acirrada, indo para várias etapas e culminando em uma vencedora (Sabrina, uma das mais conhecidas no movimento e que trouxe poesias que versam sobre suas vivências, a história da mulher negra no contexto nacional, citando inúmeros exemplos de patriarcado e formas de resistência) que disputará em São Paulo com outros slamers (assim são chamados os participantes do SLAM) a premiação nacional de poesia de rua.

O palco aberto funcionou intercalado com a disputa poética, onde trouxeram, os participantes deste momento, poesias que estavam interligadas diretamente com o que estamos vivenciando. O que percebi é que esse letramento de reexistência, proliferado tanto na disputa poética como no palco aberto e batalha de mc’s, são viscerais tanto no sentido de ancorarem formas de resistir e de reexistir como jovens periféricos que tem muito o que falar como também pessoas que estão antenadas com o processo de fascismo legitimado por um candidato a presidência.

Esses processos ficaram bem claros em todo o movimento, durante toda a noite. O que tive como percepção é que o amor e união ali instaurados são práxis de saúde, formas de sublimação que jamais estão apartados do mundo, do momento atual. A batalha de mc’s, em que os rappers disputavam para quem conseguia batalhar melhor nas rimas e agradar ao público presente, sempre trazia a tona algum verso que falava mal do Bolsonaro. Era nítido que ali, naquele espaço, com aqueles jovens, o voto para este candidato era uma afronta a existência deles.

A consciência crítica presente em cada momento no SLAM me deu a impressão de que em meio a tudo de ruim que estamos passando há força e esperança. A juventude, esses jovens lutam para existir e reexistir, utilizando da cultura, produzidas por eles próprios, como forma de legitimação de cidadania ativa, tendo como grito de guerra “POESIA NUA E CRUA...SLAM DA QUENTURA”.

Escrevo poucas palavras não por falta de emoções ou mesmo pelo fato desta edição não trazer empolgação. Pelo contrário, foi com essa edição que percebi a força periférica de juventude, a união e o amor que perpassa por muitos ali que se fizeram presentes. As poucas palavras que escrevo aqui possuem uma relação com as dores internas e externas que sinto, as

angústias, de alguma forma, causadas com aqueles gritos de “bando de maconheiros” antes mesmo de começar o SLAM.

Acredito na força da união e da relação de alteridade transfiguradas em pequenos ações, como no abraço, nos risos, nas inúmeras formas de felicidade ali presentes. É animador está num momento como o SLAM! A questão que me pergunto é como será esses momentos, que já são raros, caso haja essa legitimação do “fazer morrer” como diz Agamben? Posso está pessimista, mas é a angustia cotidiana que corrói meu ser nos mais profundos pensamentos. Agarro-me no amor que sinto pelos outros, no amor que sinto pelo que faço e na força que a cultura de rua exala em que cada momento como esse. Minhas vivências me trouxeram traumas inúmeros, mas me fizeram ser o que sou hoje e em meio a tanta escuridão, posso afirmar que a FAVELA VIVE!

26/01/2019

No sábado, dia 26 de janeiro de 2019, aproximadamente às 20:30h, inicia-se a 16ª Edição do SLAM DA QUENTURA. No mesmo local, Praça do FB. Nesta edição, não houve competições para concorrer, por exemplo, a participação no Slam BR, apesar de haver o mesmo padrão dos Slams passados: disputa poética, palco aberto e batalha de mc's. Cheguei um pouco mais cedo para trocar uma ideia com uma das organizadoras e entregar um livro para quem fosse o ganhador da disputa poética.

Os ânimos estavam bem intensos neste Slam, com a participação de um pocket show da Bicha Poética (um dos organizadores do Slam da Quentura e que participou do Slam BR). Especificamente, este Slam teve uma relação importante com a Visibilidade Trans, pois ele foi voltado em muito de suas discussões poéticas com este viés em homenagem ao Dia da Visibilidade Trans, dia 29 de janeiro.

Dada o processo de início e como o mesmo formato de SLAM da edição passada, o movimento de resistência se desenvolveu noite adentro, mesmo com uma leve chuva. A disputa poética foi bastante acirrada, porém, a poesia de Rogers Saboia (que além de ser membro da Secretaria de Direitos Humanos de Sobral, é um dos representantes do movimento trans na cidade), representando muito bem a homenagem ao Dia da Visibilidade Trans (com uma poesia autoral e de intenso afeto e resistência às opressões que pessoas trans sofrem diariamente com a transfobia, principalmente no Ceará, que é o estado que mais mata trans no Brasil).

O palco aberto deu seguimento após a disputa poética, onde as poesias declamadas trouxeram ora temas de cunho existencial, ora temas de cunho de apontamento de preconceitos e críticas com o sistema que declara indiretamente uma guerra contra pretos, pobres e favelados. Foi nítido que cada poesia falada houberam gritos, manifestações de amor, de tristeza. É um misto de sentimentos que unem os jovens com diversas questões que transpassam suas vidas, como o preconceitos, a desigualdade, mas gera um identidade muito importante baseada na união e no respeito ao próximo: ninguém é melhor do que ninguém. Diversas vezes, percebi abraços, beijos, choros e formas de amor que palavras não dão contam para esboçar claramente esse encontro.

Certa vez, li uma poesia de Sérgio Vaz, que é um dos ou mesmo o maior representante da poesia marginal brasileira, e ele mostrava a ideia do amor como forma de resistência e da importância desse amor ser passada através da arte, da poesia. Diversos rappers, poetas nasceram e ganharam destaque como saraias, slams. O que entendo é que as formas diversas de amor configuradas nesses encontros mensais são formas de viver, são pulsões de vida, que acoplam a cada poesia recitada um potencial de vida que clama e produz afeto, desenvolve-se saúde a cada abraço dado, a cada troca de olhares, aperto de mãos e a aquela frase tão recitada no pós-eleição se faz presente: “Ninguém solta a mão de ninguém”. E isto, de fato, é seguido por muitos presentes no Slam da Quentura.

A batalha de mc's chega após algumas poesias recitadas no palco aberto e manifestando um momento de descontração, pois em muitos momentos da batalha se ouviam gargalhadas com as trocas de “insultos” dos rappers. Bom, pensei que com os adventos da atual

conjuntura política, o Slam tivesse enfrentamentos que fizessem acontecer seu esvaziamento. Pelo contrário, minha visão estava errada e que percebi é uma intensa continuação e uma ânsia por fazer mais. Isso ficou claro com a imersão de artistas diversos com exposições de artes, como Lana Raja e suas ilustrações digitais, Diego Clementino (que é um dos organizadores do Slam também) e Renner Artes com seus desenhos e grafite.

O Slam aumenta sua performance a cada edição, os jovens se aglomeram em maior quantidade, está havendo uma intensa formação artística que manifesta diversos tipos de sentimentos e que a cada encontro se fortalece, mostrando que a frase “ninguém solta a mão de ninguém” não seja apenas corrente virtual, mas indo às ruas que é onde de fato deveria estar.

27/04/2019

Como de costume, no último sábado do mês, ocorre o Slam da Quentura. Havia dois meses que não acontecia o movimento por conta das chuvas. No dia 27 de abril de 2019, o Slam se faz concretizar, tendo o tema “Pretxs se amando”. Chego um pouco mais cedo, sempre buscando trocar uma ideia, dialogando com o pessoal presente. Nesse encontro, fui mais cedo também porque fiquei de doar um livro dos Racionais Mc's para o ganhador da Batalha de Mc's.

Ao conversar com alguns membros da organização, percebemos um carro da polícia militar se aproximando. Pararam o carro e se direcionaram até uns garotos que estavam sentados no banco da praça do FB (local onde ocorre o Slam). Os jovens não chegaram a ser revistados, mas os policiais se demoraram por lá conversando. Não chegaram até nós, que se encontravam ao lado desse banco da praça. Passados algum tempo, as pessoas começaram a se fazer presentes no anfiteatro da praça do FB, todos já estavam, buscando seus lugares, acomodando-se, pois o Slam estava na iminência de começar.

Novamente, a polícia vem, dessa vez, com mais membros e com pessoas vinculadas ao conselho de menores de Sobral. Cogitei a possibilidade de denúncias por parte de alguma pessoa, de alguma instituição, pois não estava sendo algo “normal”. Achei algo atípico, pois participo do Slam desde o ano passado e nunca tinha presenciado algo assim. Fran e PH (Bicha Poética) se dirigiram aos policiais que já estavam fazendo uma revista com jovens que estavam na minha frente, estes, foram enquadrados logo à primeira vista. Eram jovens negros, com estereótipo de periféricos perigosos. O racismo bem enfatizado na ação policial. Ao mostrarem o ofício da prefeitura, que liberava o espaço público até determinado horário para a realização do Slam, os policiais foram embora.

Percebi o incômodo e o constrangimento se instalando no local, pois já era uma segunda “visita” policial e entre uma delas uma revista, um “baque policial”. Não passados 15 minutos da última ação, chega um novo carro da polícia, desta vez, com menos membros e sem representantes de menores como da outra vez. Os policiais muito agressivos e novamente se dirigiram ao grupo que já tinha sido revistado anteriormente. Dessa vez, não só o revistaram, mas também ao grupo em que eu estava presente.

No caso, fui revistado também. Pelas perguntas e o tipo de revista que o policial estava fazendo, procuravam, principalmente, drogas. Um policial me perguntou se eu era usuário de algum tipo de droga e se eu já tinha passagem pela polícia. Não contente com a situação, o policial mais agressivo da noite, me revistou novamente, conferindo os bolsos e perguntando sobre de quem era o livro que estava no chão na minha frente. Bom, o livro era o meu e foi isso que respondi a ele.

Os policiais foram embora, mas conseguiram deixar um clima triste e de revolta no local. Fran, ao falar sobre o ocorrido, pediu desculpas pelo constrangimento que foi proporcionado pela polícia e caiu em lágrimas. De fato, foi uma situação triste, revoltante e de puro racismo. Coincidência ou não, conversamos sobre os porquês daqueles enquadrados. Dos comentários, o que se sobressaiu foi o fato de estar ocorrendo um evento no colégio de rico ao lado da praça. Talvez uma união de pretos em uma praça representasse a formação de perigo

para essas pessoas que estavam prestigiando o evento na escola. Faço das palavras de Djonga, rapper brasileiro, as minhas: *“E dizem que união de preto é quadrilha/Pra mim é tipo um santuário/Quem pensa diferente, sanatório”*.

Em meio a um clima tristonho, o Slam deu seu início e o tema da noite “Pretxs se amando” nunca precisou ser tão ativado. Interessante pensar que em meio a esse caos político e ético que estamos vivendo, jovens negros, periféricos conseguem, desejam se reunir para falar, para trocar ideias, para recitar poesias. Mesmo com o racismo tão manifestado na noite, estes jovens conseguiram se sobressair e se amar sim. As poesias declamadas tanto na “Palavra Aberta” como na própria “Disputa Poética” foram tão intensas, que, por vezes, achei que o enquadro policial fez esses jovens se manifestarem de uma forma diferente, cheias de revoltas sublimadas nas poesias, na arte periférica, como eles mesmo a definem. Pessoas que, de início, não iriam recitar sus poesias, começaram a se manifestar na “Palavra Aberto”. A abordagem policial foi combatida com arte, muita arte, a revolta desses jovens foi transmitida em versos, em rima, em poesia.

Os pretxs dialogaram sim, passaram suas mensagens, ora com palavras de acolhimento, ora com palavras escancarando o sistema racista e excludente, ora com versos poéticos que mostravam suas fragilidades, suas angústias. Poetas marginais que ao recitarem suas poesias, choravam, eram abraçados, acolhidxs não só com aplausos, mas com muitos abraços e amor. Pretxs se amaram sim, manifestando amor, empatia, força, resistência em uma noite que, para mim, foi tão enriquecedora, empoderadora. E acredito que não foi só para mim, mas para uma grande maioria de jovens que ali se faziam presentes. Houve como nunca vi: *“uma explosão em expansão igual o Big Bang”*.

27/07/2019

Cheguei um pouco mais tarde do que costumo chegar, por volta das 20:00 horas. Fiquei esperando um casal de amigos e por isso acabei chegando mais tarde. Mesmo neste horário ainda tinham poucas pessoas na praça. Conversei com algumas, encontrei um amigo do curso de Psicologia e fiquei conversando com ele um pouco. O anfiteatro começou a ficar mais cheio, o ar já transpirava vida, o cheiro de erva queimando estava na brisa envolvendo todo o local. Os cumprimentos, os olhares amistosos estavam bem evidentes como todas as vezes que participei do Slam. Interessante que com essa edição tive a certeza da integração do movimento,

as energias pairando no ar e transmitidas pelos gestos, percebi casais, famílias que se encontravam na praça à espera do Slam. Bebês de colo, crianças por volta de quatro anos. Percebi que o Slam se tornou uma grande família que celebra o amor, o respeito, tendo a poesia, a amizade, a paquera, a maconha, o cigarro, o álcool como formas de lazer, de viver. Aquele anfiteatro funciona como um lar, um pedaço periférico de resistência. E de curtir, confraternizar, de se libertar, quebrando a rotina de semanas desgastantes.

Já por volta das 21:10 inicia-se a 21ª edição do Slam da Quentura versão “Edição de férias”. Como de praxe, a Disputa poética inicia como primeira atividade e possui, pela primeira vez, mulheres como maioria. Tão acirrada a disputa, tão respeitosa, cada poesia recebida com orgulho, gerando identidade, cada piscar de poesia um êxtase de resistência.

O cheiro de cigarro junto aos inúmeros vinhos Vale Real nesta noite de sábado do dia 27 de julho eram bastantes manifestos. A fumaça dos inúmeros cigarros traziam a sensação de paz, de libertação. Na disputa, a cada poesia, gritos, aplausos e vaias para os jurados que davam notas menores que 10. É corriqueiro nesta atividade a plateia gritar "Credo!" quando não gostam da nota que foi dada para os slammers pelos jurados. O que me chamou atenção não foi o fato de Josh ter ganhado a disputa, pois ele já vinham em progressos nas edições passadas. O que realmente me chamou atenção foi a performance de uma jovem estreante. Uma menina de 13 anos, chamada Larissa, que participou da disputa poética, estreando no Slam da Quentura com poesias empoderadas, tendo o seu local de fala bem delimitado.

Essa jovem foi acolhida euforicamente pela plateia: gritos, aplausos, elogios e abraços. O Slam é casa, o Slam da Quentura é uma grande família, que acolhe, ama e sim, educa. Pois na “Palavra Aberta” ou mesmo em espaços entre uma apresentação e outra na “Disputa Poética” existiam explicações sobre algumas coisas importantes, por exemplo, sobre a história do Slam no Brasil, a construção do Slam da Quentura em Sobral, das resistências diárias de alguns slammers e como isso reverbera em suas poesias, "das pederastias e gastações", como eles e elas mesmo falam, que são ações preconceituosas usadas por rappers ou mesmo poetas para se expressarem. A poesia de Bicha Poética, na Palavra Aberta, falando sobre a importância dos conteúdos responsáveis da fala, da poesia, da rima foram uma espécie de "puxão de orelhas" para pessoas que passam dos limites do tolerável e precisam ser chamados atenção pelos seus atos. A poesia liberta, ensina e promove reflexão!

Nessa noite, ao tragar emoções acabei me embriagando de inúmeros sentimentos, bebendo a cada gole um gosto de felicidade e cura para minha alma. Como Bicha Poética mesma diz: "Slam é cura". Agora, entendo esse conceito empregado por ela e a importância de

uma promoção em saúde para estes perifericxs, mas é preciso dizer que é uma saúde diferente, é uma promoção em saúde marginal que acolhe, empodera, liberta.

Em meio aos diversos sentimentos ali expostos, fui trocando ideias com algumas pessoas. Nesse momento, já estava na Batalha de Mc's e a euforia a cada rima bem sucedido um êxtase de gritos de guerra. Em meio a estas constatações vi Marcela, uma das slammers que se apresentou na Disputa Poética. Antes do Slam começar, no sábado à tarde, tinha entrado em contato com ela para marcarmos uma entrevista. Após a Disputa, avistei sua presença e trocamos uma ideia em um dos bancos da praça, um pouco mais afastado da anfiteatro.

Após nossa conversa (entrevista), dialogamos sobre alguns assuntos, como a importância da pesquisa científica em contexto como aquele do Slam da Quentura. Diversas assuntos em curto período de tempo, mas rolou uma identidade nas ideias, nas ações. Ao término desse diálogo (que não era mais a entrevista), avistei meus amigxs e já neste período de tempo a batalha de rima tinha encerrado. Saí com uma sensação de espírito livre e resistente e acredito que realmente sejam essas as sensações que o Slam da Quentura busca promover em sua grande família, que se junta uma vez no mês para celebrar o banquete poético repleto de goles de vinho barato, cigarros Lucky Strike, “botando o seu” (gíria que se refere ao fato de uma pessoa compartilhar um cigarro de maconha para as pessoas), além de abraços, beijos e amor.

06/07/2019

No sábado, chego na praça do FB por volta das sete da noite. Encontro apenas Fran e Vicente no anfiteatro da praça. Troco umas ideias com Fran sobre o Slam, música, enquanto isso Vicente varre o chão do anfiteatro. Há ali um início de organização para que mais tarde se dê as atividades do Slam da Quentura.

Nesse dia do Slam tinha combinado, via Instagram, com Diego (um dos organizadores do Slam) para uma entrevista. Aos poucos as pessoas foram chegando bem como os organizadores também, como Bicha Poética e Diego. Antes das atividades começarem, entrevistei Diego, conhecendo um pouco de sua história e suas percepções sobre o Slam da

Quentura. A entrevista se desenrolou muito bem e após isso fui me acomodando em um lugar para observar as pessoas e o início do Slam.

Esse Slam teve como tema “Dá licença, que eu quero passar com meu amor!” em homenagem ao dia do Orgulho LGBTQ+, tendo como objetivo ampliar ainda mais o Slam como uma espaço de luta, resistência e diversidade. O movimento antes de iniciar teve uma ocasião onde um padre, de uma comunidade católica, se dirigiu em direção aos organizadores e pediu um espaço dentro das atividades do Slam para divulgarem também suas atividades, além disso, também foi acordado entre o Slam e o padre a divisão do espaço da praça do FB para uma atividade em que eles (comunidade católica) estavam propondo ao lado do anfiteatro (local onde Slam acontece).

Ao iniciar a programação dessa 20ª edição do Slam da Quentura, já se estavam presentes diversas pessoas, entre elas, as pessoas da comunidade católica que resolveram assistir às atividades. A disputa poética foi bem acirrada com poesias ora declamadas sobre as condições desiguais sobre a realidade nacional, como pobreza, exclusão, racismo, patriarcado, ora enaltecendo a negritude com poesias feministas. Além de poesias existencialistas que falavam sobre condições humanas relacionadas à depressão e relacionamentos.

O campeão da noite da disputa foi Africano, um jovem periférico que veio de Fortaleza para esta disputa poética, pois em Fortaleza não houve seletiva para o campeonato regional e nacional. A condição de ser de Fortaleza e o fato também de existir outro Slam em Sobral (Slam das Cumadi) contou como uma Disputa Poética em sua primeira etapa. Em outras palavras, ainda existirá mais duas seletivas para somente então haver uma classificação para a disputa poética nacional no Slam BR, que ocorre em São Paulo no fim do ano.

Em meio a essa Disputa, que ocorreu em duas etapas (rodadas) na noite, houve o momento da Palavra Aberta. Esse momento teve apresentações diversas, por exemplo, poesias, apresentação musical tanto de pessoas ligadas ao Slam como vinculadas à comunidade católica. Houve uma performance poética de Fran de cerca de 10 minutos e que foi tão intenso que emocionou todos presentes e foi aplaudida de pé. Houve também um momento em que o padre da comunidade expôs algumas coisas sobre os seus objetivos enquanto comunidade e agradeceu o espaço compartilhado com o Slam da Quentura.

A última atividade da noite foi a Batalha de Mc's, não abordando desta vez nenhum tema específico ou sorteado na hora, como de costume. As atividades do Slam da Quentura dessa edição foram bastante intensas, esta é a característica de todas as edições em que participei. A intensidade nas relações, no respeito, no amor. A intensidade na diversidade, buscando alteridade para com os outros. Mesmo que isso custe um tempo e ocupe um pouco o tempo

programado do Slam da Quentura, como as atividades da específica comunidade católica sobralense.

Acredito que esta edição mostrou-se bastante intensa e diversa. Fiquei extasiado com as poesias, com as relações e com o respeito a diferença. Principalmente, com uma comunidade católica que, de alguma forma em seus dogmas, não compartilha de algumas atividades de lazer do Slam da Quentura, como o uso da maconha ou bebida alcoólica. O Slam me mostrou um pouco mais de seu impacto, de sua magnitude, do seu amor. É um momento de celebração e de acolhimento.

31/08/2019

Esse dia, 31 de agosto de 2019, marca o Slam da Quentura em sua edição número 22, cujo tema é "Combinamos de não morrer". Essa edição é a seletiva para a grande final da Disputa Poética, que será disputada em outubro e valendo vaga para a disputa estadual em Fortaleza-CE. Cheguei por volta das 20:00 horas. Dessa vez, cheguei sozinho. Fiquei em um canto do Anfiteatro, observando a movimentação, as pessoas, escutando algumas conversas. É claro que já existiam pessoas curtindo o momento, fumando, bebendo, ouvindo aquele som, paquerando, confraternizando.

Os preparativos para a cobertura do Slam estavam sendo feitos pelo LABOME (Laboratório das Memórias e Práticas do Cotidiano) como de costume, tendo Vicente e Dedita como pessoas responsáveis pelas filmagens e fotografias. Os nomes das pessoas que gostariam de participar da Disputa Poética estavam sendo recolhidos por Diego, esposo de Bicha Poética e o responsável pela contagem das notas dos jurados. Conversei um pouco com Vicente, membro do LABOME e meu amigo de conversas sobre pesquisas científicas e lamentações sobre o atual cenário brasileiro. Troquei umas ideias com Roger (Slammer, mas que nessa edição não participou da Disputa nem do Microfone Aberto). Rimos um pouco um do outro, fazendo piada sobre a blusa na qual eu vestia, Grifinória, uma das casas representantes do mundo fantástico bruxo de Harry Potter, que é uma saga mundialmente conhecida. Roger preferia a Lufa Lufa, outra casa dessa saga. Bom, as movimentações estavam se avolumando, risos, gestos, gritos. Slam, de fato, é um grande pedaço, um momento de resistência, amor.

A cada edição, percebo um aumento de laços, pessoas passando a se conhecer ainda mais, trocando ideias, falando sobre assuntos diversos. Lembro de ter presenciado a conversa de duas meninas sobre admiração para com Bicha Poética e como esta era empoderada, linda e uma referência para uma delas. Esse fato me mostrou que o Slam da Quentura é educação, desenvolvendo uma cultura a ser seguida e admirada. Bicha Poética é uma das pessoas da organização e, hoje, é uma referência em poesia marginal em Sobral e no Ceará. Como em uma vez ouvi de um grupo de jovens em minhas andanças na Margem Esquerda (local que há uma enorme confraternização de jovens, adultos, crianças): "Bicha Poética é a melhor pessoa". De fato, muito amor, carisma e poder exalam de suas performances, de sua pessoa, suas poesias tocam na alma de quem a escuta. Bom, o Slam da Quentura deu início às 20:30, apresentando o texto inicial, com o Slam Master Symon, que retornou ao movimento depois de um tempo afastado por conta do trabalho.

Nessa edição, por falta de jurados, Symon me fez a proposta de ser um dos seis jurados da noite para a Disputa Poética. De pronto, aceitei, mas depois fiquei pensando na responsabilidade. Lembro de ter suado as mãos e ficado bastante ansioso. Foi uma experiência interessante e engraçada, pois a cada nota que dava e esta não era do agrado do público, uma chuva de vozes, gritando: "CREDO!". Para além do nervosismo, experenciei de forma bastante atenta e criteriosa para não permitir injustiças. A Disputa, dessa vez, foi bastante alongada, tendo três rodadas para assim decidirem, por décimos de diferença, a campeã da noite: Sabrina Sá. Entre uma rodada e outra da Disputa Poética, acontecia o palco aberto, e pessoas se apresentavam com poesias, com informativos e, nessa noite, teve até uma comemoração de aniversário e dedicatória de amor de Cacheada Santos, uma das slammers do Slam das Cumadi

(outro Slam em Sobral dedicado apenas para slammers mulheres) para seu companheiro, que fez aniversário na semana do Slam da Quentura.

Como disse antes, o Slam se tornou um local, um momento, um pedaço, uma reocupação, legitimada, que representa uma grande parcela de jovens que desejam não se calar, mas resistir, que lutam contra um grande contingente de preconceitos e injustiças sociais, e também de lazer, amizades, bebedeira, sorriso, empatia. Um extenso banquete em que as pessoas se deliciam com poesias, embriagando-se com doses de amor e de sobremesa: partilhando de belos e grandes pedaços de alteridade e respeito.

Após a Disputa Poética, iniciou-se a Batalha de Mc's, com apenas quatro participantes dessa vez. Barnabé se consagrou o campeão. Antes do Slam, entrei em contato com Barnabé via Instagram para marcarmos uma entrevista e, além disso, eu comprar duas rifas suas. Elas tinham o objetivo de custear seus gastos para Fortaleza, na qual irá disputar o campeonato estadual de Mc's. Houve uma seletiva em Sobral e cidades vizinhas e Barnabé foi campeão e, assim, passando para a fase na capital. Trocamos umas ideias sobre as Batalhas dentro do Slam da Quentura, ele me confidenciou que muitos Mc's que participavam delas não pregavam o que falavam nas rimas. Barnabé relatou que após o Slam, ali mesmo, fora do anfiteatro, alguns Mc's destilavam seus preconceitos e isso, para ele, é complicado, principalmente, para uma carreira Mc. Bom, pelo tempo (já se constava quase meia noite do sábado) e pela sua ânsia de curtir a noite em Sobral, acordamos de encontrar outro momento para a entrevista. Conversei um pouco com algumas pessoas que estavam ali pelo anfiteatro ainda e após uma conversa com Layse (Slammer dos dois Slams) me despedi e fui para a casa.

O Slam da Quentura é uma das amostras da força das juventudes e de como a simplicidade, o respeito e a troca de experiências seja através das poesias, seja através de conversas, de beijos, abraços, tornam o Slam um movimento cultural de grande proporção na cidade de Sobral. É preciso salientar que o que não falta nesse movimento é protagonismo. Como eles mesmo dizem: "Poesia nua e crua, Slam da Quentura!"

Dia 28/09/2019

Na noite de sábado, do dia 28 de setembro de 2019, mais ou menos às 20:30, iniciou-se a 23ª edição do Slam da Quentura. Uma noite especial de mais uma celebração periférica no centro da cidade. Dessa vez, com uma pitada a mais de manifestação, pois nesta edição, cujo tema foi “Eu quero viver”, marcou a final da Disputa Poética do Slam da Quentura, em que o ganhador ou ganhadora da noite iria disputar o campeonato estadual de Disputa Poética. É importante lembrar que este estadual ocorrerá também em Sobral.

Essa noite de sábado, percebi que algo estava diferente. Logo ao chegar no anfiteatro da Praça do FB, senti as energias mais manifestadas do que nunca. O frenesi de sorrisos, os toques de amor entre as pessoas, as tragadas de felicidade estavam mais intensas, eufóricas em níveis mais fortes. Uma celebração mais do que nunca marginal, não pelo fato de

a maioria, ou grande parte das pessoas, que ali se encontravam fizessem parte das periferias de Sobral, mas sim pelas simplicidades dos atos, o não medo do toque, os abraços tão evidentes, manifestados de forma tão expressiva, os ânimos tão fervorosos que eram equilibrados com lágrimas, vinho e beijos.

O Slam da Quentura se transformou, e vai se transformando ainda mais a cada edição, em uma grande celebração periférica, mas mais do que isso, são vidas lutando para viver, jovens gritando para o mundo: “Ei, eu mereço sim viver e do jeito que eu quiser”! Dos sorrisos e brincadeiras de Saymon, Slam Master oficial do Slam, aos choros de Aqua (poetiza que declamou sua poesia na Palavra Aberta) que foi acolhida pelos abraços e beijos de inúmeras pessoas que ali se faziam presentes.

Essa edição foi especial, dessa vez para mim, porque marcou a vinda de dois amigos meus de minha cidade, Ibiapina, que estão construindo junto comigo um Sarau em prol das potencializações das artes e cultura marginal nesta cidade da Serra da Ibiapaba. O Slam da Quentura é um modelo sensacional que buscamos nos espelhar para alavancar de vez os projetos e ações em Ibiapina.

A edição foi especial também porque a “Disputa”, no fim, como Dy Clementino, a pessoa responsável pelas contagens de notas e uma das organizadoras do Slam da Quentura, afirmou: “foi a desculpa pro encontro”. É claro que as poesias declamadas pelas pessoas que compuseram a final do Slam (Marcela Sena, Layze Martins, Sabrina Sá, Josh Bradohw, Eduardo Africano, Sanoj) foram julgadas pelo público e também pelos jurados escolhidos pela organização. Contudo, ninguém saiu perdendo em questão de amor e acolhimento, pois essa uma das marcas do Slam da Quentura: afetos, estes que potencializam as relações sociais ali desenvolvidas e que extrapolam aquele anfiteatro, transbordando para outros lugares, outros ambientes.

A poesia além de nua e crua, como bem gritam as pessoas presentes nesse êxtase de celebração marginal, ela salva. É preciso deixar claro que quando afirmo “salvo” não me refiro a uma culpa branca-cristã que, muitas vezes, relegou a precariedade periférica, colocando essas pessoas como sujeitos que precisam ser salvos. Falo de uma salvação no sentido de rejeitar a “boa vontade cultural” imposta socialmente, uma salvação, que personifica a luta por emancipação política, direitos de lazer, cultura e saúde. É, por fim, uma salvação frente a uma branquitude colonizadora que esteve e está ainda bastante presentes em inúmeras instâncias e dispositivos, está nas microrrelações, muitas vezes, torando-se naturalizadas socialmente.

A poesia, então, no Slam da Quentura, ela é nua, crua e salva! E salva nas pequenas revoluções diárias, nas Micropolíticas das Revoluções Poéticas, num diálogo após um poesia

declamada, no abraço apertado entre slammers e entre os apreciadores e apreciadoras de poesias que ali se fazem presentes. Nos pequenos diálogos entre as pessoas, dando dicas de leituras, filmes, séries que abordam a temática que vivenciam cotidianamente ou que fizeram dar um *feeling* na construção de poesias; ou mesmo, nos tragos de partilha de um *beck*, onde ocorrem uma chapação de ideias e esboça, muitas vezes, uma forma de relaxar, confraternizar, após uma semana de trabalho tão desgastante.

Essa edição não teve a Batalha de Mc's, por conta do horário que poderia se alargar ainda mais e prejudicar as pessoas que necessitavam voltar para as suas casas por meio do transporte público VLT – Veículo Leve sobre Trilhos. Sanoj foi o ganhador da Disputa Poética, mas todos, todas e todxs saíram ganhadores da noite, deste momento de existência a partir de práxis de resistências. Mais uma vez grandes momentos vivenciados neste movimento tão enérgico e potencializador de emoções.

Dia 26/10/2019

Esse diário de campo foi um pouco diferente do que costumo escrever. Explicarei o porquê. É preciso entender que esse mês de outubro celebra a final do Slam CE, que foi sediado em Sobral. Foi a primeira vez no estado do Ceará que houve uma final, além do fato de ser em uma cidade do interior, descentralizando a ideia de que a capital é que deveria sempre sediar eventos como esses.

Bom, passando adiante, minhas vivências no movimento cultural de rua chamado Slam da Quentura não se limitou apenas, desta vez, ao encontro na praça do FB, no último sábado do mês. Nessa edição, fui convidado para participar de uma roda de conversa cujo tema era “Encontro dos Slam's: estratégias de resistência Slam Ceará 2020”. Fui como convidado representante do Sarau Resistência JV, de Ibiapina – CE, cidade em que meus pais moram. Saliento que sou umas das pessoas membras da organização deste sarau, que possui diversas atividades, como artes visuais, música e poesia. Uma das atividades do sarau se chama “Rodada

Poética” e é pensando nesta modalidade de arte que, ao longo das edições, almejamos transformá-la em Slam.

É claro que o Slam da Quentura tem influência nisto, pois foram minhas vivências neste movimento que potencializaram a construção deste sarau e o desejo futuro também de organizar um Slam da serra da Ibiapaba. Acredito que arte deve ser difundida em todos os lugares e isto percebi de forma mais intensa com o Slam da Quentura. Devido a esta aproximação, Fran Nascimento, uma das slammers e organizadora do Slam, convidou-me para falar um pouco sobre o Sarau e trocar algumas ideias com outras pessoas dos Slam’s espalhados pelo Ceará, como o Slam Entre Linhas e Slam da Okupa de Fortaleza, além do Slam das Minas Kariri da Região do Cariri e Slam Mandacaru de Massapê e, claro, pessoas do Slam da Quentura e Slam das Cumadi de Sobral.

O diálogo ocorreu às 14 horas, na Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes – ECOA. Foi uma vivência intensa, onde trocamos experiências, informações sobre o Sarau e os Slam’s, falando das dificuldades e dos prazeres que é fazer parte desses movimentos. Percebi os semblantes de orgulho, de amor e satisfação. Compreendi a partir das falas de cada pessoa que ali se encontrava o poder manifesto das artes, da poesia. O poder não só do grito ecoando, do lugar de fala, de extravasar as angústia e partilha de medos. A poesia une as pessoas, potencializa a empatia e foi isso que compreendi nestes diálogos. Como foi aconchegante, acolhedor participar dessas trocas, que não foram apenas de informações acerca do Slam Br, do Slam CE, mas também de rir, de se emocionar e perceber os impactos poéticos de cada slam e sarau.

A poesia falada, a poesia marginal ela está para além de uma arte por arte, ela é força e união. Os gritos não são de guerra, mas de paz, como diz Bicha Poética, uma das organizadoras e slammer do Slam da Quentura. Quando ela puxa o grito do Slam CE, que logo mais, às 20:30, seria ecoado por inúmeras vozes na final do Slam CE, todos, todas e todxs ali se arrepiaram. Disso eu tenho certeza, pois percebi os semblantes, os olhos marejados, os sorrisos estampados em cada pessoa quando veio as palavras:

“A poesia alumia e faz poeta respirar

Eu grito Slam

...do Ceará

Slam

...do Ceará”

Esse encontro recheado de boas energias se encerrou com um abraço coletivo e todas as pessoas ecoaram juntas os gritos de paz de cada slam, sarau. Momento único de paz,

amor, união e saúde, pois foi um momento terapêutico haja visto tantas opressões diárias a nível nacional. Esses momentos se tornam formas subversivas de saúde, pois são contextos de acolhimento, de escuta, de dialogar sobre o que nos afeta, angustia, mas também sobre o que nos torna feliz. E sobre esta felicidade, acredito que a poesia marginal tem de sobra.

Bom, agora, perpasso para um segundo momento: a final do Slam CE. Agora, às 20:30. Costumo falar que o Slam da Quentura é a celebração, pois marca o encontro tão esperado de diversas pessoas que amam a arte periférica, amam a poesia marginal. O Slam CE foi como um Woodstock de Poesias Marginais. A comparação não é esdrúxula, mas sim fiel ao que percebi e vivenciei nesta manifestação de paz, amor e união. Dessa vez não na Praça do FB, mas sim no Largo das Dores, na Margem Esquerda. Foi um momento de lançamento também do livro “Poesia Falada invade a cena em Sobral”, que traz em suas páginas inúmeros poetas, poetizas e poetxs do Slam da Quentura.

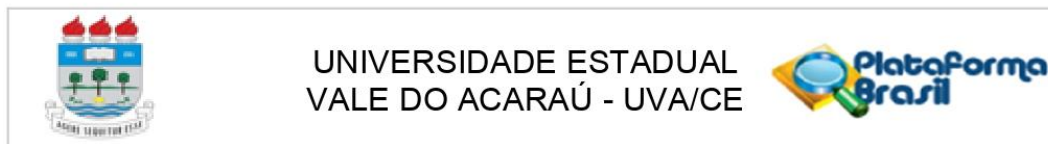
De fato, foram momentos intensos, dos cigarros de maconha partilhados, dos vinhos Vale Real bebidos aos montes por inúmeras pessoas, dos sorrisos e abraços, dos beijos, dos olhares, a sintonia poética de uma orquestra regida pelas periferias sobralenses, por negros, negras, pelas comunidades LGBTQIA+. As minorias celebraram não apenas uma final de Slam, mas festejaram um ápice de lugares de fala, de reconhecimento, de trocas de amor e de resistência.

Teve dança como a Companhia de Dança Marshall, do bairro Novo Recanto de Sobral, abrilhantando com danças Hip-Hop/Pop, além de apresentações musicais como a banda de reggae Vibration Roots e da rapper Sam Silar, de Camocim-CE e de DJ Kah Vieira. A disputa poética foi acirrada, tendo inúmeras rodadas para decidirem a pessoa campeã da noite, que foi Sanoj, representante que tinha ganhado a final do Slam da Quentura. Foram representantes de quase todos os slam’s que participaram mais cedo da roda de conversa na ECOA, ficando de fora apenas a representação do Slam Mandacaru, pois este ainda se encontra em formação, tendo apenas uma edição. A final foi disputada por Sanoj e Preta, ambos representantes dos slam’s da Quentura e das Cumadi, respectivamente. A terceira colocada foi Água Viva, representante do Slam da Okupa de Fortaleza-CE.

Bom, acredito que um movimento como essa final representa um feito histórico para a região e para Sobral, principalmente, para as juventudes periféricas sobralenses que compõe estas manifestações. Novamente, não acredito que seja apenas uma disputa poética. Ela tem que existir para que haja uma classificação para o Slam nacional, é claro, mas não é apenas isso. O Slam da Quentura, esse Slam CE marcam a festa no pedaço, a celebração da força, da resistência das minorias, que rasgam o véu da boa vontade cultural imposta por uma sociedade

embranquecida, racista, fascista e cafona. A poesia marginal é nua e crua, é de alteridade, de respeito, gera saúde e como mesmo costuma dizer Bicha Poética: “atura ou surta, bebê”.

ANEXO – A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: JUVENTUDE, SAÚDE E MOVIMENTOS CULTURAIS: O CASO SLAM DA

Pesquisador: Luiz Neto

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 12941919.4.0000.5053

Instituição Proponente: Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.378.812

Apresentação do Projeto:

Estudo exploratório, descritivo, explicativo e de abordagem qualitativa. Buscando compreender os efeitos de movimentos culturais na saúde de jovens das periferias de Sobral participantes do Slam da Quentura. Além disso, entender a percepção que os jovens sobralenses participantes deste movimento possuem em relação à saúde e às suas necessidades. Esta pesquisa tem como público informante jovens participantes do Slam da Quentura e tendo como local de pesquisa escolhido o próprio ambiente em que é realizado mensalmente o Slam da Quentura - em uma praça (conhecida como "Praça do FB") localizada no centro de Sobral. Serão utilizados como instrumento de pesquisa as entrevistas semiestruturadas e a Observação Participante.

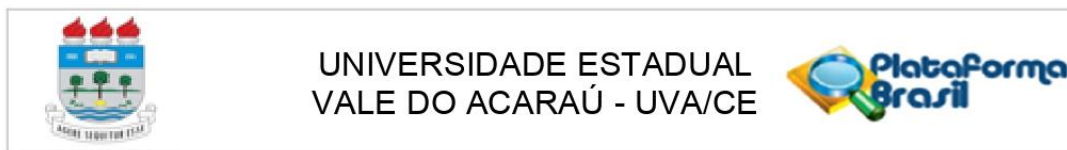
Objetivo da Pesquisa:

- Compreender os efeitos de movimentos culturais na saúde de jovens das periferias de Sobral participantes do Slam da Quentura.
- Entender a percepção que os jovens sobralenses participantes deste movimento possuem em relação à saúde e às suas necessidades.
- Examinar se há parcerias entre a Estratégia Saúde da Família e movimentos culturais artísticos de periferias sobralenses.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foram elencados como risco a possibilidade de tal pesquisa produzir possível constrangimento aos sujeitos que participarem. Serão minimizados por meio da disponibilização do Serviço de

Endereço: Av Comandante Maurocécio Rocha Ponte, 150
Bairro: Derby **CEP:** 62.041-040
UF: CE **Município:** SOBRAL
Telefone: (88)3677-4255 **Fax:** (88)3677-4242 **E-mail:** uva_comitedeetica@hotmail.com



Continuação do Parecer: 3.378.812

Psicologia Aplicada – SPA do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC/Sobral como forma de evitar ou minimizar um possível constrangimento.

Os benefícios deste trabalho não poderão ser evidenciados a curto prazo. A médio e longo prazo, contudo, tais discussões acrescentarão elementos importantes para tais grupos a serem pesquisados, com potenciais de reflexão relevantes para a comunidade e pesquisas científicas acerca do tema.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Para a seleção dos participantes, o critério estabelecido será o da saturação, isto é, na medida que a pesquisa vai atingindo os objetivos propostos, as entrevistas vão diminuindo, até cessarem. Estimativa a participação de, no mínimo, 10 pessoas, sendo cinco jovens que compõem a organização do Slam da Quentura e mais cinco que participam do Slam com apresentações artísticas, seja com a Batalha de Mcs, seja com exposição artística ou mesmo poética. A ideia compreendida desta forma tem como visar não restringir a fala apenas para membros da organização, mas para aqueles que contribuem de outra forma para esse movimento.

Serão utilizados como instrumento de pesquisa as entrevistas semiestruturadas e a Observação Participante. As entrevistas com os jovens participantes do Slam da Quentura ocorrerão ou no próprio local onde ocorre as atividades deste movimento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados de forma satisfatória.

Recomendações:

Apresentar relatório a este CEP ao final do estudo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto de pesquisa sem óbices éticos.

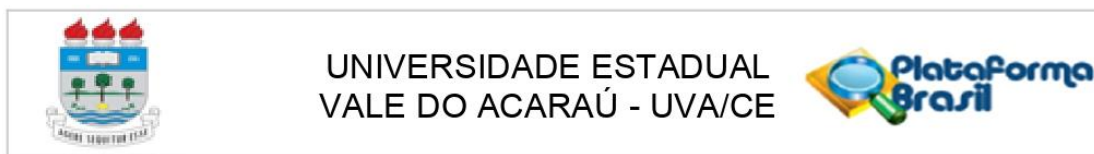
Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado do CEP/UVA, após apresentação e discussão do parecer pelo relator, acatou a relatoria que classifica como aprovado o protocolo de pesquisa. O(a) pesquisador(a) deverá atentar para as recomendações listadas neste parecer.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Av Comandante Maurocélvio Rocha Ponte, 150
Bairro: Derby **CEP:** 62.041-040
UF: CE **Município:** SOBRAL
Telefone: (88)3677-4255 **Fax:** (88)3677-4242 **E-mail:** uva_comitedeetica@hotmail.com



Continuação do Parecer: 3.378.812

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1341050.pdf	10/05/2019 08:22:45		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCL_teste.docx	10/05/2019 08:22:04	Luiz Neto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TA_teste.docx	10/05/2019 08:21:37	Luiz Neto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLER_teste.docx	30/04/2019 18:23:39	Luiz Neto	Aceito
Orçamento	Orçamento_teste.docx	30/04/2019 17:38:17	Luiz Neto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_teste.docx	30/04/2019 17:37:11	Luiz Neto	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	30/04/2019 17:26:29	Luiz Neto	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Pesquisador.pdf	30/04/2019 17:25:29	Luiz Neto	Aceito
Cronograma	Cronograma_teste.docx	30/04/2019 17:25:02	Luiz Neto	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SOBRAL, 08 de Junho de 2019

Assinado por:
Maria do Socorro Melo Carneiro
(Coordenador(a))

Endereço: Av Comandante Maurocélvio Rocha Ponte, 150
Bairro: Derby **CEP:** 62.041-040
UF: CE **Município:** SOBRAL
Telefone: (88)3677-4255 **Fax:** (88)3677-4242 **E-mail:** uva_comitedeetica@hotmail.com